



Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Porto Alegre, n.41, jul./dez., 2017.

Dazai Osamu em tradução

**Ariel Lara de Oliveira
Andrei dos Santos Cunha
(Orgs.)**

Textos e traduções de

Andrei Cunha
Ariel Lara de Oliveira
Cleiton Santiago Madruga
Fernando de Siqueira Rodrigues
Fernando Garcia
Gabrielle Miguelez
Guilherme Castro R. Pedrosa
João Eduardo Gomes
Lídia Ivasa

Revisão de

Andrei Cunha
Ariel Lara de Oliveira
Kana Okamoto
Luciano Pimentel
Thaís Diehl Bresolin
Tomoko Kimura Gaudioso



UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS — UFRGS

DIREÇÃO

Sérgio de Moura Menuzzi (Diretor)

Beatriz Cerisara Gil (Vice-Diretora)

COMISSÃO EDITORIAL

Andrei dos Santos Cunha

Sandra Dias Loguercio

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

Ariel Lara de Oliveira

Andrei dos Santos Cunha

Textos e traduções de

Andrei Cunha

Ariel Lara de Oliveira

Cleiton Santiago Madruga

Fernando de Siqueira Rodrigues

Fernando Garcia

Gabrielle Miguez

Guilherme Castro R. Pedrosa

João Eduardo Gomes

Lídia Ivasa

Revisão de

Andrei Cunha

Ariel Lara de Oliveira

Kana Okamoto

Luciano Pimentel

Thaís Diehl Bresolin

Tomoko Kimura Gaudioso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 — CEP 91540-000 — Porto Alegre — RS

<http://www.ufrgs.br/letras/index.html>

Como citar este periódico (ABNT):

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.41, jul./dez., 2017.

Cadernos de Tradução

Dazai Osamu em tradução

**Ariel Lara de Oliveira
Andrei dos Santos Cunha
(Orgs.)**

Textos e traduções de

Andrei Cunha
Ariel Lara de Oliveira
Cleiton Santiago Madruga
Fernando de Siqueira Rodrigues
Fernando Garcia
Gabrielle Miguelez
Guilherme Castro R. Pedrosa
João Eduardo Gomes
Lídia Ivasa

Revisão de

Andrei Cunha
Ariel Lara de Oliveira
Kana Okamoto
Luciano Pimentel
Thaís Diehl Bresolin
Tomoko Kimura Gaudioso

SUMÁRIO

DAZAI OSAMU EM TRADUÇÃO

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE

Apresentação/ 8

Andrei dos Santos Cunha

Dazai, vida e obra/10

Ariel Lara de Oliveira

Contexto do Japão de Dazai / 18

Ariel Lara de Oliveira

Análise da tradução do conto “A Mulher de Villon” / 27

Ariel Lara de Oliveira

Notas de tradutor em Dazai Osamu / 49

João Eduardo Gomes

TEXTOS DE DAZAI OSAMU

Fogo-fátuo / 63

Fernando Garcia

Ninguém sabe disso / 79

Guilherme Castro R. Pedrosa

Corra, Melos / 85

Fernando Rodrigues

A Espera / 96

Gabrielle Miguelez

Um pequeno retrato / 99

Fernando Garcia

Visita de amigo / 101

Lídia Ivasa

A Mulher de Villon / 116

Ariel Lara de Oliveira

Manhã / 135

Cleiton Santiago Madruga

Osan / 139

Ariel Lara de Oliveira

Criminoso / 150

Cleiton Santiago Madruga

Pássaro Migratório / 159

Cleiton Santiago Madruga

Dazai Osamu em tradução



Ariel Lara de Oliveira
Andrei dos Santos Cunha
(Orgs.)

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE

Dazai Osamu em tradução

APRESENTAÇÃO

*Andrei dos Santos Cunha*¹

O presente volume dos **Cadernos de Tradução** conta com quatro ensaios relacionados à vida e à obra do escritor japonês Dazai Osamu e onze contos de sua autoria traduzidos para o português do Brasil. Dos textos teóricos, os três primeiros são uma reescritura de partes do trabalho de conclusão de curso do (então aluno de graduação) Ariel Lara de Oliveira², sob minha orientação. O primeiro artigo trata da vida e da obra de Dazai; o segundo traz o contexto histórico-literário do período em que ele escreveu; e o último analisa o processo de tradução de um conto (“A Mulher de Villon”, também presente neste volume). O quarto texto teórico é de autoria do aluno de graduação João Eduardo Gomes e analisa o uso de notas de rodapé em diferentes traduções de romances de Dazai Osamu. Este último texto foi elaborado no contexto do programa voluntário de Iniciação Científica da UFRGS, inserido no meu projeto de pesquisa “História da Literatura Japonesa em Tradução”.

Os contos traduzidos aparecem aqui em ordem cronológica de sua publicação original. Assim temos, em primeiro lugar, o conto “Fogo-fátuo”, de 1936, traduzido por Fernando Garcia. A ele se seguem “Ninguém sabe disso”, traduzido por Guilherme Castro R. Pedrosa; “Corra, Melos”, por Fernando Rodrigues; “A Espera”, por Gabrielle Miguez; “Um pequeno retrato”, por Fernando Garcia; “Visita de Amigo”, traduzido por Lídia Ivasa; o já citado “A Mulher de Villon”, por Ariel Lara de Oliveira; “Manhã”, por Cleiton Santiago Madruga; “Osan”, por Ariel Lara de Oliveira; e os últimos dois, “Criminoso” e “Pássaro migratório”, por Cleiton Santiago Madruga³. São contos que cobrem toda a carreira de Dazai Osamu, diversos em suas temáticas, formas e referências.

Encontra-se aqui uma década de trabalhos realizados por alunos do Setor de Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O mais antigo, a tradução de “Fogo-fátuo”, é um texto de 2008, feito pelo (então aluno de graduação) Fernando Garcia, sob minha orientação. Fernando Garcia viria posteriormente a se destacar como tradutor literário, tendo traduzido importantes obras da literatura japonesa, como **Sanshiro** (2013) e **O Portal** (2014), de Natsume Sôseki, e **Vita Sexualis** (2014), de Mori Ôgai. Os trabalhos mais recentes constantes deste volume datam deste ano (2017) e foram realizados por alunos que ainda estão cursando a graduação. Esses e os outros textos aqui reunidos atestam a alta qualidade da produção intelectual do Bacharelado — Tradutor Português/Japonês do Instituto de Letras da UFRGS, tradicionalmente um dos cursos que mais formam tradutores literários no par japonês/português no Brasil.

¹ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

² Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/157723>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

³ As datas de publicação dos contos, assim como seus títulos em japonês, são indicadas em nota de rodapé nas traduções.

O Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi fundado em 1986, pelo professor Paulo Warth Gick, com o apoio das professoras Sara Viola Rodrigues e Olga Fedossejeva. À época, o elenco de professores incluía Meiko Shimon, Aiko Shinozaki Schmidt, Mikiyo Takagi, Tomoko Kimura Gaudioso e Paulo Warth Gick. O curso pequeno, com poucos professores (tendo sido fundado com uma equipe de cinco docentes, o que já é um número restrito, o curso conta atualmente apenas com três) e escassez de materiais (a dificuldade de obtenção de livros e artigos atualizados em japonês, em nossa localização geográfica e com nossos recursos limitados, é um problema que enfrentamos desde sempre), destacou-se, ainda assim, como um celeiro importante de novos profissionais da área da tradução.

A começar pelo professor Paulo Warth Gick, incansável divulgador das artes e da literatura japonesas no Rio Grande do Sul, nomes importantes no cenário nacional da tradução literária atuaram no curso ou podem chamar a UFRGS de *alma mater*. Dentre eles, destacamos a professora Meiko Shimon, tradutora de Kawabata Yasunari (Prêmio Nobel de Literatura de 1968), ela própria recipiente do Prêmio “O Sul” de tradução, pelo romance **Kyoto**, de Kawabata, em 2007; Fernando Garcia, mencionado anteriormente; Tomoko Gaudioso, entusiasta da obra de Miyazawa Kenji; Ricardo Machado, tradutor de **Declínio de um homem**, de Dazai Osamu (2015); Samara Leonel; Ernei Ribeiro; Ariel Lara de Oliveira; Lídia Ivasa; Ana Maria Pichini; Maria Luísa Vanik; Clície Santos de Araujo; dentre outros tradutores e pesquisadores provenientes de nosso curso e que atuam nessa área. Também é importante destacar que uma parcela dessa produção veio a público justamente nas páginas de números anteriores da revista **Cadernos de Tradução**.

Espero que os textos apresentados aqui contribuam para a divulgação no Brasil da obra de Dazai Osamu, assim como para a visibilização do importante trabalho de formação de tradutores desempenhado por este pequeno, valente e já tradicional Setor Gaúcho de Japonês.

Juntamente com Ariel Lara de Oliveira, que coorganizou este volume, expresso meu agradecimento à equipe do Núcleo de Estudos de Tradução “Olga Fedossejeva”, e em especial às colegas Sandra Loguercio e Denise Sales, das gestões do NET 2016 e 2017, pela torcida, pelas boas energias e por acolherem a presente proposta.

Porto Alegre, dezembro de 2017.

Como citar este texto (ABNT):

CUNHA, A. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 8-9, 2017.

DAZAI, VIDA E OBRA¹

Ariel Lara de Oliveira²

O escritor japonês Dazai Osamu³ publicou sua obra entre 1936 e 1948, durante o período Shôwa (1926–1989)⁴. Nascido Tsushima Shûji, em 1909, na província de Aomori, no nordeste do Japão, Dazai era o décimo filho de uma família rica da região. Entre parentes e empregados, a casa onde ele cresceu contava com mais de trinta pessoas. O menino era tratado com a devida deferência onde quer que fosse, pois sua família era conhecida na cidade e seu pai e (posteriormente) seu irmão eram políticos locais importantes.

Seja por doença ou falta de disposição de sua mãe para cuidar de mais um filho, Dazai foi criado por uma tia até o período da escola. Seus pais iam muito para Tóquio e a família, entre irmãos, avó, tios e primos, morava toda na mesma casa. O menino dividia o quarto com suas primas, que considerava como irmãs, pois havia sido criado pela tia. Sua ama, que cuidou dele desde os dois anos, frequentemente dizia que sua tia era sua mãe, causando certa confusão na cabeça do menino. Em “*Omoide*” (1933), obra em que revisita memórias de sua infância, Dazai afirma não ter lembranças de ninguém além dessa tia até os cinco ou seis anos de idade. Em “*Tsugaru*” (1944), obra em que ele reconta uma viagem para sua terra natal depois de muitos anos fora, o escritor reencontra a ama que o criou e lembra com carinho dela.

A relação de Dazai com sua família sempre foi conturbada. Sentia-se abandonado pelos pais, e, ao mesmo tempo, tinha um forte senso de dever em relação a eles. Quando entrou na escola primária, sua ama se casou e foi morar com o marido, e sua tia foi morar com a família da filha, deixando o menino ainda mais abandonado. Após a morte do pai, seu irmão mais velho assume a liderança da família. Dazai, embora tivesse por ele grande respeito e gratidão, por vezes o retratava de forma negativa (KEENE, 1998). O comportamento desregrado, a vontade de ser escritor por profissão, suas tentativas de suicídio, o alcoolismo e os hábitos boêmios, o abandono da faculdade, e até suas relações com o comunismo, podem ser atribuídos a um desejo (consciente ou não) de causar problemas ou trazer vergonha à família (KEENE, 1998).

Em 1923, entra para o ginásio, e começa a escrever em revistas estudantis; em 1927, no colegial, numa cidade vizinha, Hirosaki, Dazai entra em contato pela primeira vez com os

¹ Adaptação de um trecho da Monografia do autor, apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras — Tradutor Português/Japonês. Orientador: Andrei Santos Cunha. Ano de obtenção do título: 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/157723>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

³ Dazai Osamu (太宰治, 1909–1948), pseudônimo de Tsushima Shûji (津島修治).

⁴ As informações dos parágrafos seguintes, sobre a sua biografia, foram tiradas de Keene (1998), Nagae (2005), Silva (2008), Kawana (2015) e Nagaike (1997).

ideais marxistas. O fato de pertencer a uma família rica pode ter sido um incentivo para seu interesse pelo comunismo, como forma de expiar a culpa que sentia devido ao seu privilégio. Por outro lado, considerava-se como um alguém de fora, traindo no marxismo as origens de sua família, ao mesmo tempo em que não se sentia bem-vindo no movimento socialista, exatamente por causa dessas origens, que, em sua visão, o tornavam um explorador do povo.

A ideia de que ter nascido na classe exploradora é um pecado encontra-se em muitas de suas obras e ele chega a confessar que essa sensação de não pertencer e de se sentir sempre “diferente” é o que o levou, aos 19 anos, à sua primeira tentativa de suicídio (KAWANA, 2015, p. 25), evento marcante desse período. Foi também nessa época que conheceu Oyama Hatsuyo, que seria sua primeira esposa, iniciando um complicado relacionamento que duraria dez anos. Nessa época, também, começou a escrever mais seriamente, com o intuito de se tornar um escritor profissional.

Em 1930, ingressa como estudante de Letras no departamento de literatura francesa da Universidade Imperial de Tóquio. Segue o curso de graduação por algum tempo, apesar de seu despreparo e desinteresse; mas seu foco era a escrita — ainda que a vida boêmia da capital japonesa o distraísse bastante. Nessa época, teve uma curta participação nas atividades do clandestino partido comunista, contribuindo com dinheiro do irmão, já que ainda não ganhava o suficiente escrevendo para usar seu próprio dinheiro. Encontra Ibuse Masuji⁵, que se torna seu mentor literário.

Oyama Hatsuyo sai de Tsugaru e se muda para Tóquio, indo morar com Dazai. Há, por causa disso, um rompimento com a família, quando seu irmão mais velho vem para Tóquio e ameaça interromper o envio do dinheiro que lhe destinava mensalmente. O jovem, em resposta a mais essa sensação de abandono da família, se embribe com Tanabe Shimeko, uma conhecida da vida noturna, e faz, com ela, um pacto de duplo suicídio. Os dois se jogam no mar e só Dazai sobrevive. Ele é liberado pela polícia, graças à intervenção de sua família. Essa tentativa de suicídio é recontada, de diferentes maneiras, em vários momentos de sua obra.

Em 1932, Dazai encerra suas atividades com o partido comunista, seja por desilusão com a causa ou por pressão do irmão, que começava a vida política. Apesar desse rompimento, a força dos ideais de esquerda continua forte em sua obra, e, principalmente no fim de sua carreira, a ideia de igualdade a partir de uma revolução social está muito presente. Em 1933, ano em que deveria se formar na faculdade, publica “*Omoide*”, um conto autobiográfico sobre suas memórias de infância, na revista literária *Azarashi* (DAZAI, 1933). Esse conto seria publicado novamente em *Bannen*, de 1936, uma coletânea de textos dos três anos anteriores e seu primeiro livro publicado.

Durante esses anos, enfrentou dificuldades para seguir com a vida acadêmica, pois crescia seu desejo de se tornar escritor. Queria largar o curso para poder se concentrar mais na escrita, mas, como ainda não ganhava o suficiente para isso, dependia do dinheiro que lhe mandava sua família e, por exigência do irmão, não podia largar a universidade. Essa sensação

⁵ Ibuse Masuji (井伏鱒二, 1898–1993). Autor de “A Salamandra” (山椒大夫, *Sanshōuo*, de 1929; tradução brasileira de 1962) e *Chuva Negra* (1966; tradução brasileira de 2011).

de fracasso que Dazai sentia em relação à sua vida está muito presente nos contos da coletânea **Bannen**, que são em grande parte autobiográficos. Apesar dessa percepção de fracasso, o escritor estava em uma boa fase: participou da criação de uma revista literária; fez parte do movimento *nihon'roman'ha*⁶; seus contos estavam sendo bem recebidos pela crítica, sendo publicados em revistas, e um deles, “*Ressha*”, de 1933, chegou a ganhar um concurso literário.

Em 1935, Dazai, apesar de seu relativo sucesso no mundo literário, segue se sentindo um fracassado. Inscreve-se para um concurso num jornal e, não conseguindo o emprego, tenta novamente se suicidar. Nesse ano, sofre de apendicite e, após complicações da cirurgia, vicia-se no analgésico que estava tomando, precisando então se internar para a desintoxicação por duas vezes. É ainda diagnosticado com tuberculose. Por causa disso tudo, fica durante o ano em grande parte restrito ao quarto, tempo no qual publica mais algumas histórias em revistas literárias e acaba entrando em contato com a **Bíblia**, interessando-se principalmente pela leitura do **Novo Testamento**. Essa influência se reflete em diversos momentos de sua obra. Dazai acreditava que podia levar uma vida de fé sem se filiar a uma instituição religiosa, e, por mais que buscasse no cristianismo consolo e paz, encontrava também angústia e culpa por seus pecados. Não à toa, seu conceito de deus parece mais ligado à punição do que à absolvição (BRUDNOY, 1968).

Também em 1935, Dazai se indispõe com o mundo literário, pois, no estabelecimento do primeiro Prêmio Akutagawa⁷, sua obra, **Gyakkô**, não é premiada. Como tinha grandes expectativas de, com o dinheiro do prêmio, quitar suas dívidas e tornar-se capaz de sobreviver de sua escrita, sua decepção ao não ser escolhido é grande. Ofendido por um comentário de Kawabata Yasunari, Dazai lhe escreve uma carta pública criticando-o por sua visão “positiva” do mundo e sua percepção pejorativa da visão negativa nas obras do próprio Dazai. A carta (DAZAI, 1935) é confusa, em grande parte por causa dos problemas com adição a drogas por que Dazai estava passando na época. Mesmo assim, como era um dos indicados, é convidado a escrever um conto para o jornal que organizava o prêmio; no entanto, não usa esse dinheiro para quitar suas dívidas, gastando-o em bebida e festas.

O ano de 1936 marca, além da publicação de **Bannen**, o abandono definitivo da faculdade. Dazai, no entanto, não usa o tempo livre para escrever, não arranja um emprego e segue dependendo do dinheiro da família. A tuberculose o afligia e o vício em narcóticos ainda não tinha sido curado. Parentes e amigos o convencem a se internar de novo para tratar a adição, mas ele se sente traído, ao descobrir que foi internado em um hospital psiquiátrico. Quando deixa o hospital, escreve “*Human Lost*”, conto em que relata esse período conturbado de sua vida.

No ano seguinte, descobre que foi traído por Hatsuyo durante sua internação. Os dois acabam discutindo e Dazai a convence a se suicidar junto com ele. Os dois sobrevivem a essa nova tentativa frustrada, mas acabam se separando. Essa experiência é recontada em “*Ubasute*”, de 1938, primeira obra que publica em um longo tempo. Através de Ibuse Masuji, e

⁶ *Nihon'roman'ha* [日本浪漫派, “movimento romântico japonês”].

⁷ Maior prêmio literário japonês, estabelecido por Kikuchi Kan (1888–1948) em 1935. Premia, duas vezes por ano, a melhor obra literária publicada em jornal ou revista por um autor não estabelecido.

a pedido de sua própria família, casa-se por *omiaï*⁸, no início de 1939, com Ishihara Michiko. Esse período marca uma atitude menos negativa em seus escritos. Dazai escreve, por exemplo, “*Fugaku Hyakkei*”, em que o autor se retrata de forma mais humana e menos como um monstro.

Esse é um período mais fértil e estável, em que escreve também “*Ôgon Fûkei*” e “*Joseito*”, contos publicados em 1939 e que também foram premiados. Esse reconhecimento leva Dazai a alguma fama, e ele passa a dar palestras em universidades pelo Japão. É o ponto alto de sua carreira — e discute-se que isso talvez tenha a ver com o período da Segunda Guerra no Japão⁹ (KEENE, 1998). Dazai, que sempre sofrera ao se sentir isolado da sociedade, percebe como todo o país estava sendo afetado pelo grande conflito, e isso lhe confere alguma liberdade na hora de expressar seus sentimentos. Durante toda a guerra, apesar de alguma interferência da censura, Dazai teve, ao contrário de outros autores japoneses, pouco interesse em falar de política em suas obras.

No início dos anos 1940, o autor parece buscar outras inspirações para suas obras, fazendo muitas versões de histórias consagradas. “*Kakekomi Uttae*”, de 1940, descreve a defesa de Judas perante um tribunal; “*Hashire, Merosu!*”, do mesmo ano, é baseado em uma história grega; “*Onna no Kettô*”, também do mesmo ano, é sua versão para uma história alemã de Herbert Eulenberg¹⁰. Faz também uma adaptação teatral de **Hamlet**, *Shin Hamuretto*, em 1941. Também nesse ano, Dazai é chamado para a guerra, como repórter, mas sua doença acaba fazendo com que não seja admitido. Ainda assim, a guerra passa a fazer parte de vários de seus textos do período, ainda que como pano de fundo e sem tomada de posição. Dazai parece se importar mais em descrever como a guerra afeta as pessoas do que com as implicações políticas que o conflito possa ter; acha que as dificuldades por que passava o Japão deveriam despertar um dever moral no seu povo, criando expectativas de melhoras para o futuro (KEENE, 1998).

Em 1943, seu conto “*Udaijin Sanetomo*”, recontando a história de um xogum do período Kamakura, baseado na crônica histórica *Azuma Kagami*, é criticado por alguns, e Dazai é acusado de não ser patriótico; outra história tem sua publicação proibida pela censura. Alguns outros contos foram banidos nesse período, mas a maioria foi publicada e bem recebida, contribuindo para a sua fama. Submeteu uma história para publicação, que foi rejeitada; dois anos depois, retrabalhada, foi publicada com o nome de “*Pandora no Hako*” (1945). Escreve, em 1944, “*Tsugaru*”, a pedido de uma editora que estava publicando textos sobre autores voltando às regiões onde tinham nascido. Dazai, que há anos não voltava à sua terra natal, deixou no texto, além de descrições sobre a região e seus habitantes, várias impressões ambivalentes sobre si mesmo e sua relação com sua família.

⁸*Omiiai* [お見合い]. Casamento arranjado ou de conveniência. Tradição japonesa em que dois desconhecidos são apresentados com objetivo de considerarem a possibilidade de casamento.

⁹ 1941–1945.

¹⁰ Herbert Eulenberg (1876–1949). Autor alemão. A história em questão é “*Ein Frauenzweikampf*”, publicada na coletânea *Sonderbare Geschichten*, de 1910. Esse conto foi traduzido do alemão por Mori Ôgai. Vide referências.

Em 1945, publica duas adaptações de histórias tradicionais japonesas, *Shinkaku Shokoku Banashi* e *Otogizôshi*. A primeira obra é uma tradução para o japonês moderno de histórias de Ihara Saikaku¹¹, em que a identificação do autor com os problemas das personagens parece bem clara. A segunda traz versões de quatro fábulas populares japonesas¹², originalmente escritas para sua filha, durante os bombardeios, em que os personagens clássicos trazem claramente as características mais representativas de Dazai. Escreve também “*Sekibetsu*”, por encomenda de uma associação literária nacionalista, para exaltar princípios da Conferência da Grande Ásia Oriental¹³ — no fundo, uma propaganda do Japão Imperial. Dazai, que normalmente evitava falar de política em suas obras, submete o conto por necessidade financeira. O texto narra a visita do escritor chinês Lu Xun¹⁴ ao Japão e seu encanto com o país. Na apresentação do romance, Dazai sustenta que, apesar de ser um trabalho feito por encomenda, teve liberdade total para escrever. Além disso, afirma que teria escrito uma história sobre Lu Xun eventualmente, mesmo sem a encomenda.

É no período do pós-guerra que Dazai retorna ao pessimismo e autocritica do início da carreira. Contrariando suas expectativas, a guerra não tinha despertado no povo japonês nenhum senso de justiça social ou dever moral. Para ele, era como se a experiência do conflito tivesse sido em vão, pois ele acreditava que a guerra deveria ter promovido uma nova consciência social. Em 1946, volta ao alcoolismo e escreve uma peça, *Fuyu no Hanabi*, mas os ensaios são interrompidos pelas forças de ocupação antes da estreia. Ao longo de 1947, escreve o romance *Pôr do Sol*, que veio a se tornar sua obra mais popular. Baseado nos diários de Ôta Shizuko, sua amante à época, o texto possui diversos aspectos autobiográficos, tratados pelos olhos de uma narradora mulher. A mesma estratégia narrativa é usada em “*Osan*” e “*Viyon no Tsuma*”, contos anteriores do mesmo ano.

Pôr do Sol conta a história de Kazuko, a narradora. Ela pertence a uma família da aristocracia que, na época da história, já não tinha dinheiro e precisava lidar com essa nova situação¹⁵. O romance tem seu nome em referência à bandeira do Japão, que representa um sol,

¹¹ Ihara Saikaku (井原西鶴, 1642–1693). Autor de *Kôshoku Ichidai Onna* (好色一代女, “A Vida da Mulher Sensual”, 1686) e *Nanshoku Ookagami* (男色大鑑, “O Grande Espelho do Amor entre Homens”, 1697).

¹² “*Kobutori*” (瘤取り, “Retirada do calombo”), “*Urajima-san*” (浦島さん, “Senhor Urajima”), “*Kachikachi Yama*” (カチカチ山, “A Montanha Crepitante”) e “*Shitagiri Suzume*” (舌切雀, “O Pardal da Língua Cortada”).

¹³ *Daitôakaigi* [大東亜会議]. Também chamada de Conferência de Tóquio, foi uma reunião internacional sediada na capital japonesa em novembro de 1943. Com representantes das Filipinas, da Tailândia, da Índia, da Birmânia e de territórios da China (à época, dividida em diversas zonas independentes), o evento tinha o objetivo de fortalecer relações pan-asiáticas contra a influência e o imperialismo ocidental. O Império Japonês utilizou o evento como forma de se colocar no papel de líder nesse contexto.

¹⁴ Lu Xun (鲁迅, 1881–1936). Escritor chinês, autor de *Gu shi xin bian* (故事新編, “Nova Edição de Contos Antigos”, de 1935) e *Yě zǎo* (野草, “Gramma Selvagem”, de 1927). Ensaísta, Lu Xun é também autor de *Zhōngguó xiǎo shuō shǐ lüè* (中國小說史略, “Breve História da Ficção Chinesa”), um importante estudo da literatura da China. De origem humilde, sua literatura retrata a vida do povo chinês e reflete seus ideais socialistas. Mudou-se para o Japão para estudar medicina, período que Dazai ficcionaliza nesse romance.

¹⁵ Sinopse de *Pôr do Sol*. Kazuko mora com sua mãe doente e nota a decadência de sua família. Sua mãe — para ela, a última aristocrata do Japão — tem um refinamento que já se perdeu nela e em seu irmão, Naoji. Não tendo mais dinheiro para se manterem em Tóquio, a família deixa a casa da capital e vai morar no interior. Lá, Kazuko

e utiliza a imagem do sol em declínio como metáfora de base para o retrato da aristocracia da época visto do ponto de vista da família de Kazuko. Essa ideia de declínio é tão forte no romance que *shayô* é até hoje uma palavra utilizada em japonês para se referir à decadência de algo¹⁶. Como se disse, o romance foi baseado nos diários de uma amante de Dazai, o que nos permite concluir que Uehara seria um personagem identificado com o próprio autor, pois, como ele, era escritor, tinha uma vida boêmia e traía sua esposa. Por outro lado, o outro homem da história, Naoji, também tem características em comum com Dazai: sua sensação de não pertencer ao mundo, seu desprezo pela mentira e hipocrisia da sociedade, sua aversão à classe nobre à qual pertence e, por fim, seu suicídio. Também Kazuko, apesar de aparentemente baseada na amante de Dazai, reflete algumas das características do autor, como o desprezo pelas convenções sociais e a importância que dá a ideias e imagens do cristianismo, evidente nas diversas referências bíblicas que faz ao longo do texto. É um romance que alcança um alto grau de sofisticação,

em que o autor se utiliza de vários elementos em sua composição, mesclando, na obra, uma síntese de sua vida e de seus pensamentos pessoais por meio de diferentes formas narrativas e criando uma intertextualidade entre obras japonesas e ocidentais na história das quatro personagens principais, como apelo para uma nova vida da protagonista e da prosa de ficção japonesa em um novo tempo (NAGAE, 2005, p. 5).

Em 1947, enquanto a saúde de Dazai piora, ele passa a ser cada vez mais reconhecido pela crítica e pelo público, devido ao sucesso de **Pôr do Sol**. É requisitado por diversas editoras que desejavam publicar seus textos, passando a ter um fluxo frequente de trabalho. Sofre uma *overdose* accidental de sonífero, que acaba piorando ainda mais sua condição. Em 1948, viaja com uma segunda amante, Yamasaki Tomie, por dois meses, durante os quais sofre uma hemorragia pulmonar e escreve **Declínio de um homem**.

Esse romance, talvez sua obra essencial, apresenta evidentes traços autobiográficos, ainda que exagerados ou ficcionalizados. Conta a história de Yôzô Ôba, por meio de seus cadernos, diários em que o personagem registra suas impressões e relatos de cenas do seu cotidiano¹⁷. As

começa a trabalhar no campo. Naoji volta da guerra traumatizado e viciado em ópio; nos diários dele, a irmã descobre a forma desconexa com que ele reclama do mundo. Naoji sai para beber toda noite e se torna amigo de Uehara, um escritor casado e boêmio, por quem Kazuko fora apaixonada. Ela ainda nutre sentimentos por ele e resolve virar sua amante. No entanto, a situação de saúde da mãe não permite que ela persiga esse objetivo. Quando a mãe morre, Kazuko vira amante de Uehara. Alguns anos depois, Naoji se mata e deixa uma carta à irmã, em que explica sua angústia por ser parte da classe nobre decadente. Kazuko resolve se separar de Uehara, deixando para ele uma última carta, em que revela que está grávida dele e pretende cuidar sozinha do filho, desafiando as convenções sociais da época.

¹⁶ Em palavras como, por exemplo, *shayôzoku*, definida de tal forma: “Família pôr do sol (palavra criada a partir do romance **Pôr do Sol**, de Dazai Osamu). A classe alta enfraquecida por não conseguir acompanhar a mudança dos tempos” [しゃようぞく : 【斜陽族】〔治太宰の小説「斜陽」からできた語〕 時勢の変化についてゆけずに衰えた上流階級] (MATSUMURA, 2008, s/p).

¹⁷ Sinopse de **Declínio de um Homem**. Yôzô Ôba narra sua história em três cadernos, cada um focado em uma parte de sua vida. Quando criança, ele se sente alienado das pessoas à sua volta; não se sente à vontade na família e não consegue entender seus colegas de escola. Recorre a palhaçadas para disfarçar essa sensação, e

similaridades entre Yôzô e Dazai são inúmeras, mas é imprescindível um conhecimento do leitor sobre a vida do autor para a apreciação desse aspecto da narrativa. Dazai troca a sua vontade de virar escritor pela vontade de Yôzô de virar desenhista, mas a tendência do autor ao autobiografismo se mantém e está refletida no hábito do personagem de fazer autorretratos. Sobreviver ao duplo suicídio (e o sentimento de culpa por isso) é um elemento da vida de Dazai, que o descreveu também em outras obras (KEENE, 1998). Além disso, tentativas falhas de suicídio com o uso de remédios são comuns entre autor e personagem, assim como diversos outros acontecimentos ou sentimentos ao longo da narrativa. No entanto, os fatos narrativos ficcionalizados também são importantes — ou, pelo menos, é importante notar que, ainda que seja uma obra bem mais autobiográfica do que as anteriores, Dazai não abandonou seu hábito de criar em cima da realidade.

Declínio de um homem é uma obra confessional, e seu intento é menos causar compaixão do que desprezo do leitor pelo narrador. Por outro lado, é importante notar como a estrutura do romance, com um narrador que apresenta os cadernos escritos pelo personagem, nos dá uma nova chave de interpretação da história: a única personagem com uma visão mais distante e objetiva de Yôzô que ouvimos na narrativa revela que ele era uma boa pessoa; assim, as impressões do narrador dos cadernos sobre si mesmo são colocadas em uma atmosfera de dúvida: seria um narrador confiável?

Depois desse livro, não havia mais razão para Dazai seguir escrevendo novas versões de sua autobiografia (KEENE, 1998). É seu último trabalho completo. Junto com ele, estava também escrevendo *Guddo Bai* (“Tchau”), obra que fica incompleta: logo após a publicação da primeira parte de **Declínio de um homem**, em junho de 1948, Dazai e Tomie deixam um bilhete de despedida e se matam, jogando-se em um rio. São encontrados dias depois, no que seria o aniversário de 39 anos do autor.

Em sua curta carreira, Dazai retratou por diversas vezes aspectos de sua vida que o incomodavam, expondo seus pecados e seu desespero em relação à vida. Personalidade

consegue estabelecer algumas relações sociais. Na escola, sua fachada cômica lhe rende certa popularidade, junto com um medo de ter seu artifício descoberto. Força uma amizade com um colega que não se deixa enganar por seus truques, mas seu objetivo é convencê-lo a não revelar seu truque aos outros. Entra na faculdade no curso de artes, contra a vontade de seu pai; no entanto, não se dedica aos estudos, gastando seu tempo e dinheiro com bebidas, drogas e prostitutas. Em uma dessas noites, conhece uma mulher casada e, depois de passarem uma noite juntos, resolvem os dois se matar; quando apenas a mulher morre, Yôzô fica com um forte sentimento de culpa. Expulso da universidade, tenta endireitar sua vida, mas acaba não conseguindo e volta a beber. Interessa-se por uma jovem jornalista, que o pede para parar de beber; ele aceita e se emprega como cartunista de um jornal, tendo por um breve tempo uma vida mais normal. Mas, um dia, reencontra um colega da faculdade, que o leva novamente para um comportamento desregrado. Volta ao álcool e vicia-se em morfina, precisando ser internado em uma instituição. Sua história termina depois de ser liberado, quando ele se muda para o interior. A história termina com um Yôzô conformado e apático, ainda claramente viciado e sem possibilidade de salvação. No livro, os cadernos de Yôzô são introduzidos com um prólogo, em que um narrador descreve três fotografias de Yôzô, cada uma sendo uma representação de cada caderno. O mesmo homem volta à narração no epílogo, em que explica como recebera esses cadernos e fotos. Esse narrador vai atrás de uma antiga conhecida de Yôzô, que nos revela que, para ela, ele era um anjo.

ambígua, o autor causou um forte impacto na cena literária da época, e é ainda hoje um dos autores mais populares do Japão.

REFERÊNCIAS

- BRUDNOY, D. *The Immutable Despair of Dazai Osamu*. *Monumenta Nipponica*, v. 23, n. 3/4, 1968, p. 457-474. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2383500>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- KAWANA, K. **Reflexões sobre a mulher no Japão e nos textos de Osamu Dazai**, 2015, 151 fl. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-10032016-131544>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- KEENE, D. *Dawn to the West: Japanese literature of the modern era*. Nova Iorque: Columbia University, 1998.
- MATSUMURA, A. *Super Daijirin 3.0*. Tóquio: Sanshōdō, 2008. Aplicativo para iPad (dicionário da língua japonesa).
- NAGAE, N. **De Katai a Dazai: apontamentos para uma morfologia do romance do eu**, 2006, 155 fl. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-14052007-151503/publico/TESE_NEIDE_HISSAE_NAGAE.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- NAGAIKE, K. *Dazai Osamu's Otogizōshi: a structural and narratological analysis*, 1997, 111 fl. Dissertação (Mestrado em Artes) — University of Alberta (UA), Alberta, 1997. Disponível em: <<http://www.collectionscanada.gc.ca/obj/s4/f2/dsk2/ftp04/mq22546.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- SILVA, H. **A estética do espaço na obra Pôr-do-Sol, de Dazai Osamu**, 2008, 247 fl. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-31082010-143013/publico/2008_HirokoHashimotodaSilva.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Como citar este texto (ABNT):

OLIVEIRA, A. Dazai, vida e obra. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 10-17, 2017.

CONTEXTO DO JAPÃO DE DAZAI¹

*Ariel Lara de Oliveira*²

Para entendermos melhor a literatura de Dazai Osamu, é preciso inseri-la no complexo contexto histórico e literário do Japão na primeira metade do século XX, um período de muitas mudanças no âmbito social, cultural e político. Esses foram anos de modernização e ocidentalização no país, com consequências para a literatura e cultura japonesa até hoje.

Antes de discorrer diretamente sobre o pós-guerra, pretendo recuperar de forma esquemática as origens de alguns aspectos culturais e sociais da história japonesa desse período. Depois de um período de 260 anos, em que o país esteve fechado para o Ocidente, durante a era Edo (1603–1868), a abertura do Japão se deu com uma guerra civil, que passou o poder do xogum para o imperador, iniciando o período Meiji (1868–1912). Essa abertura e a guerra civil que levou a ela foram resultado da chegada dos Navios Negros do Comandante Perry, que, representando o governo dos Estados Unidos, apontou os canhões de sua armada para a costa japonesa, forçando o país a se abrir. Assim, é sob essa carga negativa que o Japão se abre para o Ocidente, e isso, ferindo o orgulho japonês, rege grande parte do espírito e das políticas desse período.

Para se igualar diplomática e militarmente às grandes potências, manter sua soberania e se livrar dos acordos injustos impostos pelos países ocidentais, o Japão precisava se modernizar. A modernização científica e tecnológica tinha de superar, em curto tempo, os 260 anos de (percebido) atraso em relação a esses países. Por isso, vários japoneses foram mandados para a Europa, de onde deviam trazer de volta novos conhecimentos; e europeus foram trazidos ao Japão com o mesmo intuito de instrução e desenvolvimento. Houve também uma modernização do exército japonês, e isso, junto a uma mudança na política externa do país, desencadeou algumas guerras imperialistas, tanto contra a China (1894–1895) como contra a Rússia (1904–1905), ambas de vitória japonesa. Delegações diplomáticas foram enviadas à Europa e aos Estados Unidos. O crescimento e a industrialização levaram ao surgimento de um proletariado e de uma consciência da classe trabalhadora, em ressonância com a expansão do marxismo vindo da Europa.

Embora algumas dessas transformações tenham resultado de um processo de ocidentalização, grande parte da tradição e cultura japonesa se manteve — em especial, no que

¹ Adaptação de um trecho da Monografia do autor, apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras — Tradutor Português/Japonês. Orientador: Andrei Santos Cunha. Ano de obtenção do título: 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/157723>>. Acesso em: 2dez. 2017.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

diz respeito à figura do imperador. As maiores reformas desse período — a abolição do antigo e tradicional sistema de classes e a criação do parlamento — deram mais liberdade e autonomia ao povo, mas esse ainda assim não foi um período de democracia plena, pois o imperador tinha mais poder do que os representantes eleitos e, por ter assumido muito jovem, era aconselhado pelos oligarcas das elites tradicionais.

Em relação à literatura, esse foi um período de florescimento, em grande parte pelo contato com obras europeias dos dois séculos anteriores, desconhecidas até então dos japoneses. Graças àqueles que haviam estudado no exterior e estavam agora voltando (entre eles, nesse período, destacam-se Mori Ôgai³ e Natsume Sôseki⁴), diversos autores e movimentos foram traduzidos e passaram a ser mais lidos e conhecidos. Movimentos como o romantismo (em especial na sua adoção do romance como gênero central) e o realismo (principalmente como estilo de narração) levaram autores japoneses a escreverem de formas bem diferentes do que vinha sendo feito até então. Com a modernização da imprensa, publicam-se mais livros e aumenta a demanda por literatura, surgindo, também nessa época, alguns círculos de movimentos literários, compartilhando ideias e discutindo conceitos ligados à maneira como cada um pensava a literatura. Desse período, é importante falarmos especificamente do naturalismo.

O naturalismo japonês, surgido no fim da era Meiji, teve seu auge entre 1906 e 1909, após a vitória na Guerra Russo-Japonesa. Ainda que receba seu nome do movimento europeu e tenha adotado como guia autores como Zola e Maupassant (mas também Turguêniev e Flaubert⁵), os textos do naturalismo japonês são bem diferentes da típica obra naturalista (KEENE, 1998), em especial com relação ao conteúdo. A objetividade científica e positivista que caracteriza a escola de Zola abre espaço, no naturalismo japonês, para uma honestidade crua e reveladora, que se afasta da ficção, expondo de forma absolutamente confessional aspectos da vida real do autor. A preocupação é menos com a sociedade e mais com a exposição aberta da experiência pessoal do personagem principal, sempre identificado como o autor. Esse autorretrato era, na maioria das vezes, negativo, desprezando ou mostrando pena de si mesmo, desdenhando de suas próprias ações, na figura de um personagem autobiográfico que revelava o trágico de sua vida. Por outro lado, pouco na forma nos aponta para esse traço não ficcional, e, mesmo no conteúdo, o leitor dependeria de um conhecimento da vida pessoal do autor para chegar a essa conclusão (NAGAE, 2005).

Isso se dá devido à forma preferencial da narrativa do naturalismo japonês, o chamado **romance do eu**, ou *shishôsetsu*⁶. Tipo de texto autobiográfico com o mínimo possível de toques

³ Mori Ôgai (森鷗外, 1862–1922). Autor de **Vita Sexualis** (2014; edição japonesa de 1909) e **Ganso Selvagem** (2010; edição japonesa de 1913).

⁴ Natsume Sôseki (夏目漱石, 1867–1916). Autor de **O Portal** (2014; edição japonesa de 1910) e **Sanshiro** (2013; edição japonesa de 1908).

⁵ Ainda que Flaubert e Turguêniev sejam classificados, em um contexto europeu, como realistas, esses autores tiveram também um impacto literário importante em outros movimentos, como o naturalismo.

⁶ 私小説, *shishôsetsu* ou *watakushishôsetsu*. 私 pode significar tanto “privado” quanto ser uma forma de se referir à primeira pessoa. 小説 denota uma forma de narrativa moderna, em contraste às narrativas clássicas, como 物語 (*monogatari*) ou 説話 (*setsuwa*).

ficcionais, o romance do eu é um gênero que, em suas diferentes correntes, explora os sentimentos e eventos da vida de um personagem, em geral um narrador sem nome em primeira pessoa (“*boku*”) identificado com a figura do autor. Denota um texto não ficcional, que exige do leitor certo conhecimento da vida do autor para interpretar a narrativa, que é construída para mostrar de forma autêntica a realidade.

Ainda que nem sempre denotando um romance no sentido do gênero europeu, essa forma de narrar, de difícil definição, mas inegável importância dentro da literatura japonesa, recebeu o nome de “romance do eu” no Ocidente por conta da complexidade da palavra *shôsetsu*⁷, que indica uma narrativa em prosa, independente de sua extensão ou de ser ficção ou não ficção — ou seja, há romances do eu que são romances, mas também há contos ou novelas que pertencem à forma. Embora o *shishôsetsu* tenha se desenvolvido como gênero em um momento posterior ao do auge do naturalismo (mas por vezes por meio de romances de tendência naturalista), e embora muito se discorde em relação a qual seria a obra inaugural do romance do eu, é incontestável que seu surgimento inicial foi nesse movimento, com autores como Shimazaki Tôson⁸ ou Tayama Katai⁹ (NAGAE, 2005).

O naturalismo manteve sua hegemonia durante dois ou três anos, e, em reação a ela, tanto autores isolados (como Mori Ôgai e Natsume Sôseki) quanto movimentos literários (como Tanbi¹⁰ e Shirakaba¹¹) passaram a escrever de forma antinaturalista. No entanto, pode-se perceber, nas críticas que essas correntes opostas ao naturalismo faziam a ele, uma continuação das próprias tendências naturalistas, como a ideia do homem escravo de suas paixões (Tanbi) ou da representação do autor como salvador do mundo (Shirakaba). As duas tendências não divergem muito uma da outra, exatamente porque partiam do mesmo princípio: as concepções naturalistas (NAGAE, 2005).

O período Taishô (1912–1926), que se segue ao Meiji, foi mais democrático e de grande efervescência política. Os representantes eleitos pelo povo passam para uma posição mais central no governo. Houve mais abertura e esforços de modernização. Culturalmente, também foi um período de ocidentalização, com a abertura de cafés no estilo europeu, a publicação de revistas de circulação em massa e o surgimento de diversos círculos literários. O relativo

⁷小説, *shôsetsu*. Pode ser traduzido mais literalmente como “pequena história” e denota uma narrativa ficcional em prosa, independente de sua extensão. É comumente traduzido por romance, no sentido do gênero ocidental, mas, em japonês, é utilizado para várias obras narrativas, como contos, novelas ou narrativas (não ficcionais) autobiográficas.

⁸ Shimazaki Tôson (島崎藤村, 1872–1943). Autor de *Hakai* (破戒, “Quebra de um mandamento”, 1906).

⁹ Tayama Katai (田山花袋, 1872–1930). Autor de *Futon* (蒲団, “Cobertor”, 1907).

¹⁰ Movimento Tanbi (耽美; de 耽, “saciedade” ou “satisfação”, e 美, “beleza”), movimento literário que propunha a busca pela beleza através da literatura, valorizando menos as questões morais, muitas vezes sequer abordadas, para dar maior foco à satisfação estética. Seus autores mais representativos foram, ao menos no início de suas carreiras literárias, Tanizaki Jun'ichirô (谷崎潤一郎, 1886–1965) e Nagai Kafû (永井荷風, 1879–1959).

¹¹ Movimento Shirakaba (白樺, “bétula-branca japonesa”), um movimento literário de preceitos idealistas, humanistas e individualistas, interessado em espalhar influências da arte e filosofia ocidental pelo Japão. Seus autores mais representativos foram Mushanokôji Saneatsu (武者小路実篤, 1885–1976) e Shiga Naoya (志賀直哉, 1883–1971). É um movimento que contribuiu para a formação do romance do eu e será mais tratado adiante.

autoritarismo do período Meiji foi substituído por um liberalismo político e democrático, conhecido como “Democracia Taishô”¹². Por outro lado, foi um período de certa instabilidade política, com greves e organização da força sindical, em geral aliada ao movimento proletário e socialista. Marca também o início da luta pelo sufrágio feminino. Nessa época aconteceram as chamadas “revoltas do arroz”¹³, muitas lideradas por mulheres — uma reação à alta do preço do produto que, com o fim da Primeira Guerra, passou a ser exportado para a Europa em detrimento do consumo interno.

No entanto, mais para o fim desse período de muitas mudanças políticas e sociais, o governo começa uma perseguição maior a ativistas políticos, em especial aos ligados ao comunismo, e muitos seriam presos e nunca mais vistos — o que só piorou com a Lei de Preservação da Paz, de 1925¹⁴, que pôs um fim a esse período de florescimento da democracia japonesa. Esse é um dos fatores que contribuiu para o surgimento do fascismo militarista e autoritário do período seguinte.

Especificamente na literatura, vê-se, a partir de 1912, “uma coexistência ou quase fusão das várias correntes na literatura” (NAGAE, 2005, p. 9), de modo que a diferença entre autores passa a ser mais creditada à individualidade de cada um do que à corrente a que pertenciam. Ainda assim, entre 1912 e 1925, diversas obras naturalistas ainda foram lançadas, sendo certamente uma tendência muito forte, mesmo depois de o movimento em si ter-se encerrado. O romance do eu seguia sendo o gênero preferencial e, com isso, se expandiu, com importantes obras sendo escritas nessa forma, mesmo depois de 1925 (NAGAE, 2005). É um período de contraste entre os movimentos do neossensorialismo¹⁵, da literatura proletária¹⁶ e Shirakaba.

O grupo Shirakaba era formado por jovens idealistas de uma elite aristocrática que, interessados em Tolstói, mas também em pintores impressionistas, queriam que suas obras fossem um instrumento de promoção da literatura e da sociedade. O ideal da sua literatura era também a expressão do eu — não da forma confessional e pejorativa dos autores naturalistas, mas de uma forma orgulhosa e afirmativa que lhes era própria, como se o ato de escrever sobre si para os outros fosse um presente para a humanidade (KEENE, 1998; NAGAE, 2005).

¹²大正デモクラシー, *Taishô Demokurashii*.

¹³米騒動, *komesôdô*.

¹⁴治安維持法, *chian'ijihô*. Lei que proibia revolta ou conspiração contra o *kokutai* (国体), a identidade nacional, efetivamente criminalizando ideologias como o socialismo, o comunismo, ou qualquer outra que propusesse a alteração da ordem social, que deveria ser centrada no imperador.

¹⁵ Neossensorialismo (新感覚派, *shinkankakuha*). Movimento literário japonês ligado ao modernismo e às vanguardas artísticas. Valorizava as sensações e percepções subjetivas em detrimento de uma descrição superficial na narrativa. Kawabata Yasunari (川端康成, 1899–1972) e Yokomitsu Riichi (横光利一, 1898–1947) são seus autores mais representativos.

¹⁶ Literatura proletária (プロレタリア文学, *puroretariabungaku*). Movimento literário ligado ao movimento socialista que se propunha a narrar as dificuldades da vida dos trabalhadores. Entre seus autores figuram Kobayashi Takiji (小林多喜二, 1903–1933) e Hayama Yoshiki (葉山嘉樹, 1894–1945).

Ironicamente, o mais importante autor do grupo Shirakaba foi justamente o que mais fugia do estilo do resto do grupo. Shiga Naoya¹⁷ escreveu contos, novelas e um romance, todos relatando de forma fiel momentos e aspectos de sua própria vida, usando o gênero do *shishôsetsu*. Foi ele, mais do que os naturalistas Tõson ou Katai, o escritor que, por meio de seus diversos discípulos, maior impacto teve na forma que o romance do eu assumiria subsequentemente (KEENE, 1998). Seu texto narra cenas de sua vida e revela seus sentimentos de forma natural, direta e honesta. Seu estilo, que se desdobraria no romance introspectivo (uma forma do romance do eu), foi muito emulado por outros autores quando queriam escrever sobre si mesmos (KEENE, 1998; NAGAE, 2005).

Por outro lado, não devemos esquecer que a tendência à expressão de sentimentos individuais de forma subjetiva e realista desenvolvida no romance do eu não se deve apenas à influência da literatura estrangeira. Ainda que o romance naturalista europeu tenha influenciado a busca pelo não ficcional, o romance do eu tem suas origens em um modo tradicional de expressão muito antigo no contexto da literatura japonesa. Desde o século X, pelo menos, existe em japonês um gênero textual, o *nikki* ou diário¹⁸, que faz uso da prosa em primeira pessoa. As grandes autoras (quase todas mulheres) da era Heian (794–1185) são principalmente conhecidas por seus diários (NAGAE, 2005) — entre eles, o *Tosa Nikki*¹⁹ (do qual falarei mais adiante), o *Kagerô Nikki*²⁰, o *Murasaki Shikibu Nikki*²¹ e o *Sarashina Nikki*²².

Em relação ao diário como gênero, é importante destacar que a expressão de si mesmo para si mesmo no diário é tornada pública em forma de literatura; há aqui muito da veia confessional (naturalista), da veia subjetiva (Shirakaba) e da veia poética do romance do eu. Também o *zuihitsu*²³, tipo de ensaio livre, é um gênero que dá destaque à sensibilidade e à

¹⁷ Shiga Naoya (志賀直哉, 1883–1971). Autor de *Trajétória em noite escura* (2011; edição japonesa de 1921) e *Wakai* (和解, “Reconciliação”, 1917).

¹⁸ Diário é a tradução mais comum da palavra *nikki* (日記). Como gênero, também é conhecido como “diário literário feminino” ou “diário poético”. Gênero mais livre, pode incluir rememorações de histórias, expressão de sentimentos, composição de poemas, exposição de pensamentos, entre outros, não necessariamente de forma cronológica, “sendo algo como um gênero intermediário entre as memórias, o relato/testemunho e o diário propriamente dito” (CUNHA, 2016, p. 53). Subjetivo, introspectivo e pessoal, eram escritos em partes, trocadas entre as damas da corte para leitura e cópia de trechos. Estabelece-se em oposição ao tradicional diário público, “que seguia o modelo chinês clássico e tinha a forma de um registro de eventos e acontecimentos da Corte” (CUNHA, 2016, p. 53).

¹⁹ 土佐日記, “Diário de Tosa”, escrito por Ki no Tsurayuki (870–945) em 935.

²⁰ 蜻蛉日記, “Diário da Efemérida”, escrito pela mãe de Fujiwara no Michitsuna (935–995) em 974.

²¹ 紫式部日記, “Diário de Murasaki Shikibu”, escrito por Murasaki Shikibu (973?–1014?) entre 1008 e 1010. Murasaki também é autora de *O Romance do Genji* (2008, edição portuguesa; original escrito entre 1005 e 1014).

²² 更級日記, “Diário de Sarashina”, escrito pela filha de Sugawara no Takasue (1008–1059) entre 1020 e 1059.

²³ 随筆, seguir o pincel, ao correr do pincel. Pela liberdade formal e fluidez do texto, é um gênero difícil de se definir, já que tem “por pressuposto (...) uma ausência de plano ou desígnio” (CUNHA, 2016, p. 30). O autor escreve o que vem à cabeça quase como em fluxo de consciência, sem dar muita importância à forma, misturando tipos diferentes de texto. É um gênero que permite a exposição de temas, cenas, sentimentos ou pensamentos, além da apresentação de poesias, crônicas históricas e reflexões religiosas. A obra de Sei

franqueza, com forma fluida, supostamente espontânea. **O Livro de Travesseiro**²⁴, de Sei Shônagon, e obras posteriores, como o *Tsurezuregusa*²⁵, do Monge Kenkô, e o *Hôjôki*²⁶, de Kamo no Chômei, são exemplos desse gênero, que se aproxima de alguns autores do romance do eu (NAGAE, 2005).

O termo “romance do eu” só passou a ser empregado no início dos anos 1920, mas descrevia uma tendência que vinha aparecendo no Japão há já algum tempo. Com a evolução do gênero e da própria crítica literária sobre o gênero, ele foi dividido em algumas correntes, designando-se, a cada uma, autores e obras com características comuns. De forma resumida, há uma corrente de tradição naturalista, mais cruamente confessional, brutal e autocrítica, em que o autor expõe suas falhas, pecados e depravações sem medo do que a sociedade poderia pensar. Aproxima-se mais de Katai e Tôson, e teria em Chikamatsu Shûkô²⁷ seu maior representante (KEENE, 1998). Outra corrente, mais próxima de Shiga Naoya, traz acontecimentos banais, incidentes cotidianos e cenas de uma vida regular, comentadas com uma visão pessoal e subjetiva, capaz de elevar tais experiências para o engrandecimento do autor ou leitor. A primeira seria a corrente da “autodestruição”; a segunda é a da “salvação” (KEENE, 1998, p. 513). Fora a literatura antiga, a expressão do eu de forma natural e honesta está presente em autores modernos que, apesar de adotarem a si mesmos como assunto e narrarem acontecimentos e sentimentos de sua vida, não escreveram, por mais estrita definição, romances do eu. É o caso de diversos autores, como Mori Ôgai, Natsume Sôseki, Nagai Kafû²⁸ e Tanizaki Jun'ichirô²⁹, entre outros, que falaram de si mesmos, mas com toques ficcionais, reimaginando situações, tomando eventos reais como pano de fundo, mas não necessariamente se mantendo presos à realidade (KEENE, 1998). Isso reforça a ideia de que esse modo de escrever é muito japonês em sua intenção, ainda que possa ser ocidental em sua execução.

O período Shôwa (1926–1989), que se seguiu ao período Taishô, foi o mais longo reinado consecutivo de um imperador na história do Japão; no entanto, aqui nos interessa abordar apenas até primeiros anos após a Segunda Guerra, já que Dazai Osamu se suicidou em 1948. Foi um período de extremo autoritarismo, militarismo, nacionalismo e fascismo no Japão. Como lembrado acima, a Lei de Preservação da Paz, do fim do período anterior, levou a

Shônagon, apesar de ser comumente referida como inaugural no gênero, só foi classificada como *zuihitsu* séculos depois de sua morte (CUNHA, 2016).

²⁴枕草子, *Makura no Sôshi*, de 1001, escrito por Sei Shônagon (清少納言, 965?–1025?). Traduzido no Brasil como **O Livro de Travesseiro** (2008) e **O Livro do Travesseiro** (2013).

²⁵徒然草, escrito entre 1330 e 1332 pelo Monge Kenkô (吉田兼好, 1284–1350). Traduzido para o português como **A arte de transformar o tempo fútil em tempo útil** (2001).

²⁶方丈記, escrito em 1212 por Kamo no Chômei (鴨長明, 1153?–1216). Traduzido para o português como *Hôjôki*, em 1984.

²⁷Chikamatsu Shûkô (近松秋江, 1876–1944). Autor de *Wakareta Tsuma* (別れた妻, “Minha ex-esposa”, serializado de 1910 a 1915).

²⁸Nagai Kafû (永井荷風, 1879–1959). Autor de **Guerra de Gueixas** (2016, edição japonesa de 1918) e **Histórias da Outra Margem** (2013, edição japonesa de 1937).

²⁹Tanizaki Jun'ichirô (谷崎潤一郎, 1886–1965). Autor de **As Irmãs Makioka** (2005, edição japonesa de 1948) e **Amor Insensato** (2004, edição japonesa de 1924).

um início do tolhimento das liberdades individuais. A censura se intensifica, assim como a xenofobia e a caça aos comunistas. Uma volta ao passado tradicional e à figura do imperador buscava reforçar a superioridade do povo japonês, numa tentativa de curar o orgulho ferido pela forma humilhante como o país fora forçosamente aberto ao Ocidente no fim da era Edo. Saindo da Liga das Nações (1919–1946), o Japão se alia à Itália fascista (1922–1943) e à Alemanha nazista (1933–1945). Incita diversos conflitos locais na China, pouco a pouco aumentando seus territórios no continente, e, em 1937, inicia uma grande invasão, com a segunda Guerra Sino-Japonesa. Em 1941, entra na Segunda Guerra ao lado do Eixo, atacando Pearl Harbor, entre outras bases no Pacífico. Isso acaba levando à lenta, mas inevitável, derrota do Japão na Segunda Guerra, que terminou com as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945.

No mundo literário, é desse período a literatura *tenkô*³⁰. Após a morte brutal, em 1933, de Kobayashi Takiji, líder do movimento proletário, pelas mãos da polícia, muitos escritores dessa corrente passaram a renunciar ao comunismo e, pressionados, começaram a escrever obras que criticavam os ideais marxistas, ainda que sem convicção (KEENE, 1998). Posteriormente, muitos autores, em especial autores mais jovens, passaram a escrever literatura de guerra, exaltando vitórias e batalhas e o sacrifício em nome do país. Muitos deles o faziam por necessidade ou imposição do governo, e também sem convicção (KEENE, 1998). Com raras exceções, a literatura do período militarista não é de muito mérito, levando Keene a dizer que “era o pior estado da literatura japonesa desde o início da era Meiji” (KEENE, 1998, p. 965).

Com o fim da Guerra, há, quase que imediatamente, uma nova efervescência na literatura japonesa: autores que tinham parado de publicar voltam a fazê-lo, novos autores aparecem, novas revistas e novos movimentos literários são lançados. Após anos de censura em diferentes níveis desde a era Meiji, os autores japoneses podiam escrever livremente (ainda que, no início, houvesse a censura das forças de ocupação). Escritores comunistas renegam seus *tenkô*, voltando às suas convicções; autores que tinham exaltado a guerra passam a falar de suas atrocidades e do sofrimento do povo; e mesmo histórias de cunho mais erótico agora eram publicadas, o que seria impensável nos períodos anteriores. Alguns autores se ressentem de que essa liberdade tenha sido dada ao povo japonês não pelo seu governo, mas por uma força de ocupação após a derrota em uma guerra; mas a maioria se contentava em se expressar livremente de novo.

Dzai Osamu escreveu durante o período Shôwa e sua obra traz influências dos vários movimentos que estavam em evidência nessa época. Com obras como “*Omoide*” e **Declínio de um Homem**, ele certamente mostra, do início ao fim de sua carreira, uma aproximação do romance do eu. Vários de seus textos são narrados em primeira pessoa e falam de situações

³⁰転向, mudança ou conversão. Termo que se usa para designar o ato de converter-se de uma religião ou ideologia e demonstrar o abandono dos conceitos anteriormente defendidos. Nessa época, denota a saída em massa do partido comunista frente à repressão do estado na perseguição às ideologias consideradas antinacionalistas e as obras escritas por esses autores nesse período, que iam no sentido ideológico contrário das que eles tinham escrito até então.

cotidianas, estratégia comum em obras do gênero. Ainda que ele ficcionalize alguns aspectos da narrativa, o que não é comum no romance do eu, a narrativa em si segue seus preceitos e, para quem conhece a biografia do autor, fica evidente como os aspectos pessoais deram origem a cenas e personagens, sentimentos e opiniões³¹.

A tendência naturalista aparece na obra de Dazai não só por sua aproximação com a corrente autodestrutiva do romance do eu, que tem inspiração em Tõson e Katai (KEENE, 1998). Diversas de suas obras têm fundo naturalista, tanto da corrente japonesa como da europeia. A expressão confessional, autocrítica e brutalmente honesta na admissão de seus erros é mais remanescente de obras tradicionalmente naturalistas japonesas; por outro lado, diversas de suas obras trazem, em seu centro, questões caras ao naturalismo europeu, como a ideia de que o personagem é moldado pelo seu meio e de que a formação de seu caráter reflete o momento histórico e o contexto cultural e social em que vivem (SILVA, 2008).

Parte da obra de Dazai, em especial a fase inicial, sofre influência da literatura proletária, e os ideais marxistas ficam claramente explícitos em diversos contos, mesmo adiante em sua carreira, depois de ter se separado desse movimento. Não apenas no pano de fundo de histórias, mas em citações de personagens, percebe-se a importância desses ideais para o autor — tanto nas falas de Kazuko, de **Pôr do Sol**, quanto nas de Yôzô, de **Declínio de um Homem**, por exemplo. Apesar dessa influência inicial, Dazai viria posteriormente a adotar uma postura crítica frente à literatura proletária (KEENE, 1998).

Mais tarde, quando a ocupação americana concedeu um maior grau de liberdade, autores *tenkô* puderam novamente retomar seus temas marxistas e passaram a criticar a guerra. Dazai, nessa época, fez o movimento contrário: apesar de seus textos que mostravam a ruína que a guerra trazia para o povo, ele fez questão de afirmar que nunca tinha sido contra o conflito, criticando o “oportunismo” desses autores (KEENE, 1998, p. 1050).

A vida de Dazai, retratada de forma honesta e confessional em diversas de suas obras, revela seus hábitos boêmios e sua busca constante pelo prazer sexual. Isso o aproxima à vertente libertina europeia, que propunha, na vida e na literatura, uma entrega total aos prazeres da vida, independente das convenções sociais. Ainda que Dazai claramente sentisse o peso das convenções sociais e morais na sociedade japonesa, ele nunca deixou de, por causa disso, viver da forma que queria e escrever abertamente sobre isso.

Apesar do curto tempo de sua carreira (apenas doze anos separam o primeiro e o último livro publicado em vida), Dazai conseguiu estabelecer uma obra criativa e variada, que reflete suas opiniões, seus sentimentos e sua personalidade, ao mesmo tempo em que mostra o amplo escopo de suas influências e referências filosóficas e literárias.

³¹ Aqui há uma diferença sobre como a vida do autor é tratada nos estudos literários tradicionais do Ocidente e no Japão. A crítica europeia tende a ignorar mesmo influências mais diretas entre vida e obra do autor, enquanto a japonesa costuma buscar dados da biografia do autor para contextualizar sua obra. Há, também, com Dazai (e o *shishôsetsu* em geral) uma relação mais direta entre vida e obra que faz parte do gênero; a literatura e a biografia então são muitas vezes reflexos uma da outra, diferente de uma cena ficcional com influência ou inspiração em um aspecto da biografia do autor.

REFERÊNCIAS

CUNHA, A. **O livro de travesseiro**: questões de autoria, tradução e adaptação, 2016, 296 fl. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/134427>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

KEENE, D. *Dawn to the West: Japanese literature of the modern era*. Nova Iorque: Columbia University, 1998.

NAGAE, N. **De Katai a Dazai**: apontamentos para uma morfologia do romance do eu, 2006, 155 fl. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-14052007-151503/publico/TESE_NEIDE_HISSAE_NAGAE.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

SILVA, H. **A estética do espaço na obra Pôr-do-Sol, de Dazai Osamu**, 2008, 247 fl. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-31082010-143013/publico/2008_HirokoHashimotodaSilva.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Como citar este texto (ABNT):

OLIVEIRA, A. Contexto do Japão de Dazai. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p.18-26, 2017.

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO CONTO “A MULHER DE VILLON”

Ariel Lara de Oliveira¹

“A Mulher de Villon” (ヴィヨンの妻, *Viyon no Tsuma*), conto de Dazai Osamu publicado originalmente em 1947, na revista literária *Tenbô*², conta a história de Satchan, a narradora, que, na sua jornada para reparar os erros de Ootani, seu marido negligente e alcoólatra, encontra uma forma de seguir com a sua vida.

O conto começa com Satchan sendo acordada no meio da noite quando seu marido, bêbado, chega em casa. Ootani pergunta sobre o filho, o que, contrastando com o seu descaso habitual pelo menino, já a deixa desconfiada. Então, ouve-se da rua uma voz de mulher, que acusa Ootani de roubo. A mulher, acompanhada do marido, confronta Ootani, que nega tudo. Satchan se levanta para tentar entender a situação, e Ootani aproveita para tentar fugir. O homem o agarra, eles se digladiam, e Ootani ameaça os seus acusadores com uma faca. Satchan e a mulher ajudam a conter o homem, enquanto Ootani foge. Depois, Satchan volta para casa acompanhada pelo casal. O homem então conta sua história.

O casal, vindo do interior, tinha, com muita dificuldade, conseguido manter um negócio funcionando ao longo de toda a guerra, ainda que para isso tivessem de vender saquê ilegal. Conheceram Ootani através de uma cliente habitual, que levava vários fregueses a seu restaurante. No início, Ootani lhes parecera um bom freguês, mas, com o tempo, ele passou a se embriagar e, tirando uma primeira vez, nunca mais pagara um centavo pelo seu consumo. Mulherengo e boêmio, Ootani era um escritor famoso e de família rica, de modo que eles iam perdendo a dívida com a perspectiva de serem pagos no futuro.

Ootani acaba engravidando uma das atendentes do restaurante, causando vários problemas para o casal. Naquela noite, eles estavam contando o dinheiro que vinham há meses coletando de diversos clientes devedores para a manutenção do estoque do restaurante durante as festas do ano novo — uma soma considerável. Quando Ootani vê a dona do bar guardando o dinheiro todo, ele a empurra, pega o dinheiro e sai correndo do estabelecimento. O casal, preocupado, vai atrás dele e o segue até ali — esse é o momento em que se inicia a narrativa.

Satchan, envergonhada pelo comportamento de seu marido, se compromete a resolver a situação de alguma forma, para que eles não deem parte do ocorrido à polícia. No dia seguinte, depois de muito pensar, resolve ir até o estabelecimento do casal para tentar resolver a situação — mesmo sem saber como. Ao chegar, promete que está tudo resolvido e que teria o dinheiro até o fim do dia, oferecendo-se para ser “refém” deles até o pagamento — trabalharia na loja sem receber nada. Enquanto ainda estão conversando sobre isso, chegam os primeiros clientes,

¹ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

² 展望, “perspectiva”.

que se surpreendem positivamente com a beleza da nova atendente. Interessada na clientela que Satchan atrairia, o casal acaba aceitando a situação.

Naquela noite, Ootani aparece no restaurante com uma mulher, que devolve o dinheiro roubado. Ele se surpreende ao reconhecer Satchan, mas não diz nada. O dono do restaurante comunica a Satchan que o dinheiro roubado fora devolvido, mas que a dívida do marido não tinha sido quitada. Ela promete voltar para trabalhar no dia seguinte.

O trabalho no restaurante muda a perspectiva de Satchan, que ganha um novo propósito na vida. Feliz com o trabalho e com o dinheiro que ganha das gorjetas, ela passa a gostar de ter uma ocupação. Encontra frequentemente seu marido no estabelecimento, e começam a voltar eventualmente juntos para casa, reestabelecendo um diálogo e reconstruindo, assim, sua relação. Satchan percebe que todas as pessoas são ruins e que isso não era um problema apenas do marido dela: podendo ter alguma vantagem, todos preferem ser enganadores e falsos.

Em um dia de chuva, após pegar carona para casa no guarda-chuva de um freguês do restaurante, Satchan acorda de noite com barulhos na porta. Presume que seja seu marido, mas descobre que é o próprio freguês, que, perdendo o último trem, pede para se abrigar da chuva na casa dela. Na manhã seguinte, ele a estupra e vai embora, deixando-a sozinha na casa. Desiludida com o mundo, ela resolve apenas pegar o filho e ir ao trabalho, como se nada tivesse acontecido. Chegando ao restaurante, encontra Ootani, e comunica sua decisão de passar a morar no restaurante a partir de então, pois não via mais sentido em seguir pagando aluguel. Ele concorda de forma meio desinteressada, e muda de assunto, reclamando de uma crítica no jornal, que o chama de “monstro”, ao que ela responde: “Pouco importa que o chamem de monstro, temos é que seguir vivendo”, frase que encerra o conto.

“A Mulher de Villon”, com seu uso da voz feminina na estruturação da narrativa, é representante de uma estratégia frequente em Dazai, chamada *joseidokuhakubun*³. As obras que fazem uso desse dispositivo, dentre as quais se incluem “*Joseito*” (1939), “*Kirigirisu*” (1940), “*Chiyajo*” (1941), “*Jûnigatsu Yôka*” (1942), “*Osan*” (1947) e **Pôr do Sol** (1947), podem ser vistas como uma alusão ao método empregado por Ki no Tsurayuki (870–945) no **Tosa Nikki** (“Diário de Tosa”), a primeira voz feminina da prosa japonesa (NAGAE, 2005).

Escrito em 935, quando da volta de Tsurayuki de Tosa para a capital Heian (atual Quioto), foi essa a obra que inaugurou o gênero dos diários de corte, ou *nikki*, que iniciaria uma fase de literatura japonesa feminina de primeira qualidade. Tsurayuki fez uma paródia dos diários administrativos da corte, todos escritos em chinês burocrático, a língua dos assuntos oficiais de governo. Seu diário, no entanto, era poético e, abandonando os ideogramas, foi quase todo escrito em *hiragana*, o silabário japonês — que, na época, era mais comumente usado por mulheres. O abandono da linguagem oficial permite ao “ator” disfarçar-se na voz feminina, narrando de forma sensível e livre os seus sentimentos, já que, como oficial do governo, tal forma de expressão não lhe seria permitida. O diário traz diversos poemas, apresentando um texto fortemente subjetivo, “num misto de relatos de impressões e emoções demonstradas nas alegrias e angústias, nos encantos e decepções, temores e expectativas”

³女性独白文, “monólogo feminino”.

(NAGAE, 2005, Apêndice, p. 19). Essa é considerada a obra inaugural do gênero, a partir da qual mulheres da aristocracia passaram a escrever seus próprios diários.

Se, por um lado, Dazai não precisava de uma voz feminina para se expressar, fica claro que se sentia confortável nessa posição. Na maioria de seus textos de narradoras femininas, há um personagem claramente identificado com o autor, descrito a partir do ponto de vista da narradora-personagem. Em “A Mulher de Villon”, Satchan sofre por causa das ações desse personagem-manifestação de Dazai, lida com elas e mostra sua força, enquanto Ootani, em autocomiseração, não consegue agir, nem sequer tomar uma decisão — seu medo o paralisa. É o autor, confessando seus erros, seus pecados, suas aflições, e nos mostrando as pessoas que sofrem com seus defeitos; a intenção parece ser de fazer o leitor se identificar mais com a vítima da negligência e menos com o agente dela (o personagem que representa o autor. Parece uma forma de dar voz às vítimas das atitudes pelas quais se sente culpado e, com esse movimento, se expiar do que percebia como seus pecados. Retratando-se por meio de um personagem negativo, ele admitia a culpa, mas não diretamente — utiliza a voz da personagem feminina para dar mais credibilidade ainda a seus sentimentos de fracasso e de desprezo por si mesmo. É uma estratégia que seria posteriormente utilizada e aprofundada no romance **Pôr do Sol**, em que Kazuko, a protagonista, vai lidar tanto com os problemas de seu irmão (o alcoolismo e a depressão), quanto com os problemas de Uehara (o escritor boêmio e fracassado, que trai sua mulher).

Há um claro ar confessional nessa obra, o que torna necessário para o leitor, como em outros romances do eu, um conhecimento sobre a vida do autor. Nisso, o conto lembra **Declínio de um Homem**, em que diversas passagens são claramente baseadas em experiências do próprio Dazai. O gênero mais longo permite explorar esse aspecto de forma mais profunda: enquanto em “A Mulher de Villon” os aspectos em comum entre personagem e autor são mais pontuais, no romance temos essa correlação, em diferentes níveis, ao longo de toda a narrativa. Assim, quanto mais se conhece da vida do autor, mais visíveis se tornam os pontos da ficção que foram inspirados por acontecimentos reais — no caso de **Declínio de um Homem**, talvez a tentativa falha de duplo suicídio seja a mais famosa.

Por outro lado, mesmo em **Declínio de um Homem**, temos o personagem principal sendo descrito por outros, no prólogo e no epílogo, quando Yôzô não é o narrador. Isso coloca o narrador dos diários sob suspeita: afinal, ele consegue ser objetivo nos comentários que faz sobre si mesmo? Estaria a mulher mentindo, ao elogiá-lo, no epílogo? Além disso, o próprio fator autobiográfico, ao ser colocado na voz de outra pessoa, adquire uma estrutura quase ficcional, já que as ações do biografado são contadas pelo próprio autor, mas por meio da voz de outra personagem, que o vê como terceira pessoa. Não temos acesso aos sentimentos e pensamentos da personagem que representa o autor, a não ser quando ele fala abertamente sobre eles com a narradora personagem. Essa complexidade adicional se torna mais um aspecto interessante desse conto de Dazai, bem diferente de suas obras mais tipicamente identificadas com o gênero do romance do eu, em que o narrador-personagem é identificado como o próprio autor.

Essa transgressão das características do gênero é típica dos membros do *buraiha*, grupo do qual Dazai é o maior representante. Seu tom crítico e irônico (e também autocrítico e auto-irônico) fez com que fossem, inicialmente, chamados de *shingesaku*, os “neo-*gesaku*”⁴, em referência aos autores da era Edo, que também apresentavam suas críticas à sociedade de forma mais irônica. Foi o próprio Dazai quem, falando de seu estilo, o descreveu com os ideogramas comumente lidos por *buraiha*, ainda que tenha dado a eles a leitura estrangeira *libertins* (KEENE, 1998). O termo em japonês se referia originalmente à forma como um imperador chinês descreveu sua época de juventude, em que fora mais incompetente e menos dedicado que seus irmãos. Quando Dazai o usa, no entanto, a ligação com os libertinos franceses do século XVIII deixa mais clara sua ideia não apenas de incompetência e fracasso, mas dos motivos por trás deles: fruição hedonista e irrestrita dos prazeres sexuais e da bebida. Não é à toa, por exemplo, a referência, em “A Mulher de Villon”, ao epicurismo⁵ de Ootani, muito menos a referência a um artigo escrito por ele sobre François Villon para uma revista.

François Villon (1431–1463) foi um poeta francês que, ainda que anterior aos libertinos citados por Dazai, teve uma vida igualmente sem restrições. Envolvido com as classes mais baixas, foi estudante da Universidade de Paris e ficou conhecido por suas tendências boêmias. Teve vários problemas com a lei, entrando em brigas e participando de assaltos. Acabou sendo preso e condenado à morte. Seus poemas, muitos deles fortemente autobiográficos, refletem a vontade de aproveitar a vida, a nostalgia e o confronto com a sua própria mortalidade. Comparando suas histórias, fica claro de onde vem a identificação de Dazai (e do personagem Ootani) com o poeta francês.

Brudnoy (1968) comenta, sobre “A Mulher de Villon”, que é um retrato de um artista que comete o pecado de negligenciar sua família para a satisfação de seu próprio prazer. O autor destaca a presença de deus na história, tanto para Ootani quanto para Satchan. Ootani teme a imagem de deus, que imagina como um ser terrível, e esse medo dificulta ainda mais que ele lide com seus pecados — pois não consegue acreditar em um deus misericordioso. Já Satchan, frente à maldade que vê no mundo, duvida da existência de deus, suplicando: “Deus, se você existe, mostre-se!”. O peso da família é maior em Ootani, que não consegue nem assumir totalmente seu papel de pai e marido, nem largar a mulher e o filho e abandonar aquela vida por uma que o satisfaça mais. Ele sente que é, de fato, um monstro, mas não gosta de ideia de ser um: daí sua indignação, ao fim do conto, ao ver essa sua percepção refletida na crítica do jornal. Satchan, que nesse ponto final da história já se resignou a aceitar o mundo como é e a seguir vivendo, não consegue ajudar o marido em seu pedido final: ao invés de tranquilizá-lo, dizendo que não sente que ele seja um monstro, afirma que ser um monstro não é um problema.

⁴新戯作派, o movimento dos novos *gesaku*, ou literatura de divertimento. *Gesaku* foi uma tendência autores do fim do período Edo (1603–1868), que escreviam histórias cômicas, piadas, livros ilustrados ou mesmo discussões mais sérias, com um tom humorado e irônico.

⁵ Hedonismo é uma doutrina filosófica que considera o prazer como fundamento da vida moral, sendo o único bem possível. Foi retomada por Epicuro de Samos (341 a.C.–271 a.C.), para quem o prazer era a base de uma vida feliz. O epicurismo, escola filosófica fundada por ele, é, no entanto, mais moderado, buscando a garantia da tranquilidade do homem.

Kawana (2015) nota como Satchan cresce como personagem ao longo da história. A transformação de sua vida quando encontra um propósito no trabalho e a decepção que substitui esse entusiasmo inicial por uma indiferença cética, são aspectos claros de evolução da personagem. Ela considera a violência do estupro mais como um fato da vida, e uma visão prática a leva a querer apenas seguir vivendo. Sua visão de mundo também se altera, e ela passa a ver a maldade e a decadência em todos os lugares, o que a ajuda a, se não exatamente perdoar, ao menos, a melhor entender seu marido. Ao mesmo tempo em que trabalhar alargara seu mundo, também a deixara exposta à sua violência; essa percepção de que a liberdade tinha um preço alto se transforma em conhecimento e ela, apesar desse preço, não está disposta a voltar atrás. Sua força é contrastada com a fraqueza do marido, que tinha medo da punição que sofreria por seus pecados e, apesar de sua infelicidade, não conseguia tomar uma decisão clara em sua vida. Era o medo de deus que o impedia de morrer, e o medo de seguir pecando que o impedia de abandonar sua família de vez; no entanto, sua vontade de abandonar a família se traduzia em negligência, e ficar nessa indecisão era parte do que o torturava. Já Satchan, cujos temores eram mais concretos e práticos, conseguia ver o mundo sem ilusões e não se sentia uma vítima dele.

“A Mulher de Villon” é um texto importante por ser representativo da obra de Dazai Osamu. É um conto que possui características comuns com seus dois maiores romances. Sendo parte de suas obras que utilizam “monólogos femininos”, é narrado por uma personagem feminina; nisso, se aproxima de **Pôr do Sol**. Sendo uma obra de inspiração autobiográfica, tem, em um de seus personagens, uma manifestação do próprio autor; nisso, se aproxima de **Declínio de um Homem**. É um conto que trata da temática cara ao autor da mulher que leva a família sozinha por ser negligenciada por um marido alcoólatra, endividado e fracassado — representando uma crítica ao lado decadente do próprio autor.

O conto foi traduzido para o inglês por Donald Keene em 1956 como “*Villon’s Wife*” e publicado na antologia *Modern Japanese Literature* (KEENE, 1994). Em francês, foi publicado em 2005, como *La Femme de Villon*, traduzido por Silvain Chupin. A publicação em espanhol vem em 2014 em uma coletânea de contos, *Ocho escenas de Tokio*, e foi traduzido por Yoko Ogihara e Fernando Cordobés González com o título “*La Mujer de Villon*”. Não há tradução publicada desse conto em português. No Brasil, publicaram-se apenas duas traduções de Dazai, seus dois romances mais famosos: **Pôr-do-Sol**, em 1974, traduzido por Antônio Nojiri; e **Declínio de um Homem**, em 2015, com tradução de Ricardo Machado. Em Portugal, *Ningen Shikkaku* foi traduzido por Ana Neto como **Não-Humano**, em edição publicada em 2001. Silva (2008) tem uma tradução própria de **Pôr do Sol**, publicada com sua dissertação, que, no entanto, não foi lançada comercialmente.

A obra foi também adaptada para o cinema em 2009, com o filme *Villon’s Wife* (ヴィヨンの妻～桜桃とタンポポ～), dirigido por Kichitarô Negishi, estrelando Takako Matsu como Satchan e Tadanobu Asano como Ootani. Negishi ganhou o prêmio de melhor diretor no Festival de Cinema Internacional de Montreal, onde o filme estreou. O filme ganhou ainda dois prêmios da academia japonesa de cinema: melhor atriz e melhor direção de arte.

A presente tradução de “A Mulher de Villon” foi feita ao longo do segundo semestre de 2015 e revisada três vezes na época, com mais duas revisões ao longo da elaboração deste trabalho. Diversas coisas foram alteradas nesse processo, mas os comentários sobre o processo de tradução e das primeiras revisões não foram feitos à época; antes de começar o trabalho, eu reli a tradução, buscando trechos que eu lembrava terem trazido mais dúvidas quando traduzi. Esses trechos foram anotados e comparados com o original, para uma primeira versão de comentários sobre eles, feitos de forma livre, como em fluxo de consciência. Com esses comentários já em mente, parti para uma revisão do texto, que não tinha sido mexido desde o fim do ano de 2015. Essa nova fase de revisões teve um afastamento temporal do período da tradução, possibilitando alterações um pouco maiores do que na revisão imediatamente posterior à tradução.

As revisões de 2015 são referidas como **primeira versão**; as feitas durante a elaboração do trabalho, de **segunda versão**. Em uma primeira análise geral do processo tradutório, comento as dificuldades da tradução do conto como um todo. Em seguida, selecionei oito trechos da tradução para comentar pontos específicos. A análise da tradução será feita em relação às diferenças entre o japonês, a primeira e a segunda versão em português, justificando as escolhas da primeira versão (em relação ao conto em japonês) e as mudanças e/ou manutenções da segunda versão (em relação à primeira). Por fim, busco enumerar estratégias utilizadas com relação aos dois níveis de análise, e daí tiro as conclusões sobre o processo geral da tradução.

Nos comentários, levei em consideração principalmente dois aspectos: a domesticação e a estrangeirização no processo de tradução do texto fonte (TF) na língua fonte (LF) para o texto alvo (TA) na língua alvo (LA). Para Venuti (1999), a **domesticação** consiste na técnica de tradução que demonstra fluência e naturalidade, sem muitas peculiaridades linguísticas ou estilísticas no TA. Uma tradução domesticada dá a ilusão de ser o TF, anulando diferenças culturais, apagando a cultura-fonte com a cultura-alvo. É uma maneira de traduzir fazendo com que o tradutor fique invisível. Já a **estrangeirização** rejeita a fluência e causa um estranhamento no TA, através de uma fidelidade abusiva à língua e à cultura do TF. A tradução se torna visível, e mais que isso, palpável, por preservar diferenças culturais, exigindo um esforço de adaptação cultural por parte do leitor. Diz Venuti sobre a técnica: “no empenho de fazer correto na cultura de partida, esse método deve fazer errado na cultura de chegada, desviando-se o suficiente das normas nativas para apresentar uma experiência de leitura estranha” (VENUTI, 1999, p. 20).

Venuti (1999) define tradução como um “processo pelo qual a cadeia de significantes que constitui o texto na língua-fonte é substituída por uma cadeia de significantes na língua-alvo” (VENUTI, 1999, p. 17). Ele defende que a tradução é não só a substituição de diferenças linguísticas entre um texto estrangeiro e um inteligível na LA, mas também a substituição de diferenças culturais, que nunca podem ser totalmente apagadas. Assim, estrangeirização e domesticação não são absolutos, funcionando antes como polos de uma gradação; cada trecho vai ter níveis diferentes desses conceitos e eles vão variar ao longo de todo o processo tradutório. É um ato subjetivo que não deve ser julgado com critérios absolutos, pois nunca

haverá uma equivalência semântica entre texto fonte e texto alvo. Toda tradução é uma violência etnocêntrica (VENUTI, 1999), e o tradutor deve trabalhar tendo isso em mente.

Para melhor ilustrar a diferença entre essas duas estratégias, utilizo um exemplo da minha própria tradução do conto:

TF: おかえりなさいまし。ごはんは、おすみですか？お戸棚に、おむすびが
ございますけど

TA: Bem vindo de volta. Já jantou? Tem bolinhos de arroz no armário.

(DAZAI, 1991, p. 411)

Enquanto a primeira frase, おかえりなさいまし, pode ser traduzida por “Bem vindo de volta” sem maiores problemas, o hábito de dizer essa frase quando alguém retorna é muito comum na cultura fonte (CF), e não tanto na cultura alvo (CA). Além disso, a frase traz um registro feminino e coloquial, difícil de transplantar para a LA. Essa diferença cultural seria apagada ao traduzirmos, por exemplo, uma saudação mais coloquial, que seria o esperado nesse contexto na CA. A expressão “bem vindo de volta”, apesar de existir na LA, não soa natural a um leitor nativo naquela cena. Esse estranhamento é um exemplo de estrangeirização, em que se evidencia uma diferença entre as duas culturas.

Por outro lado, a segunda frase, ごはんは、おすみですか, é essencialmente equivalente a “Já jantou?”, mas essa escolha também pode ser lida como uma diferença cultural. Na LF, a personagem pergunta novamente de forma educada e feminina: esse registro é uma característica da língua japonesa, relacionado não apenas a aspectos linguísticos, mas também a questões sociais e culturais. Registros educados ou femininos não comportam tanta diferença entre os registros coloquiais ou masculinos na LA, e certamente não têm o mesmo peso discursivo da LF. Aqui, a escolha foi pela substituição do registro, buscando uma forma um pouco mais coloquial. Na LA, causaria grande estranhamento uma mulher falando de forma tão educada com seu marido, introduzindo na narrativa do TA uma distância entre o casal muito maior que a que está sendo retratada no TF. Assim, a escolha domesticadora, aproximando a cena da realidade do leitor, torna o TA mais natural, ainda que se afaste um pouco da linguagem do TF, apagando assim as diferenças entre as duas culturas.

A última frase, お戸棚に、おむすびがございますけど, segue com o registro educado. Nesse exemplo, é interessante a escolha tradutória da palavra おむすび. Trata-se de um bolinho de arroz japonês; no entanto, a ideia que “bolinho de arroz” suscita em um leitor brasileiro é bem diferente do *omusubi*. Traduzir por *omusubi*, mantendo o termo original com explicação em nota de rodapé, pareceu-me estranho por dois motivos: primeiro, porque senti que seria dar importância demais a uma palavra dita de forma casual e sem qualquer destaque maior no TF; segundo, porque, para que o texto da nota ilustrasse de forma representativa o que se define por *omusubi*, teria de ser muito longo e suscitaria outras notas complementares (“também conhecido por *onigiri*, é um tipo de bolinho de arroz japonês, moldado à mão e muitas vezes enrolado em alga *nori*”; “pode ter vários tipos de recheio, como salmão, *umeboshi* ou outras conservas fortes”; “é normalmente utilizado como lanche rápido, sendo comum em *bentô*”, etc.) e, sendo curto, soou-me óbvio (“tipo de bolinho de arroz japonês”) e pouco

explicativo de fato. Assim, evitando uma nota tão no início da narrativa, decidi pela estratégia domesticadora nessa frase.

É importante notar como essas estratégias se misturam no texto. Mais adiante, por exemplo, fiz a escolha estrangeirizante em uma situação semelhante à descrita acima:

TF: 私は起きて寝巻の上に羽織を引掛け、玄関に出て、二人のお客に [...]

TA: Levantei-me e, vestindo um *haori* por cima do pijama, fui até a entrada receber as duas visitas.

Nota de rodapé referente a *haori*: Tipo de casaco tradicional japonês, usado aberto e por cima das vestes.

(DAZAI, 1991, p. 414)

Aqui, ao contrário do caso anterior com o bolinho de arroz, o *haori* descreve a aparência da personagem ao longo de toda a cena seguinte, parecendo mais importante no TF; nesse caso, também consegui explicar de forma curta o que é o *haori* e o hábito japonês de usá-los de forma casual e rápida por cima das roupas. A estratégia domesticadora aqui não me soou nem natural nem verossímil (“vesti um casaco por cima do pijama”). Ainda assim, a estratégia mais estrangeirizante não é perfeita, pois a nota não dá uma ideia clara do que seria um *haori*. Principalmente em casos em que a CF e a CA são mais distantes, como entre Japão e Brasil, mais efetivo que o uso de palavras seria o de imagens para explicar essas diferenças. Como afirma Shimon:

[...] sendo texto literário, tudo deve ser descrito em palavras e fazer com que o leitor consiga formar uma imagem plausível daquilo que foi apresentado. Nesses momentos, penso se não seria possível introduzir ilustrações em textos literários, como costuma ocorrer nas publicações japonesas e, também, em textos técnicos no Brasil, pois isso facilitaria imensamente os trabalhos de tradutores, bem como a compreensão dos leitores. (SHIMON, 2006, p. 104)

No entanto, essa escolha ainda não é levada em consideração nas traduções comerciais do mercado editorial brasileiro, de modo que uma tradução, para ser publicada, tem que levar em conta essa dificuldade.

As tabelas a seguir trazem os oito trechos selecionados para a discussão de questões mais pontuais de tradução. Elas são organizadas em três colunas: na primeira, o trecho do TF; na segunda, a versão final da minha tradução; na terceira, meus comentários em relação a esse trecho. Esses comentários foram feitos à época da segunda fase de revisões, ou seja, na confecção da versão final. Esse comentário inicial foi mantido na tabela, de modo que comentários adicionais virão no corpo do texto. Os trechos estão organizados na ordem em que aparecem no conto.

O trecho inicial do conto (Tabela 1) foi traduzido de forma mais domesticadora do que estrangeirizante. Faz sentido, de um ponto de vista do fluxo da narrativa, começar o conto de forma natural, sem estranhamentos ou explicações em notas de rodapé. 玄関 foi traduzido

apenas por “entrada de casa”, por exemplo, ainda que fosse, talvez, importante explicar a diferença entre uma entrada de casa japonesa e brasileira; essa explicação foi feita apenas mais adiante no texto, no entanto, para manter a atenção do leitor no início da história. Como o conto é em primeira pessoa, fiz uma escolha, desde o início, de não ser tão formal com a linguagem da narração no TA, ainda que a narradora-personagem não utilize, no TF, expressões coloquiais. Por isso, escolhas como “correndo”, “podre de bêbado” e “só podia ser”. Na primeira versão, あわただしく foi traduzido por “com um susto”, adjunto adverbial do verbo “acordei”. Relendo o trecho, na segunda fase da revisão, percebi o erro de interpretação: o advérbio se refere à forma como a porta é aberta, e não à forma como a personagem acorda. Assim, isso foi mudado na versão final para “que abria correndo”.

Tabela 1— TF, TA e comentários do trecho inicial do conto

あわただしく、玄関をあける音が聞えて、私はその音で、眼をさしましたが、それは泥酔の夫の、深夜の帰宅にきまっているのでございますから、そのまま黙って寝ていました。 (DAZAI, 1991, p. 410)	Acordei com o barulho de alguém que abria correndo a porta da entrada de casa. Não falei nada, no entanto, e resolvi nem levantar. Só podia ser meu marido, voltando para casa podre de bêbado no meio da noite.	A frase que inicia o conto ajuda a dar uma ideia da relação dos dois, de certa indiferença e desprezo da esposa pelos hábitos boêmios do marido. “Que abria” estava “abrindo” na primeira versão: foi alterado para evitar dois gerúndios consecutivos. 泥酔 foi traduzido por “podre de bêbado” por ajudar nesse contexto. きまっている indica a conclusão da esposa em relação à situação e também a causa da sua decisão de não levantar. Pareceu mais natural, na ordem frasal de PT-BR inserir a consequência antes da causa/conclusão. Por uma questão de fluidez da frase, preferi excluir conectivos (presentes na primeira versão), deixando implícita a causalidade entre as duas frases.
--	---	--

(Fonte: elaborada pelo autor)

No segundo trecho analisado (Tabela 2), uma dificuldade foi a linguagem mais coloquial e agressiva utilizada na fala das personagens no TF; nas partes seguintes do conto, as falas são em grande parte mais formais e educadas, por ser um contexto mais social. Nesse trecho, graças à velocidade das ações sendo descritas na cena e à situação de confronto, as personagens falam de forma menos controlada, e a linguagem reflete isso. Tive dúvidas em relação à melhor maneira de representar uma linguagem equivalente no TA, nesse trecho e nos outros da mesma cena (utilizei, por exemplo, numa frase que não está nesse trecho, a palavra “merda”, depois de muito hesitar).

A faca e a capa tinham sido traduzidas, na primeira versão, de forma equivocada: tanto “canivete” quanto “casaco” são representações bem diferentes dos objetos em questão, e só após uma pesquisa vocabular em relação a essas palavras consegui entender a diferença para traduzir melhor. Keene traduz esses termos por *knife* e *inverness coat* (KEENE, 1994, p. 400). Usei “faca”, substituindo o “canivete” da primeira versão por uma escolha mais próxima da de Keene. Já o *inverness coat* é, pelo menos no nome, um *coat*. A frase de Keene é *flapping the*

sleeves of his coat (KEENE, 1994, p. 400), e, ainda que o TF traga 袖, “manga”, é uma representação japonesa de manga — mais larga e aberta — daí a referência às asas de um corvo. Pela minha pesquisa, entendi que o melhor termo seria capa, pois nem todas as imagens que eu achei possuíam mangas e mesmo as que possuíam seriam, em português, chamadas mais de capas do que de casaco. Por isso, mudei também “mangas” para “pontas”, para reforçar a ideia das asas de um corvo. Aqui, novamente, a ideia do uso de imagens para a explicação se faz presente, pois foi apenas ao ver a imagem desses objetos que consegui entender o que de fato eram, e a definição encontrada nos dicionários consultados não foi suficiente. A consulta foi feita em um dicionário ilustrado inglês-japonês (PHEBY; MIYAMOTO, 1997) e por meio de uma busca de imagens pelo termo no Google. Nesse caso e em outros encontrados, essa foi a estratégia mais eficiente para resolver dúvidas em relação ao vocabulário.

Tabela 2— TF, TA e comentários do segundo trecho analisado

「おっと、そいつあいけない」 男のひとは、その夫の片腕をとらえ、二人は瞬時も合いました。 「放せ！ 刺すぞ」 夫の右手にジャックナイフが光っていました。そのナイフは、夫の愛蔵のものでございまして、たしか夫の机の引出しの中にあつたので、それではさっき夫が家へ帰るなり何だか引出しを掻きまわしていたようでしたが、かねてこんな事になるのを予期して、ナイフを捜し、懷にいていたのに、違いありません。 男のひとは身をひきました。そのすきに夫は大きい鴉のように二重廻しの袖をひるがえして、外に飛び出しました。 (DAZAI, 1991, p. 415)	— Pegue ele! O homem conseguiu agarrá-lo pelo braço e os dois se digladiaram por algum tempo. — Me solta! — gritou meu marido, ameaçando-o com uma faca que brilhava em sua mão esquerda. Era uma lâmina de família, um tesouro para ele, que a deixava sempre guardada na gaveta de sua escrivaninha. Era isso que ele estava buscando em suas gavetas, ao chegar em casa. Certamente tinha previsto que algo poderia acontecer e voltado para casa com o intuito de buscar a arma. Procurara correndo entre suas gavetas e a escondera no bolso. O homem se esquivou e, nesse meio tempo, meu marido, dobrando as pontas de sua capa como as asas de um corvo, fugiu correndo para a rua.	A primeira fala é da mulher do dono do restaurante, avisando-o de que o Sr. Ootani estava fugindo. “Cuidado!” foi uma primeira opção, depois pensei em “Atenção!”, ou “Olhe!”, mas acabei decidindo por “Pegue ele!”, por sentir que passa melhor a ideia da cena. No calor da briga, Sr. Ootani utiliza um imperativo coloquial, que soa agressivo nesse contexto. Busquei expressões que passassem melhor essa ideia em português. “Te furo!” me pareceu bom, mas abandonei por soar quase caricato. “Me solta! Vou te cortar!” estava na primeira versão. Acabei preferindo tirar a ameaça da voz do personagem e colocá-la na narração, pois soou mais natural em português. ジャックナイフ indica uma faca cuja lâmina se dobra para dentro do cabo. Em uma versão inicial utilizei canivete, mas esse termo em português indica um instrumento com vários outros tipos de lâminas, e esse só tem uma, então preferi o termo faca mesmo. A primeira versão trazia ‘quimono’ no lugar de “capa”. Mudei para ‘dobrava as mangas de seu casaco’, pois indica uma vestimenta de origem europeia (um <i>inverness coat</i>), ainda que provavelmente em uma versão japonesa. Como esse tipo de casaco não tem manga, e funciona como uma capa ou pequeno sobretudo, acabei preferindo a forma como está na versão final.
--	--	---

(Fonte: elaborada pelo autor)

O terceiro trecho (Tabela 3) é um pouco mais longo e traz mais diferenças em relação ao vocabulário específico da CF. Tanto *shôji* quanto *fusuma* poderiam ser traduzidos por “porta de correr”, mas o TF faz uma diferenciação entre o estado de cada um e, para compreendê-la, o leitor precisaria entender essa diferença. Embora eu entendesse a diferença e a descrição do estado de cada um deles no TF, tive dificuldade na tradução desse trecho. Fiz uma pesquisa mais aprofundada para compreender melhor a estrutura de cada tipo de porta de correr, os usos e hábitos relacionados a cada uma, e acho que, na versão final, cheguei a uma boa solução. Keene traz *mat* para tatame, *paper door* para 障子 e *storage closet* para 襖 (1994, p. 401). Comparando com sua tradução, que não me parece transmitir uma representação eficiente da cena no TF, acho que a escolha estrangeirizante com notas de rodapé é acertada. Mesmo assim, acho que o texto das notas que explica essas duas palavras no TA (ainda que detalhado) talvez não dê uma ideia clara do que é cada uma delas. Aqui também, ecoando a sugestão de Shimon (2006), seria necessário acrescentar uma nota ilustrada para uma compreensão mais detalhada da cena descrita.

A palavra “tatame” aparece sem notas nesse trecho, mas vem com nota mais adiante, quando o patrão dá a área de seu restaurante em tatames. A diferença é que aqui a personagem referencia o tatame como objeto, e esse uso é comum na LA (a palavra inclusive já foi dicionarizada em português); no trecho em que a nota foi inserida, o homem usa o tatame como unidade de medida; por isso, a necessidade da nota lá e não aqui. Esse segundo uso é perdido por Keene em sua tradução, que traduz apenas por *little restaurant* (KEENE, 1994, p. 402), excluindo a referência à área. Minha escolha mesclou as duas estratégias: citei a área em tatames, com uma nota de rodapé convertendo essa unidade para o sistema decimal, e mantive o adjetivo relativo ao restaurante, presente também no TF.

A formalidade de Satchan ao cumprimentar novamente o casal e pedir desculpas pelo marido é difícil de ser transmitida na LA, mas é representativa da tentativa da personagem de consertar os erros de seu marido. Por isso, escolhi nesse trecho uma estratégia mais estrangeirizante — um estranhamento nesse contexto chama atenção para a diferença no peso que um pedido de desculpas tem em cada cultura.

Tabela 3— TF, TA e comentários do terceiro trecho analisado

男のひとがさきに、それから女のひとが、夫の部屋の六畳間にはいり、腐りかけているような畳、破れほうだいの障子、落ちかけている壁、紙がはがれて中の骨が露出している襖、片隅に机と本箱、それもからっぽの本箱、そのような荒涼たる部屋の風景に接して、お二人とも息を呑んだような様子でした。 破れて綿のはみ出ている座蒲団を私はお二人にすすめて、 「畳が汚うございますから、どうぞ、こんなものでも、おあてになって」 と言い、それから改めてお二人に御挨拶を申しました。 「はじめてお目にかかります。主人がこれまで、たいへんなご迷惑ばかりおかけしてまいりましたようで、また、今夜は何をどう致しました事やら、あのようなおそろしい真似などして、おわびの申し上げ様もございませぬ。何せ、あのような、変った気象の人なので」 と言いかけて、言葉がつまり、落涙しました。 (DAZAI, 1991, p. 417-418)	Primeiro o homem, e então sua mulher, entraram no escritório de meu marido. Um cômodo de seis tatames. Seis tatames carcomidos, com o <i>shôji</i> todo rasgado, a tinta das paredes descascando e o <i>fusuma</i> com o papel descolando e deixando à vista sua estrutura interna. Em um canto, a escrivaninha e caixas de livro vazias. Ao se depararem com um cenário tão decadente, os dois pareceram prender a respiração. — O tatame está sujo, por favor, sentem nisso aqui. — disse, alcançando umas almofadas rasgadas, com partes do algodão saindo pelos furos. Cumprimentei-os novamente. — Muito prazer em conhecê-los. Meu marido só lhes causou incômodo até agora, e nem sei bem o que foi que fez hoje, comportando-se daquela forma horrível, sem ter sequer pedido desculpas. Ele é uma pessoa muito excêntrica. — dizendo isso, eu não pude conter as lágrimas.	A descrição da decadência do cômodo da casa é complicada, pois envolve muitos marcadores culturais. Tatame estava em itálico com transcrição do japonês, <i>tatami</i>. Foi alterado para a escrita portuguesa para facilitar a leitura — a palavra já está lexicalizada. Na primeira versão, a descrição da parede estava no final da frase. Mudei para o meio, pois mantinha a posição em que aparece no TF e também para separar mais as notas de rodapé. Tanto o <i>shôji</i> quanto o <i>fusuma</i> são portas de correr. <i>Shôji</i> é a porta de correr externa, feita de papel <i>washi</i> japonês bem fino, que deixa a luz passar, e com uma grade de madeira. O <i>fusuma</i> é uma porta de correr interna, entre cômodos ou em armários embutidos, feitas de um papel grosso e opaco de cima a baixo, sem a grade de madeira. Por isso, o <i>fusuma</i> tem um esqueleto de madeira que fica escondido pelo papel. Ao contrário do <i>shôji</i>, essa estrutura só é vista quando o papel de fora rasga. Na estrutura de grade do <i>shôji</i>, as células individuais do papel, ao contrário do <i>fusuma</i>, podem ser trocadas individualmente. O cumprimento usa estruturas formais e de respeito, inclusive no pedido de desculpas. Em uma versão anterior, citei “o mesmo comportamento horrível de sempre”, adição minha que acabei tirando, tentando manter mais próximo da fala natural em japonês da personagem. Por ser um pedido de desculpas mais formal e essa formalidade me parecer um aspecto cultural importante, a estratégia estrangeirizante pareceu mais correta quando revisei para a versão final. Entendi, também, nessa segunda leitura, que ela não se desculpa explicitamente, apenas reclama que seu marido não o tenha feito — isso também foi corrigido. “Ele é uma pessoa muito excêntrica” tinha sido traduzido, na primeira versão, de forma mais literal “Ele tem uma disposição esquisita”. Na segunda fase da revisão, isso me soou muito artificial, por isso a mudança.
--	---	--

(Fonte: elaborada pelo autor)

Maior dentre os trechos analisados, o quarto (Tabela 4) traz uma dificuldade adicional, que é a sutileza das diversas informações que ficam subentendidas. A afirmação do patrão sobre o caso de sua mulher e a conclusão de Satchan de que esse caso fora Ootani estão implícitas no TF, mas de uma forma clara (ainda que só fiquem explícitas quando a narradora pergunta sobre isso para o marido). Essa informação fica subentendida no TF, mas é mais fácil de entendê-la, pois tanto a LF como a CF conseguem transmitir mais conteúdo a partir do contexto; já no TA, por uma característica da LA e da CA, essa informação, dessa maneira sutil, quase não é depreendida. Fica difícil entender de que traição o patrão está falando e, por isso, também é difícil saber o que Satchan entendeu naquele momento. Pensei em deixar a conclusão de Satchan mais clara, mas acabei preferindo uma estratégia mais sutil para esse trecho. Aqui, a informação ficou apenas subentendida e vai ficar explícita só mais adiante, quando ela confronta o marido sobre o caso.

Da mesma forma, a surpresa do cliente ao imaginar que Satchan tinha um filho e a pressa da patroa em mentir sobre isso não estão tão sutis no TF, mas foram difíceis de transmitir para o TA. A patroa pensa que uma garçonete nova e solteira atrairia mais público para seu restaurante, e resolve mentir para tentar manter o interesse daqueles clientes e de clientes futuros. A ideia de que Satchan estaria solteira vem da linguagem que ela utiliza com eles — quando vê a criança, o cliente apaixonada fica em dúvida em relação a isso; por isso sua surpresa. A linguagem direta e levemente vulgar dos clientes em suas piadas não é um problema quando eles falam, mas, quando é igualada pela narradora, causa uma impressão forte, no TF, sobre sua personalidade — motivo pelo qual, mais adiante, outro cliente se refere a ela por “sem vergonha”. A expressão まけずに indica que a personagem resolveu usar a mesma linguagem vulgar para não sair perdendo na piada que eles faziam com ela, aceitando a comparação com cavalos, comparando-se com o preço menor de uma égua. O outro cliente, surpreso, nega que ela mereça um preço menor no contexto do “Japão do futuro”, e assim, de certa forma, Satchan de fato parece sair ganhando, pois, como mulher, foi posta em igualdade com os homens. É um trecho que revela bastante sobre a personalidade forte da narradora, que se impõe, recusa o papel de vítima das piadas dos homens, e, no fim, acaba conseguindo o que queria — a atenção deles, mas nos seus termos, com reconhecimento.

Para entendermos a piada que o cliente faz e a resposta que Satchan dá, é necessário entender a frase do patrão sobre quanto Satchan lhe custara. Por ser importante, foi uma frase mais difícil de traduzir. Minha interpretação foi de que ela, ao estar trabalhando para pagar as dívidas do marido, valeria dinheiro para o patrão; no entanto, uma tradução mais literal da fala dele seria “Não a seduza, pois ela tem um corpo que custa dinheiro”. Traduzi tendo em vista minha interpretação, mas, como consta no comentário da Tabela 4 acima, a falta de certeza em relação a essa interpretação dificultou a escolha tradutória final. Quando o cliente fala “Conseguiram dinheiro, também!”, como resposta à informação sobre o casal ter conseguido um herdeiro, parece-me uma referência ao dinheiro que o patrão disse que Satchan vale: eles conseguiram, além do herdeiro, Satchan como funcionária, e ela tem ser valor por ser bonita e atrair clientela. Keene traduz essa fala por *What'll you leave him, beside your money?* (KEENE, p. 409). A interpretação dele é bem diferente da minha nesse trecho. “O

que vão deixar para seu herdeiro?” não me parece ser a tradução dessa frase nesse contexto, e talvez Keene tenha feito uma escolha mais pessoal, se afastando do sentido do TF. Ainda assim, como Keene é uma figura de autoridade no contexto da tradução literária do japonês, acho que essa diferença é parte da causa de minha insegurança em relação à tradução desse trecho.

Tabela 4— TE, TA e comentários do quarto trecho analisado

「や、美人を雇いやがった。こいつあ、凄い」 と客のひとりが言いました。 「誘惑しないで下さいよ」とご亭主は、まんざら冗談でもないような口調で言い、「お金のかかっているからですから」 「百万ドルの名馬か？」 ともうひとりの客は、げびた洒落を言いました。 「名馬も、雌は半値だそうです」 と私は、お酒のお燗をつけながら、負けずに、げびた受けこたえを致しますと、 「けんそんするなよ。これから日本は、馬でも犬でも、男女同権だってさ」と一ばん若いお客が、呶鳴るように言いまして、「ねえさん、おれは惚れた。一目惚れだ。が、しかし、お前は、子持ちだな？」 「いいえ」と奥から、おかみさんは、坊やを抱いて出て来て、「これは、こんど私どもが親戚からもらって来た子ですの。これでもう、やっとな私どもにも、あとつぎが出来たというわけですね」 「金も出来たし」 と客のひとりが、からかいますと、ご亭主はまじめに、 「いろも出来、借金も出来」と呟き、それから、ふいと語調をかえて、「何にしますか？ よせ鍋でも作りましょうか？」 と客にたずねます。私には、その時、或る事が一つ、わかりました。やはりそうか、と自分でひとり首肯き、うわべは何気なく、お客にお銚子を運びました。 (DAZAI, 1991, p. 438-439)	— Nossa! Vocês contrataram uma beleza! — disse um dos fregueses. — Ela é magnífica! — Por favor, não a seduza. — disse o senhor, agora meu patrão, entre brincando e falando sério. — Ela vale muito dinheiro. — É um cavalo de um milhão de dólares, então? — brincou o outro freguês, em um tom vulgar. — Dizem que éguas sempre custam a metade! — respondi, igualmente vulgar, enquanto aquecia o saquê. — Ora, não seja modesta! — gritou o mais jovem. — O Japão do futuro é um país de igualdade de sexos, seja para cavalo ou cachorro. Querida, estou apaixonado! É amor à primeira vista. Se bem que... aquele menino é seu filho? — Não, não. — me interrompeu a senhora, saindo do quarto dos fundos com o menino no colo — Esse menino é de uns parentes do interior, que estamos criando. Finalmente conseguimos alguém que continue nossa loja. — Conseguiram dinheiro, também! — brincou o outro cliente. — E uma traição, além das dívidas. — murmurou o patrão, amargamente. Mudando rápido de tom, perguntou — E o que vão querer? Que tal um refogado? Foi então que eu entendi. “Ah, é isso”, pensei comigo mesma, mantendo uma aparência inocente, enquanto levava a garrafa de saquê para os fregueses.	Na primeira versão, “Ela me custou muito dinheiro” não deixava claro o suficiente a piada que é feita adiante na conversa. 名馬 foi traduzido por puro-sangue, ainda que não seja exatamente o significado da expressão, que denomina qualquer cavalo famoso. Pensei em usar alguma expressão de turfe, como poule de dez, mas desisti, por serem expressões desconhecidas. Além disso, a expressão em japonês não denota necessariamente corrida de cavalos. Escolhi apenas cavalo, e apenas égua na frase seguinte. Preferi “Do futuro” a “daqui pra frente”, que aparecia na primeira versão. É menos literal, mas me pareceu mais de acordo com o resto da fala da personagem. “Querida” foi a tradução para ねえさん, que, embora signifique literalmente ‘irmã mais velha’ é usado para se referir a uma mulher jovem como forma de tratamento. Também, em uma versão anterior, constava “Aquele é seu filho?”, que me pareceu facilitar a compreensão da atitude da senhora na fala seguinte. No entanto, preferi manter assim, e alterar a fala dela adiante. Não havia referência a ela sendo interrompida e a frase “Essa é a criança que ganhamos de uns parentes do interior. Finalmente temos um herdeiro” ficou da forma como está ao lado. Essa referência imagino que seja ao dinheiro que o senhor diz que a Sra. Ootani vale. Ainda não estou satisfeito, pois não sei se dessa forma fica compreensível e, talvez mais que isso, não tenho confiança na minha interpretação dessa fala. Ele dá a entender aqui que sua mulher teve um caso com o Sr. Ootani. いろ nesse caso significa um amante, mas preferi o termo traição, pois quem teve o amante não foi o senhor, e sim sua mulher — o que ele ganhou com o Sr. Ootani foi a traição e as dívidas causadas pelo roubo do dinheiro. A Sra. Ootani percebe isso quando ouve o senhor murmurando. Isso fica subentendido em japonês, e tentei manter da mesma forma, pois só será explicitado mais tarde.
---	--	---

(Fonte: elaborada pelo autor)

A primeira referência que Satchan faz ao seu estupro aparece no quinto trecho (Tabela 5). Fiz algumas escolhas mais pessoais nessa parte da tradução. A primeira é no que se refere à organização dos parágrafos do TF. A transposição das duas frases iniciais para parágrafos diferentes me pareceu mais bonita, por questão de estilo, e eu as deixei assim, apesar de não ser o que o TF trazia. Na minha interpretação, a frase em que ela desafia deus a se mostrar se liga tanto ao parágrafo anterior quanto à cena seguinte, de modo que achei a mudança válida.

Outra escolha que difere da organização do TF foi a forma como a explicação sobre o senhor Yajima aparece. A frase do TF é complicada, e eu achei melhor alterar bastante a ordem sintática para algo mais natural na LA. A informação sobre quem ele era e de onde ela o conhecia ficou entre parênteses, para dar a ideia de que é apenas um adendo; colocando entre vírgulas, pareceu se relacionar mais com o resto de sua narração; por isso, escolhi separar dessa forma. Coloquei a mais, também, um exagero na narração: no japonês, 生活費 significa algo como “custo de vida”, um auxílio financeiro para gastos cotidianos, que não achei que ficava natural; a escolha de “para não morrermos de fome” mostra melhor a negligência de Ootani e os sentimentos de Satchan em relação a isso.

A escolha de colocar a fala sobre Satchan de forma direta também é diferente do que consta no TF. Da forma indireta como aparece no japonês, a fala toda não está na voz de um personagem só, e fica claro que os dois estão conversando sobre o trabalho no restaurante. Colocando de forma direta, por um lado, perde-se a ideia da conversa; por outro lado, fica mais claro o tom de provocação que a conversa tinha. É bem diferente do TF, mas me pareceu uma escolha boa para o TA naquele contexto.

Por fim, nesse trecho é relevante a referência ao estupro — e as mudanças que eu fiz em relação a isso no TA. Na CF, se comunica mais com menos: sutilezas têm significado e todos os aspectos do contexto pesam muito na interpretação de um discurso; na CA, isso não é tão frequente, sendo mais comum a informação ser dita de forma mais direta. No caso, o TF diz, literalmente, “fui manchada por um cliente do restaurante”. A voz passiva e o eufemismo não soaram como boas escolhas para mim, ainda que, no caso de um estupro, talvez o mais frequente seja, mesmo na CA, o uso de eufemismos; eu, no entanto, preferi explicitar de forma direta a usar “fui abusada” ou “fui violentada”. Não acho, nesse caso, que seja uma escolha relacionada aos conceitos de domesticação ou estrangeirização; é um afastamento da CF que não necessariamente se aproxima da CA. É uma preferência pessoal do tradutor. Quis enfatizar, com o uso claro da palavra “estupro”, a força da personagem e, para mim, não me parecia que suavizar esse acontecimento fosse representativo dessa força; além disso, fiz questão de botar o homem como agente (também sintático) do crime.

Tabela 5— TF, TA e comentários do quinto trecho analisado

神がいるなら、出て来て下さい！ 私は、お正月の末に、お店のお客にけがされました。 その夜は、雨が降っていました。夫は、あらわれませんでした。夫の昔からの知合いの出版のほうの方で、時々私のところへ生活費をとどけて下さった矢島さんが、その同業のお方らしい、やはり矢島さんくらいの四十年配のお方と二人でお見えになり、お酒を飲みながら、お二人で声高く、大谷の女房がこんなところで働いているのは、よろしくないとか、よろしいとか、半分は冗談みたいに言い合い、私は笑いながら、 「その奥さんは、どこにいらっしゃるの？」 [...] (DAZAI, 1991, p. 450)	Deus, se você existe, mostre-se! No fim das festas de ano novo, um cliente do restaurante me estuprou. Era uma noite de chuva. Meu marido não tinha aparecido na loja. Um conhecido dele, sr. Yajima (um dos editores que nos dava dinheiro antigamente, para não morrermos de fome), estava com um outro senhor, de uns quarenta anos, que parecia também ser editor. Estavam me olhando e bebendo, e depois de um tempo começaram a gritar: — A mulher de Ootani está trabalhando num lugar como esse, não sei se isso é bom ou ruim. Pareciam estar brincando, por isso respondi, rindo: — E onde estaria esta senhora?	As duas primeiras frases estão no mesmo parágrafo em JP. Resolvi separá-las para que a primeira servisse tanto de conclusão das observações do parágrafo anterior como de introdução para o seguinte. Como a frase que apresenta o Sr. Yajima é muito entrecortada em JP, resolvi organizar com parênteses em PT-BR. A frase dita por ele vem no texto japonês de forma indireta. Tentei inicialmente traduzir desta forma, mas não consegui fazer isso de forma que soasse natural em PT-BR, então acabei decidindo por uma citação direta. お客にけがされました, na forma passiva, marca o cliente como o agente do verbo, que significa sujar ou manchar, tanto denotativa como conotativamente (um tecido ou a honra de alguém). Nesse contexto (narradora mulher, voz passiva), também pode significar abusar, estuprar. Talvez esteja um pouco mais sutil em JP do que a forma que usei em PT-BR, mas achei melhor nesse trecho usar uma estratégia mais domesticadora para traduzir. Usar “fui abusada” ou algo semelhante me pareceria estar disfarçando o estupro. Isso se deve tanto a uma questão de diferença cultural quanto a uma questão pessoal ou política, mas não sinto que o fato deva ser disfarçado. Prefiro colocar o homem como sujeito do verbo, e não a mulher como passiva. Por outro lado, acho que admitir o estupro diretamente, passando para a narração quase casual de seu dia, está de acordo com a personalidade forte da personagem.
--	--	---

(Fonte: elaborada pelo autor)

O sexto trecho analisado (Tabela 6) traz uma cena que faz eco à abertura do conto: Satchan acorda de noite com o barulho de alguém na entrada de sua casa e, concluindo que é seu marido, resolve nem levantar da cama. No entanto, desta vez não é o marido, e sim o homem que tinha dado uma carona para ela em seu guarda-chuva. O TF, embora descreva a mesma cena, o faz de forma levemente diferente; acho que consegui o mesmo efeito no TA. Nesse caso, ao contrário do início, achei que valia a pena citar a porta de correr, ainda que não esteja no TF, já que a onomatopeia utilizada deixa implícita a ideia do barulho dessa porta, bem diferente do barulho que faz uma porta ocidental ao ser aberta. A frase que o homem diz ao chamar o senhor Ootani começa com uma estratégia domesticadora e termina com uma

estratégia um pouco mais estrangeirizante. Traduzi a mesma expressão ごめんください de formas diferentes: no início, “ó de casa” soa mais coloquial; no fim, “com licença, por favor” soa mais formal. Essa mudança se deu na segunda fase da revisão, para evitar a repetição em “Com licença, senhor Ootani, com licença, por favor”, uma fala que me pareceu chorosa e insistente. Apesar de serem a mesma frase no TF, achei que evitar essa repetição funcionaria melhor estilisticamente; além disso, a mistura de registros na fala do homem ajudou a passar a ideia de que ele estava bêbado.

Tabela 6— TF, TA e comentários do sexto trecho analisado

深夜、がらがらと玄関のあく音に、眼をさましたか、れいの夫の泥酔のご帰宅かと思ひ、そのまま黙って寝ていましたら、 「ごめん下さい。大谷さん、ごめん下さい」 という男の声が致します。 (DAZAI, 1991, p. 453)	No meio da noite, acordei com o barulho de alguém abrindo a porta de correr da entrada de casa. Como sempre, deveria ser meu marido bêbado voltando tarde para casa, então não disse nada e continuei deitada. — Ó de casa, senhor Ootani, com licença, por favor... — disse a voz de um homem.	Esse trecho, na parte final do conto, espelha a frase inicial. がらがら(と) é uma onomatopeia que indica, nesse contexto, o barulho de arrastar ou bater uma porta de correr ao abrir ou fechar. A informação sobre a porta de correr não está presente no japonês, pois não é necessária nesse contexto cultural. Em PT-BR, a não-inclusão dessa informação dá a ideia de uma porta com dobradiças, então incluí a diferenciação por parecer relevante. No trecho anterior, isso não foi feito por dois motivos: 1: essa diferença não se fazia tão necessária naquele contexto e; 2: para evitar a cacofonia com ‘correndo’, que me pareceu uma boa escolha para a cena. De resto, o desprezo e a indiferença da cena inicial também estão refletidos nessa cena. A esposa toma a mesma atitude da cena inicial; no entanto, não é seu marido que entra na casa.
---	---	--

(Fonte: elaborada pelo autor)

O sétimo trecho é um trecho curto e foi selecionado porque traz a segunda e última referência que a narradora faz a seu estupro (Tabela 7). Novamente, a forma utilizada no TF foi um eufemismo na voz passiva; novamente, eu preferi explicitar a ação do estupro e colocar o homem como agente. O mesmo que já comentei sobre isso cabe aqui também: talvez essa estratégia não seja a mais natural para descrever um estupro na LA. Ainda assim, escolhi me afastar do TF e do esperado na CA, para não naturalizar o estupro nem desviar a culpa do responsável, ao mesmo tempo em que demonstro, nessa escolha, a força da narradora-personagem. Substituí um adjunto adverbial por outro: あっけなく virou “sem hesitação”. Não é uma equivalência semântica, mas, como explicado no comentário, não achei boas as escolhas mais literais encontradas para a palavra no TF, então resolvi desviar um pouco dele. Depois disso, acho que consegui, no TA, manter a casualidade com que Satchan segue sua vida imediatamente após o estupro.

Tabela 7— TF, TA e comentários do sétimo trecho analisado

「すみません。ああ酔った」 と苦しそうに小声で言い、すぐにそのまま式台に寝ころび、私が寢床に引返した時には、もう高い鼾が聞こえていました。 そうして、その翌日のあけがた、私は、あっけなくその男の手にいれられました。 その日も私は、うわべは、やはり同じ様に、坊やを背負って、お店の勤めに出かけました。 中野のお店の土間で、夫が、酒のはいったコップをテーブルの上に置いて、ひとりで新聞を読んでいました。コップに午前の陽の光が当たって、きれいだと思いました。 (DAZAI, 1991, p. 454)	— Desculpe, estou bêbado. — respondeu, com dificuldade, logo caindo adormecido no degrau da entrada da casa. Quando voltei para minha cama para dormir, conseguia ouvir seus roncos. Na manhã seguinte, ao nascer do sol, ele me estuprou sem hesitação. Naquele dia também, como se nada tivesse acontecido, saí para trabalhar no restaurante com o menino. Meu marido estava nas mesas de fora, com um copo de saquê, bebendo sozinho e lendo o jornal. A forma como o sol da manhã brilhava refletido na bebida me pareceu muito bonita.	Aqui, novamente, preferi explicitar o estupro, domesticando a sutileza com que a personagem narra no JP. 手にいれられました, novamente, está na forma passiva. あっけなく indica uma surpresa ou insatisfação em relação ao não cumprimento de uma expectativa. Isso também me parece um advérbio estranho para ser utilizado com o ato de ser estuprada e as opções “surpreendentemente fui estuprada”, “infelizmente fui estuprada”, “frustrantemente fui estuprada” me parecem todas escolhas muito ruins. O estupro inclui necessariamente essas ideias. De novo preferi colocar o homem como sujeito da ação. O “sem hesitação” foi adição minha, para substituir o adjunto adverbial do JP (ainda que, no original, seja, como expliquei, bem diferente). Sem descrever mais nada em relação a isso, ela volta a narrar seu dia, a cena final do conto, em que conversa com seu marido de forma casual. Acho que esta casualidade está presente na tradução. Refleti o sol na bebida, ao invés de no copo, como está no TF, pois me pareceu fazer mais sentido— e não queria repetir a palavra tão cedo no texto.
--	--	--

(Fonte: elaborada pelo autor)

O oitavo trecho (Tabela 8) é o final do conto, quando vemos a mudança de Satchan. É um trecho curto, e, por ser a última frase tão conclusiva da história toda, muito difícil de traduzir. Pensei em diversas alternativas para essa frase final, da mais domesticadora à mais estrangeirizante, e várias opções entre elas. A solução final me soa bem natural na LA e ao mesmo tempo próxima do TF. “Não seria bom ser uma pessoa desumana? Se apenas seguirmos vivendo, está tudo bem”, talvez a opção mais estrangeirizadora, ficou muito próximo da sintaxe do original e o sentido acabou se perdendo. “Deixa eles falarem, e vamos só seguir vivendo” soou natural, mas tão domesticadora que não pareceu combinar com o resto do texto; além disso, não quis terminar o conto com uma fala tão positiva. A fala final dela é ambígua, demonstrando algo entre crescimento pessoal e conformismo com a vida, e eu queria manter essa ambiguidade no TA. Isso, além do peso de ser a frase que fecha o conto, contribuiu para a dificuldade dessa escolha. A primeira versão trazia a frase “Não é questão de ser uma pessoa desumana, e sim de apenas seguir vivendo”. A troca de “pessoa desumana” por “monstro” se deu na segunda fase da revisão: mudei a fala de Ootani e isso teve de ser mudado também na fala de Satchan. “Monstro” me pareceu mais direto e menos literal do que a

primeira versão, e uma estratégia mais domesticadora pareceu fazer mais sentido nesse contexto.

Tabela 8— TF, TA e comentários do oitavo e último trecho analisado

私は格別うれしくもなく、 「人非人でもいいじゃないの。私たちは、生きていさえすればいいのよ」 と言いました。 (DAZAI, 1991, p. 456)	Suas palavras não me deixaram particularmente feliz. — Pouco importa que o chamem de monstro — respondi —, o importante é seguir vivendo.	O que ela diz, mais literalmente, seria algo tipo “Não seria bom ser uma pessoa desumana? Se apenas seguirmos vivendo, está tudo bem”. Pela fala anterior dele, me parece que o que ela quer dizer é que, independente de ele ser ou não uma pessoa desumana, ser chamado disso não é um problema, os outros pensarem e dizerem isso dele não é um problema e o que importaria seria eles conseguirem seguir vivendo independente disso. “Ainda que te chamem assim, não está tudo bem? Se conseguirmos seguir vivendo, não está tudo bem?”, indicando a repetição de いゝ no TF, foi uma alternativa na qual pensei, mas optei pela opção menos literal. Por fim, acabei mudando pessoa desumana, da primeira versão, por monstro, na fala de Ootani do trecho anterior, e essa mudança se refletiu nesse trecho também.
--	--	--

(Fonte: elaborada pelo autor)

A análise desses oito trechos possibilita fazer algumas afirmações gerais sobre o processo de tradução do conto. Percebe-se que, entre esses trechos, as maiores dificuldades aparecem não nos aspectos propriamente linguísticos do texto, e sim nos aspectos referentes às diferenças culturais, tanto físicas (roupas, elementos arquitetônicos, culinária) quanto abstratas (hábitos, convenções, perspectivas). Para o primeiro caso, em que é difícil descrever com clareza um objeto e seu uso na CF, a sugestão de Shimon (2006) de inserção de ilustrações explicativas (seja em glossário no final ou em notas de rodapé) nos parece ser mais resolutiva; para o segundo caso, a explicação, em nota de rodapé, desse aspecto parece ser o suficiente (como é o caso da vontade de se passar o negócio da família adiante para um herdeiro) — podendo mesmo prescindir dessa explicação (como foi o caso da percepção que a linguagem mais vulgar causa na voz de uma mulher).

Para o primeiro caso, em não havendo a possibilidade de se usar ilustrações explicativas, utilizei duas opções: substituir o termo por um equivalente ou explicá-lo em notas de rodapé. A primeira opção foi escolhida quando o termo não tinha tanto destaque na história e uma eventual nota de rodapé acabaria mais desviando da narrativa do que a explicando. É o caso, comentado inicialmente, do bolinho de arroz: apesar de a substituição significar alteração do valor do termo entre o TF e o TA, essa mudança não é tão relevante e soou melhor do que a alternativa da nota de rodapé naquele contexto. Já quando o termo é mais importante para a

compreensão da cena (no caso, por exemplo, do *shôji* 障子 e do *fusuma* 襖), preferi utilizar a nota de rodapé. A explicação, no entanto, precisa ser suficiente para que a importância no TF fique clara no TA — se não for, seria melhor pensar em outra estratégia. Notas desse tipo, por causa dessa necessidade, acabaram ficando maiores.

No caso das diferenças culturais mais abstratas, as estratégias foram a explicação do contexto em nota de rodapé ou a ausência de explicação. Algumas coisas, mais difíceis de serem entendidas sem o conhecimento do hábito ou tradição, precisaram ser explicadas. O caso da mentira da patroa sobre o filho de Satchan é um bom exemplo: entender a tradição de deixar o negócio da família para os descendentes e as formas como casais sem filhos lidavam com isso é essencial para que a mentira da patroa não soe inverossímil e sem propósito. Outras, como o sentido que se percebe de uma mulher falando uma linguagem mais vulgar, pode ser mais facilmente depreendido com a leitura do próprio texto, de modo que essas explicações não se fazem tão necessárias.

Também em relação ao processo de tradução, algumas coisas puderam ser percebidas. As mudanças feitas da tradução inicial para a primeira versão (após a primeira revisão) foram de ordem mais semântica e sintática: adequar palavras e estruturas frasais para garantir que o TA transmitisse mais proximamente o sentido do TF. Para isso, eu voltava frequentemente ao TF durante a revisão, recorria novamente a dicionários e gramáticas; foi uma revisão da tradução em si, corrigindo erros de tradução de palavras, revisando interpretações do TF e mesmo encontrando duas frases que não haviam sido traduzidas. Essa primeira versão pareceu mais estrangeirizante no total. A segunda versão, após uma nova revisão, mais distanciada do período inicial da tradução, acabou se focando mais em aspectos estilísticos do próprio TA, voltando muito menos ao TF e recorrendo menos a dicionários e gramáticas para corrigir erros de tradução propriamente ditos. É uma revisão que lidou mais com a explicação dos aspectos culturais em notas de rodapé e com a reescrita de frases que ainda soavam artificiais na LA. Essa revisão resultou em uma versão final mais domesticada e mais natural que a primeira versão.

Assim, fica clara a importância de o tradutor perceber, durante seu trabalho, a força que sua tradução tem na representação da CF e de, atento a isso, tentar buscar um equilíbrio, no TA, entre a fluidez na LA e o conteúdo do TF. O uso dos conceitos de estrangeirização e domesticação são eficazes não apenas no momento da tradução, mas ao longo do processo de revisão, na escolha das alterações ou manutenções. Também creio que a segunda fase de revisão, com um afastamento temporal maior do processo tradutório inicial, foi vantajosa para a versão final do texto.

REFERÊNCIAS

BRUDNOY, D. *The Immutable Despair of Dazai Osamu*. *Monumenta Nipponica*, v. 23, n. 3/4, 1968, p. 457–474. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2383500>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

KAWANA, K. **Reflexões sobre a mulher no Japão e nos textos de Osamu Dazai**, 2015, 151 fl. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-10032016-131544>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

KEENE, D. (Ed.). **Modern Japanese Literature: an anthology**. Nova Iorque: Grove, 1994.

KEENE, D. **Dawn to the West: Japanese literature of the modern era**. Nova Iorque: Columbia University, 1998.

NAGAE, N. **De Katai a Dazai: apontamentos para uma morfologia do romance do eu**, 2006, 155 fl. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) — Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-14052007-151503/publico/TESE_NEIDE_HISSAE_NAGAE.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

PHEBY, J; MIYAMOTO, A (Ed.). **The Oxford-Duden Pictorial Japanese and English Dictionary**. Oxford: Oxford University, 1997.

SHIMON, M. Tradução de Kyoto: um exercício de reflexão sobre a cultura japonesa. In: **Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Literatura e Cultura Japonesa**, 17, 2006, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: USP, 2006. p. 103–110.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: a history of translation**. Londres: Routledge, 1999.

Como citar este texto (ABNT):

OLIVEIRA, A. Análise da tradução do conto “A mulher de Villon”. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p.27–48, 2017.

NOTAS DE TRADUÇÃO EM DAZAI OSAMU

Autoria: João Eduardo M. Gomes¹

Orientação: Andrei dos Santos Cunha²

INTRODUÇÃO

O primeiro romance de Dazai Osamu traduzido para o português brasileiro foi **Pôr-do-Sol** (*Shayô*, 斜陽). Lançado no Japão em 1947, a obra chegou ao Brasil em 1974, com a tradução de Antonio Nojiri. O segundo — e último até então — romance do autor traduzido para nós foi **Declínio de um Homem** (*Ningen Shikkaku*, 人間失格). Este, lançado no Japão em 1948, chegou ao Brasil apenas em 2015, traduzido por Ricardo Machado. Uma segunda tradução de **Pôr-do-Sol** foi feita por Hiroko Hashimoto da Silva em 2008.

O tradutor Antonio Nojiri contribuiu com a divulgação e o estudo da língua japonesa no Brasil. Foi amigo de escritores japoneses, dentre os quais podemos citar Susumu Miyao, Fumio Oura e Chikako Hironaka. Foi bastante próximo de pintores nipo-brasileiros, e, dessa forma, chegou a participar da segunda fase do Grupo Seibi. Suas traduções foram de grande contribuição para difundir a cultura japonesa no Brasil. Podemos, dentre uma vasta produção, citar como principais: **Poesia japonesa; Sonhos de dez noites; Vida e arte dos japoneses no Brasil; Contos**, de Akutagawa Ryūnosuke; **Contos japoneses**; e o próprio **Pôr-do-sol**³.

Desde a época da tradução de Nojiri até agora, ocorreram mudanças no fazer tradutório. Em especial, trataremos aqui das notas de tradutor (N.T.) presentes nessas três traduções. Em uma definição mais formal de Genette, a nota é “um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento” (2009, p. 281).

Cunha (2016) fala sobre a “norma tradutória”, considerada em seu trabalho como um conjunto de regras do que é aceitável ou não em uma tradução literária em um determinado

¹ João Eduardo M. Gomes é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou no programa voluntário de Iniciação Científica da UFRGS, inserido no projeto de pesquisa “História da Literatura Japonesa em Tradução”, sob coordenação do professor Andrei dos Santos Cunha, do Setor de Japonês da mesma instituição. O presente artigo foi elaborado no contexto dessas atividades. E-mail: <joao.eduardo@ufrgs.br>.

² Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

³ Agradeço ao tradutor Thiago Nojiri, sobrinho-neto de Antonio Nojiri, que complementou as informações sobre seu tio-avô, por comunicação pessoal via e-mail. Agradeço também aos senhores Jo Takahashi e Angel Bojadsen, pela ajuda em obter os contatos necessários para este trabalho. Como sugestão de futuras investigações, devo acrescentar que figuras importantes da história da tradução no Brasil, como Antonio Nojiri e tantos outros, ainda não tiveram sua atuação devidamente reconhecida no mundo acadêmico brasileiro.

lugar e época. O autor ainda comenta que a norma tradutória brasileira aceitava, até os anos 1990, traduções indiretas de literatura japonesa, feitas principalmente do inglês ou do francês. Hoje, no entanto, a norma dá maior preferência a traduções feitas diretamente do idioma em que foram escritas; e alguns exemplares até trazem essa informação estampada. As traduções contempladas aqui foram feitas diretamente do japonês.

Apresento agora a seguinte questão: por que fazer a N.T.? É importante frisar aqui que tratamos das situações em que não há espaços para explicação no próprio texto. Sabemos que o tradutor não deve se empolgar e preencher cada espaço em branco da página. No entanto, quando surgem elementos culturais que o tradutor julga não serem do conhecimento do leitor brasileiro, elaborar uma N.T. pode ser uma boa solução. As outras opções são: a) manter a palavra estrangeira sem qualquer explicação, deixando por conta do leitor ir atrás da informação; b) domesticar o texto substituindo a palavra estrangeira por outro elemento em uso no português brasileiro. Essa segunda solução encontra problemas em casos como, por exemplo, traduzir *omusubi*⁴ simplesmente por “bolinho de arroz”; uma vez que bolinho de arroz tem um significado diferente no Brasil.

É comum a língua de chegada não dar conta de todas as palavras da língua de partida. Não há correspondentes para tudo entre as línguas. Embora não tenha correspondentes, acredito que o leitor precise ter pelo menos uma ideia do que é a palavra ou o referente descrito no texto. É então que entra o tradutor no seu papel de recriador da informação. O tradutor faz uma estimativa aproximada do que ele imagina que deva explicar ao leitor acerca da bagagem semântico-cultural presente em determinadas palavras. A partir disso, ele decide se é ou não necessário criar uma nota para aquele caso.

A tradução de Antonio Nojiri de **Pôr-do-Sol** traz um número maior de N.T. em relação a **Declínio de um Homem**. O primeiro tem 34, e o segundo, 11 notas. A tradução de Hiroko Hashimoto da Silva de **Pôr-do-Sol**, por sua vez, é a que conta com o maior número de notas, sendo 72 no total. Ricardo Machado traz um número bastante reduzido de notas, e às vezes encontra recursos para esclarecer alguma informação, como, por exemplo, dizer no corpo do texto que um quarto de seis tatames é de tamanho médio, sem precisar de uma nota explicando sobre as medidas de um tatame e como ele é usado para expressar a dimensão de um cômodo (DAZAI, 2015, p. 93). Quando julga necessário fazer uma N.T., Machado busca dar uma explicação mais curta e direta, evitando se estender por mais de um período.

Algumas das palavras que receberam nota na tradução de Nojiri hoje fazem parte do nosso léxico e dispensam esse recurso, como é o caso de tofu e tatame. À medida que um elemento cultural ganha significativo espaço no nosso meio, surge a necessidade de chamá-lo por um nome, e um dos recursos possíveis é usar de empréstimo a palavra estrangeira. O mesmo não acontece com elementos culturais que não estão presentes em nosso meio, podendo ser preciso ainda fazer uso de nota. É o caso de *haori*⁵, *tabi*⁶ e *hakama*, por exemplo.

⁴ Forma educada de se referir aos bolinhos de arroz japoneses, moldados geralmente em forma triangular ou oval. Equivalente de *onigiri* (KOTOBANK, 2017c).

⁵ Espécie de casaco tradicional japonês que se usa normalmente por cima do quimono (KOTOBANK, 2017b).

Mas o maior diferencial entre os tradutores, no que diz respeito às N.T., é a maneira como cada um apreende o sentido do texto japonês e o comunica ao leitor.

NOTAS COMUNS ÀS TRÊS TRADUÇÕES

As palavras *hakama* e *geta* aparecem nos dois romances de Dazai contemplados aqui. As três traduções trazem N.T. para elas, uma vez que os tradutores optaram por mantê-las em japonês e explicá-las ao leitor. A seguir, veremos como cada tradutor transmitiu para o leitor, através de N.T., mais informações sobre esses itens culturais-específicos⁷.

N.T. dos tradutores para a palavra *hakama*:

Tradução de Antonio Nojiri:

Este parecia bastante idoso, vestia *hakama*⁴ de Sendaibira[...].

⁴ N.T.: Espécie de saiote.

(DAZAI, 1974, p. 14)

Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

Ele parecia bastante idoso e estava trajado em estilo formal japonês, com calça *hakama*⁹ [...].

⁹ N.T.: *Hakama*, tradicional vestimenta japonesa, espécie de saia-calça masculina.

(SILVA, 2008, p. 174)

Tradução de Ricardo Machado:

[...] vestindo um *hakama*¹ de listras largas, com a cabeça inclinada cerca de trinta graus à esquerda, mostrando um sorriso feio.

¹ N.T.: Peça do vestuário formal japonês; uma espécie de calça, amarrada na cintura e bastante larga nas pernas.

(DAZAI, 2015, pág. 13)

É curioso que os três tradutores parecem ter apresentado em suas N.T. um tipo diferente de *hakama*. Em sua nota, Nojiri explica que se trata de uma espécie de saiote. Com essa descrição, possivelmente se trataria de um *andonbakama*⁸ (行灯袴), que, como o nome sugere, tem um formato cilíndrico semelhante ao das luminárias japonesas. Esse *hakama* não tem divisão entre as pernas e, de fato, se assemelha mais a um saiote.

Machado, por sua vez, faz uma nota para o que seria um *hakama* com a divisão entre as pernas. Pela descrição e por se tratar de um personagem masculino na cena destacada, a

⁶ Espécie de meias da vestimenta tradicional japonesa, usadas principalmente para proteger contra o frio. (KOTOBANK, 2017d).

⁷ “Os itens culturais-específicos são geralmente expressados em um texto por meio de objetos e sistemas de classificação e medida, cujos usos estão restritos à cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente desconhecidos pela cultura alvo” (AIXELÁ, 2013).

⁸ Vestimenta tradicional japonesa que vai da cintura até os tornozelos, sem divisão entre as pernas, e que tem formato cilíndrico semelhante às luminárias japonesas (KOTOBANK, 2017a).

vestimenta provavelmente seria um *umanoribakama*⁹ (馬乗り袴), que de fato se assemelha a uma calça e fica bastante largo nas pernas.

As duas obras, no texto de partida, trazem apenas a palavra *hakama*. Dessa forma, fica por conta do tradutor, ao decidir criar uma N.T. para essa palavra, apresentar sua interpretação sobre qual dos dois tipos aparece na cena. Lembramos aqui que Mittmann afirma que a tradução “não é senão possibilidade: de que o sentido sempre seja outro, de que sempre outras vozes possam intervir, de que outros discursos sejam produzidos” (2003, p. 165). Leiko Gotoda também ressalta que “a carga de interpretação do tradutor [nas traduções do japonês] é muito maior do que nas traduções de inglês, por exemplo” (2012, s/p).

A nota de Silva parece encontrar um meio-termo quando diz que se trata de uma “espécie de saia-calça”. O trecho destacado de **Pôr-do-Sol**, no original, diz se tratar de um *hakama* de Sendaibira. Nojiri manteve essa informação na sua tradução, e isso poderia render uma N.T. com mais informações, uma vez que Sendaibira é uma cidade da província de Miyagi famosa por confeccionar *hakama* de alta qualidade durante a era Edo e o período Meiji. Silva optou por deixar essa informação fora da sua tradução, destacando que se trata de um traje formal.

Os três tradutores elaboraram N.T. para explicar o calçado *geta*, que é mencionado nas narrativas dos romances. Vejamos as soluções desses tradutores a seguir:

Tradução de Antonio Nojiri:

Perguntou-me onde ficava a tal pensão e saiu enfiando os pés nos *guetá*⁸ do quintal.

⁸ N.T.: Espécie de tamancos, com dois saltos finos perpendiculares à planta dos pés.

(DAZAI, 1974, pág. 36)

Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

Perguntou-me o endereço da pensão e saiu correndo, calçando o *getá*²⁴ que estava na varanda e não retornou para casa.

²⁴ N.T.: Espécie de tamanco feito de madeira, com dois saltos perpendiculares à planta dos pés.

(SILVA, 2008, p. 192)

Tradução de Ricardo Machado:

[...] no andar térreo, seus pais e um jovem empregado produziam tiras para sandálias *geta*⁹.

⁹ N.T.: Sandálias de madeira.

(DAZAI, 2015, pág. 93)

A primeira diferença que notamos entre as duas traduções é a adaptação feita por Nojiri para a palavra *geta*, deixando-a “*guetá*”, como que indicando a pronúncia da palavra. O tradutor não faz uma adaptação semelhante com o nome Ginza — distrito de Tóquio –, que

⁹ Vestimenta tradicional japonesa que vai da cintura até os tornozelos, com divisão entre as pernas, e que era usada normalmente pelos guerreiros da era Edo para andar a cavalo (KOTOBANK, 2017e).

aparece mais para frente em **Pôr-do-Sol** e que também se pronuncia com [g]¹⁰. Poucas adaptações desse tipo são feitas hoje, um exemplo das mudanças nas condições de produção entre as duas épocas. Em relação ao conteúdo da nota, a de Nojiri parece limitar bastante o que seria o *geta*. Esse tipo de calçado não tem necessariamente “dois saltos perpendiculares à planta dos pés”, podendo ter apenas um, nenhum, entre outros modelos.

Novamente a nota de Silva traz um meio-termo das notas de Nojiri e Machado. A explicação dela é quase idêntica à de Nojiri, acrescentando a informação de que o calçado é feito de madeira.

Uma informação que poderia ser acrescentada às notas é a função desse calçado, que era originalmente utilizado para pisar sobre um solo lamacento, molhado ou coberto com neve sem sujar os pés.

Para Lyra (1998, p. 81), sobre como redigir uma nota:

O bom senso indica que ela [a explicação] deverá ser concisa, de modo a afastar o leitor o mínimo possível da leitura do texto principal, objetiva e, principalmente, destinada a informar o leitor sobre o texto e não sobre os conhecimentos do tradutor ou seu esforço de pesquisa.

Nesse quesito, Machado é o que mais tem sucesso na sua explicação, pois ela é mais curta e supostamente é a que menos prende a atenção do leitor para fora do texto principal. No entanto, esse conceito não era usado na década de 1970, e também não é um cuidado que se precise tomar em contexto acadêmico.

Essas N.T.s foram selecionadas por se referirem a palavras que aparecem nas três traduções. A intenção aqui não é dizer que uma explicação foi melhor do que outra. Os agrupamentos de N.T.s diferentes feitas por tradutores diferentes para a mesma palavra servem para exemplificar como cada tradutor transmite a informação e o conteúdo dela de maneira semelhante, mas não igual.

NOTAS SOBRE PEÇAS DE VESTUÁRIO

Na seção anterior pudemos ver uma mesma palavra sendo explicada pelos três tradutores. Isso foi possível porque, apesar de serem duas obras distintas, aquelas palavras receberam nota nas três traduções. Agora veremos exemplos de N.T. sobre outras peças de vestuário, mas, diferente do que foi feito antes, não veremos como uma mesma peça foi explicada por diferentes tradutores. Será apresentada uma peça por tradutor.

Algumas N.T.s sobre peças do vestuário:

¹⁰ Oclusiva velar vozeada (SCHWINDT, 2014).

Tradução de Antonio Nojiri:

Pulseiras, colares, vestidos, “obi”¹⁶ [...].

¹⁶ N.T.: Cinto para quimono. Conforme o artigo pode ser de valor elevado.
(DAZAI, 1974, p. 54)

Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

Vestia um haori³¹ listrado de branco com azul escuro [...].

³¹ N.T.: espécie de casaco.

(SILVA, 2008, p. 199)

Pouco depois do meio-dia, ele veio para examinar mamãe, vestido de haori de verão⁴⁴ [...].

⁴⁴ N.T.: *Haori*, espécie de capa que veste sobre o quimono, com as mangas dobradas e mais curtas que o *quimono*.

(SILVA, 2008, p. 212)

Tradução de Ricardo Machado:

Certa vez, no verão, andava pelo corredor vestindo um suéter vermelho de lã por baixo do *yukata*³ [...].

³ N.T.: Quimono leve de algodão, usado no verão ou como robe de banho.
(DAZAI, 2015, p. 25)

Um ponto interessante nessas notas é que três delas usam uma palavra japonesa — quimono — para explicar outra palavra — *obi*, *haori* e *yukata*, respectivamente. O quimono, conhecido pelos leitores brasileiros, serve como um bom recurso de base para dar uma noção aos leitores do que seriam os outros artigos. Dessa forma, conhecendo um quimono, pode-se ter uma noção do que seria um *yukata*.

O mesmo poderia ser dito de *obi*, na primeira tradução. No entanto, talvez hoje seja mais usual chamá-lo de “faixa” ao invés de “cinto”. Chamá-lo de “cinto” pode ser um exemplo de como as N.T. tendem a ficar datadas, pois a explicação e adaptação de cada tradutor são direcionadas ao seu leitor contemporâneo; logo, a escolha do tradutor é feita tendo esse leitor em mente (LYRA, 1998, p. 80). E como o quimono ficou conhecido no Brasil principalmente por conta das artes marciais, e nesse meio as pessoas chamam de “faixa” aquilo que amarra a vestimenta, acaba sendo mais comum chamar *obi* também de “faixa”.

Percebemos que Silva faz duas notas para *haori*. Ou, segundo indica o texto, uma para *haori* e outra para “*haori* de verão”. Uma nota para a primeira ocorrência deveria excluir a necessidade de explicar a palavra quando ela aparecesse novamente. Além disso, na segunda nota para *haori* aparecem duas grafias para quimono: uma conforme a romanização da palavra japonesa e outra segundo consta nos nossos dicionários de língua portuguesa. Essa variação se repete ao longo da tradução, ocorrendo duas vezes o uso de “*kimono*” e cinco o de “quimono”, o que pode indicar uma falha da revisão em uniformizar o uso da palavra.

NOTAS REDUNDANTES

Veremos agora notas da tradução de 2008 de **Pôr-do-sol** que podem ser consideradas redundantes. Veremos exemplos de notas que, no contexto da obra, trazem explicações que não precisariam aparecer na tradução e um exemplo de nota extensa.

N.T.s em **Pôr-do-sol** (2008) que podem ser consideradas redundantes:

Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

Não me pareceram totalmente estranhas as palavras de ensinamentos que Jesus proferiu antes de enviar os seus doze apóstolos aos quatro cantos do mundo [...] ⁶⁵.

⁶⁵ N.T.: Jesus Cristo escolheu doze apóstolos a fim de divulgar o evangelho: Pedro, André, João, Tiago, o maior, Tiago o menor, Mateus, Felipe, Tomé, Judas, Tadeu, Bartolomeu e Simão.

(SILVA, 2008, p. 227)

Só por termos nascidos nessa família, somos condenados a passar eternamente nossa vida em humilhação, a mendigar o perdão como os familiares de Judas⁷²?

⁷² N.T.: Judas Iscariotes. Um dos doze apóstolos de Jesus, que o traiu e, depois, suicidou-se.

(SILVA, 2008, p. 241)

História, Filosofia, Educação, Religião, Direito, Política, Economia, Sociologia — no lugar dessas ciências todas, mais nobre é o sorriso de uma donzela — essa é a constatação corajosa do Doutor Fausto²⁷.

²⁷ N.T.: Doutor Fausto. Personagem da famosa peça de teatro escrita pelo alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832). No primeiro ato, Fausto faz um acordo com o satã Mefistófeles e se transforma num jovem. Depois de ter se desesperado com informação e conhecimento, perambula pelo mundo e toma conhecimento do prazer. Nasce a tragédia que envolve a jovem Gretchen. No segundo ato, Fausto arranja um casamento com Helena. Ele morre pensando em construir um mundo novo e ideal da espécie humana, por fim sua alma sobe aos céus e alcança a redenção. (Silva, 2008, p. 195)

Explicar para um leitor brasileiro que Jesus teve doze apóstolos, e ainda citar cada um deles, é totalmente desnecessário. É igualmente desnecessário explicar que Judas foi um dos apóstolos de Jesus, inclusive tendo citado seu nome entre os apóstolos em nota anterior. Isso porque essas informações são comuns à grande maioria dos leitores brasileiros, e no fim acaba apenas desviando a atenção do leitor para uma informação trivial.

No caso da nota para “Doutor Fausto”, a N.T. não só se mostra dispensável como é grande demais. Tendo economizado na explicação de *Man'yôshû* e *Genji Monogatari* em outra nota, por que dedicar tanta explicação a essa? Talvez o caso de Helena — personagem de Doutor Fausto — de querer construir um mundo novo e ideal, conforme apresentado na N.T.,

seja comparável ao da protagonista Kazuko de **Pôr-do-sol**. Sendo essa a intenção, talvez fosse melhor indicar essa semelhança de maneira mais direta, sem desviar a atenção do leitor para um resumo extenso dos atos da peça de teatro.

Isso se repete ao longo das numerosas 72 N.T. feitas na sua tradução de Silva (2008). A maior parte delas se dedica a explicações longas sobre obras e pessoas do ocidente.

Vale lembrar, no entanto, em relação ao grande número de N.T.s, que a tradução de Silva é feita em contexto acadêmico, e não editorial. Se lançado por uma editora, certamente muitas das notas feitas nessa tradução seriam retiradas.

Por outro lado, redundante pode ser relativo em alguns casos. Por exemplo, a tradução de Silva traz uma nota interessante sobre o “*onnadaigaku*” que Nojiri optou por deixar de fora. Essa nota auxilia a compreensão do texto para algo que talvez não fosse acessível ao leitor sem a explicação da tradutora:

Do ponto de vista da filosofia dos “Altos conhecimentos para mulheres”³³, que vim adotando até agora, essa consulta poderia até soar má e criminosa [...].

³³ N.T.: *Onna Daigaku* — Manual de comportamento social feminino do período Edo (1867).

(SILVA, 2008, p. 203)

A descrição “manual de comportamento social feminino” expressa melhor do que se trata em comparação à tradução de Nojiri, que traduz *Onna Daigaku* como “escola feminina”. Esse “manual” da era Edo trazia uma série de normas que as mulheres deveriam seguir, como, por exemplo, não demonstrar seus sentimentos, falar de maneira branda, não falar mal das outras pessoas¹¹. A tradução apenas como “escola feminina” sem qualquer nota explicativa pode levar o leitor a erroneamente interpretar isso como uma escola frequentada apenas por meninas — o que não é o caso.

Na cena em questão, a protagonista Kazuko envia a Uehara, seu amado, uma carta. Na carta ela se queixa da sua condição: preocupada com a saúde da mãe, incomodada com a conduta do irmão e cansada. Além de expor o que a incomoda a outra pessoa, ela confessa ter vontade de escapar da situação em que se encontra, deixando tudo para trás (DAZAI, 1974, p. 49-50).

NOTAS DE INTERTEXTUALIDADE

Em **Pôr-do-Sol** são feitas alusões a dois textos clássicos do cânone japonês: *Man'yôshû* e *Genji Monogatari*. Se considerarmos também esses textos como itens culturais específicos, é compreensível que haja uma explicação do que eles são e do que representam para que o leitor possa entender a função deles no romance em questão.

N.T.s sobre *Man'yôshû* e *Genji Monogatari* em **Pôr-do-Sol**:

¹¹Disponível em: <<https://ja.wikipedia.org/wiki/女大学>>. Acesso em: 5dez. 2017.

Tradução de Antonio Nojiri:

Isto que estou dizendo pareceria a coisa mais natural do mundo se vivêssemos na época de Mannyoo ou de Genji Monogatari¹⁸.

¹⁸ N.T.: O Manyoo-shu, coletânea de dez mil folhas, foi composto no Período Nara, 710-784. O Genji Monogatari foi escrito por Murasaki Shikibu no Período Heian, 794-1192.

(DAZAI, 1974, p. 60)

Tradução de Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

O que estou expondo agora seria a coisa mais natural do mundo se vivêssemos na época de Man'yôshû ou Genji Monogatari⁴³.

⁴³ N.T.: *Man'yôshû*, (Coletânea das Dez Mil Folhas), do século VIII, é a mais antiga antologia poética do Japão. *Genji Monogatari* (Narrativas de Genji) foi escrito pela dama da corte Murasaki Shikibu no século XI.

(SILVA, 2008, p. 210)

Essas notas, com se pode notar, não são feitas para apenas uma palavra, mas para uma frase inteira. A proposta da N.T. nesse caso seria explicar a intertextualidade presente no romance de Dazai. Por que nas épocas em que se passam essas outras duas obras citadas os dizeres da personagem seriam “a coisa mais natural do mundo”?

Nas duas obras destacadas, o contexto das relações é semelhante ao da protagonista do romance. Em *Genji Monogatari*, as relações amorosas do protagonista, Genji, são bastante destacadas, principalmente na primeira parte da obra. Algumas dessas relações eram proibidas e mantidas em segredo. Já nos poemas do *Man'yôshû* vemos os sentimentos dos poetas sendo expressados na linha do *makoto*, que “é entendido como uma associação de três ideias: clareza, candura e retidão” (SHIMON, 2000, p. 44). Kazuko, protagonista de *Pôr-do-Sol*, apresenta essas características em sua declaração. Ela quer se tornar amante do velho Uehara e ter um filho dele, mesmo sabendo que o homem já tem uma família — relação proibida; e ela expressa seu desejo sem rodeios — declaração sincera e direta.

No fim, as duas notas se limitam a contextualizar que o que foi citado no texto são outras obras literárias. Essa opção dos tradutores pode ter sido feita para evitar que o leitor perdesse muito tempo em uma nota e desviasse sua atenção da narrativa principal, ou por acharem que esclarecer que o que foi citado são outras obras literárias seria suficientemente explicativo para o leitor.

Pode parecer que é de responsabilidade do leitor conhecer o conteúdo de outras obras citadas, mas não é tão simples quando se tratam de obras de literatura japonesa no Brasil. Isso porque muitos textos clássicos do cânone japonês não são acessíveis aos leitores brasileiros, uma vez que a maior parte das principais obras japonesas não têm tradução para o português. Por isso, parece bastante pertinente que nesses casos a N.T. seja usada para explicar do que as obras destacadas tratam e qual a relação delas com o contexto da história em que são citadas.

Notamos ainda que Nojiri não comenta o gênero das obras, assim o leitor não tem ideia de que uma é poesia e a outra um romance. Podemos considerar que seja opção dele próprio e isso não prejudique o entendimento do leitor, mas ao mesmo tempo ele traz a informação dos

anos de início e fim das Eras mencionadas, o que no contexto da N.T. não é uma informação relevante.

PALAVRAS QUE DISPENSAM N.T.

Uma das diferenças entre as traduções do japonês feitas na época de Nojiri e as feitas hoje, como já foi citado, é que algumas palavras não precisam mais vir acompanhadas de N.T., como é o caso de “tatame”:

Tradução de Antonio Nojiri:

Havia um quarto de dez *tatami*³, outro de seis, mais a sala de visita chinesa, bem como o ‘hall’ de entrada de três *tatami* [...].

³ N.T.: Esteira com que se forra todo o assoalho de um cômodo. Para indicar a área de uma sala ou de um quarto, usa-se por unidade o “tatami”.

(DAZAI, 1974, pág. 13)

Tradução de Hiroko Hashimoto da Silva:

A casa era composta por um quarto de dez *tatami*⁸, outro de seis, uma sala de visita em estilo chinês, bem como um hall de entrada de três *tatami*.

⁸ N.T.: Esteira com que se forra todo o assoalho de um cômodo. Para indicar a área de uma sala ou de um quarto, usa-se por unidade o *tatami*.

(SILVA, 2008, p. 174)

Tradução de Ricardo Machado:

Ele estava em casa. Vivia numa casa de dois andares de uma viela suja, porém ocupava apenas um quarto médio de seis *tatames* [...].

(DAZAI, 2015, pág. 93)

O tatame, conforme ganhou significativo espaço em nosso meio, trouxe a necessidade de ser chamado por um nome. Uma das maneiras de se fazer isso é por meio de empréstimo da outra língua. Com a devida adaptação da escrita para o português, a palavra dispensa o uso de nota e é comum à maior parte dos leitores brasileiros. O mesmo ocorre com palavras como saquê e quimono, por exemplo.

Acontece que no Brasil a palavra “tatame” não tem o mesmo significado de *tatami* para os japoneses. Aqui, especialmente em espaços de artes marciais, costuma-se chamar de tatame quase qualquer objeto usado para cobrir o chão, e quase nem se pensa na esteira de palha de arroz como a que os japoneses usam para cobrir o assoalho de suas casas. Fora isso, no Brasil não se tem a ideia de tatame para medir o espaço de cômodos, como é bastante usado no Japão; ao invés disso, usamos metros quadrados. Em outras palavras, o tatame tem um determinado valor na língua japonesa (língua fonte), mas, quando incorporado ao português brasileiro (língua alvo), o mesmo item tem um valor diferente (AIXELÁ, 2013).

Embora em **Declínio de um homem** use-se tatame na grafia da língua portuguesa, o uso dessa palavra no texto é diferente daquele que ela normalmente tem no Brasil. Por mais que

alguns dicionários — como o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa — tragam as dimensões que um tatame normalmente tem, ele ainda é conhecido como superfície onde se pratica artes marciais, e teria sido nesse meio que ele teria se popularizado por aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como disse Mittmann: “a tradução é resultado de uma interpretação particular, que se dá em condições específicas e se dirige para um público diferente daquele imaginado pelo autor. Todo esse processo se manifesta nas N.T.” (MITTMANN, 2003, p. 120). O autor, quando escreve, tem um leitor virtual (ou imaginário) para quem dirige seu texto. No caso de Dazai, a imagem de leitor e para quem ele direcionava essas duas obras era um leitor japonês — para o qual essas palavras são, de maneira geral, comuns. Coube aos tradutores, portanto, redirecionar essa informação tendo em mente um outro leitor virtual, o leitor brasileiro.

Para esse leitor, nem todas as palavras mantidas em japonês nas traduções são comuns, sendo necessária a produção de N.T. em alguns casos. Para tanto, um dos cuidados necessários foi o de evitar o não sentido, que poderia deixar o leitor a imaginar algo muito diferente do proposto pelo autor. Visando evitar esse não sentido, o tradutor tenta delimitar a interpretação do leitor (MITTMANN, 2003). Em caso de alimentos, por exemplo, muitas vezes o tradutor pode optar por apresentar alguns dos ingredientes usados na receita daquele prato para dar uma ideia ao leitor de como ele é; buscando assim aproximar o leitor do sentido original. Mas um cuidado que se deve tomar nesses casos é cuidar para que a nota não fique muito grande, parecendo uma receita de como preparar o prato. Dar uma definição curta e direta pode ser uma boa opção para explicar sem desviar muito o leitor da narrativa da obra.

De maneira geral, as três traduções, no que diz respeito às suas N.T., parecem atender bem às suas propostas e dialogam bem com os leitores das suas respectivas épocas. A tradução de Nojiri, feita em uma época em que o Japão era visto como muito mais exótico do que hoje, não deixa de dar atenção e elaborar explicações para palavras e elementos culturais particulares desse universo pouco conhecido pelos leitores brasileiros da época. A tradução de Silva, feita em contexto acadêmico e não comercial, traz mais notas explicativas do que se faria editorialmente. Por fim, a tradução de Machado se mostra voltada ao público leitor atual, levando em consideração que nem todos os elementos culturais japoneses são estranhos a esse público e que nem todos esses elementos precisam de explicações tão detalhadas.

Nas duas obras, o conteúdo das N.T. não se faz essencial para a compreensão da história, mas traz informações bastante pertinentes para leitores que têm seus olhos mais atentos aos detalhes explicativos oferecidos pelos tradutores e não apenas ao corpo do texto.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, Javier Franco. Itens Culturais-Específicos em Tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185–218, 2013.
- ANDONBAKAMA. In: **Kotobank**. 2009. Disponível em: <<https://kotobank.jp/word/%E8%A1%8C%E7%81%AF%E8%A2%B4-429624%E3.83.87.E3.82.B8.E3.82.BF.E3.83.AB.E5.A4.A7.E8.BE.9E.E6.B3.89>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- CUNHA, Andrei dos Santos. **O Livro de Travesseiro**: questões de autoria, tradução e adaptação. 2016. 269 fl. Tese — Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.
- DAZAI, Osamu. **Declínio de um homem**. Tradução de Ricardo Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.
- DAZAI, Osamu. **Pôr-do-Sol**. Tradução de Antonio Nojiri. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1974.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HAORI. In: **Kotobank**. 2009. Disponível em: <<https://kotobank.jp/word/%E7%BE%BD%E7%B9%94-113428%E3.83.87.E3.82.B8.E3.82.BF.E3.83.AB.E5.A4.A7.E8.BE.9E.E6.B3.89>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.
- LYRA, Regina Maria de Oliveira Tavares de. Explicar é preciso? Notas de tradutor: quando, como e onde. **Fragmentos**, v. 8, n. 1, p. 73–87, 1998.
- MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- OMUSUBI. In: **Kotobank**. 2009. Disponível em: <<https://kotobank.jp/word/%E5%BE%A1%E7%B5%90%E3%81%B3-454475%E5.A4.A7.E8.BE.9E.E6.9E.97.20.E7.AC.AC.E4.B8.89.E7.89.88>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- ONNA DAIGAKU. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://ja.wikipedia.org/wiki/女大学>>. Acesso em: 4 dez. 2017.
- SHIMON, Meiko. **Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shosetsu**: contos que cabem na palma da mão. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SILVA, Hiroko Hashimoto da. **A estética do espaço na obra Pôr-do-Sol, de Dazai Osamu**. 2008. p. 248 fl. Dissertação — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

TABI. In: **Kotobank**. 2009. Disponível em:

<<https://kotobank.jp/word/%E8%B6%B3%E8%A2%8B-94080%E6.97.A5.E6.9C.AC.E5.A4.A7.E7.99.BE.E7.A7.91.E5.85.A8.E6.9B.B8.28.E3.83.8B.E3.83.83.E3.83.9D.E3.83.8B.E3.82.AB.29>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

UMANORIBAKAMA. In: **Kotobank**. 2009. Disponível em:

<<https://kotobank.jp/word/%E9%A6%AC%E4%B9%97%E8%A2%B4-1274742%E4.B8.96.E7.95.8C.E5.A4.A7.E7.99.BE.E7.A7.91.E4.BA.8B.E5.85.B8.20.E7.AC.AC.EF.BC.92.E7.89.88>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Como citar este texto (ABNT):

GOMES, J. Notas de tradução em Dazai Osamu. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 49-61, 2017.

TEXTOS DE DAZAI OSAMU

Dazai Osamu em tradução

FOGO-FÁTUO¹

Tradução: Fernando Garcia²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

NASCIMENTO

Foi em sua vigésima quinta primavera que regressou à terra natal, após passar adiante seu boné em forma de losango dos estudantes, o qual já sugeria ter história, ao calouro que com hesitação e titubeante lhe viera pedir por ele, em meio aos tantos outros aspirantes a herdeiros. O pequeno coche que transportava o senhorzinho, no qual se via o brasão da família com a pena de falcão, percorreu em pouco tempo o trajeto de doze quilômetros desde a estação. Ouvia-se no ar o ruído das rodas sobre as pedras do chão, o balouçar do jaez, as reprimendas do cocheiro e o som abafado das ferraduras — tudo acompanhado pelo cantar insistente de uma cotovia.

Naquela região norte a neve permanecia, não obstante a chegada da primavera. Somente a estrada estava seca, despontando como uma linha negra. As neves cãs dos arrozais também começavam a encalvecer. As suaves ondulações das montanhas cobertas de neve desvaneciam em tons violáceos. Ao pé dessas montanhas, ele já podia agora avistar o prédio baixo da madeireira, com as toras amareladas empilhadas ao lado. De uma larga chaminé ascendiam fumos azuis em direção ao céu limpo. Era o seu lar. O recém-formado, lançando apenas um olhar lânguido sobre a paisagem da terra natal que há tanto tempo não via, afetou um pequeno bocejo.

Ele passaria praticamente aquele ano todo caminhando. Andando de aposento em aposento em sua casa, recordava saudosamente o cheiro de cada um deles. A sala em estilo ocidental exalava uma pestilência de ervas medicinais; a em estilo japonês cheirava a leite. Já a sala de visitas possuía certa fragrância vergonhosa. Ele vagava também pelos cômodos do segundo andar, tanto da frente quanto dos fundos, ou pelo anexo da casa. A cada abrir suave de uma porta corrediça, seu peito sujo palpitava debilmente. Tudo porque, sem dúvida, os vários odores lembravam-no da capital.

¹ “Fogo-fátuo” [陰火, *Inka*]. Publicado originalmente em abril de 1936, na revista *Bungei*.

² Fernando Garcia é Bacharel em Tradução Japonês/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou na Universidade de Hokkaidô, como pesquisador em Literatura Comparada, com bolsa de estudos do Ministério da Educação japonês. Traduziu *Sanshiro* e *O Portal*, de Natsume Sôseki, e *Vita Sexualis*, de Mori Ôgai, além da correspondência entre Mishima Yukio e Kawabata Yasunari.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

Ele não permanecia apenas dentro de casa, mas também caminhava sozinho pelos campos e arrozais. Conquanto fosse capaz de contemplar com desdém as folhas das árvores vermelhas do campo, ou as flores das lentilhas-d'água que cresciam por entre as plantações, apraziam-lhe o vento que na primavera roçava-lhe as orelhas, bem como a leve inquietude dos arrozais que se estendiam a perder de vista no outono.

Mesmo ao ir para a cama, raramente deixava à cabeceira os livros que lia antigamente, tal como a pequena coletânea de poemas ou o livro de capa escarlate em que parecia estar desenhado um martelo negro. Deitado, aproximava para si o abajur e contemplava as palmas das mãos. A quiromancia o fascinava. Inúmeras e diminutas rugas se dobravam em suas palmas. Dentre as quais, destacavam-se três longas linhas que corriam frisadas umas ao lado das outras. Diziam que estas três correntes avermelhadas representavam seu destino. De acordo com elas, ele tinha bem desenvolvidos seus lados afetivo e intelectual, mas sua vida seria breve. No mais tardar, sua vida acabaria ainda na casa dos vinte anos.

No ano seguinte, casou-se. Não julgou que fosse particularmente cedo demais. “Contanto que seja com uma bela mulher”, foi o que pensou. Realizou-se uma pomposa cerimônia. A noiva era filha de um fabricante de saquê de uma cidade das redondezas. Possuía a pele um tanto escura, e em suas suaves faces chegava a crescer uma fina penugem. Tricotava muito bem. Por cerca de um mês ele achou a esposa uma grande novidade.

No auge do inverno desse ano morreu seu pai, aos 59. O enterro foi realizado em um belo dia, em que o sol refletia dourado na neve. Prendendo as aberturas do *hakama*⁴ à cintura e calçando suas botas de palha, pôde-se ouvir seus passos leves ao caminhar pela estrada coberta de neve que levava ao templo no alto da montanha, a um quilômetro de distância. Era seguido pelo caixão de seu pai, carregado em uma liteira. Ainda mais atrás estavam suas duas irmãs mais novas, seus rostos cobertos por véus brancos⁵. A procissão era longa.

Com a morte do pai, sua situação se alterou por completo. A posição social do pai transferiu-se inteiramente para ele; assim como a reputação. Como era de se esperar, essa reputação deixou-o um pouco irrequieto. Fez planos, como a reforma da fábrica, mas depois se entregou à inércia. Desistiu, dizendo que não sabia o que fazer. Confiou tudo ao seu gerente. Após ele tornar-se o novo responsável pela família, o que mudou foi o retrato do avô, pendurado na sala em estilo ocidental, o qual trocou por uma pintura a óleo de flores de papoula; e um dos portões negros da casa, sobre o qual passou a acender uma pálida lamparina em estilo francês.

⁴ Peça tradicional do vestuário japonês que se assemelha a uma calça bastante folgada. A costura lateral (*momodachi*) é interrompida próximo aos quadris, deixando aberturas laterais. Mantendo a costura presa à cintura e eliminando assim as aberturas, a calça é suspensa para dar mais liberdade de movimento, necessário ao andar na neve.

⁵ O branco também é utilizado como cor de luto.

De resto, tudo estava como dantes. A mudança real viria de fora. Foi no verão do segundo ano após o falecimento de seu pai. Tornou-se estranha a situação do banco da cidade, e começou-se a pensar que ele seria forçado a declarar a falência da própria casa.

De algum modo encontraram uma solução. Contudo, o gerente planejou um corte de pessoal para a fábrica, o que irritou os funcionários. Quanto ao jovem patrão, teve apenas a impressão de que algo que temia há tempos acabou acontecendo mais rápido do que imaginara. “Dê-lhes o que estão pedindo”, disse ele ao gerente, mais zangado que melancólico. Em seu íntimo se questionava, “Daremos apenas o que eles pedem, e não mais que isso. Isso acertaria tudo, não?”. As poucas demissões correram sem maiores problemas.

A partir dessa época, passou a lhe agradar o templo budista. Do alto da montanha que se erguia por trás da casa, o templo fazia brilhar suas telhas de zinco. Ele tornou-se amigo do monge responsável pelo local, um tipo esquelético e já muito idoso. Contudo, por lhe haver sido esfaqueado o lóbulo da orelha direita, deixando ali uma marca negra, não raro o rosto do monge apresentava um aspecto aterrorizante. Apesar do calor intenso que fazia no pico do verão, ele continuava a subir, em seu ritmo constante, a longa escadaria de pedra até o templo. À varanda da residência do monge, crescia indomável a relva estival; viam-se ainda quatro ou cinco cristas-de-galo. Quase sempre encontrava o religioso tirando a sesta. Era daquela varanda que ele dizia seu ô-de-casa. Às vezes um lagarto saía ali de baixo, agitando sua cauda verde.

Ele costumava perguntar ao monge sobre o significado dos sutras, mas este não compreendia deles um pouco sequer⁶. Sem saber como responder, soltava uma sonora risada. O jovem também esboçava um pequeno riso de desconforto. Isso bastava. Às vezes rogava ao monge que lhe contasse alguma história de terror. Fazendo uma voz grave, este relatava-lhe então umas vinte e poucas lendas. Quando perguntava se havia também alguma história assustadora sobre aquele templo, o monge respondia que “não, absolutamente”.

Passado mais um ano, morreu-lhe desta vez a mãe. Após a perda do marido, ela mostrara-se muito reservada nas relações com o filho. Essa introversão acabou lhe encurtando a vida. A morte da mãe fez com que ele se cansasse do templo. Embora só houvesse se apercebido disto depois do falecimento, suas idas frequentes ao templo deviam-se, até certo ponto, à consideração que tinha por sua mãe.

Após a mãe lhe haver deixado, sentiu o desconsolo de ter uma família pequena. De suas duas irmãs, a mais velha casara-se, mudando-se para a cidade vizinha, onde sua nova família possuía um grande restaurante japonês. A mais nova frequentava certa escola particular de

⁶ Os sutras são escritos em sânscrito; logo, é possível que o monge apenas soubesse recitá-los, sem de fato compreender seu significado (tal como um padre católico que rezasse a missa em latim, porém sem entender o idioma).

moças na capital, renomada por sua integridade, e retornava apenas nas férias de verão ou de inverno. Ela usava uns óculos pretos, de celuloide. Aliás, todos os três irmãos usavam óculos. Os dele tinham uma armação de ferro. Os da primeira irmã, uma frágil armação dourada.

Ele saía até a cidade vizinha para distrair-se. Próximo a sua casa sentia-se oprimido, e não conseguia beber saquê ou o que quer que fosse. Mas envolveu-se em pequenos escândalos na outra cidade, e logo também se cansou de ir para lá.

Pensou que queria filhos. Imaginou que ao menos as crianças ajudariam a reparar o ar desgostoso entre ele e a esposa. Para ele, o corpo da mulher tinha um cheiro insuportável de peixe. Causava-lhe aversão.

Fez trinta anos; havia engordado um tanto. Todas as manhãs, quando lavava o rosto, ao esfregar o sabonete entre as mãos para fazer espuma sentia as costas destas tão lisas como se fossem mãos de mulher. As pontas de seus dedos tinham manchas amarelas de nicotina. Lavava, lavava, mas não conseguia removê-las. Com razão, ele fumava demais. A cada dia consumia sete maços de *Hope*.

Na primavera daquele ano, sua esposa deu à luz uma menina. Dois anos antes, ela havia sido secretamente internada em um hospital da capital, por cerca de um mês.

A menina recebeu o nome de Yuri⁷. Sua pele era clara, ao contrário da dos pais. Assemelhava-se a eles, entretanto, pela ausência de sobrancelhas e escassez de cabelos. Os braços e pernas eram elegantes e esguios. Dois meses após o nascimento, pesava cinco quilos e media 56 centímetros; desenvolvia-se melhor que a maioria das crianças.

Em seu 120º dia realizaram uma grande comemoração.

TSURU DE PAPEL⁸

Eu, ao contrário de ti, até que tive sorte. Casei-me com uma mulher que já não era mais virgem e passei três anos sem saber desse fato. Não tinha certeza se deveria revelar isto. Seria já uma crueldade com minha esposa, que parece tão feliz, dedicando-se ao seu tricô. Talvez seja uma afronta para muitos casais deste mundo. Mas, eu falo. Porque eu quero arrebentar essa tua cara despreocupada.

Não leio Valéry nem Proust. Poder-se-ia dizer que não entendo de literatura. E estou bem assim. Concentro-me em algo diverso, algo mais concreto: nas pessoas. As moscas varejeiras a quem chamamos de pessoas. Por isso que, para mim, é o escritor que importa. A obra não é nada.

⁷ Literalmente, “lírio branco”, nome que carrega consigo uma conotação de pureza.

⁸ O *tsuru* é uma ave pernalta da família da garça, considerado no Japão como símbolo da longevidade. *Tsurus* feitos em dobraduras de papel são muito populares, frequentemente presenteados como votos de vida longa.

Mesmo a maior das obras-primas nunca será mais que seu autor. Se uma obra excede, vai além de quem a escreveu, ora, isso são deslumbres do leitor. Imagino que me torças o nariz. Tu, que queres convencer os leitores de que existe algo como inspiração, certamente desprezas minhas palavras como vulgaridades, como falta de refinamento. Se esse é o caso, devo me expressar mais claramente. Faço de meu trabalho escrever apenas quando aquilo o que escrevo pode me servir de alguma forma. Sem dúvida, se fores inteligente, deves ser capaz de soltar uma risada frente a essa minha atitude. Por outro lado, se não puderes rir, daqui para frente não me faças mais caretas como se fosses mais esperto que eu.

Eu, agora, vou escrever este romance com a intenção de desmoralizar-te. Não sei dizer, contudo, se seu tema não será a minha própria desmoralização. De qualquer modo, definitivamente não espero de ti nenhum sentimento de compaixão. O que pretendo é, com uma visão mais privilegiada que a tua, esmurrar-te as faces com uma angústia livre das mentiras humanas.

Minha esposa foi tão mentirosa quanto eu. No início do outono deste ano, eu concluíra a produção de uma história curta. Tratava-se de um conto em que eu vangloriava-me perante Deus pela felicidade de meu lar. Fiz com que minha esposa também lesse a obra. “Está bom”, disse-me ela, após a haver lido em voz baixa. Disse isso e começou a tratar-me de modo desleixado. Por mais obstinado que eu seja, não podia deixar de ver nesse novo ar de minha esposa uma postura fora do comum. De onde teria vindo sua insegurança, foi o que despendi três noites cismando. Minhas dúvidas iam se solidificando em torno de uma única e lamentosa verdade. Eu tinha uma personalidade tão intrusiva que eu merecia sentar-me na décima terceira cadeira⁹.

Atormentei minha esposa insistentemente. Sobre isso também perdi outras três noites de sono. Ela, por outro lado, ria-se de mim. Vez que outra chegou a se zangar. Até que empreguei um último ardil. Em meu curto romance havia um trecho sobre um homem semelhante a mim, alegre porque se casara com uma moça ainda virgem; eu, contudo, retirei tal passagem, para incomodá-la. “Agora que estou me tornando um grande escritor, mesmo este romance será lembrado por todos daqui a cem anos. Então tu, junto com ele, serás vista daqui a cem anos como uma mentirosa” — ameacei-a. A ignorante acabou se deixando intimidar. Depois de pensar por algum tempo, finalmente segredou-me. “Foi só uma vez”, sussurrou. Eu, rindo, fiz-lhe um afago. “Não há de ser nada, foi apenas um pecado de tua juventude” — procurei animar minha esposa e fiz com que me contasse mais detalhes. “Ah...”, pensou ela um pouco, e corrigiu-se — “Foram duas vezes...” — somente para depois dizer ainda, “Não, três”. Ainda mantendo o sorriso, perguntei docilmente, “Com quem foi?”. Era um nome que eu

⁹ Referência ao lugar ocupado por Judas Iscariotes durante a Santa Ceia. Osamu Dazai se comparava à personagem bíblica por sua “consciência desenvolvida”.

desconhecia. Enquanto falava-me sobre esse homem abracei-a, desajeitado. Uma patética demonstração de afeto. E, ao mesmo tempo, um amor sincero. Minha esposa finalmente despejou, “Umas seis vezes!”, e pôs-se a chorar.

Na manhã seguinte, ela acordou com o rosto resplandecente. Quando se sentou à minha frente na mesa para o café, de troça juntou as mãos como se fizesse uma reverência. Bem-humorado, fiz-lhe ver que mordida meu lábio inferior. Minha esposa, então com a aparência ainda mais tranquila — “Estás sofrendo?”. Ora, pois não estava ela a me fitar o rosto? “Um pouco”, respondi.

Quero que fiques sabendo: qualquer coisa que pareça eterna é certamente vulgar, deselegante.

Contar-te-ei também de que modo passei aquele dia.

Em momentos assim, não posso nem ver o rosto de minha esposa, suas meias atiradas pela casa, enfim, nada do que com ela tenha alguma relação. Não apenas porque me façam lembrar as coisas horríveis sobre seu passado. É que me vêm à memória os dias de até recentemente, em que eu e minha esposa ainda vivíamos tranquilamente. Nesse dia, logo saí para dar uma volta. Resolvi visitar um jovem artista que pintava quadros em estilo ocidental. Esse meu amigo era solteiro. Imagino que amigos casados não sejam próprios para essas ocasiões.

Pelo caminho mantive a mente alerta, como que para não deixá-la esvaziar-se. Eu buscava compenetrar-me em outras questões, de tal modo que não deixasse brecha para que nela entrassem os acontecimentos da noite anterior. A vida humana ou as artes eram-me assuntos um tanto perigosos. Particularmente a literatura, que de pronto me remetia àquela memória ainda fresca. Foquei meus pensamentos sobre as plantas no caminho. “Laranjeira-trifoliada, um arbusto. Dá flores brancas no fim da primavera. Não sei de que família é. Agora logo no início do outono vai dar minúsculos frutos amarelos”. Pensar mais que isso já era arriscado. Rápido voltei os olhos para outra planta. “Eulália japonesa. Esta é da família das gramíneas. Com certeza, aprendi que é uma gramínea. Esta espiga branca, chamam-na de ‘flor-de-rabo’¹⁰. É uma das sete ervas do outono¹¹. As sete ervas são: o trevo japonês, a campainha-chinesa, o andropogon, o cravo dos jardins, outra, a flor-de-rabo... Faltam duas, quais eram mesmo?”. “Umas seis vezes...” — de repente me veio um sussurro aos ouvidos. Apreseiei o passo, quase corria. Tropecei várias vezes. “Esta de folhas caducas... Não, chega de

¹⁰ Nome comum, no Japão, dado à inflorescência da eulália, por assemelhar-se em sua forma a uma cauda.

¹¹ Referência aos sete tipos de plantas mais apreciadas no outono (para a escrita de poesias, por exemplo). As plantas são: patrinia (*Patrinia scabiosifolia*), eulália japonesa (*Miscanthus sinensis*), a campainha-chinesa (*Platycodon grandiflorus*), o cravo dos jardins (*Dianthus superbus*), o eupatório japonês (*Eupatorium fortunei*), o kudzu (*Pueraria lobata*) e o trevo japonês (*Lespedeza*). O andropogon listado pela personagem não é uma das sete ervas.

plantas. Algo mais racional. Mais racional”. Mesmo cambaleando, procurava recompor minhas tropas para minha batalha mental.

Em minha mente recitei o quadrado da soma de A e B. Depois, esquadrinhei o quadrado da soma de A, B e C.

Estás ouvindo minha história revestido de uma expressão incrédula. Mas, eu sei. Provavelmente a ti, sofresses tu com uma desgraça como a minha — não, mesmo que fosse problema mais ameno –, saber-te-ia intragável a refinada e costumeira teoria literária; agarrar-te-ias à matemática ou, antes mesmo, a um releu besouro.

Enquanto enumerava um a um os nomes dos órgãos internos do corpo humano, entrei no edifício em que meu amigo morava.

Bati à porta de seu apartamento e ergui os olhos para o pequeno aquário que estava suspenso no canto sudeste do corredor; averigui o número de barbatanas que tinham os quatro peixinhos dourados que ali nadavam. Meu amigo ainda estava dormindo; trazendo somente um dos olhos relutantemente aberto, veio atender-me. Entrei em seu quarto e finalmente suspirei aliviado.

O mais assustador era estar sozinho. Falar com alguém sobre uma coisa qualquer ajuda. Mas não seria seguro se o interlocutor fosse mulher. É melhor um homem. Em especial um homem de boa natureza. Esse amigo atendia muito bem a tais condições.

Falei avidamente sobre seu trabalho mais recente, uma paisagem em tela de tamanho 20. Como um quadro vindo dele, pertencia à classe das grandes obras. Na pintura, via-se uma construção em estilo ocidental, de telhado vermelho, à beira de um pântano de águas claras. Embora meu amigo houvesse deixado o quadro com a tela virada contra a parede de seu quarto, como que por timidez, eu sem hesitar o desvirei e pus-me a observá-lo. Que tipo de comentários eu lhe fizera então? Pois se tua capacidade de crítica artística é excelente, minha crítica naquela ocasião também não ficava a dever-te em nada. Afinal, assim como tu, fiz uma crítica de quem não podia deixar de dizer algo. Tema, matizes, composição — em uma rápida olhada pude achar-lhes defeitos a todos. Usando a linguagem mais teórica possível.

Meu amigo concordava com cada uma das coisas que eu dizia. Ou melhor, desde o princípio continuei com minha fala tão loquaz que não abria espaço para que ele dissesse palavra.

Entretanto, no fundo do coração sequer esse falatório me dava segurança. Interrompendo a mim mesmo em momento apropriado, desafiei meu jovem amigo para uma partida de *shôgi*¹². Sentamo-nos os dois sobre a cama e, dispondo as peças sobre um pedaço de papelão cortado por linhas mal traçadas, jogamos várias partidas rápidas. Às vezes eu me

¹² Jogo japonês de tabuleiro semelhante ao xadrez.

irritava porque meu amigo ficava um longo tempo a raciocinar, o que o deixava atordoado. Eu não queria dar lugar a pensamentos ociosos por um momento que fosse.

Afinal, um espírito acossado como o meu não permitia larga continuidade. Começava a achar inclusive o *shôgi* arriscado. Enfim, assomou a fadiga. “Chega”, disse eu, desfazendo-me do jogo e enfiando-me na cama. Meu amigo deitou-se ao meu lado, voltado para cima, e fumou um cigarro. Como fui desleixado. O descanso era então meu grande inimigo. Senti continuamente uma sombra negra oprimindo-me o peito. “Calma, calma” — murmurando palavras sem sentido, eu afugentava essa grande sombra. Não era mais possível ficar assim. Precisava me mexer a qualquer custo.

Talvez rias disto. Virando-me de bruços sobre a cama, peguei um dos lenços de papel que estavam atirados à cabeceira e comecei a trabalhar um *origami*.

“Primeiro dobro o papel em dois, seguindo uma linha diagonal; novamente o dobro ao meio, formando como que uma bolsa; dobro a ponta de cá, aqui será a asa; dobro agora a ponta de cá, será o bico; esticando deste jeito, deste pequeno orifício sairá o ar, num sopro. Ei-lo, um *tsuru*.”

RODA D'ÁGUA

Aproximaram-se da ponte. Nesse ponto, o homem pensou em dar a volta. Mas a mulher atravessou em silêncio, e ele também.

Por que teve de segui-la caminhando até ali, é o que o homem procurava pensar, imaginando inúmeras respostas. Não que estivesse arrependido. No instante em que se afastara do corpo da mulher, o ardor de seus sentimentos deveriam haver se esvaziado. Quando ela, calada, começou a preparar-se para o retorno, ele acendeu um cigarro. Ao perceber que sua mão sequer tremendo estava, o homem sentiu-se um cínico. Seria melhor haver abandonado tudo naquele momento. Saiu da casa junto com ela.

Os dois caminhavam vagarosamente pelo estreito caminho da barragem de terra; às vezes ele ia à frente, às vezes a mulher. Era um crepúsculo de início de verão. Em ambos os lados da trilha, viam-se aqui e ali brancas flores de morujem desabrochadas.

Existe uma infeliz classe de gente que só consegue se interessar por uma pessoa do sexo oposto se por ela nutrir um ódio profundo. Esse homem era assim. E essa mulher também. Nesse dia, mais uma vez, ela fora visitá-lo em sua casa nos arredores da cidade; a cada palavra que ele dizia, ela o cobria de incompreensíveis risinhos de escárnio. Frente àquele obstinado desprezo, o homem sentira-se ainda mais determinado a usar a força bruta. Ao pressenti-lo, ela se pusera de guarda. Era esse arrepio acossador que agitava a paixão distorcida dos dois. Mas a força do homem se fazia valer de modo diferente. Quando cada um devolvia ao parceiro o

próprio corpo, faziam compreender claramente a realidade um ao outro: não possuíam entre si sequer uma partícula de amor.

Assim, embora andassem juntos, sentiam ambos uma repulsa que não lhes permitia chegarem a um acordo — tinham um ódio ainda maior que antes.

Por sob a barragem, fluía indolente um rio de três ou quatro metros de largura. Em meio à tênue escuridão, o homem fixou o olhar sobre a superfície da água que reluzia palidamente e pensou mais uma vez em dar meia volta. Ela, cabisbaixa, seguia pelo caminho sem fazer desvios. Ele seguiu seus passos.

“Não é arrependimento. Isto é necessário para resolver tudo. Mesmo que sejam palavras desagradáveis, são necessárias para liquidar este assunto”. O homem finalmente havia encontrado um pretexto. Deitando a grama do verão com golpes de bastão, ele caminhava a uns dez passos da mulher. “Deixe-me estar, por favor” — se assim sussurrasse baixinho a ela, talvez até fosse possível chegarem a uma solução banal. O homem sabia bem disso. Mas, não conseguia falar. Para começar, deixara passar a oportunidade. Dizem que tais palavras têm mais efeito se são ditas logo em seguida. Agora que já haviam passado por mais um confronto, não seria muito idiota dizer isso? O homem derrubou um caniço-de-água com uma pancada.

Logo se ouviu por detrás deles o rufar de um trem em movimento. A mulher voltou-se de sobressalto. Ele também virou apressado o rosto. O trem passava por uma ponte férrea à jusante do rio. Um vagão de passageiros iluminado passou frente aos olhos dos dois, depois mais um, e outro, e mais outro. O homem sentia quase lhe doer o olhar da mulher, que sabia estar sobre suas costas. O trem já havia passado por completo, restando dele apenas os ecos dos vagões que se ouviam da sombra da floresta adiante. Resoluto, ele voltou-se para frente. Caso seu olhar se encontrasse então com o da mulher, ele diria com um riso contido: “Até que os trens a vapor japoneses não são ruins”.

A mulher, contudo, caminhava já longe, apressada. Seu vestido novo, amarelo com *petit-pois* brancas, atravessava a escuridão do crepúsculo e se infiltrava nos olhos do homem. “Será que ela pretende voltar para casa deste jeito? Não seria melhor nos casarmos? Não, não tenho intenção de casar, mas preciso ao menos consultá-la sobre o assunto para deixar tudo resolvido”.

Segurando firme seu bastão debaixo do braço, o homem pôs-se a correr. Conforme ia aproximando-se da mulher, sua decisão se desfazia. Com ares de altivez, ela deixava cair um pouco os ombros esguios enquanto dava passos meticulosos. Ele correu até chegar a dois, três passos da mulher, e então conteve o ritmo. Sentia apenas ódio. Parecia-lhe que todo o corpo da mulher exalava um cheiro desagradável, o qual ele não podia suportar.

Continuaram a caminhar, calados. Bem no meio do caminho estava um arvoredor de salgueiros que flutuavam levemente ao vento. A mulher caminhava pelo lado esquerdo das árvores. O homem escolheu o lado direito.

“Vou fugir. Não preciso de resolução. Não preciso de nada. Mesmo que a lembrança que nela restar de mim seja a de um repugnante vilão, ou, em suma, de um homem como todos os outros, não me importo. Afinal, assim são os homens. Vou fugir”.

Passando os salgueiros, voltaram a caminhar juntos, sem olharem um para o outro. “Talvez eu devesse dizer pelo menos uma palavra. Que não vou contar para ninguém”. Com uma das mãos, o homem procurou o cigarro que levava no bolso da manga do quimono. Ou melhor, talvez lhe dissesse assim: “Isso é algo que acontece uma vez na vida de toda filha, uma vez na vida de toda esposa, e uma vez na vida de toda mãe. Arranje um bom casamento para você”. O que ela responderia então? “Strindberg¹³?” — ela perguntaria em retorno, sem dúvida. Ele acendeu um fósforo. A imagem de uma das faces levemente escuras da mulher passou ainda retorcida frente a seus olhos.

Enfim, o homem parou. E ela também. Olhando cada qual para um lado, permaneceram imóveis por um tempo. O homem, irritado, pensava que sequer chorando ela estava; percorria os arredores com os olhos, propositalmente tranquilo. Logo à sua esquerda estava o moinho de água, perto do qual ele tanto gostava de vir passear. A roda d’água girava paciente em meio à escuridão. A mulher, dando-lhe as costas, retomou o passo. O homem ficou parado, tragando seu cigarro. Não fez menção de chamá-la.

MONJA

Foi tarde da noite, no dia 29 de setembro. Bastava aguentar mais um dia para que viesse outubro; se fosse então até a casa de penhores, recuperaria os lucros do um mês que passara. Com isso em mente, gastei o dia inteiro apenas dormindo, sem sequer fumar um cigarro. E, como castigo por dormir tanto durante o dia, à noite não pude pegar no sono. Por volta das onze e meia, ouvi o som de algo batendo levemente contra o *fusuma*¹⁴ de meu quarto. Pensei que pudesse ser o vento, mas, instantes depois, as pancadinhas se repetiram. “Ué”, pensei surpreso, “será que haveria alguém?”. Descobri metade do corpo e estendi o braço para abrir o *fusuma*; vi que ali, parada em pé, estava uma jovem monja.

¹³ Johan August Strindberg (1849–1912), famoso escritor sueco considerado como o criador do teatro moderno. Sua visão a respeito das mulheres era bastante controversa: embora condenasse a visão de papel social de gêneros e houvesse incentivado a permissão para o voto feminino na Suécia, com frequência deixava claro que via as mulheres como inferiores. Ele era particularmente cético quanto ao relacionamento entre homem e mulher, e entendia a instituição da família como um mal para o homem.

¹⁴ Porta corrediça de papel.

Era uma monja de corpo pequeno, nem muito gorda nem muito magra. Com a cabeça totalmente raspada, seu rosto como um todo se assemelhava a um ovo. A pele das faces era levemente escura, dando a impressão de ser granulosa. As sobrancelhas eram finas e arqueadas como as do bodisatva Jizô¹⁵; os olhos eram como sinetas que lhe enfeitavam o rosto, grandes e belos, com cílios demasiado longos. Seu narizinho era pequeno e arrebitado, enquanto os lábios de um rubro claro eram um tanto carnudos, deixando ver do pequeno vão que entreabriam, fino como uma folha de papel, fileiras de dentes completamente brancos. A mandíbula inferior era um nada saliente. Seu hábito negro, com as dobras tão perfeitas que parecia haver sido engomado, dava a impressão de ser um pouco curto para ela. Mostrava uns dez centímetros das pernas rosadas, que davam a impressão de serem bolas de borracha onde crescia uma rala penugem. Os tornozelos pareciam comprimidos, devido às meias brancas que lhes eram pequenas demais. Na mão direita tinha um rosário de contas de safira e, na esquerda, um livro oblongo de capa escarlate.

Eu, pensando que se tratava de minha irmã mais nova, disse logo que entrasse. A monja entrou em meu quarto, fechou em silêncio o *fusuma* atrás de si, caminhou até minha cabeceira fazendo um som ríspido com suas roupas de algodão enrijecido e enfim se sentou retesada. Eu meti-me em meu *futon*¹⁶, deitado com a barriga para o alto, contemplei fixamente o rosto da monja. Súbito fui tomado por um medo sufocante e perturbador. Minha respiração parou, e minha vista ofuscou-se por completo.

— Embora se pareçam muito, você não é minha irmã, não é mesmo? — foi nesse momento que percebi, pela primeira vez, que eu nunca tivera uma irmã ou nada parecido. — Quem é você?

A monja respondeu-me:

— Eu acho que me enganei de residência. Mas não tem jeito. Afinal são tão parecidas, não é?

O medo ia me abandonando pouco a pouco. Eu observava as mãos da monja. Suas unhas cresciam pouco mais que meio centímetro, e as articulações dos dedos estavam ressecadas e enegrecidas.

— Por que suas mãos estão sujas desse jeito? E pensar que olhando assim, deitado como estou, seu pescoço, ou algo em você, parece tão bonito.

A monja respondeu-me:

¹⁵ Ksitigarbha, conhecido no Japão como Jizô, é um dos quatro principais bodisatvas do Budismo Mahayana Oriental. É reverenciado no Japão como uma divindade protetora das crianças, especialmente daquelas que morreram cedo.

¹⁶ Colchonete tradicional japonês.

— É porque fiz algo sujo. Eu sei como estão. É por isso que estou tentando escondê-las com o rosário e o livro de sutras. Carrego comigo o rosário e o livro pela harmonia das cores: o azul e o escarlate combinam bem com as roupas pretas, melhorando bastante a minha aparência — enquanto dizia isso, folheava rapidamente as páginas do livro — Quer que eu leia?

— Sim — fechei os olhos.

— É uma carta de Rennyō¹⁷: “Ao lançar detidamente os olhos sobre a natureza efêmera do ser humano, apercebo-me de que, em seu início, meio e fim, a vida é impermanente como uma ilusão”. Quem pode ler algo assim constrangedor? Vou ler outra parte: “As mulheres, sob o fardo dos cinco impedimentos e das três subordinações¹⁸, carregam consigo um pecado profundo, maior que o dos homens; por essa razão, todas as mulheres...”¹⁹. Quanta besteira.

— Bela voz — disse eu, de olhos ainda cerrados. — Continue. Para mim todos os dias são um tédio insuportável. Agora consegui enfim me tornar um homem que pode conversar confortavelmente de olhos fechados com uma pessoa ignota a todos que veio lhe prestar uma visita, sem me sobressaltar, sem sentir curiosidade, sem nada perguntar. Isso me deixa contente. E quanto a você?

— Eu, não... afinal, não tenho outra escolha... Você gosta de fábulas?

— Gosto.

A monja começou a contar uma história.

— Esta é uma história sobre caranguejos. Os caranguejos morrem de medo da sua sombra feia, que se projeta na areia da praia, debaixo da luz da lua. Eles são magrinhos porque fogem da própria sombra, caminhando para lá e para cá, e não dormem a noite toda. Seriam muito mais elegantes se fossem dormir lá no fundo do mar, aonde a luz da lua não chega, quietinhos no meio das florestas de algas *kombu* que se mexem para cá e para lá, sonhando talvez com uma visita ao Palácio do Deus Dragão²⁰. Mas a luz da lua fascina os caranguejos, e acaba fazendo com que corram até a praia. Saem da água para a areia, descobrem de repente a própria sombra horrorosa, e primeiro se espantavam, depois ficavam com medo. Os

¹⁷ Rennyō (1415 – 1499), monge budista japonês da seita Jōdo (Terra Pura) e um dos principais responsáveis por sua popularização. As diversas cartas que escreveu a discípulos, com ensinamentos da doutrina budista, tornaram-se bastante famosas e adquiriram o status de escrituras sagradas.

¹⁸ Os cinco impedimentos da mulher, segundo algumas seitas budistas (tal como a seita da Terra Pura, à qual Rennyō pertencia), consistem na impossibilidade de se tornar Bhramā, Sakra, Māra, Caikravarti ou Buda. Segundo as mesmas seitas, as três subordinações que a mulher deve seguir são: quando filha, obedecer ao pai; quando esposa, obedecer ao marido; quando viúva, obedecer ao filho.

¹⁹ O trecho segue: “...não podem ascender ao status de Buda sequer com a força de todos os budas que residem em todos os planos”.

²⁰ *Ryūgū*, palácio submarino em que habita o dragão deus dos mares, de acordo com o folclore japonês. Ele é referenciado em várias lendas, sendo uma das mais conhecidas a de Urashima Tarō, um pescador que é honrado com uma visita ao palácio por haver salvado a vida de uma tartaruga.

caranguejos desnorteados vão murmurando e grunhindo: “Por aqui tem homem, por aqui tem homem”. A carapaça dos caranguejos quebra fácil. Ou melhor, com aquele formato que tem, parece que foi feita para ser quebrada. Quando ela quebra, dizem que se pode ouvir um “*crash*”. Há muito tempo existiu um enorme caranguejo na Inglaterra, que tinha nascido com a carapaça vermelha, muito bonita. Esse caranguejo, coitado, acabou com a carapaça um pouco esmagada, e por pouco não a esmagaram por completo. Será que teria sido culpa do povo, ou uma punição que o próprio caranguejo teria chamado para si? Certo dia esse caranguejo gigante vinha balançando tristemente sua carapaça meio esmagada, com as carnes brancas lhe saltando para fora, e entrou em uma cafeteria. Na cafeteria se aglomeravam vários caranguejos menores, que, reunidos, fumavam cigarros e falavam de mulheres. Um deles, um caranguejozinho nascido na França, lançou seu olhar sereno sobre o caranguejão. A carapaça desse caranguejozinho era repleta de opacas listras cinza, com ares orientais. Dizem que então o caranguejão, evitando o olhar do menor como se estivesse ofuscado, cochichou em segredo: “Seu... não vá debochar de um caranguejo que foi esmagado!”. Ai, outro caranguejinho, que perto do caranguejão era tão, mas tão pequenino que dava dó de ver, deixou o acanhamento para trás e saiu agora do mar do norte. Havia sido enfeitiçado pela luz da lua. Experimentou sair para a areia, e também ele se espantou. “Esta sombra, esta sombra achatada e feia, realmente é a minha? Agora sou um novo homem. Mas, vejam minha sombra. Eu já estou meio esmagado. Minha carapaça é mesmo feia assim? É tão fraca assim?” Este caranguejozinho pequenino murmurava assim enquanto caminhava para lá e para cá. “Será que eu já tive algum talento? Não, não, mesmo que tivesse, seria só um talento estranho. Apenas o dom de continuar vivo.” Que método de sedução você utilizou para convencer o editor a comprar seu manuscrito? Usou este ou aquele artifício? Se chorou, deve ter usado colírio. Ou será que o ameaçou? Ei, vista-se com uma roupa melhor. Não coloque nem mais uma nota na obra. Diga isto, com um ar de tédio: “Se for do seu agrado”. A carapaça me dói. Parece que meu corpo secou. E pensar que o cheiro do oceano era minha única qualidade. Se o aroma do mar houver mesmo desaparecido de mim, ai, quero sumir eu também.²¹ Será que devo entrar mais uma vez na água? Mergulhar até o fundo, até bem no fundo do mar? O que me dá saudades é a floresta de *kombu*. Os bandos de peixes migratórios. O caranguejozinho, respirando com dificuldade, caminhava trôpego pela orla. Descansou um pouco na praia, à sombra de uma cabana com telhado de junco. Descansou um pouco à sombra de um barco pesqueiro em ruínas. Ah, este caranguejo, de onde vem? Da longínqua Tsunuga oriundo é. A andar de lado, aonde irá...?²² — Calou-se.

— O que houve? — abri os olhos até então fechados.

²¹ Dazai nasceu e cresceu perto do mar.

²² As últimas três sentenças são paráfrase de um poema do *Kojiki*.

— Nada — respondeu a monja em voz baixa. — É que é um sacrilégio. São do *Kojiki* estas... Os céus vão me castigar. Onde fica o toalete?

— Saindo do quarto, dobre à direita no corredor e siga reto até uma porta de cedro.

— Com a chegada do outono, nós mulheres já sentimos a friagem... — dizendo isso, encolheu o pescoço e girou os olhos para que eu visse, como criança travessa. Eu lhe sorri.

A monja saiu de meu quarto. Destapei minha cabeça e fiquei refletindo. Não meditei sobre nada que fosse nobre ou elevado. Mas que sorte a minha, foi só o que pensei, com uma risadinha de vilão.

A monja voltou um pouco aflita, e, após fechar com bastante firmeza o *fusuma*, disse, ainda de pé:

— Eu preciso dormir. Já é meia-noite. Imagino que não seria incômodo?

— Não me incomodo — respondi.

Desde os tempos de menino, por mais pobre que tenha sido, sempre tive o cuidado de ter um *futon* bonito; desse modo, mesmo quando estivesse em uma situação assim, com uma visita inesperada para passar a noite, não sentiria vergonha. Levantei-me, retirei um dos meus três *futons* de baixo e coloquei-o logo ao lado.

— Que curioso o desenho deste *futon*. Parece uma daquelas pinturas em vidro.

Retirei para ela uma das duas cobertas que usava em meu leito.

— Oh, não. Não preciso de coberta. Eu durmo assim mesmo.

— Ah, é? — mergulhei logo para dentro das cobertas.

A monja, após empurrar com cuidado o rosário e o livro de sutras para baixo do *futon* sem lençol, deitou-se sobre ele, vestida como estava.

— Olhe bem para meu rosto, por favor. Eu vou adormecer num piscar de olhos. Logo em seguida vou começar a ranger os dentes e, ao fazê-lo, Tathāgata²³ aqui virá.

— Tathāgata?

— Sim. Buda permite-se fazer passeios noturnos, todas as noites. Você deve olhar com atenção, já que diz estar enfadado. Se lhe recusei qualquer coisa, foi também por causa disso.

Com efeito, tão logo acabou de falar, ouviu-se a suave respiração de quem dormia. Logo em seguida, quando se fez ouvir um ranger penetrante, o *fusuma* do quarto soou com leves batidas. Destapei metade do corpo e estendi o braço para abrir o *fusuma*. Ali estava, em pé, Tathāgata.

Ele montava um elefantinho branco, de cerca de 60 centímetros de altura. Sobre o elefante estava colocada uma sela de ouro, enegrecida pela ferrugem. Tathāgata era um tanto—

²³ Um dos heterônimos de Siddhārtha Gautama, o fundador do Budismo e considerado por muitos o Supremo Buda. O termo é ambíguo, podendo significar tanto “Aquele que foi (à verdade)” quanto “Aquele que veio (da verdade)”.

aliás, bastante magro. As costelas uma a uma se faziam salientes, lembrando uma folha de janela. Salvo por um pano marrom e despedaçado que trazia ao redor dos quadris, estava completamente nu. Os braços e pernas, finos como as patas do louva-deus, estavam cheios de teias de aranha e fuligem. Sua pele negra era retinta, e os curtos cabelos se encaracolavam vermelhos. A cabeça, do tamanho de um punho fechado, era coberta de rugas, de modo que nela não se distinguiam nem olhos nem nariz.

— Tathāgata?

— Sim — a voz de Tathāgata era rouca e baixa — Vim porque me vi obrigado.

— Há algo cheirando mal, não? — inspirei sonoramente algumas vezes. Sim, cheirava mal. No mesmo momento em que Tathāgata apareceu, instalou-se em meu quarto um cheiro horrível, eu não sabia vindo de onde.

— Ah, você percebeu? É que este elefante já está morto. Embora eu o tenha empalhado com cânfora, já era de se esperar que exalasse esse cheiro — dito isso, baixou a voz ainda um pouco mais — É que... elefantes brancos ainda vivos estão difíceis de encontrar.

— Eu não faria caso se fosse um elefante comum...

— Oh, não, não é possível. Estamos falando da imagem de Tathāgata. Na verdade, não é que eu queira sair por aí com esta aparência me intrometendo na vida das pessoas. É essa gente inconveniente que me invoca. Parece que o Budismo tornou-se bastante popular.

— Ó, Tathāgata! Por favor, faça logo alguma coisa. Desde há pouco que não consigo respirar bem por causa desse cheiro; vou acabar morrendo asfixiado.

— Que dó — e calou-se um pouco — Meu caro; por acaso não achou ridículo quando me viu aparecer aqui? Não pensou que fosse um tanto desleixada a forma em que Tathāgata lhe apareceu? Por favor, diga o que pensou de fato.

— De modo algum pensei isso; você me pareceu ótimo.

— He, he. É mesmo? — Tathāgata projetou o corpo um pouco para frente — Assim fico mais tranquilo. Desde há pouco não conseguia tirar essa preocupação da cabeça. Talvez eu seja um esnobe. Agora já posso ir embora tranquilo. Só para você, vou mostrar agora como Tathāgata vai embora — terminando de dizer isso, Tathāgata soltou um espirro (“Que droga!”, pensei tê-lo ouvido murmurar) e, junto com seu elefante, tornou-se transparente, como folha de papel quando se molha. Quebrou-se sua essência em inúmeras partículas; sem som algum virou nuvem, depois neblina esparsa, e finalmente sumiu.

Eu, mais uma vez mergulhei para dentro das cobertas e fiquei observando a monja. Ainda dormindo, ela esboçava um sorriso alegre. Parecia ser tanto um sorriso de êxtase quanto um sorriso de escárnio, um sorriso inocente, um sorriso encenado, um sorriso de lisonja, um sorriso de alegria, e um sorriso de choro. A monja continuava a sorrir. Sorria, sorria, sorria, e cada vez se tornava menor até que, enquanto se ouvia um som como o de água que corre

desimpedida, transformou-se em uma pequena boneca de seis centímetros. Eu estendi um dos braços, ergui-a entre os dedos e examinei-a minuciosamente. Suas faces ligeiramente escuras se coagulavam, mantendo o sorriso; seus lábios, ainda mais rosados, eram gotas de chuva, e os dentes brancos, minúsculos como sementes de papoula, se alinhavam espremidos. As mãos, pequenas como flocos de neve fina, estavam levemente pretas, e as pernas, delgadas como folhas de pinheiro, calçavam nos pés meias como grãos de arroz. Experimentei, dentre outras coisas, soprar de leve a barra de suas vestes negras.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Fogo-fátuo. Tradução de Fernando Garcia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 63-78, 2017.

NINGUÉM SABE DISSO¹

Tradução: Guilherme Castro R. Pedrosa²

Revisão: Thais Diehl Bresolin³

Ninguém sabe disso — diz a senhora Yasui, de 41 anos, rindo um pouco —, mas algo muito estranho me aconteceu. Era primavera e eu tinha 23 anos, ou seja, já faz o quê, vinte anos que esse caso ocorreu. Foi um pouco antes do grande terremoto de Kantô. Por aqui em Ushigome, as coisas não mudaram muito desde aquela época. A avenida principal ficou um pouco mais larga e metade do jardim da minha casa foi arrancado para tornar-se parte de outra avenida. Havia um laguinho no jardim que também foi destruído, mas em geral foram só essas mudanças mesmo. Ainda hoje dá para ver o Monte Fuji claramente da varanda do segundo andar se escuta dia e noite o soar do trompete dos soldados e por aí vai. O meu pai, que era governador na província de Nagasaki, foi chamado para ser prefeito deste distrito, durante um verão, quando eu tinha doze anos e minha mãe ainda estava viva. Meu pai nasceu aqui em Ushigome, Tóquio, mas meu avô era de Morioka, na província de Rikuchû⁴. Parece que meu avô, quando jovem, veio para Tóquio sozinho e sem planos, e viveu uma vida um tanto perigosa, atuando metade do tempo como político e metade como comerciante. Bom, um comerciante de alta classe, digamos. Mas, de qualquer forma, no fim ele foi bem sucedido e, quando chegou à meia idade, pôde comprar este terreno em Ushigome, construir esta residência e estabelecer-se definitivamente aqui. Se é mentira ou verdade, eu não sei, mas parece que meu avô nasceu na mesma vila que Hara Takashi, aquele primeiro-ministro que anos atrás foi assassinado na estação de Tóquio, e que meu avô, por ser mais velho e mais experiente em assuntos de política, dava-lhe muitos conselhos, de forma que Hara Takashi, principalmente depois de tornar-se primeiro-ministro, vinha todos os anos cumprimentá-lo no feriado de Ano Novo. Não me parece uma história verídica, porém. Isso porque, quando meu avô me contou essa história, eu tinha doze anos e retornava com meus pais a esta casa em Tóquio, onde até então meu avô vivera sozinho, para morar aqui pela primeira vez, e encontrara-o já um velho babão de mais de oitenta anos. Na verdade, eu, que devido às

¹ “Ninguém sabe disso” [誰も知らぬ, *Daremo shiranu*]. Publicado originalmente em abril de 1940, na revista *Wakakusa*.

² Guilherme Castro R. Pedrosa é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestrando do curso de Literatura Comparada da Universidade de Kanazawa. Atua também como tradutor e intérprete. E-mail: <guilherme.crp@gmail.com>.

³ Thais Diehl Bresolin é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É tradutora e revisora. E-mail: <bresolin.thais@gmail.com>.

⁴ Rikuchû. Antiga província do Japão. Equivale, em sua maior parte, à atual província de Iwate.

transferências de trabalho de meu pai servidor público, morei em Urawa — onde nasci, quando morávamos em uma residência do governo — , Kobe, Wakayama e Nagasani, posso contar nos dedos as vezes que visitei essa casa em Tóquio, de forma que não tinha intimidade com meu avô e, mesmo quando vim morar aqui pela primeira vez aos doze anos e passei a conviver com ele, ainda sentia que ele era um estranho de aparência miserável e que falava com um sotaque de interior tão forte que eu nunca tinha certeza se o havia compreendido; todos fatores que só aumentavam minha antipatia por ele. Como não tínhamos muita intimidade, ele tentava de todas as maneiras me agradar, como, por exemplo, aconteceu no dia em que ele me contou essa história do Hara Takashi, em uma noite de verão, sentado em um banco no jardim de pernas cruzadas, com um dos braços arqueados, abanando-se com um leque Uchiwa, quando então eu, que logo fiquei entediada, soltei um enorme bocejo de propósito e ele, vendo isso de canto de olho, mudou o tom de voz e disse: “Hara Takashi não é interessante, então vamos falar das sete maravilhas de Ushigome”, e começou a narrar essa outra história em um tom suave. Sei lá, mas meu avô tinha algo de desonesto. Essa história do Hara Takashi, por exemplo, não me parece verídica. Posteriormente, perguntei ao meu pai sobre essa história, e ele deu um leve sorriso amargo e então respondeu gentilmente, enquanto passava a mão na minha cabeça, que era possível que Takashi tivesse vindo aqui uma ou outra vez, pois o vovô não contava mentiras. Meu avô morreu quando eu tinha dezesseis anos. Eu não gostava muito dele, mas chorei muito no dia do seu velório. Foi uma cerimônia muito bonita, e acho que acabei chorando pela emoção do momento. No dia seguinte, na escola, os professores vieram me dar as condolências e, a cada vez que isso acontecia, eu chorava. Também recebi, inesperadamente, a simpatia dos meus colegas, o que me deixou envergonhada. Naquela época, eu frequentava uma escola para meninas em Ichigaya e era tratada como uma princesinha, era muito mais feliz do que merecia. Eu nasci quando meu pai tinha quarenta anos e era secretário da educação em Urawa, e, como filha única, eu era a queridinha do papai, da mamãe e de todos ao meu redor. Eu me considerava uma criança tímida e solitária que necessitava da piedade dos outros, mas, pensando nisso agora, eu era só uma garota egoísta e arrogante. Logo que comecei a ir à escola em Ichigaya, fiz uma amiga chamada Serigawa, que foi sempre amigável e cuidadosa comigo, mas que, pensando agora, devia me achar uma chata arrogante e mesmo assim ter decidido me tratar com gentileza. Além disso, ela era muito submissa e concordava com tudo que eu dizia, de forma que nossa relação parecia a de um patrão autoritário e seu criado. A casa dela ficava defronte da nossa, sabe, tinha aquela loja de doces Kagetsudô, não tinha? Isso mesmo, essa loja que continua prosperando até hoje e que produz aquele doce chamado *izayoi monaka*, que é um *monaka*⁵ recheado com castanha portuguesa e pasta de feijão *azuki*, o carro chefe da casa. Hoje em dia a

⁵ Doce japonês feito de dois *wafers* arredondados recheados normalmente com pasta de feijão *azuki* (*anko*).

loja passou para as mãos do irmão dela, que agora é o chefe da família Serigawa e que lá trabalha duro da manhã à noite. Sua esposa também parece ser uma mulher muito trabalhadora, sempre na recepção atendendo aos telefonemas e repassando rapidamente os pedidos aos meninos da loja. Essa minha amiga Seriguchi, três anos após se formar no ensino médio, conseguiu encontrar um bom partido e se casou. Agora ouvi dizer que ela está morando na capital da Coreia ou algo assim. Já faz uns vinte anos que não nos vemos. Parece que seu marido é um homem bonito que se formou em uma escola particular do bairro de Mita, que atualmente administra um jornal relativamente grande na capital coreana. Eu e a Serigawa continuamos nossa amizade mesmo depois do colégio, embora a palavra amizade aqui seja aplicada a uma relação em que a Serigawa vinha à minha casa, e nunca o contrário, para, em geral, conversarmos sobre literatura. Desde a época da escola, Serigawa lia avidamente romances de Natsume Sôseki e Tokutomi Roka e também escrevia redações muito bem, de uma forma bastante madura, enquanto eu, por outro lado, era um desastre nesse assunto. Eu não tinha interesse algum. No entanto, ao passo que ela a toda hora me emprestava romances e eu os lia em uma mistura de tédio e confusão, passei a entender um pouco o que tinha de interessante em livros. Porém, os romances que me interessavam não a agradavam, e os que a interessavam eram incompreensíveis para mim. Eu gostava das novelas históricas de Mori Ôgai, mas Serigawa ria e dizia que eu era ultrapassada, que os romances de Arishima Takeo eram muito mais profundos. Ela trouxe dois ou três para mim, que eu até li, mas não entendi nada. Pode ser que eu pense algo diferente caso os leia hoje, mas esse tal de Arishima era cheio de umas teorias bestas nas quais eu não via graça nenhuma. Talvez eu seja uma pessoa simples mesmo. Os autores em ascensão naquela época eram muitos: Musanokôji Saneatsu, Shiga Naoya, Tanizaki Jun'ichirô, Kikuchi Kan, Akutagawa Ryûnosuke e por aí vai, e entre eles eu gostava dos contos de Shiga e Kikuchi, mas a Serigawa falava mal até deles, dizendo que eles eram ideologicamente pobres e não sei o que mais, enquanto ria. Mas acontece que eu não me dou bem com obras cheias de teoria. Toda vez que a Serigawa vinha me visitar, ela trazia novas edições de revistas literárias, coletâneas etc. e me contava sinopses de obras e até fofocas sobre autores, mas ela falava com tanto entusiasmo que, quando eu comecei a achar aquilo estranho, ela finalmente deixou escapar o porquê de todo aquele fervor. Você sabe como são amigas mulheres, mal estão começando a ficar íntimas e já mostram seus álbuns de fotografias uma para a outra, então um dia a Serigawa trouxe um álbum e, enquanto eu fingia que estava escutando suas explicações excessivamente detalhadas, comecei a folheá-lo, quando de repente vi a foto de um menino muito bonito segurando um livro em frente a um roseiral e, inconscientemente, fiquei vermelha e disse: “Que menino mais lindo!” Então, Serigawa disse abruptamente: “Não!”, e arrancou o álbum da minha mão, o que fez com que eu logo percebesse o que estava acontecendo. “Tudo bem, agora eu já vi mesmo”, disse eu

calmamente, e ela repentinamente abriu um sorriso e me disse: “Você já sacou, né? Você é muito esperta, não? Veja só, entendeu rapidinho, não foi? Pois é, a gente já se conhece desde a época da escola”, blá, blá, blá, e seguiu falando sozinha sem parar, e eu, que não tinha entendido era nada, acabei sabendo foi de tudo. Ela era realmente doce e inocente. Ela e esse tal menino bonito se conheceram por meio de uma coluna de correspondências de uma revista, é coluna de correspondência que se diz? Bom, então eles começaram a escrever um para o outro e entraram em uma, digamos, sintonia, algo difícil de compreender para alguém comum como eu, mas enfim, eles passaram a trocar correspondências em privado e, assim que ela se formou, seus sentimentos só cresceram e os dois meio que decidiram que ficariam juntos. Ele era o segundo filho do dono de uma empresa de navios em Yokohama e era um aluno prodígio da Universidade Keio⁶ que, no futuro, pretendia se tornar um grande escritor. Isso foi o que ouvi da Serigawa, mas para mim essa história toda não passava de uma loucura, uma sujeira terrível. Por outro lado, eu tinha tanta inveja dela que meu coração palpitava, mas, tentando o máximo possível esconder isso, disse a ela: “Que interessante, mas é melhor você ir com calma”, e isso a atingiu como uma ofensa, o que fez com que ela me atacasse de uma forma como nunca antes, me dizendo: “Você é maliciosa, apunhala pelas costas, sempre me desdenhando com seu olhar frio, você é uma falsa”. Então respondi com sinceridade o que passava em minha cabeça: “Me desculpe, eu nunca tive intenção de desdenhar você, esse olhar frio é meu jeito mesmo, sempre há mal entendidos em relação a isso e, além disso, eu achei essa história uma loucura, o seu parceiro é muito bonito, então acho que fiquei com inveja”. E, com isso, ela já mudou de humor e ficou sorridente, dizendo: “Pois é, a única pessoa lá em casa para quem me abri sobre isso foi meu irmão, mas ele reagiu de forma semelhante à sua e disse que era contra, pois eu deveria arranjar um casamento mais previsível, mais pé no chão, o que era de se esperar, pois meu irmão é muito realista e objetivo, mas de qualquer forma eu não ligo para a opinião dele”, continuou ela em um tom animado, “pois na primavera do ano que vem, assim que meu amado se formar, vamos dar um jeito na nossa vida”. Eu forçava sorrisos e apenas ouvia concordando com a cabeça. A inocência dela era extremamente bela e invejável, de forma que senti que meu jeito antiquado e conformista era algo muito feio. Depois desse incidente, minha relação com a Serigawa nunca foi a mesma. Sabe, mulher é um bicho estranho mesmo, é só colocar um homem no meio que não importa se elas se davam bem antes, de repente passam a agir de maneira formal e acabam tornando-se frias uma com a outra. Não é bem como se nós tivéssemos ficado muito diferentes uma com a outra, mas começamos a ficar cheias de dedos, falar menos e em linguagem mais formal. Em resumo, havíamos virado adultas. Tanto eu quanto ela evitávamos tocar no assunto daquela foto, o ano passou e começou a aproximar-se a primavera dos nossos 23 anos, e foi bem no final de março

⁶ Keio e Waseda são as duas universidades privadas mais prestigiosas do Japão.

desse ano que esta história aconteceu. Lá pelas dez horas da noite, estávamos eu e minha mãe na sala, costurando o uniforme do meu pai, quando a empregada abriu a porta devagar e me chamou com a mão. “Eu?”, perguntei com o olhar e ela balançou a cabeça duas ou três vezes, de forma séria, dizendo que sim. “O que foi?”, perguntou minha mãe pressionando os óculos na testa. A empregada tossiu de leve e respondeu, com aparente pesar: “O irmão da senhorita Serigawa gostaria de falar com a senhorinha”, e, então, tossiu mais duas ou três vezes. Eu levantei prontamente e fui para o corredor. Tive um pressentimento de que já sabia o que estava se passando. Aconteceu algo com a Serigawa, tenho certeza, pensei eu e já me pus a caminho da sala de espera, quando então a empregada me interrompeu e, com ares de que o assunto era sério, me disse que ele estava esperando na cozinha, depois deu uma corridinha desengonçada na minha frente. Ao me aproximar da porta da cozinha, que estava numa penumbra, vi o irmão da Serigawa parado e sorridente. Quando eu frequentava a escola com sua irmã, trocávamos algumas palavras todas as manhãs e todas as noites, pois ele estava sempre de prontidão na loja, trabalhando junto com os ajudantes. E mesmo depois que me formei continuamos nos vendo, pois, mais ou menos uma vez por semana, ele vinha à minha casa para fazer alguma entrega de doces e eu carinhosamente até chamava-o de “mano”. No entanto, ele nunca tinha vindo à minha casa tão tarde da noite e essa forma de me chamar para conversar às escondidas só me indicava que a Serigawa tinha finalmente levado adiante os seus planos, pensei eu nervosa e então disse: “Ultimamente eu não tenho visto a Serigawa”, sem que ninguém tivesse me perguntado nada.

— Você sabia? — perguntou ele fazendo cara de dúvida.

— Não.

— Entendi. Bom, ela sumiu. É uma estúpida mesmo. Literatura, onde já se viu? Você sabia pelo menos do caso dela, não é?

— Sim, disso — e dizia com minha voz trancando na garganta — disso eu sei.

— Ela fugiu. Mas meio que sei seu paradeiro. Ela realmente não disse nada para você ultimamente, certo?

— Não, ela andava meio distante de mim ultimamente. O que será que aconteceu? Você quer entrar? Temos bastante o que conversar.

— Ah, obrigado. Mas não posso ficar aqui. Devo sair agora para procurá-la. — Olhando bem, ele estava bem vestido, de terno, e segurando uma pasta.

— Você já sabe o que vai fazer?

— Sim, sei sim. Vou dar uns tapas naqueles dois e depois fazê-los ficarem juntos.

Ele disse isso dando uma risada gostosa e se foi, mas eu fiquei na porta parada e meio zozna, acompanhando-o com os olhos, depois voltei para a sala onde estava, fingi não perceber o olhar de curiosidade da minha mãe, peguei a costura que estava fazendo e trabalhei nela por

alguns instantes. Mas me levantei decidida, fui para o corredor, dei uma corridinha até a cozinha, coloquei meu calçado e, então, comecei a correr desesperadamente. O que será que eu estava sentindo? Até hoje eu não sei. Eu decidira que iria perseguir aquele irmão bondoso e não me separar dele até morrer. Eu não ligava para o problema da Serigawa, só queria encontrá-lo novamente, não importava o que acontecesse, se estivéssemos juntos, poderíamos ir para qualquer lugar; então pensei para mim: “Por favor fuja comigo agora, faça o que quiser de mim”, pensei nisso a noite toda, como se o pensamento fosse uma chama abrupta, e segui correndo em silêncio como um cão por aquelas ruas escuras, às vezes tropeçando, me erguendo e voltando a correr em silêncio, enquanto lágrimas escorriam, um sentimento que, pensando agora, fazia parecer que eu estava no inferno. Quando cheguei à estação ferroviária municipal perto de Ichigaya, estava quase sem poder respirar, com o corpo doendo e enxergando tudo escurecido à minha frente, tenho certeza de que aquela era a sensação de alguém prestes a perder a consciência. Não havia uma vivalma naquela estação. Podia-se ver que o trem acabara de passar. Então, como um último lampejo de desejo, gritei com todas as minhas forças: “Mano!”. Mas nada aconteceu. Juntei minhas duas mãos ao peito e retornei. Recompus-me aos poucos a caminho de casa e, chegando lá, ao abrir a porta da sala em silêncio, minha mãe me perguntou: “Aconteceu algo?”, enquanto me olhava com cara de suspeita. Respondi em um tom despreocupado: “Sim, a Serigawa desapareceu. Que horror, não é?”, e voltei a costurar. Minha mãe pareceu querer me perguntar mais coisas, mas, em consideração, calou-se e seguiu costurando. E essa era a história. E como disse antes, a Serigawa parece que tem um casamento feliz com esse moço de Mita e agora vive na Coreia. E eu também, no ano seguinte, me casei com meu atual marido. E depois daquilo, encontrei o irmão da Serigawa várias vezes e nada foi diferente entre nós. Ele agora é o chefe na Kagetsudô, casou-se com uma menina baixinha e bonita, e tem uma vida bastante próspera. Será que eu, enquanto costurava aquele dia, caí no sono e sonhei com aquilo? Se foi um sonho, foi um sonho bastante realista. Você entende, não é? Essa história parece uma completa mentira. Mas quero que você a mantenha em segredo. Afinal, você já é uma mocinha, minha filha, está indo para o terceiro ano do colegial.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Ninguém sabe disso. Tradução de Guilherme Castro R. Pedrosa. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 79-84, 2017.

CORRA, MELOS¹

Tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues²

Revisão: Luciano Pimentel³

Melos foi tomado pela fúria. Ele estava determinado a derrubar aquele rei cruel e desalmado a qualquer preço. Não entendia nada de política. Sendo um simples pastor de uma pequena aldeia, levava uma vida tranquila, tocando flauta e cuidando das ovelhas. No entanto, os atos de maldade pareciam tocar nele mais fundo do que nas outras pessoas.

Naquele dia, antes mesmo de o sol nascer, deixou sua aldeia para cruzar campos e montanhas, percorrendo os cerca de quarenta quilômetros que a separavam de Siracusa. Melos não tinha pai nem mãe; tampouco era casado. Vivia com sua irmã mais nova, uma moça tímida de dezesseis anos de idade, que logo se casaria com um pastor de boa índole. E foi justamente para comprar o vestido de noiva e as comidas para o banquete de casamento que Melos havia viajado até aquela cidade. Tendo comprado tudo de que precisava, ele passou a caminhar, sem pressa, pela principal rua da capital. Planejava visitar seu amigo de infância, Selinuntius, que vivia e trabalhava como pedreiro em Siracusa. Muito tempo havia se passado desde a última vez que tinham se visto, e Melos mal podia esperar pelo reencontro. Durante seu trajeto, começou a perceber que havia algo estranho no ar. Estava tudo muito quieto. O sol já havia se posto, e a escuridão noturna havia tomado conta das ruas. Porém, a atmosfera de grande desolação não se devia apenas ao cair da noite. Mesmo sendo uma pessoa calma e despreocupada, Melos estava ficando cada vez mais inquieto. Ele parou um jovem que passava por ali e lhe perguntou o que havia acontecido, pois quando havia ido à cidade pela última vez, há coisa de dois anos, podia-se ver muito movimento nas ruas e pessoas cantando com empolgação mesmo à noite. O jovem se limitou a sacudir a cabeça sem responder. Um pouco mais adiante, o pastor cruzou com um homem idoso e lhe fez a mesma pergunta, só que de maneira mais enfática. O ancião não respondeu. Então, Melos segurou o velho senhor com ambas as mãos e o sacudiu, repetindo a pergunta. Hesitante, o idoso sussurrou umas poucas palavras:

— O rei mata as pessoas.

¹ “Corra, Melos” [走れメロス, *Hashire Merosu*]. Publicado originalmente em maio de 1940, na revista *Shinchô*.

² Fernando de Siqueira Rodrigues é Bacharel em Letras — Tradutor Português/Japonês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e revisor de textos. E-mail: <frelsi@gmail.com>.

³ Luciano Pimentel é Bacharel em Letras — Tradutor Português/Italiano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como revisor de textos e tradutor, com proficiência nas línguas inglesa e italiana. E-mail: <luciano.trad@gmail.com>.

— Por que ele faz isso?

— Ele diz que elas são mal-intencionadas, mas é claro que nem todo mundo é assim.

— O rei matou muita gente?

— Sim, o primeiro foi o cunhado. Depois foi o seu próprio herdeiro. Então, foi a vez da sua irmã e do filho dela. Não demorou muito, ele matou a rainha e, em seguida, o sábio Alekis.

— Que coisa horrível. O rei enlouqueceu.

— Não, o rei não enlouqueceu. Ele diz que não se pode confiar em ninguém. Ultimamente, andou desconfiando de seus serviçais e ordenou que os mais ricos entre eles lhe entregassem um refém cada. Aqueles que descumprissem seu desígnio seriam crucificados. Hoje seis pessoas foram executadas.

Melos se enfureceu ao escutar isso:

— Mas que rei deplorável. Não posso deixar que ele continue vivendo.

Melos era um homem simples. Com o peso das compras sobre seus ombros, marchou lentamente até o castelo real. Tão logo adentrou a fortificação, foi detido pelos guardas em ronda, que passaram a revistá-lo imediatamente. Um grande alvoroço se espalhou pelo recinto quando encontraram uma adaga em um de seus bolsos. Melos, então, foi levado à presença do rei.

— O que você pretendia fazer com esta adaga? Fale! — perguntou calmamente o tirano Dionísio, mantendo o tom solene. Seu rosto era pálido, e os vincos da sua fronte eram tão profundos que pareciam ter sido esculpidos.

— Eu ia livrar a cidade das mãos de um tirano — respondeu o pastor sem qualquer sinal de hesitação.

— Você? — o rei sorriu com desdém. — Que sujeitinho petulante. Você não sabe nada da minha solidão.

— Cale a boca! — retrucou Melos, irritado. — Duvidar do coração das pessoas é a pior coisa que alguém pode fazer. E você, um rei, duvida até mesmo da lealdade do seu povo.

— Foram vocês que me ensinaram a desconfiar de tudo e de todos, a não acreditar no coração dos homens. Em sua essência, o ser humano não passa de uma fonte inesgotável de egoísmo, o que o torna indigno de confiança.

Calmo, o tirano murmurou e suspirou profundamente:

— Contudo, o fato é que eu desejo a paz.

— E para que serve essa paz? Para defender seu trono? — agora era Melos quem ria com escárnio. — Que tipo de paz é essa, que mata inocentes?

— Cale-se, plebeu!

O rei ergueu o rosto rapidamente e respondeu:

— É muito fácil falar coisas bonitas assim, da boca para fora. Eu consigo enxergar o que os homens trazem nos recônditos de seus corações. Você logo será crucificado e pedirá perdão aos prantos. Mas eu não lhe darei ouvidos.

— Ah, mas que rei sábio. Você é mesmo muito convencido. Pois bem, estou preparado para morrer e jamais irei implorar pela minha vida. Porém...

Melos hesitou por um instante. Com os olhos voltados para baixo, prosseguiu:

— Porém, se tiver alguma clemência para comigo, gostaria de lhe pedir para que adie minha execução em três dias. Quero entregar a mão da minha única irmã ao noivo dela e preciso desse tempo para voltar à minha aldeia e realizar a cerimônia de casamento. É claro, eu vou retornar antes que o terceiro dia termine.

— Seu imbecil — disse o tirano em meio a uma risada rouca. — Acha mesmo que cairei nessa mentira? Diga-me, qual é o pássaro que volta para a gaiola depois de fugir?

— Sim, eu vou voltar! — insistiu o pastor, sua voz revelando desespero. — Eu cumprio o que prometo. Três dias, é só o que peço. Minha irmã aguarda o meu retorno. Mas já que não acredita nas minhas palavras, eis a minha proposta: nesta cidade, vive um pedreiro chamado Selinuntius. Ele é o meu melhor amigo, e eu o deixarei aqui como refém. Se eu não retornar em três dias, você vai poder crucificá-lo no meu lugar. Por favor, aceite essa oferta.

Essas palavras despertaram toda a crueldade do rei, que sorriu discretamente. “Que sujeito mais insolente. Está na cara que ele não voltará. Mas acho que será divertido fingir que fui engando por este mentiroso e deixá-lo ir. Também será um prazer executar seu substituto daqui a três dias. Ordenarei sua crucificação fazendo uma cara consternada, como se dissesse: ‘é por isso que não se pode confiar nos homens’. Isso servirá de lição a todos aqueles que se dizem honestos”.

— Muito bem, eu aceito o seu pedido. Pode chamar o pedreiro que irá substituí-lo. Você tem até o crepúsculo do terceiro dia para retornar. Caso se atrase, seu amigo será executado imediatamente. Mas um pequeno atraso fará bem a você, pois eu o perdoarei para sempre.

— O quê? O que foi que disse?

— Ha, ha! Se você preza por sua vida, é melhor chegar atrasado. Eu conheço bem o seu coração.

Melos ficou tão indignado que pisoteou o chão com raiva. Ele não tinha mais nada a dizer.

Selinuntius foi levado até o castelo tarde da noite. Ali, diante do tirano Dionísio, os dois se reencontraram após dois anos. O pastor contou tudo para o pedreiro, que, em silêncio, assentiu com a cabeça e o abraçou com firmeza. Não era preciso mais do que isso para que os dois amigos se entendessem. Selinuntius foi amarrado, e Melos partiu sem demora. Era início de verão, e o céu estava completamente estrelado.

Naquela noite, sem parar para dormir, ele percorreu o caminho de quarenta quilômetros o mais rápido que pôde, chegando à sua aldeia pela manhã. O sol já estava alto no céu, e os aldeões já haviam começado a trabalhar no campo. A jovem irmã de Melos estava cuidando das ovelhas em seu lugar. Ela ficou atônita ao vê-lo se aproximar cambaleando, completamente exausto pela viagem, e começou a enchê-lo de perguntas.

— Não foi nada — respondeu Melos, se esforçando para sorrir. — Preciso retornar à cidade rapidamente para resolver um assunto pendente. Vamos celebrar seu casamento amanhã mesmo. Quanto mais cedo, melhor.

Ela corou de vergonha.

— Está feliz? Comprei um vestido bem bonito para você. Vá e avise o resto da aldeia que a cerimônia vai ser amanhã.

Então, Melos tomou o rumo de casa, trôpego. Chegando lá, ele decorou o altar e arrumou as mesas para o banquete. Assim que terminou os preparativos, desabou no chão e caiu em um sono tão profundo que parecia ter parado de respirar.

Quando acordou, já era noite. Melos se levantou rapidamente e foi até a casa do noivo para lhe explicar que, devido a circunstâncias imprevistas, precisava pedir para que o casamento fosse realizado no dia seguinte. Perplexo, o rapaz respondeu que isso não seria possível, pois não conseguiriam fazer os preparativos a tempo, e pediu ao futuro cunhado para que esperasse até a época da colheita das uvas. Melos disse que não poderia esperar tanto tempo e insistiu para que a cerimônia fosse realizada no dia seguinte. O noivo também se mostrava irredutível, recusando-se a aceitar o pedido. A discussão se arrastou até o amanhecer, quando finalmente Melos conseguiu convencê-lo de suas razões.

O matrimônio foi realizado ao meio-dia. Assim que os recém-casados terminaram de fazer seus votos aos deuses, o céu ficou recoberto de nuvens escuras, e o chuvisco inicial logo deu lugar a um verdadeiro aguaceiro.

Os aldeões que compareceram ao banquete consideraram a virada do tempo um mau presságio, mas não se deixaram abater por tal pensamento e se puseram a cantar e bater palmas, animados, apesar do calor abafado dentro da pequena casa. Melos também estava radiante de alegria, chegando até a se esquecer, por um breve momento, da promessa que havia feito ao rei. O banquete ficou ainda mais animado com a chegada da noite, e as pessoas não se importavam mais com a chuvarada que caía lá fora. “Queria que a vida inteira fosse assim, convivendo com essas pessoas adoráveis”, pensou Melos. Porém, isso estava além do seu controle, pois sua vida já não lhe pertencia. A muito custo, ele finalmente tomou coragem e decidiu que partiria. Ainda faltava um bocado para o pôr do sol do dia seguinte. “Dá tempo de tirar um cochilo, daí vou partir para Siracusa assim que acordar. Até lá, a chuva já deverá ter diminuído”, disse consigo mesmo. Nem mesmo um homem como Melos é completamente

livre de apego, e, como não podia deixar de ser, era um tanto doloroso para ele ter que se despedir de tudo e de todos que amava. O pastor se aproximou da noiva, que estava completamente embevecida, como que embriagada de alegria:

— Meus parabéns! Desculpe, mas estou muito cansado e, se me der licença, gostaria de me retirar para dormir um pouco. Assim que acordar, vou partir rumo à cidade. Como disse antes, tenho um assunto muito sério para resolver por lá. Mesmo eu não estando por perto, você jamais vai se sentir sozinha, pois agora tem um marido bom e gentil. Você sabe muito bem que as coisas que seu irmão mais detesta no mundo são a desconfiança e a mentira. Tudo o que eu quero lhe dizer é que não pode haver segredos entre você e seu marido. O seu irmão é um homem honrado. Por isso, orgulhe-se dele também.

Com a cabeça nas nuvens, a noiva apenas assentiu. Então, Melos cutucou o ombro do noivo e lhe disse:

— Nenhum de nós pôde preparar as coisas direito. Os únicos tesouros que tenho na vida são minha irmã e minhas ovelhas, nada mais. São todas suas. Tudo que peço é que tenha orgulho de ter se tornado irmão de Melos.

O noivo esfregou as mãos sem saber o que dizer. Melos deixou o banquete sorrindo e saudando a todos. Ao chegar ao curral das ovelhas, deitou-se e dormiu profundamente.

Ao acordar na alvorada do dia seguinte, ele deu um pulo e pensou sobressaltado: “Pelos deuses! Será que dormi demais? Não, ainda tenho tempo suficiente. Se eu sair agora, vou chegar bem na hora marcada. Hoje vou mostrar para aquele rei que há pessoas honradas no mundo. E depois vou ser crucificado com um sorriso no rosto”.

Melos começou a se vestir calmamente. A chuva lá fora parecia ter diminuído de intensidade. Assim que terminou de se arrumar, agitou seus braços com vigor e disparou a correr.

“Eu vou ser morto hoje à noite. Estou correndo para os braços da morte, para salvar a vida do meu amigo, que ficou no meu lugar. E estou correndo para acabar com a artimanha do rei. Tenho que correr. E então vou ser morto. Mesmo sendo jovem, eu vou defender minha honra. Adeus, minha aldeia querida”.

O jovem Melos estava sofrendo. Esteve prestes a parar diversas vezes, mas resistiu, censurando-se em voz alta enquanto corria. Deixou a aldeia para trás, cruzou os campos e atravessou a floresta. Quando chegou à aldeia vizinha, a chuva já havia parado, o sol estava alto no céu, e o clima estava cada vez mais quente. Melos enxugou o suor da testa. Agora que havia conseguido chegar até ali, já não sentia mais o apego de antes por sua terra natal.

“Tenho certeza de que minha irmã vai ser feliz ao lado do seu marido. Já não tenho mais com que me preocupar. Tudo o que tenho de fazer é ir direto ao castelo, mas também não preciso me apressar demais”.

Melos diminuiu a velocidade dos passos, retomando seu jeito despreocupado de ser. Com a voz afinada, começou a cantarolar uma canção de que gostava. Continuou nesse ritmo por cerca de doze quilômetros e, quando atingiu a metade do caminho, parou, ao se deparar com uma adversidade inesperada. Que catástrofe! A forte chuva do dia anterior causou a inundação da nascente do rio, e uma ruidosa torrente lamacenta desceu as montanhas com grande fúria, destruindo completamente a ponte que ligava as duas margens. Atônito com o cenário à sua frente, ele permaneceu imóvel. Então, deu uma olhada ao seu redor e gritou o mais alto que pôde, porém não havia o menor sinal de embarcações ou barqueiros por perto. A correnteza aumentava cada vez mais, deixando o rio agitado como o oceano. Melos se agachou na margem e, chorando, levantou as mãos para o alto e suplicou a Zeus:

— Por favor, acalme essa correnteza! O tempo está se esgotando, e o sol já está bem alto no céu. Se eu não conseguir chegar ao castelo antes do poente, meu amigo querido vai morrer por minha causa!

Como se zombassem dos apelos de Melos, as águas lamacentas se agitaram ainda mais: suas ondas passaram a se retorcer e a quebrar com grande violência, devorando umas às outras enquanto o tempo se esvaía. Por fim, ele tomou uma decisão:

— Não há outra opção a não ser atravessar o rio a nado. Ah, deuses, sejam minhas testemunhas! Mostrarei que a força do amor e da honestidade não pode ser derrotada pela fúria desta correnteza.

Melos mergulhou no rio e começou sua luta contra as ondas violentas, que o atacavam e se contorciam à sua volta, como se fossem centenas de serpentes gigantes. Concentrando toda a força do corpo em suas braçadas, o pastor abriu caminho em meio à violência das águas e, sem nada temer, deixou para trás os redemoinhos que o tentavam engolir. Era como se, ao verem todo esse esforço, os deuses finalmente se mostraram misericordiosos. Mesmo tendo sido arrastado pela correnteza, ele conseguiu se agarrar a um tronco de árvore na margem oposta.

— Graças aos deuses!

Como um cavalo molhado, Melos agitou o corpo vigorosamente e começou a correr novamente. Não havia um minuto a perder, pois o sol já se inclinava para o oeste. Ofegante, ele subiu o monte em direção ao desfiladeiro. Bem quando começou a se sentir aliviado por ter chegado ao topo, um grupo de bandidos surgiu repentinamente diante dos seus olhos.

— Ei, espere aí.

— O que vocês querem? Preciso chegar ao castelo antes de o sol se pôr. Deixem-me passar.

— A gente não vai deixar. Passe para cá tudo o que você tem.

— Não tenho nada além da minha própria vida. Inclusive, vou dá-la ao rei ainda hoje.

— É sua vida mesmo que a gente quer.

— Vocês armaram esta emboscada a mando do rei, não foi?

Sem dizer nada, os bandidos levantaram seus sarrafos ao mesmo tempo. Com agilidade, Melos se agachou e investiu contra o homem mais próximo, arrancando o sarrafo de suas mãos.

— Lamento, mas faço isso em nome da justiça!

Num único instante, Melos derrubou três dos bandidos, antes de aproveitar o recuo dos demais para descer o monte o mais rápido que pôde. Ao chegar ao sopé, começou a sentir o peso do cansaço. Como se não bastasse, o sol da tarde ardia impiedosamente sobre sua cabeça. Lutando contra as ondas de tontura que iam e vinham persistentemente, ele resistiu com todas as suas forças até que, depois de cambalear dois ou três passos, caiu de joelhos. Não conseguia mais se levantar. Olhou para o céu e, chorando de vergonha, repreendeu a si mesmo:

— Ah, Melos! Você atravessou a correnteza e derrotou três bandidos para chegar até este ponto. Um verdadeiro herói. Mas aqui, neste momento, está tão cansado que já não consegue mais se mover. Muito em breve, seu querido amigo vai perder a vida por ter confiado em suas palavras. Você é exatamente o que o rei estava esperando: um exemplo perfeito de ser humano desonesto. Está tão exausto que até um verme conseguiria rastejar mais rápido do que você.

A muito custo, ele rolou para o lado da estrada, permanecendo deitado sobre a relva. Quando a fadiga toma conta do corpo, a mente também é afetada.

— Nada mais importa — disse a si mesmo. O desânimo, tão indigno de um herói, começou a invadir seu coração. — Fiz tudo o que pude. Não tinha a menor intenção de quebrar minha promessa. Os deuses são testemunhas de que fui até onde minhas forças permitiram. Corri até não conseguir dar mais um passo. Não sou um reles traidor. Ah, seu eu pudesse rasgar meu próprio peito, mostraria como meu coração é vermelho e como o sangue que corre nele é feito apenas de amor e sinceridade. No entanto, minhas forças me abandonaram no momento mais importante. Que desgraça a minha. Sem dúvida, eu e a minha família vamos ser ridicularizados. Enganei meu amigo. Desistir no meio do caminho é o mesmo que não ter feito nada desde o início. Bom, não importa mais. Este deve ser o meu destino. Selinuntius, me perdoe! Você sempre acreditou em mim, e eu nunca traí a sua confiança. Fomos grandes amigos e jamais deixamos uma sombra de dúvida sequer pairar sobre nossos corações. Mesmo agora, você deve estar me esperando, sem duvidar da minha chegada. Sim, é claro que está me esperando. Obrigado, Selinuntius, por ter acreditado em mim. E pensar nisso me causa uma dor insuportável, pois a confiança entre amigos é a coisa mais valiosa do mundo. Eu corri, Selinuntius. Não tinha a menor intenção de enganá-lo, acredite em mim! Cheguei até aqui o mais rápido que pude. Superei a força da correnteza, escapei do cerco dos bandidos e descii o monte a toda velocidade. Ninguém além de mim teria

conseguido fazer isso. Ah, mas não espere mais de mim, deixe-me em paz. Não importa mais, pois fui derrotado, sou uma vergonha. Podem rir de mim. O rei sussurrou no meu ouvido que seria bom se eu chegasse um pouco atrasado. Ele me prometeu que mataria o refém no meu lugar se eu fizesse isso. Como odiei sua covardia. Mas acontece que estou fazendo exatamente o que ele disse. Tudo indica que vou chegar atrasado. O rei vai rir da minha cara e me libertar, sem fazer cerimônia. Para mim, isso seria pior do que a morte. Eu seria um traidor por toda a eternidade, o homem mais desgraçado a andar sobre a terra. Selinuntius, eu também vou morrer. Vou morrer junto com você. Só você acreditaria em mim. Não, será que estou sendo complacente comigo mesmo? Não seria mais justo seguir vivendo como um pária? Tenho minha casa e minhas ovelhas na aldeia. Minha irmã e meu cunhado jamais me expulsariam de lá. Pensando bem, justiça, sinceridade e amor não significam nada. Matamos outros homens para que possamos seguir vivendo. Não é assim que o nosso mundo funciona? Ah, é tudo uma grande bobagem. Sou mesmo um traidor terrível. Façam de mim o que quiserem, nada vai mudar.

Ele se esparramou no chão e pegou no sono.

De repente, um ruído de água murmurante chegou aos seus ouvidos. Melos ergueu um pouco a cabeça, prendeu a respiração e apurou os ouvidos. Não parecia vir de muito longe. Ele se levantou com dificuldade e viu a água jorrando de uma fenda nas rochas. Ouvindo aquele burburinho suave, aproximou-se da fonte como que atraído por ela, curvou-se e bebeu a água com as mãos. Deixou escapar um longo suspiro: tinha a sensação de que acabara de despertar de um sonho.

— Eu posso andar. Preciso ir.

Um raio de esperança surgiu junto com a energia que voltava a animar seu corpo. A esperança de cumprir seu dever e salvar sua honra com o sacrifício da própria vida. As árvores pareciam arder em brasa com o brilho avermelhado do entardecer que reluzia em seus galhos e folhas. Ainda havia tempo até o sol se pôr.

— Ele está à minha espera e acredita cegamente no meu retorno. Meu amigo confia em mim. Minha vida já não importa, e minha morte não vai me redimir de nada. Preciso provar que sou digno da sua confiança. É só isso que importa agora. Corra, Melos! Ele confia em mim. Ele confia em mim. Aqueles sussurros dos demônios foram um sonho. Um pesadelo. Esqueça isso. A exaustão do corpo pode provocar pesadelos. Não há do que se envergonhar, Melos é um herói de verdade. Você não se levantou e começou a correr de novo? Graças aos céus, posso morrer como um homem digno. Ah, o sol está se pondo muito rápido. Zeus, espere por mim. Vivi honestamente desde que nasci. Por favor, deixe-me morrer como um homem honesto.

Correndo rápido como uma rajada de vento, Melos abriu caminho, empurrando quem estivesse pela frente. Atravessou um banquete a céu aberto a toda velocidade, assustando os convivas; chutou cachorros; saltou sobre córregos. Corria dez vezes mais rápido do que o sol poente. Ao passar por um grupo de viajantes que conversavam entre si, acabou escutando palavras de mau agouro:

— Neste instante, aquele homem já deve ter sido crucificado.

— Ah, aquele homem, é por ele que estou correndo deste jeito. — disse a si mesmo. — Não posso deixá-lo morrer. Depressa, Melos. Você não pode se atrasar. Chegou a hora de mostrar a força do amor e da honestidade.

A esta altura, Melos estava quase nu, mas a aparência não lhe importava mais. A dificuldade para respirar era imensa, e, por algumas vezes, teve de cuspir o sangue que invadia sua boca.

— Estou vendo. Parecem pequenas à distância, mas posso enxergar as torres de Siracusa. Elas brilham sob a luz do pôr do sol.

— Ah, senhor Melos — um gemido misturado com o vento chegou aos seus ouvidos.

— Quem é você? — perguntou Melos sem parar de correr.

— Eu me chamo Philostratos. Sou aprendiz do seu amigo Selinuntius! — gritou o jovem pedreiro enquanto corria atrás do pastor. — Agora é tarde, não adianta mais. Pare de correr, por favor. Você não pode mais salvá-lo.

— Não, o sol ainda não se pôs.

— Meu mestre deve estar sendo executado neste exato momento. Ah, é tarde demais. Que lástima! Se ao menos o senhor tivesse chegado um pouquinho antes!

— Não, o sol ainda não se pôs — Melos disse com os olhos fixos no grande sol vermelho do ocaso, pensando que seu coração fosse rebentar em seu peito. Não havia mais nada a fazer a não ser correr.

— Desista, senhor. Por favor, pare de correr. O que importa agora é a sua vida. Meu mestre acreditava no senhor. Permaneceu calmo mesmo quando o conduziam para o local da execução. E quando o rei o provocou, ele apenas respondeu: “O Melos vai vir”, tamanha era a fé que depositava no senhor.

— E é por essa razão que sigo correndo: porque ele acredita em mim. A questão não é se chegarei a tempo ou não. Nem tampouco é a vida de um homem. Estou correndo por algo muito maior e mais terrível. Venha comigo, Philostratos!

— O senhor enlouqueceu? Pois então corra! Pode ser que ainda haja tempo. Corra!

Nem precisava falar. Com o sol ainda fulgurando no céu, Melos fez um esforço derradeiro e correu desesperadamente. Já não passava um único pensamento por sua cabeça. Ele simplesmente continuava correndo, movido por uma força desconhecida. E, no exato

momento em que o sol desaparecia no horizonte lançando seus últimos raios de luz, Melos adentrou o local da execução como um vendaval. Ele havia conseguido.

— Esperem! Não podem matar este homem! Estou de volta, conforme prometi. Eu voltei! — ele tentou gritar o mais alto que pôde para que a multidão o ouvisse, mas o que saiu de sua garganta foi uma voz rouca, quase inaudível, e ninguém ali percebeu a sua chegada. A cruz já havia sido levantada, e Selinuntius, amarrado por cordas, estava sendo erguido lentamente. Ao ver isso, Melos, reunindo suas últimas forças, abriu caminho em meio à multidão exatamente como havia feito ao atravessar a correnteza turbulenta do rio.

— Sou eu, carrasco! Eu é que devo ser executado. Eu sou Melos, aquele que deixou este homem em seu lugar como refém. Estou aqui! — gritou ele com a voz rouca. Por fim, subiu ao patíbulo onde estava a cruz e agarrou as pernas do amigo, erguendo-as. Uma comoção tomou conta da multidão, que começou a gritar:

— Muito bem!

— Perdoe Melos!

— Bendito seja!

Selinuntius foi, enfim, retirado da cruz e desamarrado.

— Selinuntius! — disse Melos com os olhos repletos de lágrimas. — Pode me bater. Bata na minha cara com toda a sua força. Tive um sonho ruim quando estava vindo para cá. Se não me bater, não vou ter sequer o direito de abraçá-lo. Vamos, pode bater!

Selinuntius pareceu ter compreendido tudo, acenou positivamente com a cabeça e acertou um soco tão forte do lado direito do rosto do amigo que o som ecoou por todo o local. Logo depois, ele disse sorrindo:

— Melos, pode me bater. Bata no meu rosto com a mesma força. Na verdade, cheguei a duvidar de você uma única vez nesses três dias. Foi a primeira vez que isso me aconteceu em toda minha vida. Não vou ter o direito de abraçá-lo se você não me bater.

Então, Melos acertou o rosto de Selinuntius com toda a força do seu braço.

— Obrigado, amigo — disseram os dois ao mesmo tempo em um abraço apertado. As lágrimas começaram a correr abundantemente de seus rostos.

Havia também soluços de choro vindos da multidão. Por trás dela, o tirano Dionísio assistia atentamente aos dois. Logo em seguida, ele se aproximou deles sem fazer barulho e, com o rosto corado, falou:

— O seu desejo se realizou. Vocês venceram o meu coração. A honestidade não é apenas um delírio vazio. Bom, eu também tenho um desejo: gostaria de saber se vocês me aceitariam como amigo. Por favor, deixem-me fazer parte disso.

De repente, a multidão começou a gritar de alegria:

— Viva! Vida longa ao rei!

Foi então que uma menina se aproximou e entregou um manto escarlate a Melos, que ficou visivelmente perplexo. Selinuntius percebeu a hesitação do amigo e lhe explicou prontamente:

— Melos, você está completamente sem roupas. Ponha logo este manto. Esta linda menininha não pode suportar a ideia de que todos estão vendo o seu corpo nu.

O rosto do herói ficou enrubescido de vergonha.

(Inspirado em uma antiga lenda e em um poema de Schiller.)

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Corra, Melos. Tradução de Fernando Siqueira Rodrigues. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 85–95, 2017.

A ESPERA¹

Tradução: Gabrielle Miguelez²

Revisão: Kana Okamoto³

Todos os dias, nesta pequena estação de trem, eu recebo os passageiros que aqui chegam. Pessoas desconhecidas; não importa quem sejam.

Na volta do mercado, eu sempre faço uma visita à estação. Eu sento no banco frio, coloco o cesto de compras no meu colo, e passo a observar a área de entrada e saída. Toda vez que um trem chega à plataforma, uma multidão lança-se para fora da porta, e uma enchente de pessoas, numa uniformidade de rostos zangados, atravessa o local de desembarque. Às pressas, mostram passes, entregam bilhetes. Sem sequer olhar para o lado, passam pelo banco em que estou sentada e saem rumo à praça em frente à estação. E assim, finalmente, espalham-se em diversas direções, cada qual seguindo seu rumo. Estou sentada, distraída. Uma pessoa, sorrindo, me chama. Oh, que medo! O que eu faço? Meu coração bate forte. Só de pensar, me arrepio. É como se tivessem derramado água gelada nas minhas costas. Não consigo respirar. Mesmo assim, eu continuo esperando. Afinal, por quem eu espero todos os dias aqui, sentada neste banco? Que tipo de pessoa? Aliás, o que eu espero pode sequer ser humano. Eu odeio seres humanos — tenho medo deles, na verdade. Ficar cara a cara com as pessoas, ter que fazer cumprimentos sem significado algum — “Como vai?” — “Esfriou, né?” — toda vez que digo essas coisas que não quero dizer, tenho a impressão de que não há no mundo inteiro outro ser tão mentiroso quanto eu, e me sinto tão mal que tenho vontade de morrer. Os outros estão sempre num perpétuo estado de desconfiança, fazendo elogios vagos, expondo falsas opiniões cheias de si. Quando ouço essas coisas, quando vejo essa cautela tão exagerada e mesquinha, fico triste, fico tão triste que passa a se tornar insuportável viver neste mundo. Será que as pessoas são todas desse jeito? Trocando saudações rígidas, sempre tão precavidas. Será que elas passam a vida inteira assim, cansando umas às outras? Não gosto de me encontrar com as pessoas. É por isso que, salvo um motivo excepcional, eu nunca visito amigos ou faço algo

¹ “A Espera” [待つ, *Matsu*]. Publicado originalmente em junho de 1942, na coletânea de contos *Josei* (“Mulheres”).

² Gabrielle Miguelez é aluna do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: <g.miguelez8@gmail.com>.

³ Kana Okamoto é Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Sophia (Tóquio, Japão). Fez intercâmbio no Brasil, como aluna da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, mora no Japão e trabalha como jornalista. E-mail: <kankanmoto214@gmail.com>.

desse tipo. O momento em que eu mais me sentia em paz era quando ficava em casa com a minha mãe, nós duas costurando em silêncio. Mas então a grande guerra começou e a situação à nossa volta tornou-se terrivelmente tensa. A ideia de ser a única a passar todos os dias ociosa em casa me pareceu horrível. Sem saber por que, me tornei inquieta, nada me fazia sossegar. Senti vontade de trabalhar de corpo e alma, de ser útil, de contribuir diretamente. Perdi a confiança na maneira como vivera até então.

Não suporto a ideia de ficar sentada quieta em casa, mas, se eu penso em sair, não tenho nenhum lugar para ir. Saio para fazer compras, e, na volta, passo na estação. Estou sentada no banco frio. E se alguém aparecesse de repente! “Ah, mas, o que farei se aparecer?”, eu penso com pavor. Mas, caso apareça mesmo, não haverá alternativa — eu oferecerei a essa pessoa toda a minha existência. Minha sorte será decidida nesse momento. Fantasias entrelaçam-se bizarramente a um sentimento de resignação, e eu sufoco em meio a toda essa sensação angustiante. Fico em um estado de não saber se estou viva ou morta, como se estivesse sonhando acordada. As pessoas indo e vindo em frente à estação parecem tão minúsculas e distantes, como se eu estivesse olhando pelo lado oposto de um telescópio. O mundo mergulha em silêncio. Quem, afinal, eu estou esperando? Na verdade, pode ser que, no fundo, eu seja só uma mulher indecente e imoral, e toda essa história de a grande guerra começar, daí a me sentir inquieta e de repente querer ser útil, trabalhar de corpo e alma, pode ser que tudo isso não passe de uma grande mentira — uma desculpa enfeitada para o que eu realmente desejo, que é, como posso dizer, apenas uma oportunidade para materializar minhas fantasias insensatas. Estou sentada aqui, com o olhar vago, mas dentro do meu peito eu sinto como se houvesse também a fagulha de algo; o lampejo ardente de um plano atrevido.

Quem será que estou esperando? Eu não tenho nenhuma definição exata de quem seja; apenas me sinto triste. Mas, mesmo assim, eu espero. Desde que a grande guerra começou, dia após dia e após dia, eu faço compras e, na volta, passo na estação, sento no banco frio, e espero. Uma pessoa, sorrindo, me chama. Oh, que medo! Estou perdida! Não, não é você quem eu estou esperando. Então quem é, afinal de contas? Meu marido? Nem pensar. Namorado? Não! Amigo? Nunca! Dinheiro? Ridículo! Um fantasma?! Oh, tomara que não!

Não sei dizer bem o que é. Algo brilhante, esplêndido. Algo que lembra a primavera, por exemplo. Não, não é isso. Folhas frescas. Maio. A água cristalina que corre pelos campos de trigo. Pensando bem, não é nada disso. Ah, mas, mesmo assim, eu espero. Espero com meu coração a dançar. Na minha frente, pessoas passam em bando. Não é essa. Também não é aquela. Trêmula, abraçada ao cesto de compras, eu espero. Espero fervorosamente. Eu lhe peço, por favor, não se esqueça, e não ria de mim. Lembre-se da menina de vinte anos, que dia após dia vai até a estação e depois volta para casa, sentindo-se sempre vazia. O nome desta

pequena estação eu propositalmente não irei lhe revelar. Mesmo que eu não diga eu sei que, um dia, você irá me encontrar.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. A espera. Tradução de Gabrielle Miguelez. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 96-98, 2017.

UM PEQUENO RETRATO¹

Tradução: Fernando Garcia²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

Sempre que descubro por acaso em revistas ou jornais que pessoas que haviam vindo até minha casa visitar-me escreveram depois, sem que eu soubesse, pequenos ensaios com ares de crítica a meu respeito, experimento de fato uma sensação inesperada. Será que sou somente eu que sinto, independente da adequação ou inadequação do texto, como se essas pessoas, supostamente íntimas, me estivessem tratando antes com reserva, ou até mesmo me traindo? Recentemente recebi um pedido de M, da editora Kaizôsha, para que escrevesse algo a respeito da coletânea de obras de Ibuse Masuji que parece que vão publicar, mas não sei o que fazer. Minha casa fica na cidade de Mitaka, província de Tóquio, um lugar bastante difícil de encontrar, quase estrangeiro, poder-se-ia dizer, de modo que imagino ser bastante trabalhoso para alguém dignar-se a vir visitar-me. A verdade é que M conseguiu encontrar minha casa após muito esforço, e enxugava o suor que lhe escorria enquanto me pediu: “Por favor, um texto apenas sobre Ibuse”. Senti-me constrangido e desorientado. Até hoje são muitos os favores que devo a Ibuse. Ser-me-ia difícil escrever algo sobre ele a esta altura. Eu até escrevera algo uma vez no passado, mas na ocasião o próprio Ibuse me dissera que “já não escrevesse mais nada”, ao que cheguei a lhe prometer que “não, já não escreveria”. É muito difícil escrever. Mas M deu-se o trabalho de percorrer um longo caminho para dizer-me em pessoa que escrevesse algo. Parece que sou um homem fraco. Não pude recusar com convicção. Ainda, M possui a virtude da magnanimidade, o que foi um dos motivos que tornaram impossível a minha recusa. De qualquer modo, aceitei o pedido. Agora, tenho que escrever. Ibuse, perdoe-me, por favor.

O que será que poderia escrever? Há mais de uma década eu fora até a cidade de Tóquio, e logo me dirigira à casa de Ibuse. Àquela época ele tinha o rosto assustador de tão magro. Seus olhos se sobressaíam enormes. De pouco em pouco engordou. Aquele ar assustador, contudo, reside em seu âmago.

¹ “Um pequeno retrato”, [小照, *Shôshô*]. Publicado originalmente em julho de 1942, na revista *Shin Nihon Bungaku*.

² Fernando Garcia é Bacharel em Tradução Japonês/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou na Universidade de Hokkaidô, como pesquisador em Literatura Comparada, com bolsa de estudos do Ministério da Educação japonês. Traduziu *Sanshiro* e *O Portal*, de Natsume Sôseki, e *Vita Sexualis*, de Mori Ôgai, além da correspondência entre Mishima Yukio e Kawabata Yasunari.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

Escrevendo coisas assim, sinto-me eu mesmo desgostoso com a absurdez, com o nível de inabilidade de meu texto. Não há como alguém inepto como eu conseguir compor um esboço de Ibuse em três ou quatro páginas, quando muito.

Certa vez ele me dissera, piscando aqueles seus olhos que mencionei antes: “Por estes tempos eu venho tentando não deixar as pessoas encurraladas. É preciso criar para os outros sempre uma porta de escape...”. Parece que, ultimamente, Ibuse está tentando não tocar muito nas feridas alheias. Talvez tenha decidido fazer assim porque compreende as feridas bem demais. Mas, caso alguém veja esse novo Ibuse e faça pouco dele, achando-o um frouxo, talvez se arrependa.

Desta vez, deixem-me parar por aqui, por favor. É tão difícil escrever. Este foi um texto desajeitado. Deixemos para a próxima.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Um pequeno retrato. Tradução de Fernando Garcia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 99-100, 2017.

VISITA DE AMIGO¹

Tradução: Lúdia Ivasa²

Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

No início de setembro de 1946, recebi a visita de certo homem.

Esse fato não tem absolutamente nada de romântico, tampouco de jornalístico. Porém, acho que deixará marcas em minha mente pelo resto da minha vida, de tão estranhas e insuportáveis sensações me causou.

O fato em si.

Talvez seja exagero chamar o que ocorreu de “fato”. Nós apenas bebemos juntos, nada de extraordinário aconteceu. Não brigamos e, aparentemente, nos despedimos amigavelmente. Mesmo assim, foi um acontecimento que não passou despercebido para mim.

Seja como for, era um homem talentoso. Uma criatura admirável que não tinha uma qualidade sequer.

No ano passado, fugi dos bombardeios⁴ e abriguei-me na casa onde nasci, em Tsugaru⁵. Passava quase todos os dias trancado silenciosamente no quarto dos fundos. Uma vez ou outra, recebia convites para participar de conferências culturais de não sei o quê da região ou para o encontro de ex-colegas de não sei onde. Quando era convidado para simpósios, eu apenas recusava com um “certamente deve haver outros conferencistas mais competentes”. E assim levava uma vida de ermitão de araque, bebericando saquê escondido até adormecer. Durante os quinze anos em que vivi em Tóquio, frequentei bares de última categoria, bebi saquês de péssima qualidade e conversei com gente da, digamos, ralé. Por isso, não seria qualquer patife que me assustaria. Mas aquele homem me surpreendeu. Ele superou todas as minhas expectativas.

¹ “Visita de Amigo” [親友交歓, *Shin'yū kōkan*]. Publicado originalmente em dezembro de 1946, na revista *Shinchō*.

² Lúdia Ivasa é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Literatura Japonesa pela Universidade de São Paulo (USP) e tradutora no par de línguas japonês-português. E-mail: <ivasalidia@gmail.com>.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

⁴ O conto foi escrito em 1946; logo, se pressupõe que sejam os bombardeios em Tóquio, ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵ Região leste da província de Aomori, no norte do Japão.

Era início de setembro, havia terminado de almoçar e fumava distraído na sala de estar, quando vi na entrada de terra batida da casa um senhor de pé, vestido com roupas de lavrador. Ele cumprimentou:

— Boa tarde!

Esse era o tal “amigo”.

(Com este manuscrito, descrevo a figura de um lavrador e apresento-lhes sua face repugnante, mas não há qualquer relação e demonstração de apoio à luta entre classes sociais que chamam de “reacionária”. Pode parecer ridículo dizer isso, mas por via das dúvidas, quero deixar aqui registrado. Se lerem este registro até o final, ficará evidente para quase todos os leitores que esta nota é desnecessária, contudo, ultimamente é cada vez maior o número de pessoas ignorantes e insensíveis que tomam partido e se manifestam a respeito de assuntos ultrapassados, tirando conclusões precipitadas. Por causa dessas pessoas burras de mente conservadora (ou pelo contrário, talvez isso seja uma bênção), quis acrescentar uma explicação. Desde o início, o personagem que aparece neste manuscrito veste-se como lavrador, mas isso não significa que seja aquela figura tão prezada pelos “ideólogos”⁶. Na verdade, esse homem era mais complexo. Seja como for, era a primeira vez que conhecia uma pessoa daquele tipo. Diria até que ele era incompreensível, pressentindo o surgimento de um novo tipo de ser humano. Minha intenção não é avaliá-lo, fazendo um julgamento moral, mas ficarei satisfeito se conseguir transmitir ao leitor as sensações que senti).

Ele disse ser Hirata, meu colega nos tempos da escola primária.

— Não se lembra? — perguntou, mostrando seus dentes brancos ao sorrir. O rosto me pareceu vagamente familiar.

— Lembro sim. Não quer entrar?

Nesse dia, se não estou enganado, fui um tanto cortês com ele.

Ele descalçou o *zôri*⁷ de palha de arroz e se dirigiu para a sala de estar. Disse em voz alta:

— Há quanto tempo, hein? Faz quantos anos? Não, faz quantas décadas? Ei, faz vinte anos! Sabia que você tinha voltado pra cá, mas estava preocupado com a lavoura, então não vim te visitar. Parece que você também virou um beerrão, hein? Ahahaha!!

Dei um sorriso sem graça e servi o chá.

— Esqueceu das nossas brigas? Sempre brigávamos.

— Era mesmo?

— Como assim, não lembra? Olha, tem uma marca na minha mão. Foi você que me arranhou.

⁶ Aquele que acredita em uma ideia política específica, indicando, principalmente, os comunistas e os progressistas.

⁷ Espécie de chinelo.

Olhei atentamente para as costas da mão que ele me mostrou, mas não vi nenhuma cicatriz.

— Se estou lembrado, tinha uma marca na sua perna esquerda. Não tem? Deve estar aí. Essa marca foi da vez que te dei uma pedrada. É, briguei muito com você.

Não tenho nenhuma marca, nem na perna esquerda, nem na direita. Eu apenas sorri vagamente, e ouvi com atenção sua conversa.

— A propósito, quero sua opinião sobre a reunião dos nossos ex-colegas de turma. Vamos organizar um encontro com eles e beber bastante! Pra dez pessoas, precisaríamos de uns trinta e sete litros de saquê. Eu me encarrego de recolher o dinheiro pra bebida.

— Tudo bem, mas não acha muito trinta e sete litros?

— Não é muito. Se não for pelo menos uns quatro litros de saquê pra cada um, não vai ter graça.

— Mas vamos conseguir essa quantidade de bebida?

— Talvez. Não sei, vou tentar. Não se preocupe. Mesmo morando no interior, o saquê não tá barato nesses tempos, então vou precisar da sua ajuda.

Levantei, fazendo cara de quem tinha entendido o que ele queria, e fui até o quarto dos fundos. Trouxe cinco notas grandes de dinheiro.

— Fique com isso por enquanto. Depois dou o resto.

— Espera — e empurrou as notas de volta — não vim aqui pra pedir dinheiro. Só vim saber a sua opinião. Seja como for, espero receber de você pelo menos uns mil ienes, mas hoje, aproveitando a visita, vim ver como está um velho amigo. Vamos, deixe tudo comigo e guarde esse dinheiro.

— É mesmo? — coloquei o dinheiro no bolso do casaco. Ele perguntou, de repente:

— Não tem nada pra beber?

Não pude deixar de encará-lo. Ele também, por um momento, fez uma expressão envergonhada, mas não recuou.

— Ouvi dizer que você sempre guarda uns quatro ou seis litros de bebida em casa. Traz aqui. Cadê a sua mulher? Fala pra ela me servir.

Eu me levantei e disse:

— Tudo bem. Então me acompanhe.

Foi um grande erro.

Levei-o até o escritório, nos fundos da casa.

— Está uma bagunça, hein?

— Eu não me importo. Quarto de literatos são sempre assim. Sei disso porque tinha amizade com vários deles, quando estive em Tóquio.

Para mim, era difícil acreditar nessa história.

— É um ótimo quarto. Tem uma bela construção. A vista do jardim também é boa. Tem *hiiragi*⁸. Sabe de onde vem o nome “*hiiragi*”?

— Não.

— Não sabe? — disse ele, com ar de sabichão. — Dizem que é uma adivinha: é grande como o mundo e pequeno como uma casa, além de ser usado por vocês, gente de literatura, como tema de escrita.

Não entendi nada do que significavam aquelas palavras. Até achei que faltasse uma parte da charada, mas parecia que não. Posteriormente, ele mostrou sua face malandra.

— O que é essa adivinha?

Com ar de importante, ele disse, sorrindo:

— Deixa que te explico da próxima vez que vier. A charada do *hiiragi*.

Peguei do armário a garrafa quadrada de uísque, já pela metade.

— Tudo bem se for uísque?

— Pode ser. Sua mulher não está? Manda ela me servir.

Apesar de ter recepcionado vários tipos de visitantes quando morei em Tóquio, nunca me disseram semelhante coisa.

— Minha esposa não está — respondi, mentindo.

— Para de me enrolar — e ignorando o que eu disse, continuou: — Chama a sua mulher aqui e manda me servir. Vim porque queria que sua mulher servisse bebida pra mim.

Se ele está pensando que minha esposa é como as mulheres da cidade, elegantes e atraentes, tenho pena dele, assim como dela. De fato, minha esposa é da cidade, mas tem uma rudeza de gente do interior, além de não ser nada afável. Tinha receio em apresentá-la.

— Não é melhor do jeito que estamos? Pode ser que a bebida que minha mulher servir tenha um gosto ruim.

— Esse uísque — disse, enquanto despejava a bebida no copo em cima da mesa — em outros tempos, seria considerado de terceira categoria. Bom, pelo menos não é metanol.

Ele tomou de um gole só, e depois de estalar a língua, acrescentou:

— Parece com *shôchû*⁹ de *mamushi*¹⁰.

Enquanto servia a bebida novamente, eu disse:

— Mas se beber depressa, os efeitos do álcool vêm depois, e vai acabar passando mal, hein?

⁸ *Osmanthus heterophyllus*. As folhas pontiagudas se parecem com as do azevinho, mas as duas plantas são de famílias diferentes.

⁹ Destilado típico do Japão. Pode ser feito a partir de vários ingredientes, como cevada, batata-doce ou arroz. Seu teor alcoólico pode variar de 15% a 45%, sendo o mais comum de 25%.

¹⁰ *Gloydius blomhoffii*. Cobra venenosa que é inserida na bebida por acreditarem que acentua o sabor do *shôchû*. No texto, indica a baixa qualidade da bebida.

— Aí que você se engana. Quando morava em Tóquio, tomei duas garrafas de Suntory¹¹ de uma vez só. O teor desse aqui deve ser de uns 60%? Não é grande coisa. Nem é tão forte.

Dizendo isso, tomou a bebida de um gole mais uma vez, sem nenhuma cerimônia. Desta vez, ele me serviu e depois ele encheu seu copo até a borda e disse:

— Acabou.

— Ah, é mesmo? — e com a educação que uma pessoa cortês deve ter, levantei-me disposto e com a expressão de ter entendido a situação. Fui até o armário e retirei outra garrafa de uísque, abrindo a tampa.

Ele concordou com a cabeça tranquilamente e bebeu mais.

Nessas alturas, eu comecei a ficar um pouco irritado. Desde a infância, possuía o mau hábito do desperdício. Acredito que, comparado às outras pessoas, nunca dei muito valor às coisas materiais (não que isso seja motivo de orgulho). Contudo, para mim, esse uísque era valioso. Apesar de ser considerado de terceira categoria antes da guerra, naqueles tempos, sem dúvida, era considerado como de primeira. Fora muito caro, além de ter sido difícil encontrar alguém que me ajudasse a comprar aquela bebida. Obter esse uísque não era apenas questão de dinheiro. Havia conseguido uma dúzia de garrafas fazia bastante tempo, e não me arrependi de ter ido à falência por isso. Bebia aos pouquinhos, e pensava em oferecer a um escritor que gostasse de beber, como o senhor Ibuse¹², quando ele viesse me visitar. Por isso guardava o uísque com tanto zelo. Porém, a bebida diminuía cada vez mais, e agora havia apenas duas garrafas e meia no armário.

Quando ele perguntou se não tinha nenhuma bebida, infelizmente não havia saquê, e ofereci o restante desse precioso uísque. Mas não imaginei que beberia de uma vez só, como se estivesse tomando água. Ele poderia resmungar que sou mesquinho (não, eu admito: sou mesquinho em relação a esse uísque. Tenho dó de beber!), mas tomar aos goles, sem qualquer cerimônia, como se fosse a coisa mais natural do mundo, certamente deixaria qualquer um irritado.

Além disso, sua conversa não me despertava qualquer empatia. E não é porque sou uma pessoa refinada e instruída, enquanto ele é um velho lavrador analfabeto. Tenham certeza de que não é por isso. Já tive a oportunidade de conversar seriamente com uma prostituta ignorante sobre assuntos como a “verdade da vida”. Também chorei pelas ideias de um velho artesão sem instrução. Tenho sérias reservas com relação ao que a sociedade chama de “estudos”. O motivo pelo qual não apreciava a conversa dele era outro. E qual seria esse

¹¹ Empresa de bebidas fundada em 1899 por Torii Shinjirô e famosa pelo uísque que produz.

¹² Ibuse Masuji (1898–1993), escritor japonês, autor de **Chuva negra** (1966) e de “A grande salamandra” (1929). Dazai Osamu mantinha uma atormentada relação com Ibuse, a quem considerava um mestre da grande literatura.

motivo? Em vez de usar duas ou três palavras para concluí-los, farei uso da variedade de ações e palavras dele naquele dia, deixando para os leitores tirarem suas próprias conclusões. Dessa maneira, como escritor, penso que seja um método mais justo de avaliá-lo.

Desde o início, ele vinha repetindo sem parar o que dizia ser os “seus tempos em Tóquio”, mas à medida em que ia ficando bêbado, começou a falar cada vez mais.

— Quando você morava em Tóquio, se meteu em apuros com as mulheres¹³? — disse em voz alta, e depois sorriu— Eu também me meti em sérias confusões quando estive por lá. Por pouco não me envolvi em um grande escândalo, como você. É verdade. Fui até esse ponto. Mas eu fugi. Sim, fugi. Mesmo assim, as mulheres não se esquecem quando põem na cabeça um homem. Ahahaha! Até hoje ela me manda cartas. Hahaha! Esses tempos ela mandou *mochi*¹⁴ para mim. As mulheres são mesmo umas idiotas, essa é a verdade. Pra se apaixonar por uma mulher, tem que ser pelos sentimentos, pelo coração, não pela beleza ou pelo dinheiro. Eu aprontei bastante em Tóquio. Pensando bem, você também estava em Tóquio, se divertindo enquanto maltratava as gueixas, entre outras coisas. Mas é estranho que a gente não tenha se encontrado nenhuma vez. Afinal de contas, onde é que você saía pra se divertir naquela época?

Não fazia a menor ideia a que época ele estava se referindo. Além disso, não tenho a mínima lembrança de ter me divertido maltratando gueixas. O que fazia na maioria das vezes era ir a uma barraquinha de *yakitori*¹⁵, bebericar *awamori*¹⁶ e *shôchû* e tagarelar. Sobre o que ele disse em relação ao “grande escândalo”, não foram apenas uma ou duas vezes, e sim um problema atrás do outro, causando grande vergonha para minha família. Gostaria ao menos de dizer isso: “Não me deixei levar pelo dinheiro, fingindo ser um conquistador e fazendo as gueixas sofrerem, porque não sou um convencido!”. Foi um protesto inútil, mas soube pelas palavras dele que as pessoas não acreditariam em mim. E isso me deixou aborrecido.

Mas não foi a primeira vez e nem necessariamente com este homem que passei por essa experiência desagradável. Já fui subestimado por críticos de círculos literários de Tóquio, e até mesmo por pessoas que tinha por amigos. Por causa disso, me acostumei a rir e ignorar essas ocorrências, mas este homem com aparência de lavrador parece acreditar que esse era meu maior ponto fraco e percebi sua intenção em se aproveitar do fato. Não consegui deixar de pensar que suas intenções eram perversas e mesquinhas.

Contudo, nesse dia, estava tão tolerante quanto uma pessoa cortês pode ser. Não tomei qualquer atitude. Vítima dos danos da guerra, havia perdido tudo, trazendo esposa e filhos

¹³ Na vida real, Dazai envolveu-se com gueixas e, em pelo menos uma ocasião (em 1930, ou seja, 16 anos antes de escrever esse conto), levou uma mulher ao suicídio, prometendo suicídio duplo. A mulher se afogou no rio, e Dazai sobreviveu à tentativa.

¹⁴ Bolinho feito com arroz glutinoso cozido e amassado.

¹⁵ Espetinho de frango, grelhado e temperado com o molho *tare*, feito de *shoyu*, saquê e açúcar.

¹⁶ Bebida típica da região de Okinawa. É feita a partir do arroz e possui alto teor alcoólico (50% a 60%).

para uma cidade pequena, intrometendo-me no cotidiano dessa pequena cidade. As condições de vida eram quase precárias, sem dúvida; mas em consideração aos antigos moradores, eu não poderia deixar de ser gentil com esta visita.

Fui até a casa principal e trouxe frutas.

— Não quer comer? Comendo frutas, a embriaguez passa e você pode beber mais.

Pensei que, continuando do jeito que estava, bebendo uísque sem parar, ele poderia até tornar-se violento ou ficar fora de si, o que me deixaria em apuros. Para tentar acalmá-lo, descasquei uma pera e ofereci a ele.

Contudo, parece que ele não queria ficar sóbrio, e sequer olhou para a fruta, pegando apenas o copo de uísque.

— Eu odeio os políticos.

E de repente, ele mudou a conversa para a política.

— Lavradores como a gente não precisa entender de política. Se alguém nos oferecer vantagens práticas, é esse o político que vamos apoiar. Não acha que é o suficiente? Se um político nos mostrar algo que possamos ver e tocar, ele ganhará nosso apoio. É o bastante. Lavradores como a gente não tem ambição. Só retribuímos o favor recebido. Somos gente simples. Não importa se são do Partido Progressista ou do Socialista¹⁷. Pra nós, lavradores, basta arar o arrozal e cultivar as hortas.

Inicialmente, não entendi o motivo para ele falar dessas coisas estranhas. Entretanto, ao perceber sua real intenção, sorri e disfarcei quando ele disse:

— Nas últimas eleições, você fez campanha pro seu irmão mais velho, não foi?

— Não, não fiz nada. Fiquei trabalhando neste escritório, todos os dias.

— Mentira. Mesmo que você seja um literato e não um político, é uma questão de sentimento. Tenho certeza de que você trabalhou muito pelo seu irmão. Sabe, sou um lavrador sem estudos, mas eu tenho sentimentos. Odeio os políticos e não sou ambicioso. Acho que não tenho nada pra ter medo, mesmo declarando ser progressista ou socialista. Mas eu tenho sentimentos. Sabe, não quero me aproximar ou pedir nada pro seu irmão, mas fui seu colega de escola e sou seu amigo, não é? É aqui que entram os sentimentos. Eu votaria no seu irmão, sem que ninguém me pedisse. Lavradores como a gente não precisa entender de politicagem. Basta não esquecer dos sentimentos, não acha?

¹⁷ O Partido Progressista do Japão (*Shinpotô*) teve um breve período de vida no fim do século XIX. O homem pode estar se referindo ao Partido Liberal (*Jiyûtô*), que absorveu os membros do partido extinto, e que representava uma posição moderada com relação ao Partido Socialista (*Shakaitô*). O Partido Socialista havia sido relegado à clandestinidade durante a Segunda Guerra Mundial, e havia retornado às atividades apenas recentemente, no momento em que se passa esta história.

Será que esse voto seria pelo uísque? Era tão explícito que eu já estava ficando desiludido. Ele até que não era um homem assim tão simples. Era muito suscetível. De repente, ele percebeu alguma coisa e tentou se explicar:

— Mas eu não tenho a intenção de me tornar vassalo do seu irmão. Ficaria constrangido se pensasse isso de mim. Veja a sua família. Se examinarmos seus antepassados, verá que foram vendedores de óleo. Sabia disso? Minha avó que contou. Pra cada medida de óleo que se comprava, ganhava-se uma bala de brinde. E foi assim que prosperaram. Os Saitô, do outro lado do rio, hoje se vangloriam de serem grandes proprietários, mas há três gerações, eles recolhiam gravetos do rio e faziam espetos de madeira, que usavam pra assar peixinhos e vendiam por um ou dois *mon*¹⁸. Foi assim que juntaram dinheiro. Ainda tem a família do seu Oike, que enfileirava baldes na beira da estrada e oferecia aos viajantes para que urinassem. Quando o balde ficava cheio, vendia como adubo para os lavradores, dando início à sua fortuna. Se a gente procurar as origens, o passado de todos os ricos é sempre assim. Mas a minha família, veja bem, é a mais antiga da região. Porque meus antepassados são de Quioto — deu uma risadinha envergonhada. — Foi minha avó quem me contou, então não sei se é confiável, mas temos uma perfeita árvore genealógica.

— Talvez você venha da nobreza. — eu disse seriamente, satisfazendo sua vaidade.

— Bom, é, isso não sei dizer, mas deve ser algo do tipo. Apesar de eu ter essa aparência suja, porque trabalho todos os dias na lavoura, meu irmão mais velho — você conhece ele, não? — se formou na faculdade. Era jogador de beisebol e sempre estava nos jornais. Meu irmão mais novo também está indo pra faculdade. Por intuição, achei que seria melhor me tornar um lavrador. Agora, meus irmãos não podem me menosprezar. Afinal, depois de formado, meu irmão mais velho virou chefe de uma seção pública em Tóquio, mas sempre manda cartas pedindo comida, pois não tem por lá. Mas dá trabalho enviar comida. Se meu irmão viesse buscar, então daria o quanto ele quisesse. Mas parece que o chefe de uma repartição pública em Tóquio não pode aparecer carregando uma saca de arroz nas costas. Se você também estiver passando por alguma dificuldade, venha quando quiser lá em casa. Não penso em te oferecer saquê de graça. Os lavradores são gente simples. Nós retribuímos apenas o favor recebido. Ah, eu não bebo mais com você! Chama a sua mulher. Não vou beber se sua mulher não me servir!

Tive um estranho pressentimento. Não fazia tanta questão de servir saquê a ele.

— Eu não vou mais beber. Se não vai chamar sua mulher, vou lá buscar. Cadê sua mulher? Tá no quarto? Onde vocês dormem? Eu sou o rei dos lavradores! Não conhece o clã Hirata? — depois de se embriagar e fazer algazarra, ele se levantou, cambaleando.

Enquanto sorria, eu o acalmei e o fiz sentar.

¹⁸ Antiga unidade monetária do Japão.

— Está bem, então vou buscá-la. É uma mulher sem graça, quer vê-la mesmo assim?

Fui ao quarto onde estavam minha esposa e as crianças, ordenando com uma expressão natural:

— Ei, um antigo colega de escola veio nos visitar, vá cumprimentá-lo.

Porém, não queria que meu visitante desprezasse minha esposa. Não importa o tipo de visita, nada me dói mais do que ver um visitante desdenhar da minha família.

Minha esposa, com o filho mais novo no colo, entrou no escritório.

— Este é Hirata, meu amigo dos tempos do primário. Naquela época, nós brigávamos muito e ele tem a cicatriz de um arranhão que lhe fiz, não sei se na mão direita ou na esquerda. Por isso, hoje ele veio se vingar.

— Nossa, que assustador! Prazer em conhecê-lo — ela disse, sorrindo e cumprimentando-o gentilmente.

Para ele, nosso comportamento como casal educado e cortês não parecia ser nada. Com uma expressão orgulhosa, disse:

— Não precisa fazer essas saudações cerimoniais. Senhora, fique perto de mim e sirva a bebida, por favor.

Desta vez, ele foi cortês. Pelas costas, chamava-a de mulher, mas na frente dela chamava-a de senhora.

Sendo servido pela minha esposa, ele bebeu tudo de um só gole.

— Senhora, estava dizendo agora mesmo ao Shûji (meu nome de infância) que, se estiverem passando necessidade, podem vir pra minha casa. Tem de tudo: batatas, verduras, arroz, ovos e frango também. Que tal carne de cavalo? A senhora come? Sou mestre em arrancar pele de cavalo. Por isso, se a senhora quiser, venha buscar. Vou lhe dar uma perna inteira. E que tal um faisão? Talvez prefira o faisão-das-montanhas? Porque sou um grande atirador. Todos conhecem nessas redondezas o atirador Hirata. Se me pedirem, posso atirar em qualquer coisa. Que tal um pato? Posso ir amanhã cedo ao arrozal e derrubar uns dez. Já derrubei cinquenta e oito deles antes da primeira refeição do dia. Se acha que é mentira, pergunte ao ferreiro Kasai Saburô, perto da ponte. Aquele homem sabe tudo sobre mim. Se falar sobre o atirador Hirata, todos os jovens das redondezas serão gentis. Já sei, ei literato, que tal ir comigo amanhã à noite, na véspera do festival do deus Hachiman¹⁹? Eu venho te buscar. Talvez tenha uma grande briga entre os jovens. Parece que a situação por lá está agitada. Daí pularia no meio deles e gritaria: “Alto lá!” — igualzinho ao Chôbe Banzui’in²⁰. Não tenho nada

¹⁹ Divindade xintoísta da guerra, protetor do povo japonês. Era reverenciado pelos guerreiros. São comuns festivais em sua homenagem.

²⁰ Chôbe Banzui’in (1622–1657), um samurai dissidente do governo que viveu na Era Edo (1603–1868), muito popular por haver protegido o povo contra as injustiças perpetradas pela aristocracia militar. Acabou morto por um guerreiro a serviço do xogum.

a temer. Se eu morrer, minha mulher e as crianças não vão passar necessidades, porque tenho bens. Ei literato! Vamos juntos amanhã à noite, sem falta. Vou te mostrar meu lado heroico. Você não vai escrever boa literatura se ficar todos os dias enfiado nesse quarto, sem saber o que fazer. O negócio é vivenciar mais experiências. Afinal de contas, sobre o que você tá escrevendo? Hahaha! É um romance sobre gueixas? Você não sabe o que é sofrer, não vai conseguir. Eu já troquei de mulher três vezes. A última é a mais bonitinha. E você? Deve ter duas. Três? Senhora, ele te trata bem? Não parece, mas eu já morei em Tóquio.

A situação estava piorando. Mandeí minha esposa trazer da casa principal algum petisco para acompanhar o uísque, fazendo com que ela saísse do escritório.

Ele tranquilamente tirou da cintura uma pequena carteira de fumo. Atrelada à carteira, tinha uma caixinha com pedras para acender o fogo e um utensílio para transferir a chama. Tentou acender o fogo na piteira com as pedras, mas não conseguia.

— Tem bastante cigarro aqui, pode fumar. Dá trabalho acender na piteira, não?

Quando disse isso, ele olhou para mim, sorriu e guardou a carteira de fumo, dizendo com ar orgulhoso:

— Nós, lavradores, só temos esse tipo de coisa. Vocês podem achar ridículo, mas é prático. Durante a chuva, basta esfregar as pedras que temos fogo. Da próxima vez que for a Tóquio, penso em levar isso aqui ao centro de Ginza²¹ e acender o fogo, esfregando as pedras. Você também voltará logo a Tóquio, não é? Vou te visitar. Onde fica sua casa em Tóquio?

— Fui vítima dos bombardeios, por isso ainda não foi decidido um local para morarmos.

— É mesmo? Não sabia. Então devem ter recebido provisões extras. Parece que deram cobertores pras vítimas, né? Eu quero esse cobertor.

Não sabia o que fazer. Sofri para entender suas verdadeiras intenções. Mas parecia que ele não estava de brincadeira, e insistia:

— Quero esse cobertor. Vou fazer uma blusa de frio com ele. Até que o material não é tão ruim assim. Cadê? Onde está? Vou levar na hora de ir embora. É assim que eu sou. Se quero alguma coisa, vou dizendo logo: “Vou levar!” e sempre acabo ganhando. Em troca, se você for na minha casa, pode fazer a mesma coisa. Não me importo. Pode levar qualquer coisa, não tem problema. Comigo é assim. Não gosto de coisas complicadas, como etiqueta social. Ouviu? Vou levar o cobertor!

Minha esposa cuidava desse único cobertor como se fosse um tesouro. Será que por morarmos numa casa grande, ele pensa que vivemos na fartura? Somos como o bernardo-eremita, que vive no interior de uma grande e desajustada concha: sem ela, sobra apenas um pobre bicho nu. Como o caranguejo, precisamos bater de porta em porta, carregando o cobertor recebido como provisão extra e o mosquiteiro. Um caipira que possui arrozais não é

²¹ Distrito de Tóquio conhecido como um importante e luxuoso centro comercial.

capaz de entender a vida miserável de uma família sem casa. Não duvido que tenha passado pela cabeça da maioria dos desabrigados pela guerra (tenho certeza de que todos já pensaram nisso) a possibilidade de virem a se suicidar com toda a família.

— Esqueça o cobertor.

— Você é um mão-de-vaca!

E quando ele iria insistir novamente, minha esposa entrou, trazendo uma pequena refeição.

— Ah, senhora — e se lançou em sua direção — desculpe o trabalho. Não quero nada pra comer, por isso sente-se aqui e sirva a bebida, por favor. Não tenho vontade de beber quando Shûji me serve. Ele é um pão-duro, não serve. Que tal eu dar um soco nele? Sabe senhora, era muito forte nas brigas quando morava em Tóquio. Também fiz um pouco de judô. Contra alguém como Shûji, é só um golpe. Sempre que ele for arrogante com a senhora, me avise. Darei um belo soco nele. Então senhora, na época em que moravam em Tóquio e depois, quando vieram pra cá, ninguém falou com seu marido tão sem cerimônias e de maneira tão íntima quanto eu, não é? Porque sou um antigo amigo de brigas, e porque Shûji não conseguiria me enfrentar.

Depois de ficar evidente que seu comportamento mal-educado era um esforço consciente, minha irritação aumentou ainda mais. Será que ele tinha a intenção de fazer disso uma história idiota, em que contaria orgulhoso como conseguiu que alguém lhe oferecesse uísque de graça e depois suportasse sua truculência?

Lembrei, de repente, de Kimura Shigenari e da história do Chabôzu²². E também de Kanzaki Ygorô e de Mago. Recordei-me até da perna presa de Kanshin. Em vez de ficar admirado com a paciência de Kimura, de Kanzaki e de Kanshin, pensei na atitude infinita e silenciosa de desprezo de cada um deles. Por isso, senti apenas o sarcasmo dessa situação. Era comum, nas discussões de bar, uma pessoa levantar a voz, indignada, enquanto outra, tranquilamente, fica sorrindo e apenas com o olhar, diz às pessoas em volta: “Não tem jeito esse bêbado”. Depois, volta-se para o companheiro furioso: “Não me leve a mal, peço desculpas”. Já vi esse tipo de cena várias vezes, e é puro sarcasmo. Acho uma atitude covarde, pois agindo desta maneira, todos pensarão que o homem indignado ficará mais bravo ainda. É claro que Kimura, Kanzaki e Kanshin não agiriam assim, utilizando-se de um olhar de súplica e pedindo desculpas na frente de espectadores para chamar a atenção. Certamente eles pediriam desculpas sinceras. Porém, minha moral repudia essas histórias impressionantes, pois não notei qualquer sentimento de serenidade. Tenho a impressão de que a paciência não é

²² Histórias exemplares de pessoas que se negaram a revidar quando desafiadas para uma briga, ou que preferiram não enfrentar um personagem mais forte do que elas, quando vítimas de abuso. Constavam dos livros didáticos de Moral e Cívica do tempo em que Dazai foi estudante, para inculcar nas crianças a virtude da serenidade.

algo momentâneo e nem dramático. Acredito que seja uma virtude eterna, como a paciência de Atlas e o sofrimento de Prometeu. Além do mais, vi em cada uma dessas famosas figuras um estranho ar de superioridade. Não é à toa que Chabôzu e Mago tinham vontade de esmurrá-los, fazendo com que eu sentisse pena desses truculentos. Principalmente o Mago do clã Kanzaki, que escreveu um pedido de desculpas formal por precaução. Mas acredita-se que, desanimado depois de uns quatro ou cinco anos, finalmente se rendeu e acabou bebendo de tanta raiva. Desde o início, não senti qualquer admiração pelo colapso mental desses grandes homens de belas histórias; pelo contrário, parece que senti uma grande compaixão e piedade pelos ignorantes. Contudo, agora, este singular visitante está diante dos meus olhos e percebo que minha opinião sobre as três personalidades precisaria ser corrigida.

Não me importo se for chamado de covarde ou algo do gênero. Pensei no seguinte: cutuque a onça com vara curta. Não tenho tempo para mergulhar meus pensamentos na virtude da paciência ou em belas lições. Eu confesso. Fiquei atônito, mas Kimura, Kanzaki e Kanshin certamente eram mais fracos do que aquele famoso apóstolo traiçoeiro. Eles foram dominados. Não tinham chance de vitória. Até mesmo Jesus Cristo percebeu que o tempo não traria vantagens e disse: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”²³

Não há alternativa a não ser fugir. Não será muito agradável se eu fizer um teatrinho, provocando meu amigo e fazendo com que ele quebre as portas corrediças; afinal, a casa não é minha. Sempre estou preocupado, observando se as crianças não quebraram a porta, não rasgaram as cortinas ou não rabiscaram nas paredes. Devo, a todo custo, manter seu bom humor. Os feitos históricos daqueles três, descritos em livros didáticos de Moral e Cívica, tratam do tema da paciência, da coragem e da covardia. Por isso, nós que acreditamos na salvação budista somos facilmente enganados. Se, por acaso, esta história fosse adotada pelos livros didáticos, o tema seria a solidão.

Agora conheço que a solidão que aqueles três sentiram.

Enquanto ouvia sua falação, de repente, em meio a um segredo desespero meu, ele soltou um grito terrível:

— Aaargh!

Assustado, olhei em sua direção e ele gritou:

— Tô bebão!

²³ Contido na Bíblia, Mateus 27:46. “Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Como os dois guardiões hindus Nio e Fudô²⁴, ele, imóvel, fechou os olhos e berrou, sustentando os braços nas pernas, como os lutadores de sumô, e mostrando toda a força de seu corpo, parecendo lutar contra a embriaguez.

Era impossível não ficar bêbado. Praticamente sozinho, ele tomou mais da metade de uma garrafa. Na testa, o suor brilhava, sendo adequado compará-lo a divindades ferozes como Kongô ou Ashura²⁵. Minha esposa e eu trocamos um olhar preocupado. Após trinta segundos, ele agiu como se nada tivesse acontecido.

— O uísque é bom mesmo. Deixa a gente bem chapado. Vamos senhora, chegue mais perto, venha me servir. Posso estar bêbado, mas não perco a razão. Hoje vocês me serviram; da próxima vez, eu servirei vocês. Venham pra minha casa. Apesar de não ter nada por lá, crio frangos, só não posso matar. Não são simples frangos, são galos de rinha. Estão em treinamento, mas pretendo cozinhar apenas os que perderem feio. Por isso, esperem até novembro. Bom, posso oferecer uns dois ou três nabos grandes.

A conversa ficou cada vez mais mesquinha:

— Lá não tem bebida, não tem nada. Por isso vim beber aqui. Se eu conseguir um pato, vou te dar de presente. Mas pra isso, tenho uma condição. Vamos comer esse pato, eu, Shûji e a senhora. Shûji servirá o uísque, mas não respondo por mim se disserem que a carne está ruim. Se reclamarem que a carne é horrível, eu não perdoo. Eu apanhei o pato com muito esforço e sofrimento. Quero que digam que o pato tá delicioso. Ouviu bem? É uma promessa. Digam que tá gostoso. Hihhi!! Senhora, esses são os lavradores. Se nos fizer de idiotas, não damos nem um fio de cabelo sequer. Pra se dar bem com um lavrador, tem que ter jeito, viu, senhora? Não pode ser orgulhosa, não. Bem, até a senhora é como minha mulher, quando chega a noite...

Sorrindo, minha esposa se esquivou:

— Parece que meu filho está chorando.

— Não! — ele gritou, levantando-se.— Sua mulher não pode ir! Minha mulher não é assim! Vou até lá arrastar ela de volta. Não me faça de idiota. Minha casa é um bom lar. Tenho seis crianças e somos um casal perfeito. Se acha que é mentira, pergunte ao ferreiro Saburô, perto da ponte. Onde é o quarto da sua mulher? Mostra onde fica. Mostra o quarto onde vocês dormem.

Foi um grande erro servir meu precioso uísque para esse tipo de pessoa!

— Deixe, deixe.

Eu também me levantei e puxei-o pela mão. Já não sorria mais.

²⁴ Nome japonês usado para referir-se aos dois guardiões de Buda que, segundo a tradição, acompanharam-no em suas viagens.

²⁵ Um dos oito guardiões no Budismo, deus da guerra e do conflito.

— Não dê ouvidos a minha mulher. Faz tempo que não nos encontramos, vamos beber animadamente.

Ele se sentou, bravo.

— Vocês dois não se dão bem? Eu notei isso. É esquisito. Tem alguma coisa aí. Eu percebi.

Não tem nada para ele perceber. O motivo dessa “estranheza” está no seu estado absurdo de embriaguez.

— Que chatice. Que tal eu cantar alguma coisa?

Fiquei duplamente aliviado ao ouvi-lo dizer isso. Primeiro, porque dependendo da música, esta situação desagradável poderia se dissipar; segundo, porque esse também foi meu último desejo. Suportei esse amigo, por quem nunca tive amizade, do meio-dia até o entardecer, aguentando sua visita por cinco ou seis horas. Ouvi as várias histórias que ele contou e não consegui achar, nem por um instante, que ele fosse uma pessoa a ser estimada ou admirada. Não haveria coisa pior, tanto para mim quanto para ele, que ao nos despedirmos, a única recordação que teria dele seria de terror e repugnância. Mostre, nem que seja pelo menos com um gesto, algo que me deixe uma lembrança divertida e saudosa. Por favor, cante algo com uma voz triste, como uma canção folclórica de Tsuruga. Com sua sugestão, meu desejo de que me fizesse chorar nasceu em meu coração.

— Isso é bom. Por favor, cante.

Porém, meu pedido já não era mais por educação. Apostei tudo nessa canção, mas fui cruelmente traído até o final.

*A montanha, o rio, as plantas, as árvores, logo se tornarão uma terra devastada. Mesmo a quilômetros de distância, cheira-se o sangue fresco, e parece que a guerra ainda continua.*²⁶

E para variar, ele esqueceu a segunda parte da canção.

— Bom, vou embora. Sua mulher fugiu de mim, a bebida tá horrível com você me servindo, então vou embora.

Eu não o impedi.

Ele se levantou e, assumindo um ar sério, disse:

— Bom, não tem jeito, ficarei encarregado da reunião. O resto vou deixar por sua conta. Com certeza, será uma reunião animada. Obrigado pela hospitalidade. Vou levar o uísque.

Já estava esperando por isso. Na garrafa quadrada, restava apenas um quarto da bebida. Despejei mais no copo que ele estava bebendo.

²⁶ Retirado da obra *Kinshûjoka Sakushi*, de Nogi Maresuke. Kinshû compreende a região nordeste da China, palco da Guerra Russo-Japonesa (1904–1905).

— Ei! Isso aqui não conta. Não seja mesquinho. Ainda tem uma garrafa cheia aí no armário, não é?

Já sabia. Sentindo calafrios, sorri, satisfeito. Não há nada mais esplêndido. Não havia homem como esse, nem em Tóquio, nem em lugar algum.

Com isso, não poderei mais me divertir bebendo, nem com o senhor Ibuse, nem com ninguém. Apanhei a última garrafa do armário e entreguei a ele. Até pensei em dizer o preço que paguei pelo uísque. Queria saber se ele continuaria com a mesma expressão ou se ele desistiria de levar a bebida por pena. Contudo, não lhe disse. Não tenho coragem de servir algo a uma visita e depois dizer seu preço.

— E os cigarros? — experimentei perguntar.

— Sim, eu também preciso disso. Porque minha vida é fumar, você sabe.

Apesar de ter tido, realmente, uns cinco ou seis colegas naquela época, não tenho qualquer recordação desse amigo, mesmo depois dele afirmar ter sido meu colega de primário. Ele também não deve ter, de lembranças minhas, mais do que as tais brigas que dissera ter tido. Além disso, sua visita de amigo durou metade de um dia. Com esse tipo de atitude, palavras exageradas como estupro vinham à minha mente.

Porém, esse ainda não foi o fim da visita. Ele a coroou com perfeição. Ainda que tenha sido muito prazerosa, quando acompanhei-o até a porta para nos despedirmos, ele sussurrou em meu ouvido:

— Não seja orgulhoso!

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Visita de amigo. Tradução de Lídia Ivasa. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 101-115, 2017.

A MULHER DE VILLON¹

Tradução: Ariel Lara de Oliveira²
Revisão: Andrei dos Santos Cunha³

I

Acordei com o barulho de alguém que abria correndo a porta da entrada de casa. Não falei nada, no entanto, e resolvi nem levantar. Só podia ser meu marido, voltando para casa podre de bêbado no meio da noite.

Ele acendeu a lâmpada do quarto ao lado e, com uma respiração forte e ofegante, começou a abrir as gavetas da escrivaninha e dos armários. Pelo arranhar das gavetas sendo abertas e fechadas, ele parecia estar procurando alguma coisa. Logo, ouvi um barulho como se ele tivesse caído sentado no tatame. Então, só o que eu conseguia ouvir era o seu grosseiro arfar. Sem saber o que estaria fazendo, falei, meio dormindo:

— Bem vindo de volta. Já jantou? Tem bolinhos de arroz no armário.

— Não, obrigado. — respondeu ele, com uma gentileza incomum. — E o menino? Ainda está com febre? — completou.

Isso também foi estranho. A criança iria completar três anos, mas, seja por desnutrição, pelo alcoolismo de meu marido ou por causa de uma virose, ele parecia menor que as crianças de dois anos da vizinhança. Além disso, só conseguia andar com passos ainda incertos e não sabia dizer nada além de balbucios, por mais que se esforçasse. Eu frequentemente pensava se não seria um problema na cabeça. Uma vez, ao levá-lo para a casa de banho e segurá-lo sem roupa em meus braços, pequeno, magro e feinho, fiquei tão triste que me desatei a chorar na frente de todos. Não fosse só isso, o menino ainda costumava ter problemas de estômago e febres, mas meu marido quase nunca estava em casa para me ajudar a cuidar dele. Nem sei direito o que pensava do próprio filho. Quando eu falava que o menino estava com febre, dizia "Sim, bom, não seria melhor levá-lo a um médico?" e, enrolando-se em seu casaco, saía apressado para algum lugar. Eu adoraria levar o menino a um médico, mas como nunca tinha

¹ "A Mulher de Villon" [ヴィヨンの妻, *Viyon no tsuma*]. Publicado originalmente em março de 1947, na revista *Tenbô*.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

³ Andrei dos Santos Cunha é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Língua e Literatura Japonesa da mesma instituição. E-mail: <andrei.cunha@ufrgs.br>.

o dinheiro para isso, não havia o que fazer a não ser deitar com ele em meus braços, acariciando sua cabeça até que dormisse.

No entanto, naquela noite, não sei bem porque, ele tinha sido estranhamente gentil e me perguntado da febre do menino. Em vez de me sentir feliz, tive um pressentimento ruim, um gelo me correndo pela espinha. Sem resposta e não tendo mais o que fazer, fiquei calada. Em pouco tempo, ouvia-se novamente apenas a respiração forte de meu marido.

— Com licença. — da porta de casa, veio a voz fina de uma mulher. Tremi como se houvessem jogado água gelada por todo meu corpo.

— Com licença, senhor Ootani. — disse a voz novamente, parecendo incomodada.

Ouvi a porta da entrada se abrindo.

— Senhor Ootani, poderia entrar?— chamou, desta vez claramente incomodada.

Meu marido finalmente pareceu ir até a entrada.

— O que que foi?—perguntou ele, hesitante, como se não quisesse que outras pessoas ouvissem.

— Não me venha com “O que que foi?”! — sussurrou a mulher. — Você tem uma casa bonita como essa e ainda assim precisa roubar dos outros por aí? Pare com essa brincadeira de mau gosto e me devolva o dinheiro. Se não, irei agora mesmo chamar a polícia.

— O que está dizendo? Não me desrespeite! O que vocês querem aqui? Vão embora! Se não forem, vou ser eu quem vai chamar a polícia.

— Mas o senhor é muito cara de pau. — surgiu então a voz de um homem. — Até parece que você não sabe o que estamos fazendo aqui! Nem deveria me surpreender, mas já passou dos limites. Roubar dinheiro dos outros, isso é demais, senhor Ootani. Com tudo o que o senhor nos fez passar até agora, eu e minha esposa! Não dá mais pra aguentar. Não pensava que o senhor chegaria a nos roubar. Não esperava isso nem do senhor.

— Isso é extorsão! — disse meu marido, em um tom irritado, ainda que sua voz tremesse. — É chantagem! Saiam daqui! Se têm alguma reclamação, falo com vocês amanhã.

— Mas que absurdo! O senhor é mesmo um ladrão! Vou ter é que chamar a polícia!

As palavras do homem vinham cobertas de um ódio tão forte que, novamente, tive calafrios por todo o corpo.

— Vá pro inferno!— gritou meu marido, mas sua voz já soava fraca e vazia.

Levantei-me e, vestindo um *haori*⁴ por cima do pijama, fui até a entrada receber as duas visitas.

— Sejam bem vindos. — disse.

— Essa é a esposa?— disse o homem, mal inclinando a cabeça em minha direção, sequer esboçando um sorriso.

⁴ *Haori*. Tipo de casaco tradicional japonês, usado aberto e por cima das vestes.

Ele aparentava mais de cinquenta anos, com uma cara redonda e um sobretudo que passava dos joelhos. Sua mulher, magra e pequena, devia ter uns quarenta anos e estava bem vestida.

— Desculpe pelo horário. — disse ela, igualmente sem sorrir.

Enquanto ela soltava um pouco seu xale e fazia uma reverência com a cabeça, meu marido rapidamente calçou as sandálias e tentou correr para fora de casa.

— Pegue ele!

O homem conseguiu agarrá-lo pelo braço e os dois se digladiaram por algum tempo.

— Me solta! — gritou meu marido, ameaçando-o com uma faca que brilhava em sua mão esquerda.

Era uma lâmina de família, um tesouro para ele, que a deixava sempre guardada na gaveta de sua escrivaninha. Era isso que ele estava buscando em suas gavetas, ao chegar em casa. Certamente tinha previsto que algo poderia acontecer e voltado para casa com o intuito de buscar a arma. Procurara correndo entre suas gavetas e a escondera no bolso.

O homem se esquivou e, nesse meio tempo, meu marido, dobrando as pontas de sua capa como as asas de um corvo, fugiu correndo para a rua.

— Ladrão! — gritou o homem, e saiu correndo atrás dele.

— Pare, por favor! — pedi, saindo descalça para segurar o homem. — Não faz sentido arriscar que alguém se machuque! Deixe-me resolver esse problema, por favor!

— Sim, querido, se acalme! — disse a mulher. — É um louco com uma faca! Não dá pra saber o que ele vai fazer!

— Que merda! Agora é com a polícia! Não posso aceitar isso! — murmurou o homem para si mesmo, olhando, impotente, a escuridão do lado de fora. Parecia que toda a força de seu corpo tinha se esgotado.

— Desculpem. — eu disse. — Entrem, por favor, e contem-me o que aconteceu — convidei, agachando-me e limpando os pés para entrar de volta em casa. — Talvez eu consiga ajudar, mas primeiro entrem, por favor, entrem. Desculpem pela sujeira desse lugar.

Os dois se olharam e, com um sutil menear de cabeça, concordaram.

— Não interessa o que diga, minha decisão já está tomada. — disse o homem, mas sua expressão já era outra. — Ainda assim, senhora Ootani, posso lhe contar brevemente os detalhes do que aconteceu até agora.

— Sim, por favor. Entre e conte, sem pressa.

— Bom, pressa, eu tenho. — ele respondeu, tirando o sobretudo.

— Não, não tire o casaco, por favor. Aqui é frio, fique com ele, por favor. Mesmo, não temos aquecimento nessa casa, fique assim!

— Pode ser, então, desculpe-me a descortesia.

Primeiro o homem, e então sua mulher, entraram no escritório de meu marido. Um cômodo de seis tatames. Seis tatames carcomidos, com o *shôji*⁵ todo rasgado, a tinta das paredes descascando e o *fusuma*⁶ com o papel descolando e deixando à vista sua estrutura interna. Em um canto, a escrivaninha e caixas de livro vazias. Ao se depararem com um cenário tão decadente, os dois pareceram prender a respiração.

— O tatame está sujo, por favor, sentem nisso aqui. — disse, alcançando umas almofadas rasgadas, com partes do algodão saindo pelos furos. Cumprimentei-os novamente. — Muito prazer em conhecê-los. Meu marido só lhes causou incômodo até agora, e nem sei bem o que foi que fez hoje, comportando-se daquela forma horrível, sem ter sequer pedido desculpas. Ele é uma pessoa muito excêntrica. — dizendo isso, eu não pude conter as lágrimas.

— Sra. Ootani, pode ser indelicado, mas quantos anos a senhora tem? — perguntou o homem, sentando timidamente na almofada. Com as pernas cruzadas, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e o queixo sobre o punho, inclinando-se na minha direção.

— Quem, eu?

— Sim. Seu marido certamente tem uns trinta?

— Sim. Sou quatro anos mais nova.

— Então... vinte e... seis... Só isso? Faz sentido, se seu marido tem uns trinta, seria de se esperar. Ainda assim, me surpreende.

— A mim também, logo que a vi, fiquei surpresa — disse a mulher, aparecendo por trás do marido. — Cheguei a me perguntar por que o senhor Ootani se comporta daquele jeito, tendo uma mulher tão bonita em casa.

— É um doente, isso sim! — disse o homem, com um grande suspiro — Só pode ser doença! Já era ruim e foi piorando com o tempo.

— Na verdade, senhora — continuou, formal, depois de um silêncio — eu e minha esposa, nós temos um pequeno restaurante perto da estação de Nakano. Viemos do interior, de Jôshû⁷, onde eu era um lojista respeitável. Mas eu tinha maus hábitos, acabei cansando de lidar com agricultores mesquinhos e vim, da forma que consegui, com minha mulher para Tóquio, há vinte anos. Trabalhamos de aprendizes em um restaurante mediano em Asakusa e, com

⁵ *Shôji*. Tipo de porta de correr tradicional da arquitetura japonesa. É a porta externa das casas, feita de papel japonês translúcido e uma estrutura externa de madeira em grade. Essa estrutura de quadrados forma unidades de papel cercado pela madeira, que, quando rasgam, podem ser trocados individualmente, sem danificar a porta inteira.

⁶ *Fusuma*. Outro tipo de porta de correr tradicional da arquitetura japonesa. É a porta interna dos quartos ou armários embutidos da casa, feito de um papel grosso e opaco cobrindo uma estrutura de madeira interna que ajuda a sustentá-lo. Como o papel cobre a superfície toda, quando rasga, tem de ser trocado inteiro, ou deixa à mostra essa estrutura.

⁷ Atual Ueno.

muita dificuldade, conseguimos, no ano onze da Era Shôwa⁸, abrir nosso próprio restaurante. É esse restaurante pequeno, de pouco mais de seis tatames⁹, numa casa suja e emprestada que temos na estação de Nakano. Com clientes que podem gastar, quando muito, um ou dois ienes por noite, é apenas por persistência e abrindo mão do luxo que eu e minha esposa, trabalhando como escravos, conseguimos manter esse negócio nada promissor funcionando. Acabamos armazenando um bom estoque de *shôchû*¹⁰ e gim, entre outras bebidas, de forma que, quando houve falta de álcool, e outros estabelecimentos acabaram falindo, nós conseguimos nos manter bem, com a ajuda da clientela, que, com o tempo, foi melhorando — incluindo aí pessoas do exército.

“Quando a guerra começou, e os bombardeios passaram a ficar mais perigosos, ainda assim continuamos em Tóquio. Não tendo filhos nem outros motivos para nos deslocarmos para o interior, decidimos continuar o negócio até que nos caísse uma bomba na cabeça. Se mantivéssemos nosso negócio até o fim da guerra, ainda que sofrendo, teríamos enfim um alívio. Por isso, acabamos produzindo álcool ilícito, por pouco tempo, apenas o suficiente para reabastecer nosso estoque. E, ainda que por pouco tempo, não tivemos muita dificuldade — até um pouco de sorte. Mas essa vida sempre prepara algo de ruim para nós. É como dizem, para cada *sun*¹¹ de felicidade, há um *shaku*¹² de maldade. É realmente uma verdade. Se, em um ano, você tiver um dia, ou mesmo meio dia, sem nenhum problema, pode se considerar uma pessoa de sorte.

“A primeira vez que seu marido, Senhor Ootani, chegou a nosso estabelecimento, foi no ano 19 da era Shôwa¹³, lá pela primavera. Ainda não estávamos perdendo a guerra, ou, se estávamos, não se sabia da verdadeira situação. Pensava-se que, com mais dois ou três anos de esforços, talvez a paz ainda pudesse ser alcançada em igualdade de termos. Ele estava vestido de forma casual, com sua capa pendurada nos ombros. Ainda havia em Tóquio alguns membros da força aérea, e eles, com suas roupas militares, vinham beber nosso saquê; mas a maioria de nossos clientes vestia roupas mais comuns, de modo que não sentimos que seu marido fosse nada de especial. E ele não estava sozinho, desculpe falar isso assim para a senhora, mas conto porque disse que não ia esconder nada. Seu marido entrou pela porta dos fundos, de forma meio furtiva, com uma mulher mais velha que ele. Naquela época, estávamos

⁸ 1936.

⁹ Tatame. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 1,6m² de área. Tatame, em português, se refere ao tipo de revestimento do chão de casas tradicionais japonesas, mas, em japonês, esse piso vem em blocos de tamanho padrão e o termo é também usado, por extensão, para se referir à área ocupada por um desses blocos.

¹⁰ *Shôchû*. Destilado japonês, em geral produzido a partir de cevada, batata-doce ou arroz.

¹¹ *Sun*. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 3cm de comprimento, ou um décimo de um *shaku*.

¹² *Shaku*. Unidade de medida equivalente a aproximadamente 30cm de comprimento.

¹³ 1944.

mantendo a porta da frente sempre fechada, como se a loja não estivesse aberta, mas era apenas de fachada, pois funcionávamos normalmente. Assim, nossos clientes mais íntimos, ainda que poucos, entravam em segredo pela porta dos fundos e, ao invés de sentar nas cadeiras de dentro, ficavam no quarto de trás, de seis tatames, com a luz apagada e falando baixo, bebiam discretamente até ficarem embriagados. E essa mulher que estava com o senhor Ootani era, até um tempo antes, atendente em um bar de Shinjuku. Ela seguido trazia bons clientes para beber em nosso restaurante, de modo que se tornou amiga da casa. A cobra sabe o caminho das cobras, como dizem, não é? Quem está na mesma situação se entende. Ela morava ali perto e, quando o bar em que trabalhava fechou, ela passou a trazer vários de seus conhecidos para nosso estabelecimento, e nosso estoque de álcool acabou diminuindo. Por mais que fossem bons clientes, bebiam muito, eram mal agradecidos e criavam muitos problemas. No entanto, gastavam bastante dinheiro, diferentemente dos nossos clientes antigos. Em consideração aos diversos bons clientes que ela nos apresentava, não fazíamos cara feia e sempre a servíamos. Assim, quando seu marido entrou com essa mulher, Akichan, discretamente, pela porta dos fundos, nem suspeitei de nada e, como sempre, levei-os para o quarto de trás e servi *shôchû*. Naquela noite, o senhor Ootani bebeu calmamente, Akichan pagou a conta e os dois saíram juntos pela porta dos fundos. É curioso que eu ainda não tenha esquecido seu comportamento estranhamente calmo e refinado daquela noite. É que os monstros, quando aparecem pela primeira vez na casa das pessoas, assumem uma aparência calma e inocente, não é?

“A partir daquela noite, passamos a vê-lo frequentemente. Dez dias depois, ele surgiu pela porta dos fundos e tirou uma nota de cem ienes. Naquela época, era muito dinheiro, como dois mil ou três mil ienes hoje em dia. Essa nota ele enfiou na minha mão, pedindo-me, com um sorriso fraco, para guardá-la. Ele já tinha bebido bastante, e, a senhora deve saber, ele não é muito forte para álcool. Achei que já estava bêbado, e, de repente, como era de se esperar, bebeu tanto que tropeçava de tão tonto que estava, nunca vi nada igual. Bebeu o suficiente para trinta pessoas. Mesmo que ele fosse forte para álcool, seria incrível. Naquela noite, de alguma forma, mesmo naquela condição, acabou bebendo mais de dez garrafas de nosso *shôchû*. Estava reticente, e, por mais que minha mulher e eu tentássemos falar com ele, apenas sorria sem dizer nada, concordando com a cabeça de forma vaga. Até que, de repente, nos perguntou as horas e levantou-se para sair. ‘E o troco?’, perguntei, e ele respondeu ‘Não precisa, está acertado’. Eu disse, de maneira firme, que era muito dinheiro, que ele me deixaria sem jeito. ‘Guarde até a próxima vez, por favor, pretendo voltar’, disse, finalmente sorrindo e indo embora.

“Senhora, esta foi a única vez, de todas, que recebemos algum dinheiro dele. Desde então, ele só vem, há três anos, nos enganando e empurrando com a barriga sem pagar sequer um tostão. Bebeu todo o nosso estoque de álcool quase sozinho, secou tudo, é inacreditável!

Então, sem nem perceber, comecei a gargalhar. Não sei exatamente qual era a graça, mas não consegui me segurar. Confusa, cobri a boca, mas, ao olhar para a senhora com o canto do olho, percebi que, estranhamente, ela também ria. E então seu marido também, sem outra opção, esboçou um riso triste.

— Bom, certamente não é algo para se rir, mas entendo; eu já estou tão cansado dessa história, que só me resta rir. Talvez se ele dedicasse seu talento para outras atividades, poderia se tornar um ministro ou mesmo um acadêmico. Não só a nós, mas também a outras pessoas ele enganou, deixando-as sem tostão — até hoje, por sinal. Akichan, por exemplo, que só saía com o senhor Ootani, acabou ficando sem outros clientes, estando hoje sem dinheiro nem roupa, morando num barraco sujo de um cortiço, sobrevivendo quase como pedinte. E mesmo ela, quando saíam juntos, fazia questão de se gabar dele para quem quisesse ouvir. Dizia que ele tinha nascido em boa família, vinda de um antigo daimio. Dizia que ele era segundo filho do Barão Ootani, mas que tinha sido deserdado por sua má conduta. No entanto, se o barão pai morresse, ele dividiria a fortuna com o irmão mais velho. Dizia que era muito inteligente, um gênio mesmo, tendo, aos 21 anos, publicado seu primeiro livro, melhor que o do grande escritor Ishikawa Takuboku¹⁴. Dizia que escrevera mais uns dez livros e que era o maior poeta do Japão. Era, claro, um grande estudioso, tendo se formado no Primeiro Colegial e seguido para a Universidade Imperial. Além disso, era fluente em alemão e francês. Do jeito que Akichan falava, parecia que era um deus.

“E o pior é que não era tudo mentira. Outras pessoas também diziam que o segundo filho do barão era um poeta famoso e mesmo minha mulher, que já tem idade para ter mais bom-senso, vivia elogiando a boa educação do senhor Ootani e ficava ansiosa pelas suas visitas. É insuportável. Dizem que nossa aristocracia está decadente, mas devo dizer que, até o fim da guerra, ninguém se dava melhor com as mulheres que esse filho deserdado do barão. Estranhamente, todas caíam de amores por ele. Acho que é a tal natureza servil de que tanto se fala hoje em dia.

“De qualquer forma, para mim, como homem, e um homem com algum bom-senso, quando vejo um nobre metido a besta (desculpe dizer na frente da senhora), ainda mais um segundo filho de uma família de ex-senhores feudais, não acho que haja tanta diferença entre nossas classes sociais. Talvez por isso eu não conseguisse lidar bem com o senhor Ootani. Por mais que me resolvesse firmemente a não lhe dar mais uma gota de álcool sem que nos pagasse

¹⁴ Ishikawa Takuboku (石川啄木, 1886–1912). Poeta japonês, autor de *Ichiku no Suna* (一握の砂, “Um pouco de Areia”, de 1910) e *Kanashiki Gangu* (悲しき玩具, “Tristes Brinquedos”, de 1912).

alguma parte do que nos devia, quando ele chegava, de repente, como se estivesse sendo perseguido, e ficava aliviado de chegar ao nosso bar, minha determinação enfraquecia. Mesmo quando se embebedava, não chamava a atenção nem atrapalhava ninguém. Se apenas pagasse suas contas, seria um ótimo cliente. Não era ele quem se gabava ou expunha sua condição social, tampouco alardeava ser um gênio, nem nada assim. Muito pelo contrário, inclusive se Akichan ou outra pessoa sentava ao seu lado e começava a propagandear suas qualidades, o senhor Ootani apenas falava, cortante, ‘Não tenho nem dinheiro para pagar a conta daqui’ e partia logo pra outro assunto.

“Ele nunca nos pagou nada de tudo o que bebeu em nosso estabelecimento. Outras pessoas eventualmente pagavam por ele. Akichan pagou algumas vezes, e, além dela, vieram outras mulheres que, embora não fossem nossas conhecidas, pareciam estar na mesma situação que ela. Além disso, quando o senhor Ootani vinha com outras mulheres, provavelmente esposas alheias, elas costumavam deixar algum dinheiro extra, para compensar parte da dívida. E nós, como comerciantes, sempre acabávamos servindo álcool para ele, mesmo em dias em que não recebíamos nada, pois, sabíamos que ele era de uma família rica.

“No entanto, esses pagamentos eventuais não são nem perto do suficiente para sanar nossas perdas com tudo o que ele bebeu. Ficamos sabendo que o senhor Ootani morava perto da estação de Koganei, onde tinha uma mulher e tudo; logo, pensamos em vir até aqui para resolver a questão da dívida. Só que, ao perguntarmos onde morava, só nos respondia com grosserias, como ‘Não moro em lugar nenhum’, ou ‘Não te interessa’, ‘Não queira brigar comigo’. E nas duas, três vezes que pensamos em procurar por nós mesmos a casa do senhor Ootani, acabamos desistindo.

“Lá pela época em que os bombardeios ficaram mais frequentes, ele pegou a mania de entrar no restaurante, usando um chapéu do exército, ir até o armário e pegar nossa garrafa de conhaque. Ficava ali, casualmente, em pé, bebendo até o fim, como se não estivesse nos devendo nada, e, sem dizer palavra, ia embora.

“Com o fim da guerra, voltamos a encher nosso estoque com álcool ilícito, botamos uma nova cortina na entrada do restaurante, tentando dar um ar revigorado, inclusive contratamos uma moça para atrair clientes. No entanto, esse demônio desse homem voltou a aparecer. Mas desta vez, não estava acompanhado de mulher, e sim de dois ou três jornalistas. Não tínhamos mais militares como fregueses, apenas alguns poetas pobres que, segundo esses jornalistas, eram elogiados internacionalmente. O senhor Ootani falava sobre filosofia, língua inglesa e muitos nomes estrangeiros. Um dia, levantou e foi para fora do restaurante. Não voltava, mas também não ia pra casa. Assim, esses jornalistas acabaram se irritando, dizendo que, se ele fosse embora, eles também iriam. Quando começaram a se arrumar para sair com ele, eu pedi para se acalmarem, para ficarem mais um pouco. Ele aproveitou esse momento para fugir,

deixando a conta para eles pagarem. Alguns deles dividiram a conta entre si, mas outros reclamaram e se recusaram a pagar pela bebida do senhor Ootani. Ainda assim, pagaram pelo que beberam com o dinheiro que tinham. Dizem que jornalistas são pessoas da pior espécie, mas, comparando-os com ele, parecem-me pessoas mais honestas e nobres.

“Depois da guerra, o senhor Ootani passou a beber mais e parecia mais acabado. Começou a contar piadas de baixo calão e em voz alta pelo restaurante, além de frequentemente entrar em brigas com esses jornalistas que trazia para o restaurante. Além disso, seduziu a moça que estava trabalhando conosco, que tinha apenas vinte anos. Foi uma surpresa para nós; quando vimos, já era tarde demais e acabou se tornando um problema. A menina ia dormir chorando por ele toda noite. Engravidou e acabamos devolvendo-a para a casa de seus pais. Foi quando eu disse, de forma firme: ‘Senhor Ootani, não vou falar mais nada, mas apenas lhe peço que não volte mais para meu estabelecimento!’. No entanto, ele respondeu: ‘Não vou receber ordens de um qualquer que vende álcool ilegal. É, eu sei de tudo!’. E mesmo depois dessa ameaça vil, mostrou as caras na noite seguinte, como se nada tivesse acontecido.

“Sim, como disse, nós vínhamos desde a metade da guerra completando nossos estoques com álcool ilícito, e não posso deixar de pensar que nossa punição foi o surgimento desse monstro em nossas vidas. E mesmo com todas as coisas ruins que já nos fez, a de hoje foi de longe a pior delas— nem poeta nem professor, o senhor Ootani é um ladrão. Levou cinco mil ienes da nossa loja, simplesmente pegou e saiu correndo, dinheiro esse que vínhamos juntando a duras penas. Normalmente deixamos apenas quinhentos ienes, no máximo mil, na loja. Mas, como é fim de ano, vínhamos cobrando dívidas de vários clientes, de modo que finalmente acabamos ficando com essa quantia toda no caixa. Esse é o dinheiro que precisamos para manter o negócio funcionando depois das festas do Ano-Novo. Minha mulher contou esse dinheiro, conferiu e guardou na gaveta do armário no quatinho dos fundos. Ele, na cadeira da porta, bebendo sozinho, viu isso, se levantou decidido, foi até o quarto dos fundos, empurrou minha mulher e, abrindo a gaveta, pegou os cinco mil ienes. Enfiou o rolinho de dinheiro no bolso das dobras de sua capa e, enquanto ainda estávamos paralisados de choque, saiu correndo da loja. Chamei-o em voz alta e saímos, eu e minha mulher, atrás dele, gritando, ‘Ladrão, ladrão!’, achando que as pessoas da rua pudessem nos ajudar. Acabei decidindo segui-lo até que ele se acalmasse e então pedir o dinheiro de volta. Assim foi que o seguimos até aqui. Somos apenas pequenos comerciantes, eu e minha mulher juntamos nossas forças e não tivemos opção a não ser reprimir nossos sentimentos e pedir nosso dinheiro de volta calmamente. E então, o que acontece? Ele tira uma faca e tenta me atacar! Que absurdo!

Novamente, de algum lugar na história toda, alguma graça pareceu ter se apossado de mim, e eu ri em voz alta, não conseguindo me segurar. Gargalhava, enquanto a senhora deu

um leve sorriso, ficando com o rosto vermelho. Eu, sem conseguir parar de rir, comecei a pensar mal de meu marido e me veio um sentimento estranho e engraçado ao mesmo tempo, e comecei a chorar, enquanto seguia rindo. Lembrei de um de seus poemas, “Gargalhada dos frutos da civilização”, e pensei se não era a esse sentimento que ele estaria se referindo.

II

Ainda assim, esse não era um problema que iria sumir com uma gargalhada. Fiquei encarando os dois, pensando, até que disse: “De alguma forma, eu arranjaré uma maneira de resolver essa questão, se vocês esperarem mais um dia antes de recorrerem à polícia. Amanhã certamente entrarei em contato com vocês”.

Pedi que aceitassem a minha proposta e perguntei detalhadamente onde ficava o tal restaurante da estação de Nakano. Eles concordaram em me dar um tempo para resolver tudo e foram embora. Então fiquei sozinha, no meio do quarto frio, tentando pensar em um plano, mas nada me vinha à cabeça. Depois de um tempo sem ideias, levantei-me, tirando o *haori*, e fui para baixo do *futon*¹⁵ onde meu filho estava dormindo. Enquanto acariciava sua cabeça, pensei que seria bom se pudesse ficar ali para sempre e se o sol nunca mais nascesse.

Quando eu era pequena, meu pai tinha uma banquinha de *oden*¹⁶ perto do lago no parque de Asakusa. Minha mãe tinha morrido cedo, e meu pai e eu morávamos sozinhos em um quarto alugado. Também sozinhos cuidávamos do negócio. Ootani às vezes passava pela nossa banca, e, com o tempo, passei a me encontrar sozinha com ele, sem que meu pai soubesse. Quando fiquei grávida, depois de algumas complicações, fui viver com ele como sua mulher — embora nada fosse oficial. Agora, o menino está crescendo sem pai, enquanto ele sai de casa por três, quatro noites, às vezes um mês inteiro, sem dizer nem onde esteve nem o que estava fazendo. Quando volta, sempre podre de bêbado, fica lá, pálido e ofegante, me encarando sem dizer nada. Algumas vezes, chora litros de lágrimas; outras, vem para minha cama sem aviso, me agarra com força. “Não dá mais! Tenho medo! Muito medo! Me ajude, por favor”, diz. Outras vezes, ainda, começa a tremer e tremer e fala durante o sono, delirando e gemendo. Na manhã seguinte, fica desligado, como se lhe tivessem arrancado a alma. Então desaparece por mais três ou quatro noites. Alguns conhecidos de longa data de meu marido, dois ou três editores preocupados comigo e com o menino, de vez em quando nos dão dinheiro. Só por causa disso não morremos de fome até hoje.

¹⁵ *Futon*. Colchão dobrável tradicional, que pode ser guardado durante o dia e esticado no chão para se dormir.

¹⁶ *Oden*. Sopa tradicional do inverno japonês. Composta de diversos legumes cozidos com tofu e ovos em um caldo de peixe e soja.

Fiquei pensando nisso, meio dormindo, meio acordada, até que, quando abri os olhos, já podia ver o brilho do nascer do sol pelas frestas da porta de correr. Levantei, me vesti e, amarrando o menino nas costas, saí de casa. Não conseguia mais ficar um minuto no silêncio daquele lugar.

Saí sem pensar direito aonde ir, mas ia caminhando na direção da estação. Ali, comprei uns doces para dar ao menino. Então, num impulso, acabei comprando um bilhete para Kichijôji e subi no vagão. Lá dentro, notei um anúncio com o nome de meu marido. Era a propaganda de uma revista em que ele publicara um longo artigo, chamado “François Villon”. Ao ver o título junto do nome de meu marido, sem saber bem o porquê, vieram-me aos olhos lágrimas dolorosas, e, com a visão embaçada, desviei o olhar do cartaz.

Desci em Kichijôji e, pela primeira vez em nem sei quantos anos, passei pelo parque Inokashira. Os cedros em volta do lago tinham sido todos cortados, de forma que o parque todo parecia como que uma construção. Era um cenário frio e vazio, muito diferente do que eu lembrava do passado.

Tirei o menino das costas e sentamos os dois em um dos bancos quebrados às margens do lago. Dei uma das batatas-doces que tinha trazido de casa para o menino comer. “Que lago bonito, né, filhinho? Antigamente, tinha muitas carpinhas e peixinhos dourados. Hoje não tem mais nenhum... Que sem graça, né?”. Não sei o que ele pensou, mas deu um sorriso estranho, com a boca cheia de batata-doce. Mesmo sendo meu filho, não podia deixar de pensar que ele parecia mais um retardado.

Como eu não iria resolver nada sentada nos bancos do lago, um tempo depois, levantei, amarrei o menino nas costas novamente e voltei devagar para a estação de Kichijôji. Fiquei um tempo olhando a agitação nas bancas ao redor da estação, e comprei uma passagem para Nakano. Entrei no vagão como se um monstro horrível estivesse me sugando em um redemoinho. Desci, e, sem saber o que mais fazer, apenas segui o caminho que o casal tinha me ensinado na noite anterior e acabei chegando na frente do pequeno restaurante dos dois.

A porta da frente estava fechada, então dei a volta e entrei pela porta da cozinha. O senhor não estava, apenas sua esposa, limpando sozinha o estabelecimento. Assim que cruzamos os olhos, comecei a mentir automaticamente, de forma que nem eu mesma sabia ser possível.

— Senhora, parece que conseguirei devolver todo o dinheiro direitinho. Hoje de noite, ou no máximo amanhã, me prometeram. Não há mais porque se preocupar.

— Ah, mas que bom! Muito obrigada! — disse ela, parecendo feliz, ainda que restasse em seu rosto a sombra de uma ansiedade, como se desconfiasse de algo mal contado.

— É verdade, senhora. Alguém vai aparecer aqui amanhã trazendo o dinheiro. Até lá, decidi que ficarei aqui como refém. Não seria o suficiente? Até terem o dinheiro, ficarei aqui ajudando no serviço do restaurante!

Tirei o menino das costas e o deixei brincando no fundo do quarto de trás. Dei a volta e fui começar o trabalho. Como o menino estava acostumado a brincar sozinho, não iria atrapalhar nem um pouco. Não sei se porque é ruim da cabeça ou porque não tem medo de estranhos mesmo, mas ele ficou sorrindo para a senhora. Saí para carregar alguns mantimentos, e, quando voltei, ela tinha dado umas latas de comida vazias para o menino brincar. Ele estava no mesmo lugar, brincando comportado, batendo as latas e fazendo-as rolar.

Pelo meio-dia, o senhor voltou trazendo peixes e vegetais para o restaurante. Assim que o vi, repeti as mesmas mentiras que tinha contado para sua mulher. Ele pareceu surpreso.

— E isso é certo? Sra. Ootani, não é bom contar com dinheiro até que ele esteja em suas mãos — disse ele, em um tom calmo e quase didático.

— Não, não, tenho certeza. Por favor, confie em mim e espere mais um dia antes de prestar queixa do acontecido. Até lá, eu ficarei trabalhando aqui no restaurante.

— Só peço o dinheiro de volta— disse ele, quase para si mesmo — Ainda faltam uns cinco ou seis dias para o ano novo, afinal, não?

— Sim, sim, por isso mesmo, é o que estou— ah! Chegaram clientes! Sejam bem vindos!— disse, sorrindo para os três fregueses — pareciam trabalhadores — que entravam no restaurante. Sussurrei para a senhora: — Por favor, me empreste um avental.

— Nossa! Vocês contrataram uma beleza! — disse um dos fregueses. — Ela é magnífica!

— Por favor, não a seduza.— disse o senhor, agora meu patrão, entre brincando e falando sério. — Ela vale muito dinheiro.

— É um cavalo de um milhão de dólares, então? — brincou o outro freguês, em um tom vulgar.

— Dizem que éguas sempre custam a metade! — respondi, igualmente vulgar, enquanto aquecia o saquê.

— Ora, não seja modesta! — gritou o mais jovem. — O Japão do futuro é um país de igualdade de sexos, seja para cavalo ou cachorro. Querida, estou apaixonado! É amor à primeira vista. Se bem que... aquele menino é seu filho?

— Não, não. — me interrompeu a senhora, saindo do quarto dos fundos com o menino no colo — Esse menino é de uns parentes do interior, que estamos criando. Finalmente conseguimos alguém que continue nossa loja¹⁷.

¹⁷ No Japão, é costume que o filho continue a profissão do pai. Quando a família tem mais de um filho, é o filho mais velho que tem esse dever; famílias sem filho viam a necessidade de adotar um menino de parentes ou conhecidos para ter alguém que desse continuidade ao trabalho. É um hábito que foi transformado em lei e está

— Conseguiram dinheiro também!— brincou o outro cliente.

— E uma traição, além das dívidas. — murmurou o patrão, amargamente. Mudando rápido de tom, perguntou — E o que vão querer? Que tal um refogado?

Foi então que eu entendi. “Ah, é isso”, pensei comigo mesma, mantendo uma aparência inocente, enquanto levava a garrafa de saquê para os fregueses.

Era a noite da véspera de Natal e os clientes não paravam de entrar, em fluxo quase contínuo. Eu não tinha comido nada desde a manhã, mas recusei quando a senhora me ofereceu algo, pois estava um pouco enjoada. Segui trabalhando dedicada, movendo-me leve como uma bailarina pelo restaurante, entre as mesas e os fregueses. Pode parecer pretensão de minha parte, mas, naquele dia, o restaurante estava estranhamente animado e diversos clientes perguntaram meu nome ou quiseram apertar minha mão.

No entanto, não sabia o que faria dali em diante. Não conseguia fazer nenhuma previsão. Eu apenas sorria, ouvia as piadas indelicadas e respondia com piadas ainda mais indecentes. Deslizava de cliente em cliente servindo saquê. Só conseguia desejar que meu corpo pudesse derreter como sorvete e escorrer para longe dali.

E parece que, mesmo nesse mundo, às vezes milagres acontecem.

Era um pouco depois das nove quando um homem entrou, vestindo um chapéu de festa e cobrindo a metade superior do rosto com uma máscara preta. Vinha com uma mulher bonita e magra, de uns trinta e poucos anos. Sentaram-se os dois no canto, na parte de fora, o homem com as costas para mim. Ainda assim, logo que entraram eu percebi que era o ladrão do meu marido.

Ele sentou sem prestar atenção em mim e eu, por minha vez, fingi que não o reconheci. Continuei servindo mesas e brincando com os outros clientes. Mas logo a mulher me chamou.

— Sejam bem vindos. Gostariam de saquê? — disse. Meu marido me olhou por debaixo da máscara e pareceu surpreso ao me reconhecer. Bati levemente em seu ombro e perguntei: — Veio me desejar feliz Natal? Ou o quê? Parece que já bebeu uns dois litros!

A mulher apenas ignorou meu comentário, respondendo de maneira formal:

— Moça, temos uma questão pessoal para discutir com o proprietário, então, se puder chamá-lo...

Fui até a cozinha, onde o patrão preparava um refogado.

— Ootani voltou. Quer vê-lo. Está com uma mulher. Por favor, não diga nada sobre mim, não quero criar uma situação embaraçosa para ele.

— Sim, sim. Ele veio.— disse. Ele desconfiava que eu tivesse mentido, mas de alguma forma parecia ao mesmo tempo confiar em mim. Deve ter pensado que a vinda de meu

relacionado à rígida divisão de classes do sistema feudal japonês, em que não havia possibilidade de se sair da classe em que se nasceu.

marido tinha algo a ver com o que eu tinha lhe contado sobre o dinheiro, de modo que apenas concordou.

— Não fale nada de mim— repeti.

— Se é assim que prefere, não vou falar. — disse, amigavelmente, e saiu para a parte exterior do restaurante. Olhou em volta rapidamente e caminhou na direção da mesa onde estava meu marido. A mulher trocou duas ou três palavras com ele e, assim feito, saíram do restaurante os três.

Era o fim da questão. Tudo resolvido. Por algum motivo eu já imaginava, desde antes, que tudo ia acabar bem, mas, ainda assim, é claro que fiquei muito feliz. Um cliente, moço jovem, de menos de vinte anos, que vestia um quimono azul escuro, estava ao meu lado nessa hora. Sem aviso, peguei-o pelo pulso de maneira firme e gritei:

— Vamos beber! É Natal! Vamos beber!

III

Em meia hora — não, menos de meia hora, tão rápido que até me surpreendi — voltou ao restaurante o chefe, sozinho. Veio para o meu lado e disse:

— Senhora, o dinheiro foi devolvido, muito obrigado.

— Ah, que bom! Toda a quantia?

— Bom, na verdade, só o que tinha sido roubado ontem — respondeu, com um sorriso estranho.

— E a quantia gasta por meu marido até agora? Seria quanto, aproximadamente? Digo, qual o mínimo que vocês perderam com ele?

— Uns vinte mil ienes.

— Só isso seria o suficiente?

— Não, mas é o mínimo que ele nos deve.

— Eu devolverei tudo! A partir de amanhã, posso ser empregada daqui. Pago de volta trabalhando!

— O quê? Está brincando, senhora? — E rimos os dois juntos.

Naquela noite, passado das dez horas, amarrei o menino nas costas e voltei para nossa casa, na estação de Koganei, com um pouco de dinheiro no bolso. Claro que meu marido não tinha voltado para casa, mas isso não me incomodou nem um pouco. No dia seguinte, voltando ao restaurante, eu talvez tivesse o desprazer de encontrá-lo de novo. Por que será que eu nunca tinha pensado em trabalhar antes? Todo o sofrimento que tive até ontem, foi, no fim das contas, pela minha própria estupidez, por não ter tido essa ideia. No passado, na banquinha de meu pai em Asakusa, eu sempre me dera muito bem no tratamento com os

clientes. Certamente me sairia igualmente bem trabalhando no restaurante de Nakano. Na verdade, só nessa primeira noite, consegui aproximadamente quinhentos ienes de gorjeta.

Segundo o que o patrão me contou, meu marido, depois do acontecido da noite anterior, foi dormir na casa de um conhecido e, na manhã seguinte, bem cedo, visitou o bar que a tal mulher administrava em Kyôbashi para beber seu uísque. Lá, pediu dinheiro de presente de Natal para as atendentes, dizendo que ia pegar um táxi e trazer chapéus e máscaras e decorações e um peru para dar uma grande festa no bar dela, queria chamar todos os seus conhecidos, mas que, para isso, precisava de dinheiro. A madame ficou desconfiada, pois sabia que seus conhecidos também eram pessoas que não tinham um tostão para gastar. Quando perguntou a Ootani, ele acabou contando todo o acontecido da noite anterior. Se o dinheiro não fosse devolvido, viraria caso de polícia e seria um problema para todos. Assim, a madame, cordialmente, se ofereceu para pagar a dívida. Ele a levou até o restaurante em Nakano e ela resolveu a questão.

— Quem diria que terminaria assim, não é? — me disse o patrão. — Quer dizer, a senhora sabia. Também já tinha falado com a amiga do senhor Ootani, não?

Eu já imaginava que ele pudesse me perguntar isso. Achei que seria melhor, ao ser questionada de forma tão direta, responder de maneira ambígua.

— Que bom, não é mesmo? — disse apenas.

A partir daquele dia, minha vida mudou completamente em relação ao que tinha sido até então. Estava alegre e de muito bom humor. Fui imediatamente ao cabeleireiro para reparar meus fios. Comprei cosméticos. Mande para o conserto alguns de meus quimonos. Recebi dois pares de meias brancas da senhora. Sentia como se todos os pensamentos ruins que eu vinha tendo tivessem simplesmente desaparecido.

Levantava cedo, dava de comer ao menino, preparava um *bentô*¹⁸, com a criança nas costas, ia para o restaurante de Nakano. As festas de ano novo eram um período de grande movimento lá. Passaram a chamar-me, no restaurante, de Satchan. Era tanta gente que, enquanto servia, meus olhos pareciam rodopiar. De vez em quando, aparecia meu marido. Vinha, bebia, deixava a conta para eu pagar e desaparecia sem deixar vestígio. Às vezes, no fim da noite, ficava me olhando de fora do restaurante e vinha perguntar se já não era hora de voltar para casa. Então voltávamos juntos, alegremente.

— Por que eu não fiz isso desde o início? Estou tão feliz!

— E o que sabem as mulheres de felicidade ou infelicidade?

— Como assim? Pode até ser que você tenha razão, mas e os homens, o que sabem os homens?

— Só o que os homens sabem é de infelicidade. Estão sempre lutando contra o medo.

¹⁸ *Bentô*. Marmita japonesa, utilizada para levar comida feita em casa para comer fora.

— Bom, disso eu não sei mesmo. Só sei que gostaria de seguir com essa vida para sempre. O patrão e a sua esposa são pessoas tão boas.

— São uns idiotas, isso sim. Caipiras gananciosos. Me deixam beber, só porque acham que no fim terão algum lucro.

— Bom, eles têm um negócio para manter, é natural que queiram algum lucro. Mas essa não é toda a história, é? Você teve um caso com a senhora?

— Faz tempo. O velho sabe?

— Parece que sim. Ouvi ele suspirando, reclamando do amante da mulher e das dívidas, como se fossem uma coisa só.

— Pode parecer pretensioso, mas não aguento mais. Só quero morrer. Desde que nasci, só penso em morrer. Seria melhor para todos se eu morresse, é a mais pura verdade. No entanto, não consigo morrer. Há algo estranho e assustador, um deus, que não me deixa morrer.

— É porque você tem seu trabalho.

— Meu trabalho é nada: nem luxo, nem lixo. É bom pra quem diz que é bom, e é ruim pra quem diz que é ruim. Pra mim, não faz diferença. É só inspirar e expirar. Pra mim, o terrível é imaginar que em algum lugar do mundo deve existir um deus. Não é?

— Hm?

— Será que existe?

— Não faço ideia...

Tendo trabalhado dez, vinte dias no restaurante, percebi que todos os fregueses que vinham beber, sem exceção, eram criminosos. Comparado com eles, meu marido até que era bom. E, na verdade, não só os clientes do restaurante, mas imagino que todas as pessoas que vemos na rua estão escondendo algum crime. Por exemplo, uma senhora, de uns cinquenta anos, bem vestida, que chegou esses tempos pela porta de trás do restaurante vendendo saquê. Trezentos ienes a garrafa. Comparado com os altos preços a que estamos acostumados, nos pareceu barato, e a patroa não demorou a comprar. Quando fomos ver, tinha sido misturado com água. Se mesmo uma senhora tão refinada como ela tem que recorrer a tais truques sujos, penso que não pode existir ninguém decente. Como em um jogo de carta, todo mundo trapaceia: não há mais moral neste mundo.

Deus, se você existe, mostre-se!

No fim das festas de ano novo, um cliente da loja me estuprou.

Era uma noite de chuva. Meu marido não tinha aparecido na loja. Um conhecido dele, senhor Yajima (um dos editores que nos dava dinheiro antigamente, para não morrermos de fome), estava com outro senhor, de uns quarenta anos, que parecia também ser editor. Estavam me olhando e bebendo, e depois de um tempo começaram a gritar:

— A mulher de Ootani está trabalhando num lugar como esse, não sei se isso é bom ou ruim.

Pareciam estar brincando, por isso respondi, rindo:

— E onde estaria esta senhora?

— Não sei onde ela está — brincou o senhor Yajima —, mas pelo menos ela era mais refinada e bonita que você, Satchan.

— Que inveja! — disse o outro homem — Se eu fosse o senhor Ootani, mesmo por uma noite, estaria feliz. Gosto mesmo de mulheres assim, sem vergonha.

— Por causa disso, não é? — disse o senhor Yajima, virando-se para seu companheiro com um sorriso distorcido no rosto.

Nessa época, algumas pessoas já sabiam que eu era esposa de Ootani, o poeta, pois voltávamos juntos para casa. Segui ouvindo suas provocações e sua conversa, com alguma curiosidade, mas, como o restaurante ainda estava cheio e o chefe não estava de bom humor, acabei esquecendo. Naquela noite, lá pelas dez, comecei a me arrumar para ir embora. O senhor Yajima ainda estava conversando sobre seus negócios ilícitos, e havia ainda mais um cliente, mas, como estava chovendo, resolvi voltar. Amarrei o menino nas costas e pedi um guarda-chuva para a senhora.

— Eu tenho um guarda-chuva: posso acompanhá-la, se quiser.— disse o único outro cliente que ainda estava na loja. Era um homem magro, de uns vinte e quatro, vinte e cinco anos, trabalhador de uma fábrica local. Levantou-se com um ar sério. Era a primeira vez que eu o via no restaurante.

— Agradeço, mas já estou acostumada a voltar sozinha.

— Bobagem, sua casa é longe. Eu também moro em Koganei. Vamos juntos. Senhora, a conta, por favor.

Ele tinha bebido três garrafas e não parecia tão bêbado. Fomos juntos até o trem, embarcamos e descemos em Koganei, andando abraçados no mesmo guarda-chuva¹⁹. O jovem, que até então tinha ficado calado, começou aos poucos a puxar assunto.

— Sabe, sou fã dos versos do senhor Ootani. É que também escrevo poemas. Gostaria de falar com ele, mas tenho vergonha de começar a conversa... — Nesse ponto, chegamos à minha casa.

— Muito obrigada. Nos vemos novamente no restaurante— disse.

— Sim, até a próxima— respondeu o jovem, voltando para a chuva.

¹⁹ Essa situação é comumente descrita pelos japoneses como *aiaigasa*, que significa algo como “dividir o mesmo guarda-chuva”. No entanto, é um jogo de palavras com *ai*, que significa amor. Isso dá à expressão (e ao ato em si de dividir um guarda-chuva) uma conotação fortemente romântica dentro da cultura japonesa.

No meio da noite, acordei com o barulho de alguém abrindo a porta de correr da entrada de casa. Como sempre, deveria ser meu marido bêbado voltando tarde para casa, então não disse nada e continuei deitada.

— Ó de casa, senhor Ootani, com licença, por favor... — disse a voz de um homem.

Levantei-me e acendi a luz, indo até a entrada. Lá estava o jovem de antes, que mal conseguia parar de pé, de tão bêbado.

— Desculpe, senhora. No caminho de volta, acabei parando em uma banca e bebi mais. Na verdade, moro no outro lado da cidade, e, quando fui voltar, o último trem já tinha partido. Peço, deixe-me ficar aqui, não preciso de *futon* nem nada. Posso ficar aqui no degrau da entrada. Deixe-me dormir aqui até a hora do primeiro trem amanhã de manhã. Não fosse a chuva, eu dormiria sob uma marquise qualquer da vizinhança, mas desse jeito não dá. Deixe-me ficar aqui, por favor!

— Meu marido não está, mas pode dormir aqui no degrau da entrada²⁰, se não se importa. — disse, levando as duas almofadas rasgadas para o jovem.

— Desculpe, estou bêbado. — respondeu, com dificuldade, logo caindo adormecido no degrau da entrada da casa. Quando voltei para minha cama para dormir, conseguia ouvir seus roncoss.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, ele me estuprou sem hesitação.

Naquele dia também, como se nada tivesse acontecido, saí para trabalhar no restaurante com o menino. Meu marido estava nas mesas de fora, com um copo de saquê, bebendo sozinho e lendo o jornal. A forma como o sol da manhã brilhava refletido na bebida me pareceu muito bonita.

— Não tem ninguém ainda? — perguntei.

— O velho ainda não voltou de suas compras, mas a senhora estava agora mesmo na cozinha. Não está mais?

— Não passou aqui, ontem à noite?

— Passei, sim. É que não consigo mais dormir sem ver o rosto da minha Satchan. Cheguei pouco depois das dez, mas você já tinha ido embora.

— E?

— Acabei ficando a noite por aqui, estava chovendo demais.

— Acho que também vou acabar passando as noites por aqui.

— É uma boa ideia.

— Sim. Não faz sentido seguirmos alugando aquela casa para sempre.

Meu marido calou-se e concentrou-se novamente no jornal.

²⁰*Shikidai*. Degrau da entrada de uma casa japonesa. Essa entrada, ou *genkan*, é rebaixada em relação ao resto da casa, e é aqui que ela sugere que ele durma.

— Ah, estão falando mal de mim de novo. Agora, me chamam de falso aristocrata e epicurista. Estão enganados. Um epicurista com medo de deus? Acho que não. Satchan, olhe isso! Me chamam de monstro! Não entendem nada. Talvez agora seja tarde, mas vou lhe contar porque peguei os cinco mil ienes. Queria que você e o menino tivessem um ano novo feliz, o primeiro num longo tempo. Se fosse um monstro, como dizem, não teria pensado nisso, teria?

Suas palavras não me deixaram particularmente feliz.

— Pouco importa que o chamem de monstro — respondi —, o importante é seguir vivendo.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. A mulher de Villon. Tradução de Ariel Lara de Oliveira. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 116-134, 2017.

MANHÃ¹

Tradução: Cleiton Santiago Madruga²

Revisão: Ariel Lara de Oliveira³

Eu, que sempre gostei mais de diversão do que de qualquer coisa, apesar de trabalhar em casa, esperava secretamente ser salvo do ofício por algum conhecido oriundo de terras distantes. Mas, ao ouvir o repentino abrir da porta, acabo franzindo os lábios e as sobrancelhas, ao mesmo tempo em que sinto a expectativa subir pelo peito. Largo o papel de lado e vou ao encontro do visitante.

— Ah... no meio do trabalho, não é mesmo?

— Não, tudo bem.

E então, saio acompanhado dele para me divertir.

Sempre que não consigo me concentrar na escrita, preparo uma sala como oficina em um lugarzinho escondido, desconhecido por todos da casa. Todas as manhãs, por volta das nove horas, minha esposa prepara o *bentô* e, munido deste, parto para a salinha secreta. De fato, quando trabalho por lá, não sou interrompido por nenhum visitante e meu trabalho, como esperado, flui de forma produtiva. No entanto, por volta das três da tarde costumo cansar e ansiar por gente, e, caso já tenha trabalhado o suficiente, encerro o dia e volto para casa. Mas no caminho de volta, não são raras as vezes em que vago até algum bar e acabo por voltar apenas altas horas da noite.

Na verdade, tal lugar é um quarto de uma jovem, que trabalha em um banco em Nipponbashi pela manhã. Após sua saída, vou até lá e trabalho por quatro a cinco horas e antes de ela voltar do trabalho, retorno.

Ela não é minha amante nem nada do tipo. Conheço sua mãe, que por alguma razão agora mora separada dela, em Tôhoku, região nordeste do Japão. De vez em quando, ela

¹ “Manhã” [朝, *Asa*]. Publicado originalmente em julho de 1947, na revista *Shinshichô*.

² Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

³ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

manda alguma carta pedindo minha opinião sobre um possível pretendente para sua filha. Eu marco um encontro com o candidato, e como se fosse dotado de notório saber, escrevo de volta respondendo: sim, é um bom partido. Aprovadíssimo.

Recentemente, no entanto, a jovem passou a depositar mais confiança em mim do que em sua mãe.

— Kiku-chan! Me encontrei com seu futuro marido.

— É mesmo? Um pouco esnobe ele, não?

— Bom, sim. Mas considere que todo homem parece bobo se compará-lo a mim. Paciência.

— Concordo!

Parecia que ela viria mesmo a casar com aquele homem.

Na noite passada, eu exagerei na bebida. Sendo sincero, todas as noites acabo exagerando na bebida, portanto não era nada fora do comum; mas naquela noite, acabei encontrando um amigo de longa data perto da estação. Decidi levá-lo ao meu bar favorito, e lá bebi muito, quando meu corpo já recusava qualquer gota de álcool, o editor da revista onde trabalho surgiu com uma garrafa de uísque na mão. Após secarmos até a última gota, meu medo de vomitar insistiu para eu parar de beber por ali; porém, este amigo sugeriu outro lugar, querendo retribuir uma outra rodada por sua conta. De trem, fomos até um pequeno restaurante, onde bebemos saquê até, de fato, terminarmos a noite. No momento da despedida, eu mal conseguia caminhar direito.

— Vou dormir aqui hoje. Não consigo caminhar até minha casa. Por favor — disse, ao chegar na casa da jovem. Enfiando minhas pernas dentro do *kotatsu*⁴, dormi encasacado ali mesmo.

No meio da madrugada, de repente, acordei. Só havia o breu. Por alguns segundos, senti como se estivesse dormindo em casa. Movi um pouco as pernas e notei que ainda estava calçando o *tabi*⁵. Droga! Tinha voltado à realidade. Quantas centenas ou milhares de vezes essa situação já havia se repetido?

⁴ *Kotatsu*. Espécie de mesa baixa, com um aquecedor e um cobertor sob o tampo, que impede que o calor se dissipe. Comum em regiões frias. Senta-se com as pernas por baixo da mesa, no chão, onde fica quente e confortável.

⁵ *Tabi*. Espécie de meia, feita de tecido mais resistente e com uma separação entre os dedos, para ser utilizada com calçados tradicionais japoneses, que costumam ter uma alça entre o dedo maior e os demais, para firmar o pé. Costuma ser utilizado mais fora do que dentro de casa, e não é tão confortável como uma meia ocidental, daí a surpresa do personagem por ter dormido com eles.

Suspirei, lamentando.

— Não está com frio? — disse Kiku-chan, no meio à escuridão.

Parecia que ela estava deitada dentro do *kotatsu*, transversalmente em relação a mim.

— Na verdade, não. — Inclinei o dorso e disse: — Posso urinar pela janela?

— Sem problema. É até mais fácil assim, não?

— Você também não faz isso de vez em quando, Kiku-chan?

Levantei e tentei ligar a luz pelo interruptor. Sem sucesso.

— Estamos sem energia... — ela murmurou.

Arrastei-me até a janela e tropecei no corpo dela. Kiku-chan permaneceu imóvel.

— Desculpe... — murmurei como se fosse para mim mesmo, e finalmente consegui afastar as cortinas e abrir a janela. O som característico do jato de água corrente surgiu de mim.

— Aquele livro que está em cima da sua mesa. “A Princesa”, de Clèves, não é? — disse enquanto deitava novamente. — Naquela época, uma dama urinava tranquilamente no jardim do palácio, ou na parte escura de uma escadaria no corredor. Portanto, urinar pela janela é um ato nobre por origem.

— Se quiser beber, tenho saquê. Um nobre costuma beber enquanto deitado, não?

Eu queria beber, mas achava arriscado.

— Na verdade os nobres abominam a escuridão, são covardes. Poderia acender uma vela? Se sim, posso beber sem problemas.

Kiku-chan levantou-se em silêncio.

Uma vela foi acesa. Suspirei aliviado. À luz, eu não ficaria tentado a fazer algo de que pudesse me arrepender.

— Onde devo colocar isso?

— Diz a Bíblia que se deve colocar o castiçal em um lugar algo. Que tal naquela estante?

— Sirvo em um copo?

— Diz a Bíblia que o saquê da madrugada deve ser servido em copo.

Eu mentia. Kiku-chan, rindo, trouxe um copo grande, cheio até a borda.

— Ainda tenho o suficiente para outra dose.

— Não, já é o suficiente — recusei.

Recebi o copo, esvaziei-o e deitei-me novamente de barriga para cima.

— Certo. Acho que é hora de dormir mais um pouco. Boa noite, Kiku.

Kiku-chan também deitou olhando para o teto, mas seu constante piscar de olhos significava que ela não dormiria tão cedo.

Olhei silenciosamente para a chama da vela que estava em cima da estante. A chama se movia como se estivesse viva, ora tornava-se maior, ora menor. Enquanto observava, um certo pensamento flutuou pela minha mente, deixando-me assustado.

— A vela é curta demais, logo o fogo acabará. Não tem uma maior?

— Não, apenas essa — Kiku respondeu.

Fiquei em silêncio, querendo orar para os céus. Ou eu dormia antes da chama da vela apagar, ou ficava sóbrio daquele copo de saquê. Qualquer que fosse o caso, Kiku-chan estava em perigo.

A luz da vela aos poucos estava diminuindo, mas eu ainda não tinha nenhum sono; o efeito do saquê ainda aquecia meu corpo e me deixava cada vez mais audacioso.

Inconscientemente, eu suspirei.

— Por que não tira o *tabi*?

— Por que deveria? — questionei.

— Para se aquecer mais.

Fiz como pedido. Descalcei o *tabi*.

Não dava mais. Se a vela terminasse, seria o fim.

Me preparei para o pior.

A luz esmaeceu, e, como se estivesse agonizando, tremeu para lados opostos. De repente, por um instante, levantou, viva novamente, mas em seguida, com um som tênue, diminuiu, tímida, e desapareceu.

A noite já havia terminado.

O quarto já estava claro.

Eu levantei e me arrumei para retornar para casa.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Manhã. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 135-138, 2017.

OSAN¹

Tradução: Ariel Lara de Oliveira²

Revisão: Tomoko Kimura Gaudioso³

I

Ele saía de casa como uma pessoa abandonada pelo espírito, nem sequer se ouvia o som de seus passos. Na cozinha, lavando os pratos da janta, senti de repente um arrepio na espinha. Quase deixei o prato cair da minha mão. Suspirei, triste, e, sem pensar, inclinei-me, olhando para fora da janela da cozinha. Na viela, seguindo a cerca-viva com os galhos de abóbora crescendo emaranhados, ia meu marido, usando o velho e fino *obi*⁴ enrolado em volta de seu *yukata*⁵ branco, já desbotado. Flutuava levemente pelo escuro da noite de verão, como algo que não pertencesse a esse mundo. Fiquei ali, assistindo a sua figura triste e miserável caminhar para longe.

— Onde vai o papai?— perguntou, inocente, nossa filha mais velha, enquanto lavava os pés no balde da cozinha depois de brincar no jardim. Ela sempre preferira o pai a mim. Toda noite, no quarto de seis *tatami*, ela estendia seu *futon* ao lado do do pai, para dormirem sob a mesma rede de mosquito.

— Para o templo— respondi a primeira coisa que me veio à mente. Assim que a resposta saiu de minha boca, vaga e sem cuidado, voltei a sentir calafrios, como se percebesse algo de mau-presentimento nas palavras.

— Templo? Fazer o quê?

— É o *O-Bon*⁶, lembra, Masako? O papai foi fazer a visita ao templo.

¹ “Osan” [おさん]. Publicado originalmente em outubro de 1947, na revista *Kaizô*.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

³ Tomoko Kimura Gaudioso é professora de Língua Japonesa e Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui mestrado em Sociedade e Estado em Perspectiva de Integração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é doutoranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Japonesa, atuando principalmente nos seguintes temas: haikai, poesia japonesa moderna, língua japonesa e estudos antropológicos dos imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul. E-mail: <tomokogaudioso@yahoo.com.br>.

⁴ *Obi*. Espécie de cinto usado para prender o quimono.

⁵ *Yukata*. Vestimenta japonesa tradicional do verão, mais aberto, fresco e casual que um quimono formal.

⁶ *O-Bon*. Importante tradição budista, período em que se celebra os antepassados. Festival típico do verão, lanternas são penduradas para guiar os espíritos dos ancestrais e é muito comum fazer visitas a cemitérios.

Curiosamente, as mentiras vinham fácil. Mas de fato era treze de julho, o primeiro dia do Festival dos Mortos. Todas as outras meninas estavam saindo de suas casas para brincar, vestindo lindos quimonos, com as mangas balançando elegantemente pelas ruas. Como os quimonos de meus filhos tinham sido queimados durante a guerra, mesmo no *O-Bon* eles tinham que vestir apenas as mesmas velhas roupas ocidentais de todo dia.

— Ah, é? Será que ele volta cedo?

— Ah, pois é. Se você se comportar, provavelmente ele voltará cedo.— respondi. Mas algo na maneira como ele saíra me dizia que ele passaria a noite inteira fora novamente.

Masako entrou pela cozinha até o quarto de três *tatami*, onde ficou sentada, olhando tristemente para fora da janela.

— Mamãe, meu feijãozinho está florescendo! — disse, depois de um tempo.

— Deixe-me ver... — a inocência da menina me deixou de olhos marejados — Não é que é verdade! Tomara que dê bastante feijões!

Do lado de fora da porta de entrada, havia uma horta de uns trinta metros quadrados. Antigamente, eu plantava várias verduras e legumes ali, mas, depois de três filhos, acabei ficando sem tempo para cuidar da hortinha. Além disso, meu marido, que costumava me ajudar na plantação, passou a não se importar mais com os trabalhos da casa. Nossos vizinhos cuidavam muito bem de suas hortas e sempre tinham ótimas colheitas. Em comparação, a nossa era uma desgraça vergonhosa, que só dava erva-daninha. Masako acabou plantando um grão de feijão do nosso racionamento lá, regou e cuidou por um tempo. Quando ele surpreendentemente brotou, tornou-se a única coisa da qual a menina se orgulhava. Ela não tinha nenhum brinquedo, então, sempre que ia aos vizinhos, só falava de seu feijão, de maneira nada modesta.

Ruína. Melancolia. Não, no Japão de hoje em dia, isso não se restringe apenas à nossa família. Especialmente entre as pessoas que moram em Tóquio, desanimadas, arruinadas, arrastando-se pela cidade como se mover-se fosse um insuportável esforço. Por onde quer que se olhe, sente-se a ruína de tudo ao redor. Nossos pertences foram todos queimados na guerra e, ainda assim, o sofrimento que isso causa não é a pior coisa. Mais que isso, há algo mais próximo, algo que, para uma mulher casada, é extremamente doloroso.

Meu esposo trabalhara quase dez anos em uma revista relativamente famosa do bairro de Kanda. Nos casamos há oito anos, por um *omiai*⁷ dos mais comuns. Naquele tempo, as casas para alugar já estavam ficando raras em Tóquio. Depois de muito tempo, encontramos uma casinha nos subúrbios, perto da linha de trem que ia para o centro. Na verdade, parecia mais uma casa isolada no meio das plantações. Moramos aqui até a Segunda Guerra.

⁷ *Omiai*. Casamento japonês arranjado.

Graças à sua saúde frágil, meu marido não fora convocado nem para o exército nem para os serviços civis, de modo que seguia indo todo dia para seu trabalho na revista. Quando a guerra foi ficando mais intensa, nosso subúrbio passou a ser mais bombardeado, pois era uma área em que havia uma fábrica de aviões. Uma noite, uma bomba caiu no pátio de nossa casa, atingindo o bambuzal do quintal e destruindo a cozinha, o banheiro e o quarto de três *tatami*. Era impossível nós quatro (além de Masako, Yoshitarô, o primeiro filho homem, já era nascido nessa época) vivermos apenas na metade não destruída da casa. Assim, eu levei as crianças para minha cidade natal, Aomori, enquanto meu marido permaneceu na casa, dormindo no quarto de seis *tatami* e indo para seu trabalho na revista como sempre.

No entanto, estávamos em Aomori por apenas quatro meses quando a cidade foi destruída por um ataque aéreo. Toda a bagagem que tínhamos levado até lá acabou sendo queimada no incêndio, e fomos, literalmente com a roupa do corpo, morar com um conhecido de lá, em uma das poucas casas que tinha sobrevivido ao ataque. Passando dez dias lá, como num sonho infernal, veio a notícia da rendição incondicional do Japão. Com saudade do meu marido, que estava em Tóquio, peguei as crianças e, parecendo quase mendigos, voltamos para a capital. Como não tínhamos outro lugar onde morar, chamamos um carpinteiro para fazer consertos gerais na casa semidestruída. De alguma forma, voltamos a viver como antes, pai, mãe e os dois filhos, sozinhos e aliviados.

Foi então que uma mudança começou a acontecer com meu marido.

A revista estava passando por problemas, os diretores começaram a discutir por dinheiro e a empresa acabou por falir, deixando meu marido sem emprego de uma hora pra outra. No entanto, por estar na profissão por tanto tempo, ele tinha muitos conhecidos. Assim, reuniu alguns que achava mais influentes e, juntando seus fundos, montaram uma editora (que parece já ter lançado dois ou três livros diferentes). Por falhas na compra de papel, no entanto, a empresa contraiu prejuízos demais e meu marido se endividou. Tentando liquidar as dívidas, todo dia ele saía de casa sem motivação e só voltava de noite, com uma aparência de esgotado. Ele, que sempre tinha sido uma pessoa reservada, tornou-se ainda mais calado, taciturno. De alguma forma, ele conseguiu cobrir as dívidas da editora, mas parecia agora ter perdido a vontade de fazer qualquer outra coisa na vida. Não que ele ficasse o dia inteiro dentro de casa. Ele levantava e, de pé na varanda, fumava e olhava morosamente por um longo tempo para a linha do horizonte, como quem estivesse pensando em qualquer coisa. “Ah, começou de novo”, pensava eu. Então, como sempre, respirava profundamente, como se seus pensamentos fossem demais para ele, jogava o cigarro meio fumado no jardim, pegava sua carteira da escrivania e guardava em seu quimono. E então saía com sua caminhada silenciosa, como a de uma pessoa abandonada pelo espírito. Saía pela porta da frente e geralmente não voltava mais pra casa aquela noite.

Ele era um bom marido, um marido carinhoso. Bebia, quando muito, uma dose de *saquê* ou uma garrafa de cerveja. Embora fumasse, o cigarro do racionamento era o suficiente. Em nossos quase dez anos de casamento, ele nunca me bateu nem sequer usou palavrões comigo. Claro, teve aquela vez, apenas. Meu marido estava com um convidado em casa, Masako devia ter no máximo três anos⁸. Ela foi engatinhando em direção ao homem e acabou derrubando sua xícara de chá. Meu marido me chamou, mas, como estava na cozinha, fazendo barulho ao atizar a chama do braseiro, acabei não ouvindo. Quando não respondi, meu marido, ainda que apenas aquela vez, veio à cozinha com uma expressão terrível no rosto, trazendo Masako no colo. Largando a menina no chão, me encarou por um tempo com um olhar de puro ódio. Ficou estático, sem dizer nada, até que, dando as costas para mim, voltou para a sala, batendo a porta da cozinha com um estrondo que ressoou em meus ossos. Eu tremi ao ver quão forte a raiva de um homem pode ser. É a única vez que lembro de ele ter ficado brabo comigo, de verdade. Apesar dos sofrimentos que tive, como todos na época, por causa da guerra, quando penso no carinho de meu marido, posso dizer que fui feliz nesses oito anos.

(Ele virou outra pessoa. Quando começou a mudar? Quando voltei de Aomori e o encontrei, depois de quatro meses, percebi seu sorriso furtivo, sua maneira de evitar meu olhar e sua atitude hesitante, e isso me pareceu apenas ter sido causado por algum desconforto ou cansaço de ter morado sozinho durante aquele tempo. Fiquei tocada, no início, mas, talvez, aqueles quatro meses tenham sido... não, melhor não pensar nisso, quando penso, só acabo me afundando ainda mais nesse pântano de desespero).

De qualquer forma, ajeitei o *futon* de meu marido ao lado de Masako, mesmo sabendo que seu pai não iria voltar essa noite. Pendurando o mosquiteiro sobre ela, não pude evitar sentir-me triste e sofreda.

II

Perto do meio-dia do dia seguinte, enquanto lavava as fraldas de Toshiko (nossa segunda filha, nascida na primavera) na borda do poço da frente de casa, vi que meu marido voltava, sorrateiro como um ladrão, com uma expressão suspeita no rosto. Entrou furtivamente e, ao me ver, não falando sequer uma palavra, apenas fez um movimento com a cabeça, à guisa de cumprimento. Ao fazer isso, prendeu o pé no chão e entrou tropeçando porta a dentro. Que ele abaixasse a cabeça para me cumprimentar, assim, involuntariamente, me fez pensar que ele talvez também estivesse sofrendo. Meu peito se encheu de compaixão e não consegui ignorá-lo. Parei de lavar a roupa e entrei na casa atrás dele, dizendo:

⁸ Três anos na contagem tradicional japonesa, em que a criança nasce com um ano de idade e faz aniversário no ano novo. Equivale mais ou menos a uns dois anos na contagem ocidental.

— Está com calor? Que tal tirar o quimono? Essa manhã chegaram, com o racionamento especial para o O-Bon, duas garrafas de cerveja. Botei elas para gelar, se você quiser tomar uma...

— Cerveja, que bom...— disse ele, com um riso desanimado. — Que tal tomarmos juntos?

Mesmo com essa bajulação descarada, respondi:

— Sim, eu o acompanho.

Meu falecido pai era um bom bebedor, talvez por isso eu fosse mais resistente para álcool que meu marido. Na época que tínhamos recém casado, íamos bastante os dois passear a pé por Shinjuku, bebendo nos bares. Meu marido logo ficava com o rosto vermelho e passava do ponto, enquanto eu não sentia nada além de um leve zumbido nos ouvidos.

No quarto de três tatames, as crianças estavam almoçando, e o pai, bebendo, semi-nu, com uma toalha molhada nos ombros; eu dava de mamar a Toshiko (acompanhei meu marido no primeiro copo e, para poupar a cerveja, acabei parando). Na superfície, poderia parecer uma família feliz. No entanto, havia uma tensão no ar. Meu marido evitava meu olhar e eu sentia que precisava escolher assuntos que não fossem dolorosos para ele. A conversa não fluía naturalmente. Masako e Yoshitarô, os mais velhos, percebendo essa atmosfera, não se sentiam à vontade para conversar, apenas molhavam o pão do racionamento no chá preto, comendo sem fazer barulho.

— Parece que beber de dia embebedada mais— disse meu marido.

— Sim. Você já está todo vermelho!

Foi então que vi. Uma mariposa violeta grudada em seu pescoço. Mas... Não é uma mariposa, é uma marca, uma mancha em forma de mariposa. Logo depois de nos casarmos, lembro de notar uma marca dessas nele. Ao perceber e entender o que era, me espantei. Meu marido, notando minha reação, puxou rapidamente a toalha de seus ombros, tentando desajeitadamente esconder a marca de mordida. Foi por isso, desde o início, que ele colocara a toalha sobre os ombros. Esforcei-me para fingir que não percebi.

— Masako, o pãozinho fica mais gostoso quando comemos junto com o papai, não é mesmo?

Tentei falar em tom bem-humorado, mas acabou soando como uma ironia direcionada a meu marido, o que torna o ambiente ainda mais opressor. Já estava chegando a um ponto insuportável quando o rádio do vizinho começou a tocar a Marselhesa. Meu marido imediatamente se virou para ouvir melhor.

— Ah, sim. Hoje é o dia da Bastilha— disse, para si mesmo, com um riso fraco. Então continuou, meio para mim, meio para Masako — No dia quatorze de julho, a revolução... — Começou a falar e parou. Ao olhar para ele, pude ver sua boca retorcida, com um brilho de

lágrimas nas pálpebras, uma expressão de quem se segurava para não chorar. Quase em prantos, continuou: — A Bastilha, uma prisão... foi atacada, né, pelas massas, se reunindo aqui e ali, e, desde então, a França, os banquetes de flores do Palácio de Primavera de Versalhes, foram perdidos para sempre, para todo o sempre, para sempre mesmo. Tinha que ser destruído. A reconstrução da nova ordem, de novos códigos morais, seria impossível para sempre, eles sabiam, tinha que ser destruído. ‘A revolução não acabou’, diria Sun Yatsen, logo antes de morrer. Uma revolução nunca acaba. O fim de uma revolução, talvez, seja algo que afinal nunca chegue. Ainda assim, uma revolução tem que acontecer. É a essência das revoluções, essa condição ao mesmo tempo triste e bela. O que de bom pode vir com isso, podem perguntar. É só isso, tristeza e beleza. E amor...

O hino da França continuava tocando, e ele chorava enquanto falava. Então, sem jeito, forçou um riso.

— Veja, seu pai deve ser um chorão — disse, desviando o olhar. Foi para a cozinha lavar o rosto — Não dá mais. Estou bêbado. Chorando pela Revolução Francesa. Vou é dormir — Dirigiu-se ao quarto de seis tatames, e, apesar do silêncio em toda a casa, eu sabia que ele estava lá encolhido, chorando escondido.

Não é pela Revolução Francesa que meu marido chorava. Mas talvez uma revolução na França se parecesse bastante com o amor em uma família. A necessidade de destruir, em nome da beleza e da tristeza, seja a romântica dinastia francesa ou a paz de uma família, é algo doloroso. E eu entendia a dor que meu marido estava sentindo. Ainda assim, eu o amava. Mas também nunca fui assim como Osan⁹, com seu lamento:

No peito de uma mulher
Será que habita um demônio?
Aaahhh
Ou será uma cobra?

Mesmo assim, ele passava por mim me ignorando, como se essas ideias de destruição e revolução não tivessem nenhuma relação com seu comportamento. Ele me deixava sozinha, abandonada para sempre no mesmo lugar, soltando sempre os mesmos suspiros tristes, sem nenhuma mudança aparente. O que será que nos iria acontecer? Devia orar para que os ventos da afeição de meu marido mudassem de direção? Teria que me submeter a isso? Tínhamos três crianças e, pelo bem delas, não podia me divorciar dele agora.

⁹ Osan. Esposa de Kamiya Jihei, da peça de teatro **Duplo Suicídio em Amijima**, de Chikamatsu Monzaemon. Jihei é um marido inútil que trai a mulher com uma prostituta, Koharu. Osan, apesar de seu sofrimento por ser traída e negligenciada pelo marido, ajuda-o a pagar pelo resgate de Koharu quando esta é sequestrada. No fim, os dois amantes se suicidam e Osan fica sozinha e sem perspectivas.

Quando meu marido ficava duas noites seguidas dormindo fora de casa, voltava, com peso na consciência, para dormir com sua família. Depois do jantar, ia para a varanda brincar com as crianças e até sua maneira de falar parecia uma forma artificial de tentar agradá-los.

Uma vez, pegou a mais nova de maneira desajeitada:

— Coisa gordinha, coisa lindinha! — disse.

— Sim, ela não é fofa?— eu respondi, sem nenhuma pretensão — Quando você vê as crianças, não dá uma vontade de ter uma longa vida para passar mais tempo com eles?

— Hm— ele respondeu, de forma tão sofrida que me fez suar frio.

Mesmo quando meu marido ficava em casa, dormia cedo, pelas oito, ajeitando seu *futon* junto ao de Masako, no quarto de seis *tatami*, e pendurando o mosquiteiro sobre os dois. Embora ela preferisse poder brincar com o pai um pouco mais, ele colocava o pijama nela e, apagando a luz, a colocava para dormir com ele. E só.

Então, eu tinha que botar os outros dois para dormir no quarto ao lado, de quatro *tatami* e meio. Depois, ficava costurando até as onze e, pendurando o mosquiteiro, ia eu também dormir. Dormíamos no formato do ideograma 小, e não o do ideograma 川, como se dizia que era o ideal.¹⁰

Frequentemente não conseguia dormir. Uma noite, no quarto do lado, meu marido também parecia insone. Ouvindo seu suspiro, eu também, suspirei e acabei, novamente pensando no lamento de Osan:

No peito de uma mulher
Será que habita um demônio?
Aaahhh
Ou será uma cobra?

Enquanto relembrava o poema, meu marido se levantou e veio ao meu quarto. Congelei. Mas ele apenas perguntou:

— Será que não temos remédio para dormir?

— Tínhamos, mas eu acabei tomando tudo ontem de noite. Não fez nenhum efeito.

— Quando você toma demais, não dá efeito— disse, com um tom insatisfeito. — Seis tabletas são a quantidade ideal.

III

¹⁰ O ideograma para “rio”, 川, consiste de dois traços mais longos e um menor no meio, e é frequentemente usado para representar uma família feliz, com os pais dormindo em volta do filho, que fica no centro da cama. Aqui, ela reverte essa comum analogia, com o ideograma para “pequeno”, 小, ou seja, ela dorme sozinha, com um filho de cada lado, sem o marido.

Os dias quentes se seguiam, um após o outro. Graças ao calor, e também às minhas preocupações, não vinha conseguindo comer. Meu rosto começou a ficar com os ossos saltados e meu leite para a bebê começou a secar. Meu marido também parecia ter perdido o apetite. Suas olheiras estavam profundas e ele tinha permanentemente nos olhos um brilho aterrorizante.

Um dia, começou a rir, como se tivesse rindo de si mesmo.

— Me sentiria mais aliviado se enlouquecesse.

— Acho que eu também.

— Não deveria haver sofrimento para as pessoas corretas. Eu realmente admiro vocês. Como conseguem ser tão sérios, tão lúcidos, o tempo todo? Será que as pessoas que vivem de forma honrosa sempre foram tão distante das outras?

— Não, acho que não. Uma pessoa como eu apenas é um pouco insensível. Mas no fundo, sinto que...

— Sente que...?

Ele me encarou com uma expressão de quem realmente tivesse enlouquecido. E eu hesitava, não conseguia falar. Senti tanto medo que não consegui dizer nada muito concreto.

— Sinto que, quando você está sofrendo, eu também sofro.

— Hm, que sem graça— disse, com um sorriso de quem parecia aliviado.

Nesse momento, de repente, eu senti uma leve felicidade, como há muito tempo não sentia. (É isso, se eu puder fazer meu marido se sentir melhor, também eu me sentirei melhor. Não é nem uma questão de moral. Apenas sentir-se melhor já seria o suficiente).

Tarde da noite, resolvi entrar no mosquiteiro de meu marido.

— Tudo vai ficar bem. Não se preocupe.— disse, e deitei-me ao lado dele.

— *Excuse me*— ele respondeu, em tom de brincadeira. Sentou no chão de pernas cruzadas. — *Don't mind, don't mind*¹¹.

A lua-cheia de verão estava clara, e quatro ou cinco feixes de luz prateados, passando pelas frestas do *amado*¹² para dentro do mosquiteiro, iluminavam o peito magro e nu de meu marido.

— Mas você tem emagrecido tanto... — disse, em tom de brincadeira, e, rindo, sento-me no chão como ele.

— Você também tem emagrecido. É porque se preocupa além do necessário.

— Não, é por isso que estou falando isso. Eu não me importo. Está tudo certo, eu sou esperta o suficiente para me virar. É só que, de vez em quando... cuide um pouco de mim!

¹¹ Em inglês no original. *Excuse me*, “com licença” ou “desculpe”. A expressão *don't mind* vem do inglês e é utilizada em japonês com o sentido de “não se preocupe com isso” ou “não tem problema”.

¹² *Amado*. Porta exterior das casas tradicionais japonesas, que é fechada para proteger da chuva.

Ri ao dizer isso, o meu marido rindo junto, mostrando seus dentes brancos iluminados pelo luar. Meus avós, que morreram quando eu era criança, brigavam bastante e, toda vez, minha avó dizia para meu avô: “cuide um pouco de mim”, com um sotaque forte do interior. Minha mente infantil não podia deixar de achar aquela frase muito engraçada. contei a história para meu marido depois de casarmos e sempre ríamos ao lembrar dela.

Ele riu de novo, como naquelas vezes, mas logo já voltou para a cara de marido sério.

— Mas creio que estou cuidando de você. Protegendo e cuidando. Você é realmente uma ótima pessoa, sabe? Se orgulhe e se acalme, sem se preocupar com coisas que não importam. É só em você que eu penso, o tempo todo. Só você. Nisso, você pode confiar por completo.

Falou com tal formalidade que esfriou o ambiente e me deixou sem jeito.

— Mas você tem mudado ultimamente— disse, abaixando o rosto num sussurro.

(Na verdade, eu ficaria mais aliviada e tranquila se você não pensasse em mim, se não gostasse de mim, se me detestasse. É infernal, que você pense em mim tanto assim, ao mesmo tempo em que vai para os braços de outra. Os homens não estariam enganados ao acharem que é seu dever moral pensar em suas esposas o tempo inteiro? É justo, é correto não esquecer da mulher, mesmo depois de ter arranjado uma amante? Não dá a impressão de que homens são sempre assim? Além disso, depois de começarem a amar outra pessoa, ficar soltando suspiros deprimidos na frente da esposa, mostrando sua agonia moral. Então a melancolia do marido acaba contagiando a esposa, que também começa com suspiros deprimidos. Se o marido simplesmente agisse alegremente, sem demonstrar nada, a mulher não viveria nesse inferno de pensamentos. Se ama outra pessoa, que esqueça da esposa, vá logo amar essa nova mulher.)

— Não mudei, não— respondeu ele, rindo com uma voz fraca — É só o calor dessa época. Não aguento esse calor. Este verão tem sido muito *excuse me*¹³.

Como não tinha o que fazer, apenas respondi:

— Você é uma péssima pessoa.

Disse isso rindo, fingindo que ia bater nele. Então, deslizei para fora do mosquiteiro e voltei para meu quarto, deitando-me entre as duas crianças.

Acabei mudando o meu pensamento. Se pudesse, como hoje, brincar de leve com meu marido, contar piadas, sem me preocupar com o que era verdade ou enganação, que me importava o que era moral ou não? Mesmo que seja só por pouco tempo, poder beliscar meu marido ou ter risadas frequentes dentro de casa, poder viver tranquila, nem que seja por uma ou duas horas, já estava bom.

Até que uma manhã, de repente, ele me disse que queria ir para as águas termais.

¹³ Em inglês no original.

— Minha cabeça dói, eu não aguento o calor. Tem aquela fonte termal em Shinshû, perto de onde um amigo meu mora. Ele disse que podia ir visitá-lo quando quisesse, que não precisava nem me preocupar em trazer o arroz. Quero ir descansar por duas ou três semanas. Desse jeito, enlouqueço. De qualquer forma, tenho que fugir de Tóquio.

Imaginei que ele talvez queira viajar para fugir da amante.

— E o que eu faço se vier um ladrão armado, enquanto você estiver fora?— pergunto, rindo (Ah, pessoas tristes acabam rindo bastante).

— Diga para ele: ‘Meu marido é um louco!’. Ladrões não são páreo para loucos.

Sem razão para ser contra a viagem, fui tirar o terno bom do armário, um terno de verão, de linho. Procurei por tudo, simplesmente não está em lugar algum. Fiquei pálida.

— Oh, não! O que será que aconteceu? Será que entraram em casa, quando estávamos fora?

— Não, eu o vendi — respondeu ele, com um sorriso de quem vai começar a chorar.

Apesar da surpresa, forcei uma aparência calma.

— Que rápido!

— É. Sou pior que um ladrão armado.

Foi para aquela mulher, ele vendeu o terno em segredo porque precisava de dinheiro para ela. Não tinha dúvidas.

— Mas então, o que você vai vestir?

— Uma camisa simples.

Ele me disse isso de manhã e partiu ao meio-dia. Parecia querer sair de casa o mais rápido possível. Apesar da sequência de dias com sol de rachar, naquela manhã caiu de repente uma chuva de verão em Tóquio. Meu marido calçou seus sapatos e, com a mochila nos ombros, sentou-se irritado no degrau da entrada, esperando a chuva passar.

— Será que extremosas¹⁴ florescem só a cada dois anos? — murmurou de repente.

A extremosa de frente de casa não estava florescendo naquele ano.

— Parece que sim — respondi, vagamente.

E essa foi a nossa última conversa enquanto casal feliz.

Assim que a chuva parou, ele saiu correndo, como se estivesse fugindo. Três dias depois disso, saiu uma pequena notícia no jornal sobre um duplo suicídio no Lago Suwa.

Depois disso, veio uma carta dele, enviada de uma pousada em Suwa.

“Não é por paixão que estou morrendo com esta mulher. Sou um jornalista. Um jornalista apenas instiga os outros à revolução e à destruição, enquanto ele mesmo foge, discretamente secando seu suor. É uma criatura realmente esquisita. Um demônio da modernidade. Eu não consigo suportar esse ódio a mim mesmo, estou determinado a subir na

¹⁴ Extremosa, escumilha ou resedá. *Lagerstroemia indica*.

cruz como um revolucionário. O escândalo de um jornalista. Não é mesmo um caso sem precedentes? Se minha morte puder fazer esse demônio da modernidade enrubescer pelo menos um pouco e refletir sobre suas ações, fico feliz.”

E coisas do tipo. Uma carta cheia de coisas entediadas e absurdas. Será que homens têm que contar essas mentiras pretensiosas e vaidosas até o último momento de suas vidas?

Ouvi de um amigo de meu marido que a tal mulher tinha vinte e sete anos e era repórter na antiga revista onde meu marido trabalhara. Quando nos refugiamos em Aomori, ela vinha passar algumas noites aqui em casa e acabou engravidando. E era isso, basicamente. Morrer com discursos de revolução e tudo o mais confirmou a pessoa desprezível que meu marido sempre fora.

Revoluções são feitas para fazer as pessoas viverem felizes. Eu não confio no revolucionário de expressão trágica. Por que meu marido não podia ter amado aquela mulher alegremente, de forma aberta, para que até eu, como esposa, conseguisse também viver alegremente? O sofrimento de dois amantes pode ser profundo para o casal, mas esse amor infernal também é um terrível incômodo para as outras pessoas em sua volta.

Uma verdadeira revolução é uma rápida e leve mudança de espírito. Conseguindo-se isso, não deveria haver mais nenhum problema complicado. Que grande “cruz da revolução” ele deveria estar carregando, quando não conseguia nem mesmo mudar sua atitude em relação à esposa. Pensei isso no trem, viajando a Suwa com meus três filhos para buscar o corpo de meu marido. Mais que triste ou brava, estava em agonia com a estupidez sem sentido das ações daquele homem.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Osan. Tradução de Ariel Lara de Oliveira. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 139-149, 2017.

CRIMINOSO¹

Tradução: Cleiton Santiago Madruga²

Revisão: Ariel Lara de Oliveira³

Algo que faz minha pele arrepiar é escutar histórias clichês e esnobes de romance entre adolescentes (na verdade, até mesmo entre adultos).

No entanto, ao escutar esta, não pude rir. Trata-se de um terrível acontecimento.

É sobre um casal de namorados que trabalham na mesma empresa que eu. Ele: Keisuke Tsuruta, vinte e seis anos, chamado de apenas *Tsuru* pelos colegas. Ela: Hide Komori, vinte e um anos, os colegas a chamam de *Mori*.

Em um domingo de final de Outono, decidiram se encontrar no subúrbio de Tóquio, no Parque de Inokashira, às dez horas da manhã. Se a hora era ruim, o lugar também era; no entanto, nenhum dos dois tinha dinheiro para um ponto de encontro mais propício. Lá, não importava por onde vagassem pelo meio dos espinhos das roseiras, acabavam por esbarrar em olhares e expressões de julgamento das famílias acompanhadas de crianças que passeavam pelo parque. Não conseguiam ficar a sós. Ambos queriam desesperadamente ficar a sós, mas por ser um tanto embaraçoso demonstrar essa vontade, discutiam sem interesse sobre o azul do céu, a efemeridade e a beleza das folhas de Outono, a pureza do ar, o caos no trabalho; dividiam um *bentô*, e, excetuando assuntos complexos, como poesia, conversavam aereamente, fingindo a mais inocente das expressões faciais, enquanto aguentavam o frio do fim da estação. Como esperado, por volta das três da tarde, o rapaz ficou cabisbaixo.

— Vamos voltar? — disse.

— Sim — respondeu ela. E seguiu: — Seria bom se tivéssemos uma casa só nossa, não? Poderíamos voltar, acender fogo... nem que fosse um quatinho pequeno...

É proibido rir. Essas conversas românticas certamente são clichês deste gênero; no entanto, apenas isto foi o suficiente para despedaçar o coração daquele jovem.

¹ “Criminoso” [犯人, *Hannin*]. Publicado originalmente em janeiro de 1948, na revista *Chûôkôron*.

² Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

³ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

Tsuru morava no dormitório da empresa, em *Setagaya*, e dividia um quarto com três colegas de trabalho; Mori residia com sua tia em *Kôenji*, e, quando voltava da empresa, ainda fazia tarefas domésticas, como uma empregada.

A irmã mais velha de Tsuru era casada com o dono de um pequeno açougue em *Mitaka* e vivia em uma casa de dois andares e dois quartos. Naquele dia, Tsuru levou Mori até a estação, mas tinha comprado passagem para o trem até *Mitaka*, enquanto Mori tinha de ir para *Kôenji*, então despediram-se na plataforma. Tsuru se despediu no meio da confusão da estação lotada, e, após segurar levemente a mão de Mori, partiu. Aquele pequeno gesto dizia: “Vou encontrar um quarto só para nós”.

— Seja bem-vindo!

No açougue estava apenas o ajudante, afiando as facas para o corte da carne.

— Ele saiu? — perguntou Tsuru, em relação ao paradeiro do cunhado.

— Sim, há pouco.

— Para onde?

— Encontrar com amigos.

— Ainda bebendo...?

Seu cunhado bebia bastante. Eram raras as ocasiões em que estava trabalhando em casa enquanto sóbrio.

— E minha irmã está? — perguntou.

— Sim, no segundo andar — respondeu o ajudante.

— Vou subir.

Sua irmã estava deitada amamentando a filha nascida naquela primavera.

— Ele disse que eu poderia pegar um pouco emprestado — argumentou Tsuru.

— Ele pode até ter dito isso, mas não depende apenas da decisão dele. Eu também tenho minhas razões.

— E que razões são essas? — pressionou.

— Sobre isso acho não é necessário dizer nada.

— É porque já emprestou muito?

— Exato.

— Mas desta vez eu vou me casar de verdade. Por favor, me empreste! — tentou argumentar, mas foi ineficaz.

— Quanto é o seu salário? Você nem consegue o suficiente para comer sozinho. Sabe quanto custa o aluguel de um quarto?

— Mas ela também vai me ajudar com despesas...

— Já se olhou no espelho? Tem a cara de quem vai ser sustentado pela esposa?

— Tá, já entendi. Não vou pedir mais — levantou-se, desceu até o açougue, e domado pela raiva e o ódio repentino, apanhou uma das facas.

— Me empreste. Minha irmã está precisando lá em cima — disse por cima do ombro ao ajudante.

Agiu abruptamente.

Sua irmã foi ao chão sem soltar a voz e o sangue dela esguichou em seu rosto. Limpou-o com uma fralda que havia em algum canto e, enquanto respirava violentamente, enfiou o dinheiro que encontrou no quarto de baixo na jaqueta. No açougue apareceram dois ou três clientes, deixando o ajudante ocupado.

— Já está voltando? — perguntou ele, ocupado.

— Sim, cuide dele para mim — disse sobre o cunhado.

E então saiu. Anoiteceu, e, junto com a lua, surgiram também a névoa e a confusão do fim de expediente. Decidiu ir até a estação e comprou uma passagem até Tóquio. Na plataforma, a espera do trem foi longa. Queria gritar. Calafrios. Vontade de urinar. Não acreditava nas circunstâncias em que acabou se metendo. A expressão de todas as outras pessoas era de serenidade, e, naquela plataforma sombria, apenas ele se destacava, por ofegar continuamente. Após ter de esperar por mais apenas quatro ou cinco minutos — embora tivesse sentido que haviam se passado pelo menos trinta — o trem chegou, e já estava cheio. Embarcou. Dentro do trem, sentiu o calor corporal das pessoas e a lentidão dos trilhos. Queria sair correndo através dos vagões.

Kisshôji, Nishi-ogikubo... Lento. Era uma maldição. Contornou com a ponta dos dedos as linhas formadas pelo trinco dos vidros do vagão do trem e deu um suspiro pesado e triste.

Kôenji. Era ali que queria descer. Sentiu-se zozzo por um instante. Ver Mori por um segundo que fosse, deixaria seu corpo aquecido. As lembranças de ter assassinado a própria irmã desapareceriam. Apenas a infelicidade de não conseguir alugar um quarto apertaria seu coração. Um quarto para voltar depois do trabalho, acender fogo para aquecer, conversar e rir durante o jantar, escutar rádio antes de dormir. A frustração de não conseguir alugar esse quarto. No caso de um jovem apaixonado, é completamente natural considerar ínfimo o terror de ter matado uma pessoa quando comparado a esta sensação de remorso.

Hesitou, e, quando deu um passo em direção a porta do vagão para desembarcar, o trem preparou-se para partir novamente. A porta se fechou. Havia permanecido no trem.

Enfiou as mãos no bolso e sentiu o papel pelas pontas dos dedos e se surpreendeu. Era dinheiro. A luz do fim do túnel não havia sumido por completo. Certo, vamos nos divertir, pensou. Tsuru era um homem ainda jovem.

Desembarcou. Na primavera daquele ano, após ter ganhado um jogo de beisebol contra outra empresa, uma pessoa de cargo superior o levava a um *machiai*⁴ localizado em *Nipponbashi* chamado *Sakura*. Lá, passara a noite com uma gueixa dois ou três anos mais nova chamada Suzume. Lembrando-se disso, resolveu, antes do toque de recolher dos estabelecimentos, ir novamente encontrar Suzume. “Mesmo após o toque de recolher, se vier até aqui e chamar por mim, sempre poderá me encontrar”, lhe dissera ela à época. Às sete horas da noite, estava na frente do portão de entrada do local. Acalmou-se, informou as credenciais de sua empresa e, com o rosto levemente corado, perguntou por Suzume para uma das empregadas do local. Ela, sem suspeitar de nada, levou-o até um quarto no segundo andar. Enquanto rapidamente vestia o quimono, pediu por um banho e prontamente foi guiado para a banheira.

— A vida de solteiro é complicada. Vou aproveitar e lavar a roupa — disse ele com uma feição tímida. Havia um pouco de sangue em sua camisa.

— Certo, vou lavar esta, então — a empregada ofereceu ajuda e tentou apanhar outra peça de roupa.

— Não, já estou acostumado. Sou habilidoso com essas coisas, então deixe comigo — recusou, com extrema naturalidade.

A mancha não saiu facilmente. Quando terminou, fez a barba, voltou para o quarto, pendurou as roupas lavadas em um cabide, procurando por quaisquer vestígios de sangue em suas outras vestimentas. Tomou três xícaras de chá, rolou para os lados, deitou-se de olhos fechados, mas não conseguiu dormir. Depois de um tempo, Suzume, muito bem-vestida, entrou no quarto.

— Já faz um tempo que o vi pela última vez.

— Tem alguma bebida? — perguntou Tsuru.

— Claro que sim. Pode ser uísque?

— Por favor — disse e sacou uma nota de cem ienes de sua jaqueta.

— Não é necessário tanto...

— Também gostaria de algo para fumar. Algo leve.

Assim que Suzume saiu do quarto, houve uma queda de energia. No meio da escuridão, Tsuru ficou repentinamente assustado. Escutava vozes e passos sorrateiros no corredor. No entanto, era apenas sua imaginação. Tsuru ofegava, queria berrar e chorar, mas sequer uma

⁴ *Machiai*: Abreviação de *machiaijaya*, ou, literalmente, casa de chá para encontros. Era um eufemismo para uma casa de entretenimento, com performances de gueixas e possíveis encontros com elas.

gota saiu de seus olhos. Seu peito palpitava forte e suas pernas ficaram pesadas. Enquanto deitado de bruços, pressionou com força o braço direito em seus olhos.

— Me perdoe, Mori — lamentou com uma voz de choro baixa.

— Boa noite, Kei... — disse uma voz feminina bem fraca, abreviando “Keisuke”, seu primeiro nome. Achou realmente ter escutado aquilo, e com os cabelos em pé e pensando estar à beira da loucura disparou em direção ao corredor. No breu, pôde ouvir vagamente o barulho do trem.

Ao descer as escadas, estava Suzume com um castiçal em suas mãos. Surpresa, perguntou:

— Mas o que você está fazendo?

O rosto de Suzume visto através daquela luz não era atrativo. Sentia saudades de Mori.

— Tenho medo de ficar sozinho... — respondeu.

— Logo você, que lida com o mercado negro, tem medo do escuro?

Ao notar que Suzume pensava que ele havia ganhado aquele dinheiro através de negócios ilícitos, o humor de Tsuru ficou mais leve e animou-se um pouco.

— E a bebida? — perguntou.

— Pedi para a empregada trazer logo mais. É um pouco complicado servir nesta situação.

Uísque. Petiscos. Fumo. A empregada surgiu, de passos leves como um gato.

— Por favor, bebam em silêncio — pediu.

— Entendido — respondeu Tsuru, com a calma de um grande chefe do crime organizado.

Abaixo, o azul escuro de beleza única das correntezas

Acima, a luz do sol que brilha como o ouro

Ainda assim

A vela que não conhece o descanso

Mesmo em tempestade, sempre tranquila

Anseia pelas mais impetuosas ondas

Tsuru não tinha características correspondentes ao estereótipo de jovem literário, mas sim de um atleta despreocupado. No entanto, Mori sempre levava um ou dois livros do poeta russo Lermontov em sua bolsa, e até mesmo em momentos mais acalorados dos encontros, pedia para Tsuru ler em voz alta diversos poemas. Mesmo não sendo nem um pouco interessado nesses assuntos, o poema jovial e ousado intitulado “Velejo” era o que mais gostava. Aquele poema era o que conseguia espelhar melhor a expressão de seu amor por Mori, por isso recitava-o diversas e diversas vezes.

Mesmo em tempestade, sempre tranquila... Mesmo em tempestade...

Acompanhado de Suzume, bebeu uísque sob a luz de uma lamparina. Por volta das dez da noite a energia havia sido reestabelecida, mas naquele momento qualquer iluminação não era mais necessária para Tsuru.

O amanhecer.

Há sensações que apenas o amanhecer nos proporciona. Dentre estas, existem aquelas que não são nada revigorantes e surgem antes do nascer do sol. O rufar da ira dos deuses pode ser ouvido, uma cor completamente distinta da manhã ensolarada pinta a copa das árvores de sangue. É algo próximo à tristeza.

Tsuru sentiu o terrível amanhecer de outono através da janela do banheiro. De cara pálida e com o coração inquieto, retornou ao quarto e sentou ao lado de Suzume, que dormia. Ele ainda sentia os efeitos do uísque da noite passada.

Mas sobrava dinheiro. Mais uísque.

Ao sentir a bebida agir novamente, retornou ao *futon*. Sexo. Dormiu, mas seu sono era raso. Abriu os olhos. Encurralado pela autoconsciência, acabou voltando a si mesmo. Agoniado e suando, pediu por mais uísque a Suzume. Bebeu. Sexo. Sono leve. Acordou e bebeu mais.

Estava prestes a anoitecer novamente e a ânsia de vômito impedia qualquer outra gota de álcool.

— Vou embora.

Foi a única coisa que conseguiu falar através de um pesado e dolorido suspiro. Se tentasse algo além disso seria logo tomado pela ânsia, então decidiu calar-se e rastejar até suas roupas, recebendo a ajuda de Suzume. Lutando contra a vontade de vomitar, tentando se recompor com todas as forças que tinha, bêbado e tropeçando, saiu.

Parecia uma noite de inverno. Passou-se um dia desde *aquilo*. Entrou na fila para comprar o jornal noturno, comprou três edições diferentes e procurou de cabo a rabo pelas páginas. Não havia sido publicado ainda. O fato de não ter nada sobre o assassinato de sua irmã no jornal o deixou inseguro e concluiu que os jornais foram silenciados para não atrapalharem na investigação do caso.

Não havia o que fazer. Poderia tentar fugir com o dinheiro que ainda tinha, mas após isso, só lhe restava uma opção: suicídio. Se acabasse sendo preso, teria pavor de ser criticado e escrutinado por cada familiar, amigo ou colega de trabalho.

Estava cansado e ainda não havia aparecido no jornal. Em um ato de coragem, decidiu voltar para o dormitório; se possível, queria dormir a noite inteira. Tsuru dividia o quarto com três colegas de trabalho, mas eles aparentemente haviam saído para se divertir naquela noite. Um tanto quanto oportuno, pensou. Estendeu o *futon*, desligou as luzes e dormiu, acordando

logo em seguida. Ligou as luzes, descansou uma das mãos no rosto, suspirando. Voltou a desligar as luzes, e enfim, dormiu como uma pedra.

Pela manhã, foi acordado por um colega.

— Ei, Tsuru. Por onde você andava? Seu cunhado ligou do açougue para a empresa e disse para você ir para lá o mais rápido possível. Será que não é algo grave? Você sumiu completamente ontem, nem mesmo a Mori sabia do seu paradeiro. Bom, de qualquer forma, vá até o açougue pois parece que é algo sério.

— Apenas pediu para ir para lá? Não disse nada além disso? — perguntou Tsuru, enquanto calafrios percorriam seu corpo. Já estava de pé, vestindo as calças.

— Não disse mais nada. Mas acho melhor você se apressar.

Tsuru começou a questionar. Será que ainda tinha um futuro junto a sociedade? Mas negou completamente essa possível realidade, que agora era tão distante quanto um sonho. Era inimigo do mundo: um assassino.

Esse mundo agora estava concentrando suas forças para encurralar e capturar um de seus inimigos. Era bem possível que já estivesse sendo cercado, como a presa amarrada nas teias de uma aranha. Mas ainda tinha dinheiro. Com dinheiro, poderia se divertir como quisesse até ser encontrado, ou fugir. Entretanto, no momento em que esse recurso se esgotasse, só restaria o suicídio. Tsuru escovou seus dentes no banheiro e minuciosamente vasculhou as páginas da pilha de jornais que havia em cima da mesa. Não havia nada. Não havia uma palavra sobre ele.

Aquela insegurança.

A insegurança de talvez ter um espião escondido em alguma sombra atrás de si.

Como se estivesse sendo engolido por uma enchente que não conseguisse ver.

Como se uma bomba fosse explodir a qualquer momento.

Tsuru voltou para o quarto sem lavar o rosto e abriu seu armário. Roupas, discos, tênis de corrida, cobertores, enfiou tudo que talvez conseguisse vender em um saco. Colocou até mesmo o despertador no bolso de sua calça e, sem tomar café da manhã, saiu do dormitório.

Primeiro, vendeu tudo o que conseguiu no bairro de Shibuya, mais de cinco mil ienes. Embarcou no metrô e desceu em Ginza, por onde andou até encontrar uma barraca de remédios e comprou uma caixa de calmantes. Voltou para estação, onde comprou passagens de trem expresso para Osaka, apesar de, naquele momento, não ter a menor ideia do que faria quando chegasse lá. Mas, assim que embarcou no trem, as inseguranças diminuíram; além disso, Tsuru nunca havia viajado para a região de Kansai. Ouviu falar que as mulheres de lá eram lindas e ele ainda tinha quase dez mil ienes consigo. Estocou bastante comida em um mercado próximo da estação e embarcou no trem expresso, que, surpreendentemente, estava vazio. Sentou-se confortavelmente e esperou o trem partir. Entediado, pensou em compor

algum poema. Para Tsuru, esta era uma vontade um tanto estranha e repentina. De fato, é uma tentação peculiar. Conforme se aproxima da morte, não importa o quão simples e vulgar, o ser humano parece que acaba sendo atraído por composições. Um poema fúnebre ou um haicai, da plebe ou da nobreza, surge da necessidade do indivíduo em ser lido.

Tsuru, com uma feição desanimada, retirou lápis e caderno do bolso. Se ficasse bom, enviaria para Mori. Lentamente começou a escrever:

*Em mim, duzentas pílulas de calmante
Ao tomar, morrerei
A vida,*

Ao escrever apenas isso, acabou por desistir. Ao reler algumas vezes achou tosco e perdeu a vontade. Percebeu que não tinha talento para essas coisas e sua expressão facial era a mesma que fazia quando comia algo amargo. Arrancou a página do caderno e amassou, desistindo de compor poemas. Desta vez tentaria uma nota de suicídio endereçada ao seu cunhado:

*Hoje, eu morrerei
Na próxima vida, vou nascer como um cão ou gato*

Novamente, não havia mais o que escrever. Encarou seus escritos e logo após virou o olhar para a janela, com o rosto choroso.

O trem passava pela província de Shizuoka.

Nem mesmo os parentes próximos de Tsuru faziam ideia de onde ele estava.

Após cinco dias, Tsuru apareceu repentinamente em uma empresa de Quioto, procurando um ex-colega de exército. Tsuru vendeu todas suas roupas e comprou trajes mais baratos e de segunda mão. Ambos saíram bebendo pela cidade com o dinheiro ganho até o anoitecer, quando Tsuru seguiu sozinho para a cidade de Otsu. O motivo para ele ter ido para lá não é conhecido.

Perambulou pela cidade e, às oito horas da noite do mesmo dia, apareceu na frente da estação de Otsu, onde os transeuntes o reportaram como alguém suspeito, parecendo um assaltante. Procurou estadia para a noite, e, tendo reservado um quarto em um hotel, dormiu espalhado de braços abertos. Registrou nome e endereço no livro de registros do hotel e pediu um copo d'água para se recuperar da ressaca. No entanto, usou a água para tomar os calmantes que havia comprado para o suicídio.

Além do corpo de Tsuru, havia algum dinheiro e diversos jornais diferentes. Nenhum outro pertence foi encontrado.

O assassinato, no fim das contas, não foi noticiado em nenhum jornal, mas seu suicídio foi registrado no canto de uma página de um jornal de Kansai. O antigo companheiro de

exército, chocado com a notícia, prontamente viajou para Otsu. Conversou com testemunhas do hotel e mandou um telegrama ao dormitório de Tsuru em Tóquio. Os colegas de quarto imediatamente correram para o açougue.

O braço esquerdo da irmã mais velha de Tsuru ainda estava machucado. Um pedaço de tecido em volta do pescoço tentava imobilizá-lo. Os pontos ainda não tinham sido extraídos.

— Não quis falar o que ele fez com você por aí aos ventos, então andei procurando em vários lugares, mas ainda não o encontrei — disse o cunhado, bêbado como de costume.

A irmã apenas chorava por mais uma história tola de amor jovem, percebendo que não deviam nunca ser subestimadas.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Criminoso. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 150-158, 2017.

PÁSSARO MIGRATÓRIO¹

Tradução: Cleiton Santiago Madruga²

Revisão: Ariel Lara de Oliveira³

Certa noite no final do outono, após um concerto no Public Hall de Hibiya, diversos corvos surgiram amontoados em diversas formações, abrindo suas asas, dirigindo-se de volta para seus lares.

— Sr. Yamana? — chamou um dos corvos; um jovem de cabeça descoberta e cabelos bagunçados. Era esguio e vestia um blusão.

— Sim?

O corvo que havia sido chamado era um cavalheiro de meia-idade. Sem considerar o jovem, continuou andando em direção à Yurakucho.

— Quem é você?

— Eu?

O jovem alisou os cabelos com a mão enquanto ria: “Um mero *dilletanti*, eu diria”.

— E em que posso ajudar?

— Sou fã do senhor e de suas críticas musicais. Ultimamente não anda escrevendo muito, não?

— Na verdade, tenho escrito, sim.

Bola fora! O jovem curvou seus lábios pela gafe. Era estudante universitário de Tóquio, mas não possuía uniforme ou boina; apenas um blusão e um terno. Não ganhava apoio financeiro de seus parentes, portanto já havia engraxado sapatos e vendido bilhetes de loteria para se manter. Mas, recentemente, de fachada, trabalhava como editor-assistente em uma editora e, sorrateiramente, tomava parte em negócios de honestidade duvidosa aqui e ali, logo, seu bolso não estava tão vazio como se poderia imaginar.

¹ “Pássaro migratório” [渡り鳥, *Wataridori*]. Publicado originalmente em julho de 1948, na coletânea de contos *Ôtô* (Cereja).

² Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

³ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

— Apenas Mozart pode ser considerado música, não é? — fingindo murmurar para si mesmo, voltou a bajular o senhor Yamana, lembrando de um de seus artigos escritos sobre a glorificação de Mozart e tentando recuperar sua adulação falha.

— Bom, não necessariamente...

Na mosca! Parecia que um pouco do humor havia sido reestabelecido. Pode apostar! As bochechas por trás da sombra do colarinho alto daquele sobretudo que o senhor Yamana vestia certamente ficaram menos tensas.

— Eu acho que a degradação da música moderna começou na época de Beethoven. Acredito ser uma heresia a ideia de que a música confronta e se opõe à vida humana. A essência da música é ser um acompanhamento de nossas vidas. Após escutar Mozart, depois de tanto tempo, percebi perfeitamente o que a música realmente é... —continuou o jovem.

— Esta é a minha estação.

Era a estação de Yurakucho.

— Ah, é mesmo? Desculpe-me. Fiquei muito contente por ter conseguido conversar com o senhor hoje — com as mãos enfiadas dentro dos bolsos da calça, o jovem inclinou levemente a cabeça despedindo-se do senhor Yamana, e, dando meia-volta, partiu em direção à Ginza.

Se escutar Beethoven, notará que só é Beethoven. Mozart, Mozart. Tanto faz, não é mesmo? Aquele professor parece não gostar de cuidar de seu bigode, mas... é difícil de entender deixar o bigode daquele jeito. Bom, tanto faz, talvez ele simplesmente não se importe com seu bigode. Críticos não gostam de nada, mesmo, e consequentemente também não desgostam. Isso, talvez eu seja como ele. Patético. Mas um bigode... Parece que criar um bigode endurece os dentes só para cravá-los em alguém. O imperador possuía um, não é? Como sua barba era deslumbrante! Além disso, calçava *geta*⁴ enquanto trajava roupas ocidentais. Coitado. De fato, entender o psicológico de sua majestade seria agonizante para mim. Diria que parecia como se a barba estivesse confrontando a vida daquela pessoa. Seu semblante ao dormir devia ser o máximo. Será que devo deixar crescer meu bigode? Quem sabe existam epifanias que só surgem após adquirir um. Já o bigode de Marx... como classificá-lo? Como foi cultivado? É como se houvessem colocado uma espiga de milho abaixo do seu nariz... Inexplicável! Já o bigode de Descartes... Parece baba de bovino, ou seja, demonstra um ceticismo— Opa! Aquela pessoa... Quem é mesmo? Sim! É a Sra. Tanabe, não há dúvidas. Quarenta anos de idade. Quando as mulheres chegam nessa idade sempre possuem um dinheirinho extra guardado, é certeza. É pequena, e isso ajuda também.

— Sra. Tanabe — chamei a atenção dela através de um toque no ombro. Nossa! Uma boina verde... Não ficou bom. Os ideólogos costumam recusar noções de requinte, não? Mas pense na sua idade, mulher. Na idade!

⁴ *Geta*. Tamanco de madeira japonês, com dois saltos paralelos na sola.

— Quem...?

Míope? Dá um tempo...

—Sou da editora...

Vai me fazer dizer até o meu nome? Está com sinusite?

— Ah, perdão, sr. Yanagawa — finalmente lembrou. Esse nem é o meu nome verdadeiro, mas não vou te contar isso.

— Isso mesmo. Gostaria de agradecer por aquele dia.

— Sem problemas.

— Aonde está indo?

— E você? — respondeu na defensiva. É do tipinho cauteloso.

— Estava em um concerto.

— É mesmo? — Pareceu aliviada. É por isso que preciso ir em concertos de vez em quando.

— Estou voltando para casa, de metrô. Tive alguns afazeres pendentes em um jornal...

Afazeres, hein? Mentirosa. Estava se encontrando com algum homem, não é? “*Afazeres em um jornal*”, que exibida. As mulheres socialistas se atrapalham com a forte vaidade.

— Uma palestra? — questionei buscando uma reação, mas veja! Nem mesmo corou!

— Não, é sobre o sindicato...

Sindicato? De acordo com o *Le Dictionnaire des idées reçues*, isso significa “desordenamento, cansaço, que acabará em choro”. Sinônimo de “pressão do trabalho”.

Bom, lágrimas não são novidades para meus olhos também.

— Dia-a-dia cheio, não? — continuei.

— Sim, cansativo — ela respondeu. Que reação mentirosa.

— Mas agora é a melhor oportunidade para uma revolução popular, certo?

— Sim, precisa ser agora.

— É agora ou nunca...

— Mas é melhor não nos desesperarmos.

De novo, a bajulação falhou. Está sendo complicado.

— Vamos tomar um chá, qualquer hora — tentei parasitar algo dela.

— Claro, mas hoje terei que recusar.

Mas que precavida. Admito, o homem que tiver a companhia dessa mulher será um marido sortudo. Não há dúvidas de que cuidaria bem das finanças, e ainda lhe resta jovialidade.

Se avistar uma mulher de quarenta anos, notará que é só uma mulher de quarenta anos. Se avistar uma mulher de trinta, é uma mulher de trinta. Se for uma de dezesseis ou dezessete,

é só uma de dezesseis ou dezessete. Beethoven. Mozart. Sr. Yamana. Marx. Descartes. O imperador. Sra. Tanabe. Mas agora não há ninguém ao meu redor. Só o vento.

O que vou comer? Meu estômago está... Bom, acho que concertos talvez façam mal para o estômago. Com certeza, não deveria ter engolido aquele arroto.

— Ei, Yanagawa!

Certo, esse nome definitivamente não é bom. É a ordem inversa dos caracteres com que se escreve *senryû*⁵ e me faz lembrar daquele tipo de *nabe*⁶. Amanhã mesmo trocarei de homônimo. A propósito, quem é esse sujeito mesmo? Aparência horrenda. Certo, lembrei. Um jovem entusiasta literário que trouxe um manuscrito para ser avaliado na editora onde trabalho. Sujeitinho tedioso esse, hein. Parece estar bêbado e querer algo de mim, portanto serei frio e formal.

— Perdão pela indelicadeza, mas... Quem é você?

É possível que ele queira mendigar algo de mim.

— Levei um manuscrito meu até sua editora uma vez! Sou o rapaz que o senhor recusou chamando o trabalho de ‘cópia barata de Kafû’, por acaso esqueceu?

Tentando me intimidar, hein? Primeiro: eu não devo ter proferido termos como ‘plágio barato’. Devo ter dito algo como ‘épigono’... Não, talvez ‘imitação’. De qualquer forma, eu não li sequer uma página daquele manuscrito pois até o título não me apeteceu. Como se chamava mesmo? Talvez algo como “O divagar de uma dançarina”? Me deixou perplexo e envergonhado. Fiquei impressionado com um sujeito tosco como este.

— Me lembrei — respondi.

Nesses casos, é cabível lidar com isso da forma mais cortês possível. Este homem é um imbecil e não quero acabar apanhando dele. Me parece um tanto fraco, não deve ser páreo para mim, mas dizem que as aparências enganam, não é mesmo? Serei cuidadoso.

— Eu troquei o título — continuou o rapaz.

Que surpresa! Bem na caçapa! Parece que não é imbecil por completo.

— Mesmo? Acho que talvez tenha sido uma decisão correta — respondi fingindo ter algum interesse.

— Troquei para ‘Competição entre homem e mulher’

— ‘*Competição entre homem e mulher*’ — repeti, pois fiquei sem palavras. Sujeito ridículo. Quem diria que existem pessoas com este nível de imbecilidade. É como um piolho. Não ouse chegar perto de mim, ou me infectarei. É por isso que odeio esses jovens metidos a escritores.

⁵ *Senryû*. Tipo de poesia curta japonesa, com métrica igual a do haikai (5-7-5), em geral mais humoroso e com menos regras de estilo. 川柳, os ideogramas da palavra, quando invertidos, 柳川, lêem-se “Yanagawa”.

⁶ *Nabe*. Literalmente, panela, mas aqui refere-se ao tipo de cozido japonês com o mesmo nome. *Yanagawa nabe* é uma receita desse cozido.

— Consegui vender.

— O quê?

— O manuscrito! Consegui vendê-lo.

Só pode ser um milagre. O surgimento de um novo escritor, talvez? Que sensação ruim. Esse sujeito narigudo que parece um *hyottoko*⁷ pode ser, na verdade, um gênio. Espantoso. Lidar com novos escritores não é para mim.

— De fato, o título ficou interessante— tentei bajulá-lo.

— Sim, parece combinar com a moda atual.

Vou acabar com você, maldito. Oh, por Deus, não aguento mais interagir com este ser. Chega.

— Hoje recebi pelo manuscrito, e mais do que eu esperava. Desde antes estive bebendo por aqui e ali, em vários lugares, mas ainda me resta mais do que a metade!

É porque você bebe de forma mesquinha. Sujeito odiável. Está se gabando só por ter algum dinheiro. Quanto será que sobrou? Uns três mil ienes, talvez? Deve ter contado dinheiro escondido em algum banheiro por aí, senão, não teria dito com essa assertividade que havia ainda mais do que a metade. Acertei, não é? Fez exatamente isso. Se não foi dentro do banheiro, talvez à sombra de um poste de luz, enquanto bêbado, contou nota por nota suspirando. Patético. Na verdade, também já passei por isso.

— Pretendo gastar o resto do dinheiro hoje à noite e gostaria que me acompanhasse. Se houver algum bar de que goste nesta região, poderíamos ir juntos?

Tudo bem, você não é tão ruim assim. Mas será que tem mesmo dinheiro? Não estou com vontade de ter que pagar minha parte. Vou verificar.

— Conheço um lugar, mas lá é um tanto caro. Não quero acabar deixando-lhe arrependido...

— Não importa. Três mil ienes devem dar conta do recado, não? Aqui, você pode ficar com o dinheiro. Vamos gastar tudo esta noite.

— Não, acho melhor não. Não consigo beber confortavelmente tendo a responsabilidade de cuidar do dinheiro de outra pessoa.

Apesar de feio, este sujeito fala bem, não? De fato, homens que escrevem romances possuem, de alguma forma, um ar simples e direto. Se escutar Mozart, notará que é Mozart. Se encontrar um jovem escritor, notará que é apenas um jovem escritor. É estranho como as coisas naturalmente se apresentam dessa forma.

— Então, vamos conversar bastante sobre literatura esta noite. Desde o início eu estive interessado em seu trabalho, mas o meu chefe é um tanto conservador, entende?

⁷ *Hyottoko*. Personagem tradicional japonês, de veia cômica, em geral representado por uma máscara com a boca torta e um olho maior que o outro.

Vou levá-lo ao bar Takeda. Acho que tenho por volta de mil ienes pendurados lá, então vou aproveitar e deixá-lo cuidar disso.

— É aqui?

— Sim, é um pouco sujo, não é? Mas gosto de beber neste tipo de lugar. O que acha?

— Nada mal.

— Ah, nossos gostos combinaram. Vamos beber. Saúde! Por falar em ‘gosto’, é um assunto complicado, não acha? De mil aversões, nasce um interesse. Logo, um sujeito sem interesses não possui aversões. Vamos beber. Saúde! Vamos discutir bastante hoje! Surpreendentemente, você é um tanto tímido, não? Sem reticências! Eu me perco com elas. São as nossas grandes inimigas, e podemos estar perdidos em suas mãos. Falarmos deste assunto é a maior forma de sacrifício próprio, e para a humanidade, a maior forma de caridade. E veja bem: sem recompensas, como, de fato, uma caridade. Mas, ainda assim, ‘deverás amar teus inimigos’. Bom, eu não consigo desgostar daqueles que me animam e nossos inimigos sempre cumprem esse papel, não acha? Vamos beber. Idiotas acreditam que a piada nunca pode ser séria e pensam que trocadilhos não podem constituir uma resposta. E ainda: exigem um comportamento honesto, apesar de a honestidade ser insensível. Aqueles que são abundantemente sensíveis não conseguem agir honestamente com facilidade pois compreendem a dor do próximo. Honestidade é, na verdade, uma violência. É por isso que não consigo gostar dos antigos escritores. Simplesmente, tenho medo da força deles. *‘Os lobos não devem devorar as ovelhas, é imoral; é realmente infeliz. Aquele que deverá fazê-lo sou eu!’* Somente existem pessoas que parecem dizer coisas violentas como essas. Não podemos contar com a intuição desde o início. Instinto que não acompanha sabedoria não é nada mais do que um acidente ou apenas sorte fortuita. Vamos beber. Saúde! Vamos discutir. Nosso verdadeiro inimigo é o silêncio, mas quanto mais falo, mais ansioso fico. Os gênios são aqueles que confiam com afinco em seu julgamento, no entanto, o mesmo pode ser dito sobre os idiotas, não é? Tudo bem, vamos parar com a maledicência. Embora eu a pratique bastante, admito que não é muito elegante. Originalmente, a prática do mal falar está contida na mesquinha natureza do debatedor, não acha? Vamos beber! Vamos conversar sobre literatura! Teoria literária é um assunto sublime, não é? Ah, se encontrar um novo autor, notará que é um novo autor; se encontrar um velho autor, verá que é um velho autor. É interessante como naturalmente me adapto a esse raciocínio. A propósito, proponho um exercício de reflexão: você, como autor estreante, o que faria para se tornar popular e ser lido por três milhões de leitores? É uma pergunta difícil de responder, mas não a deixe te desencorajar. É mais tranquilo do que tentar ser esquecido por várias pessoas, excetuando-se os primeiros cem leitores. A propósito, os escritores que são amados por vários milhões de pessoas costumam amar suas próprias obras, pela mesma lógica, os que não são tão populares não gostam de suas

obras, geralmente. Um tanto penoso. Felizmente, você gosta da sua obra, de fato, acredito que não terá problemas em vir a ser gostado por três milhões de leitores e se tornar um *best-seller*. Não perca a esperança! Utilizando um termo que está popular recentemente: você tem potencial. Vamos beber. Saúde! Caro autor, o que almeja: ser lido mil vezes por um leitor, ou ser lido uma vez por cem mil leitores? Certamente muitos escritores responderiam inexpressivamente que gostariam de ser lidos mil vezes por cem mil leitores. Mas siga em frente, você tem potencial. Não importa se for uma cópia de Kafu ou não. Originalidade é o mesmo que acontece em nosso estômago: depende se conseguimos ou não digerir os nutrientes que adquirimos dos outros. Se as fezes saírem no formato original, é ruim, mas desde que consiga ser digerido, não há problema. Desde a antiguidade, nunca houve autores originais. Aqueles que realmente possuem este mérito não apenas são desconhecidos, mas também não desejam atingir reconhecimento. É por isso que você pode manter-se calmo. Mas, ocasionalmente, encontro alguém vagando por aí com aquela cara de ‘vejam só como eu sou um escritor original’, mas são apenas tolos, portanto não há nada a temer. Ah, suspiros. A sua perspectiva para o futuro é vasta. Um largo caminho. Sim! Que tal chamar seu próximo romance de ‘O Grande Portal’? A palavra ‘portal’ realmente remete a um sentimento da época. Perdão, estou com ânsia de vômito... tudo bem... já estou bem. A bebida aqui não é muito boa, né? Pronto, que alívio. Já estava nauseado desde antes, mas não tive como aliviar o problema. Acho que beber enquanto elogia alguém não acaba muito bem. A propósito, sobre Valéry... Ah, finalmente acabei falando. Teu silêncio acabou por me desgraçar. Tudo que falei nesta noite foi retirado diretamente dos ensaios de Valéry, não se trata de originalidade ou coisa alguma. Não consegui digerir completamente por causa das condições um tanto precárias do meu estômago e o expeli em sua forma original. Se preferir, posso falar muito mais sobre isso, mas acho melhor e menos trabalhoso dar-lhe este livro do Valéry. Comprei antes no sebo e li enquanto estava no trem, logo, ainda está fresco na memória, mas certamente amanhã cairá no poço do esquecimento. Se ler Valéry, notará que é apenas Valéry. Se ler Montaigne, Montaigne. Pascal, Pascal. ‘A permissão para o suicídio só pode ser dada àqueles que alcançam a felicidade total’. Viu só? Isso também é Valéry. Nada mal, hein? Não temos nem mesmo o direito ao suicídio! Vou dar-lhe o livro. Ei, dona, feche a conta. Todas as contas. **Todas!** Então, com licença, irei na frente. É como está escrito naquele livro: ‘Deverás ser leve como um pássaro, mas não como uma pluma.’ E agora, o que farei?

O jovem esguio de cabeça descoberta e cabelos bagunçados enfim levantou voo, como uma ave aquática.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Pássaro migratório. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 159-165, 2017.